Da autora de *As líderes de torcida*

"Uma mestra da tensão psicológica" – BUSTLE

Os Campeões



Populares. Leais. Letais.

Kara Thomas

mood

Os Campeões

Kara Thomas

Os Campeões

Tradução
Karla Lima

_mood

Esta é uma publicação Mood, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2026 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Traduzido do original em inglês: *The Champions*

Publisher
Samara A. Buchweitz

Editora
Michele de Souza Barbosa

Tradução
Karla Lima

Preparação
Walter Sagardoy

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial
Ciranda Cultural

Diagramação e conversão para eBook
Linea Editora

Design de capa
Angela Carlino

Fotos da jaqueta
Jaqueta universitária © Shutterstock/Hurst Photo; Respingos de sangue © Shutterstock; Tigre © Shutterstock/Artist MInd

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T454c Thomas, Kara

Os campeões [recurso eletrônico] / Kara Thomas ; traduzido por Karla Lima. – Jandira, SP : Mood, 2026.

ePUB.
Tradução de: The champions
ISBN: 978-65-8306-063-1 (ePUB)

1. Literatura americana. 2. Young Adult. 3. Thriller. 4. Mistério. 5. Morte. 6. Escola. 7. Amizade. 8. Suspense. I. Lima, Karla. II. Título.

CDD 810
2026-703 CDU 821.111(73)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura americana 810
2. Literatura americana 821.111(73)

Esta edição foi publicada mediante acordo com a Random House Children's Books, uma divisão da Penguin Random House LLC.
Todos os direitos reservados.

Versão digital publicada em 2026
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou

transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Para
Chelsea



Capítulo Um

Saiu a lista.

Eu não vi, mas não há outra explicação para os sons que chegam do fim do corredor: gritos de alegria, suspiros. E choro.

Teve muito choro na manhã de hoje.

Faz dez minutos que estou parada na frente da sala da orientação[1], de costas para o meu armário. Chego à escola muito antes do primeiro sinal, porque o meu ônibus passa cedo demais. Tenho carteira de habilitação, mas não carro, então na maioria dos dias venho pedalando. Mas hoje está chovendo forte, tão forte que o barulho das gotas no telhado me acordou antes que o alarme tocasse.

Consulto o telefone: sete minutos para o primeiro sinal. Desde que as portas se abriram, um fluxo constante de aspirantes à equipe de dança desce o corredor, de queixo erguido, em peregrinação ao quadro de avisos em frente ao auditório.

Tem um *monte* de aspirantes este ano. A equipe de dança de Sunnybrook trouxe para casa três troféus de primeiro lugar, na última primavera, um recorde para qualquer escola de ensino médio em uma única competição nacional. Ouvi dizer que tanta gente se candidatou a entrar na equipe, na semana passada, que fizeram testes por três dias, em lugar dos dois habituais, e que a diretora de atletismo, por fim, contratou uma técnica auxiliar.

Soluços desviam minha atenção do bloco de anotações do jornal, onde eu estava fazendo uns rabiscos à toa. No fim do corredor, entre as máquinas de venda automática, uma garota claramente caloura está chorando ao telefone.

Abraço os joelhos contra o peito e tenho vontade de sumir. Parece errado ser uma observadora do sofrimento dela. Ao mesmo tempo, quero ir até lá e lhe dizer que não ter entrado para a equipe de dança não é o fim do mundo, que nada do que acontece entre estas paredes importa realmente.

Mas é mentira, não é? Toda decepção, toda vitória, qualquer desprezo que ocorra neste edifício parece o fim do mundo, porque isto é o nosso mundo. Passamos aqui a maior parte das horas em que estamos acordados e nos esforçamos para garantir termos o nível certo de engajamento, inflando o currículo dos colegas, formando alianças, conquistando os favores dos professores que escrevem as melhores cartas de recomendação. Tudo pela vaga promessa de que algo melhor nos aguarda para além destes muros.

Não tenho a chance de dizer nada disso para a caloura, é claro. O primeiro sinal toca, e ela some junto com o restante das meninas. Ninguém reparou em mim, absolutamente ninguém.

* * *

A sala da orientação está lotada de piratas.

Meus colegas de turma estão usando chapéus, tapa-olhos, bandanas. Gavin Steiger trocou o traje habitual de calção de ginástica e camiseta do futebol americano de Sunnybrook por uma fantasia de Jack Sparrow.

– Você tem um espelho? – ele me pergunta, apesar de nunca termos conversado antes.

Sacudo a cabeça, mas a garota ao meu lado, geralmente calada, já está estendendo a Gavin um espelhinho de bolsa. Ele analisa o borrão preto abaixo dos cílios inferiores e sorri para o próprio reflexo, fazendo a menina rir por causa do papel dourado que ele encaixou estrategicamente sobre alguns dentes.

Na minha escola antiga, um cara heterossexual limpando o rímel na sala da orientação seria zoado até dizer chega, mas Gavin é um jogador de futebol americano de um metro e noventa, então ninguém abre o bico.

O esforço coordenado para usar uma roupa especial em um dia de meados de setembro, quando a temperatura passa dos 25 graus, *com certeza* é coisa do futebol americano. Os Sunnybrook Tigers (anteriormente, Warriors) venceram duas competições estaduais consecutivas e, com uma possível terceira vitória à

vista, parece que ninguém está imune à febre futebolística.

É praticamente impossível conseguir ingressos para os jogos, e toda loja da Main Street exibe na vitrine um cartaz de ORGULHOSA APOIADORA DO FUTEBOL AMERICANO DE SUNNYBROOK. No ano passado, um número recorde de jogadores assinou com faculdades da primeira divisão, e a única conversa de todo mundo é sobre para onde os formandos deste ano acabarão indo.

Gritos do lado de fora da classe desviam minha atenção do professor da sala da orientação, que está tentando prender um papagaio de pelúcia no ombro da camiseta polo com um alfinete. O barulho leva o senhor Fiorella a deixar cair o alfinete.

Os gritos são de alegria. Não vejo de onde vêm, mas imagino um bando de garotas da equipe de líderes de torcida, de braços dados, pulando. *Conseguimos!*

O senhor Fiorella apoia o papagaio na mesa e vai até a porta. Solta um irritado "Senhoritas, por favor, o sinal está prestes a tocar" antes de voltar à mesa e se agachar para procurar o alfinete caído.

Enquanto o sinal não toca, ocupo-me com o bloco de anotações do jornal. A primeira reunião de pauta do ano será hoje à tarde, e estou fazendo uma lista de artigos para propor. Tiro a caneta da pasta e, distraidamente, rabisco *piratas*, enquanto as carteiras da sala vão sendo ocupadas.

Só levanto a cabeça quando ouço o som de uma mochila atingindo a cadeira à minha frente.

– Oi, Hadley. – Alix Maroney sorri para mim.

Ela está vestindo a calça de moletom da Equipe de Dança de Sunnybrook e uma regata branca, a largura das alças cuidadosamente calibrada para evitar uma infração ao código de vestuário. Os cachos castanho-dourados estão presos para trás com uma bandana de pirata listrada de vermelho e preto, e ela usa grandes brincos de argola.

Não é certo ter essa aparência maravilhosa às 7h15 de uma manhã de terça-feira. Alix ainda tem o atrevimento de ser genuína e infalivelmente bacana, de um jeito que faz parecer que um holofote está apontado para você, expondo, para qualquer um que esteja prestando atenção, o quanto você não é bacana.

E as pessoas aqui realmente não prestam atenção em mim, embora minha mãe seja superintendente de escolas. Mamãe e eu temos sobrenomes diferentes, o que me mantém relativamente fora dos radares, mas Alix mora em frente à nossa casa. Quando nos mudamos, um ano atrás, os pais dela nos convidaram para um churrasco, e Alix me contrabandeou discretamente para dentro do

quarto, onde tinha uma garrafa de *prosecco* escondida. Ligeiramente zonzas, nós olhamos o anuário juntas, enquanto Alix me passava a ficha corrida dos professores a evitar.

Alix fez questão de ser legal comigo desde aquele dia. Retribuo o cumprimento dela e levanto a caneta para indicar a sala.

– O que é tudo…

– É Tyler – Alix diz. – Ele assinou com a East Carolina[2].

Ela só pode estar se referindo a Tyler Curtin, *running back*, o melhor jogador de Sunnybrook. Desconfio que a própria Alix esteja por trás do esforço coordenado de comemorar o contrato de um Tiger com uma faculdade da primeira divisão.

Alix é uma das capitãs da equipe de dança. Além de estarem na classificação nacional, as meninas são praticamente as animadoras de torcida de Sunnybrook: elas dançam em todos os jogos de futebol americano e, na noite anterior, decoram os carros e os armários dos jogadores, para dar sorte.

Ser a capitã da equipe de dança já é uma grande coisa por si só, mas Alix ainda por cima namora Cameron Burnham, o *quarterback* do time. Os Burnhams são basicamente a Família Manning[3] do futebol americano estudantil. O pai de Cameron foi o treinador principal de Sunnybrook, até falecer de câncer no pâncreas, dez anos atrás. O senhor Burnham jogou futebol americano na Wake Forest University, assim como os três irmãos mais velhos de Cameron. Nenhum chegou à liga nacional (ainda), mas o irmão mais velho de Cameron, Dylan, é atualmente o treinador principal dos Sunnybrook Tigers, e a razão pela qual eles conquistaram dois campeonatos seguidos, conforme todo mundo diz.

O último sinal toca, e o senhor Fiorella laça os extraviados para dentro da sala, quando, pelo sistema de alto-falantes, começa a tocar música. A julgar pela gritaria e pela cantoria do nome de Tyler, suponho que seja o hino do time de East Carolina.

Quando termina, eu me junto devidamente aos aplausos para Tyler, depois volto à lista no meu bloquinho. *Mudanças no exame vestibular, novas iniciativas em segurança*.

Provavelmente é patético me importar tanto com um jornal de escola quanto eu me importo, mas a senhorita Kirk, a conselheira, prometeu escolher em breve um novo editor-chefe, e eu quero isso tanto, mas tanto, que só de pensar me dá vontade de vomitar.

O prazo para apresentar minha solicitação antecipada à Columbia termina em algumas semanas. Minha pontuação é 40, e meus exames parciais estão acima da média. Mas não faltam alunos com notas acima da média se candidatando a uma das melhores escolas de Jornalismo do país.

Mamãe fica repetindo que não importa onde eu consiga meu diploma de graduação, mas as evidências dizem o contrário. Jodi Kantor frequentou a Columbia. Bob Woodward foi para Yale, e Katharine Graham fez Universidade de Chicago.

Sonho ser jornalista desde criança, quando roubava páginas do exemplar do *New York Times* do meu pai e decorava os nomes que assinavam as matérias. Se quero escrever no maior jornal do mundo um dia, preciso ser melhor do que a média *agora*.

Eu não *quero* ser editora-chefe. Eu *preciso*.

E Peter Carlino é a única coisa no meu caminho.

* * *

Passo o resto do dia com um nó no estômago por causa da reunião do jornal. Nem sei se a senhorita Kirk vai mesmo anunciar o novo editor-chefe hoje, então me concentro na lista de ideias para a próxima edição.

Decido que vou propor a história sobre o aumento da segurança. O programa "O Guardião", que o conselho vai apresentar na reunião no fim do mês, daria ao distrito escolar mais poder para monitorar as redes sociais dos alunos e marcar qualquer um que esteja supostamente fazendo ameaças. É basicamente uma desculpa para espionar os alunos, e até minha mãe, a superintendente, sabe que o Guardião é uma ideia de merda. Se mais alunos souberem que o governo pretende criar um estado de vigilância policial online, poderá haver resistência suficiente para que o programa fracasse de novo.

Troco de roupa depressa depois da aula de ginástica, no último horário, e vou para a sala da senhorita Kirk. Para variar, não sou a primeira a chegar. Bom comparecimento hoje, embora seja sempre assim na primeira reunião do ano. Calouros com expressões ansiosas, mãos cruzadas sobre blocos novinhos em folha. Um punhado de estudantes do segundo e do terceiro anos, provavelmente em pânico com a falta de atividades extras nos currículos.

Sento na primeira fila, pego o bloquinho e aliso meu adesivo da Notória RBG, que começa a fazer orelhas nos cantos. Quando bate o último sinal, todas as cadeiras estão ocupadas, exceto uma.

– Assinem a lista de presença. – A senhorita Kirk caminha pela sala e me dá uma piscadela.

Eu já tenho uma lista de presença preparada. Estou entregando para a menina ao meu lado quando Peter Carlino tropeça na entrada, e seus tênis rangem contra o linóleo, chamando a atenção da sala toda. O olhar dele sobrevoa a cadeira vazia ao meu lado e uma segunda, bem no fundo, perto da outra porta. Peter tem uma expressão permanentemente abobalhada, que se torna muitíssimo mais irritante quando lembro que ele provavelmente será o orador na colação de grau.

Ele, por fim, se arrasta até a frente da sala e ocupa a cadeira ao meu lado, evitando fazer contato visual comigo. Meu corpo congela, como se eu tivesse sido jogada em uma piscina de água fria, apesar de Peter e eu fazermos algumas aulas juntos. Olho para a frente, para a lousa branca da senhorita Kirk, para os capítulos de *O Morro dos Ventos Uivantes* que seus alunos de Inglês do segundo ano deverão ler. As reuniões do jornal são a única coisa que me entusiasma na escola, porém, depois de tudo que aconteceu no ano passado, a ideia de precisar trabalhar de perto com Peter quase me faz querer desistir.

Kirk senta na beirada da mesa, observando a turma após ter-se libertado de um grupo de calouros faladores. Ela é treinadora de softbol universitário (jogava quando estava na SUNY Cortland) e cresceu em uma fazenda no Wisconsin. Kirk foi minha professora de Inglês no ano passado e tinha um arsenal interminável de histórias sobre rebanhos excitados, que nos faziam gargalhar tão alto que o professor do outro lado do corredor vinha até nossa sala pedir que, por favor, fechássemos a matraca.

Ela bate delicadamente o salto do sapato Sperry na lateral da mesa, enquanto beberica uma caneca da Dunkin' manchada de café.

– Todo mundo assinou? Legal. Hora da apresentação de propostas da primeira reunião de pauta do ano.

Não espere escrever artigos se não aparecer às reuniões. Os prazos serão mais apertados para a edição de setembro, pois Kirk teve de cancelar a primeira reunião para fazer um tratamento de canal de emergência na semana passada, e já estamos na metade do mês.

Kirk não diz nada sobre a escolha de um novo editor-chefe, o que aumenta

a nuvem de dúvida que vem pairando sobre minha cabeça durante todo o dia. E se não for eu?

Tem de ser eu. Eu sou a única que realmente se importa com o jornal. O editor-chefe do ano passado era um aluno do último ano sem um pingo de envolvimento, o que significava que era eu quem passava horas fazendo a diagramação, corrigindo os rascunhos dos artigos, cobrando os atrasados. Eu me ofereci para todas as tarefas desagradáveis porque quero ser editora-chefe mais do que qualquer um, e Kirk sabe.

Sei que nada vem de graça neste mundo injusto de merda. Mas eu conquistei isso.

Kirk pousa a caneca de café na mesa.

– Bom, então, primeira edição.

Alguns calouros, mais corajosos do que eu jamais seria, levantam as mãos. Kirk os ignora e acena para mim com a cabeça.

– Massa Cinzenta, alguma ideia?

Espero que o rubor nas minhas faces vá embora, porque seria constrangedor se alguém notasse o quanto isso me valida, que eu seja a primeira a escolher e que a professora mais querida do prédio tenha um apelido para mim.

– Vão propor o programa Guardião na reunião deste mês do conselho da escola – digo casualmente. – Quero fazer um editorial sobre por que isso é má ideia.

– Hum… – faz Kirk, dando um gole no café. – Peter já está escrevendo sobre o Guardião.

Peter Carlino não tem nem a decência de levantar os olhos do desenho que está rabiscando, o babaca. Fico sem palavras; o silêncio na sala é insuportável, até que uma caloura levanta a mão e fica da cor de beterraba.

– O time feminino de tênis está invicto até agora.

Ela está usando um short apertado, uma camiseta do TÊNIS SUNNYBROOK. Uma emissária do time, sem dúvida, enviada pela treinadora para garantir um lugar na seção de esportes do jornal. Isso acontece muito com atletas. Essa garota provavelmente nunca mais vai aparecer em uma reunião.

– Gostei – diz Kirk. – E, já que estamos falando de esporte… Todos vocês sabem o que vou falar a seguir, certo?

Mordo a lateral da língua.

– Quem quer fazer uma matéria sobre o time de futebol americano? – pergunta Kirk.

A sala fica em um silêncio tão grande que dá para ouvir Peter Carlino apertando e soltando a ponta da lapiseira.

– Eu faço – digo por fim.

O sorriso que Kirk me dá não é suficiente para afrouxar o nó de decepção na minha barriga. Ela se levanta e anda pela sala, ouvindo as propostas de cada um. Às 14h59, Kirk vai para a mesa, e tenho certeza de que vai se pronunciar, que vai dizer que esqueceu de comentar que escolheu um novo editor-chefe…

– Mandem os primeiros rascunhos por e-mail até sexta – ela diz.

Todo mundo sai às pressas das cadeiras, sem querer se atrasar para o treino esportivo ou perder o ônibus das três horas.

Todo mundo, exceto Peter Carlino, que emparelha comigo, apesar dos meus esforços para sair da sala antes dele.

Recupero a voz quando chegamos ao corredor.

– Quando você contou para ela que queria escrever sobre o programa Guardião?

Peter dá de ombros.

– Eu a encontrei hoje mais cedo e perguntei.

– Atitude meio escrota – digo.

– Você poderia ter feito a mesma coisa.

Tem muito mais coisas que quero dizer. Tipo: *Por que você não pode resenhar o novo filme da Marvel ou coisa assim?* Ele já ganhou a bolsa de jornalismo que todo mundo achou que eu ia receber, e pode até desbancar o melhor amigo dele, Dan Zhang, como orador do discurso de encerramento. Peter se tornou praticamente imbatível ao entupir sua agenda com cursos de extensão para elevar a nota média, como um patinador artístico russo. Ele joga golfe, toca trompete e será aceito com mais do que boa vontade em qualquer faculdade que escolher. Por que precisa disto também?

– Divirta-se com o time de futebol americano. – Um sorriso malicioso se forma em sua boca, um sorriso que eu sei que vai morar na minha cabeça sem pagar aluguel até que eu não precise mais ver aquela cara idiota de novo. – Quem sabe você pega umas dicas sobre como vencer.

---

[1] Classe onde os alunos se reúnem, no início do dia letivo, para comunicados e marcação de presença, antes que cada um vá para a respectiva sala de aula. (N.T.)

[2] Universidade cujo time de futebol se chama Pirates. (N.T.)

[3] Dinastia esportiva dos Estados Unidos, com diversos membros destacados no futebol americano. (N.T.)



Capítulo Dois

O ônibus me deixa a dois quarteirões de casa. A chuva desta manhã sacudiu as amoreiras que ladeiam minha rua, e a calçada está cheia de frutinhos apodrecidos. Desvio do meu caminho para pisotear alguns, imaginando a cabeça de Peter Carlino a cada gratificante *ploft*.

Não suporto a ideia de ir direto para casa, uma construção do século XVIII, estilo casa de fazenda, que ainda tem o cheiro dos antigos proprietários, então sigo para o portão do quintal e confiro a tigela de Meow Mix que deixei no deque ontem à noite.

A tigela está vazia outra vez, mas ainda não há sinal de Archimedes. Mamãe diz que, provavelmente, os guaxinins estão comendo a ração e que minha negação está se tornando um passatempo dispendioso. Mesmo assim, encho a tigela todo dia e, sempre que os cartazes de "Gato Desaparecido", com a cara de Archimedes e meu número de celular, desbotam, penduro outros, novos, nos postes de telefonia ao redor.

O gato preto vivia sob a varanda da nossa antiga casa desde que era filhotinho. Papai foi quem deu o nome e começou a oferecer comida, mas Archimedes, de fato, sempre confiou apenas em mim para uma coçadinha ocasional em sua orelha. Não permitia que ninguém mais se aproximasse.

Quando mamãe soltou a bomba de que iríamos nos mudar de Long Island para o interior do estado de Nova York e que eu precisaria ir para uma escola nova para cursar o terceiro ano do ensino médio, surtei por razões óbvias. A briga que escolhi comprar foi que Archimedes teria de vir junto.

Foram necessários nós três (eu, mamãe e meu irmão, Cole) para enfiar o

gato em uma caixa de transporte. Cole estava usando luvas culinárias térmicas, mas, apesar disso, Archimedes arranhou seus antebraços e mordeu mamãe até quase arrancar a unha do polegar dela.

O gato berrou no carro durante toda a viagem de quatro horas até Sunnybrook. Quando o soltei no quintal da casa nova, ele imediatamente escalou a cerca e sumiu. Não o tornamos a ver desde então.

Reabasteço a tigela com ração seca, antes de ir para o quarto. Quando tiro meu MacBook da hibernação, meu e-mail da escola carrega, mostrando uma mensagem da senhorita Kirk no alto.

> *Oi! O treinador Burnham disse que você pode ir assistir ao treino amanhã à tarde. Além disso, se você passar pela sala do Atletismo entre 14h50 e 15h, ele provavelmente pode lhe conceder uma entrevista* 😊*. Não quero tolher sua autonomia, mas certifique-se também de conversar com alguns jogadores! Isso vai ser lindo. Obrigada por se oferecer, como sempre.*

Fico tão chocada com a primeira frase do e-mail que mal registro o elogio.

Não consigo pensar em nada que eu gostaria menos de fazer do que assistir ao treino do time de futebol americano amanhã. Sei que é uma grande coisa os Tigers talvez vencerem o campeonato pela terceira vez consecutiva, mas nem com uma arma apontada para a cabeça eu seria capaz de explicar o que é um *first down*.

Sinto um tremor de pânico nas profundezas das minhas entranhas. Este artigo *não pode* ser ruim. Não depois do que aconteceu com "As outras campeãs".

Foi ideia minha escrever uma matéria sobre a equipe de dança, na última primavera, depois de ouvir que as meninas precisavam arrecadar pessoalmente milhares de dólares para poder participar do campeonato nacional na Flórida. Venda de bolos, lavagem de carros, incontáveis horas somadas a ensaios, competições e lições de casa.

Assisti aos treinos durante uma semana, construindo meu argumento de que a equipe de dança merecia mais reconhecimento e mais financiamento do que recebia. Na minha matéria, defendi que as participantes da equipe de dança são atletas que submetem seus corpos a tanto treinamento e prática quanto os de outros times esportivos. Kirk me disse que foi o texto mais bem

pesquisado e bem redigido que ela já tinha lido de um aluno.

Mas ainda não era bom o suficiente. *Eu* ainda não era boa o suficiente; ou, pelo menos, não tão boa quanto Peter Carlino.

O escárnio de mais cedo persiste como um caco de vidro alojado debaixo da pele. Ele tinha de me lembrar que vencera o Prêmio Susan Berry, uma bolsa de jornalismo de quinhentos dólares atribuída a um estudante por ano, em reconhecimento a uma matéria excepcional. Além do prêmio em dinheiro, os pais de Susan Berry financiavam a participação do vencedor no workshop de verão de jornalismo em Columbia.

Essa era a pior parte: perder a chance de passar uma semana na minha faculdade dos sonhos, aprendendo com os melhores professores de jornalismo do mundo.

Fecho os olhos e lembro a mim mesma que é melhor do que estar morta, como Susan Berry.

Susan nunca foi para Columbia, a faculdade dos sonhos dela, porque foi assassinada aos quinze anos, com a melhor amiga, Juliana Ruiz. As duas meninas eram animadoras de torcida na época em que Sunnybrook High School ainda tinha um time de animadoras de torcida.

O jeito horrível como Susan e Juliana foram mortas já seria digno de virar notícia por si só, mas, se você pesquisar no Google *Sunnybrook, Nova York*, o primeiro autopreenchimento, depois de *time de futebol americano*, é *morte de animadoras de torcida*. Cinco animadoras, no total, morreram com poucas semanas de intervalo entre si, onze anos atrás. Um acidente de carro, os assassinatos e, depois, um suicídio.

Mamãe deixou de comentar que estávamos nos mudando para a Cidade da Morte quando contou a mim e a Cole que havia aceitado um emprego de superintendente de um pequeno distrito escolar no interior. Apesar da história de assassinato e caos de Sunnybrook, aceitar o trabalho foi fácil para ela. Ela nunca se aproximou de nós e disse "Precisamos nos preocupar com dinheiro", mas, depois de tudo que tinha acontecido mais cedo naquele ano, era bem óbvio que precisávamos nos preocupar com dinheiro. Os honorários advocatícios de papai drenaram nossas economias, e meu irmão estava começando o segundo ano na Universidade da Pensilvânia. Long Island é um dos lugares mais caros para se morar nos Estados Unidos, e a proposta de Sunnybrook era quase o dobro do que mamãe recebia como superintendente no condado de Suffolk.

De modo que cá estamos nós, em uma cidade bucólica ao norte do rio Hudson, com sua Main Street digna de cartão-postal e seu lendário time de futebol americano. Agora que todas as coisas desagradáveis em relação às animadoras de torcida são uma recordação distante, o mercado imobiliário está aquecido, e millennials do Brooklyn estão se mudando para Sunnybrook aos montes, para começar pequenas famílias perfeitas.

Sunnybrook é, sob qualquer aspecto, um lugar incrível para se viver. Mas eu só consigo pensar em dar o fora daqui.

Acordo pela manhã numa leseira danada. Ressaca da autopiedade à qual me entreguei ontem à noite. A origem do pavor fica clara enquanto estou espalhando avocado em uma fatia de torrada.

Supostamente, tenho de ir assistir ao treino de futebol americano hoje à tarde.

O último período termina às 13h50, e as atividades extracurriculares vão até as 15h, quando começam os treinos esportivos. Não tenho vontade de andar até em casa e voltar para ver o treino, então vou para a sala do jornal depois da última aula, para fazer algumas pesquisas de fundo para a matéria.

A "sala" é um depósito de materiais enorme, anexo à sala de aula da senhorita Kirk. Tem espaço suficiente para duas escrivaninhas jurássicas: uma sustenta um Mac que roda dolorosamente devagar, e a outra está coberta por pilhas e pilhas de antigas edições do jornal da escola. Relíquias de uma época anterior àquela em que o corte de verbas levou à mudança para a publicação do jornal apenas online.

Na mesa dos jornais, libero espaço para acomodar o laptop que a escola me atribuiu e abro um artigo do noticiário local. É de depois que Sunnybrook ganhou o campeonato, dois anos atrás, antes de mamãe e eu nos mudarmos para a cidade.

Para os Sunnybrook Tigers, título do campeonato significa uma nova era

Os fãs de futebol americano estudantil vibraram na sexta-feira à noite com a extraordinária vitória, por 47 a 21, dos Sunnybrook Tigers sobre o Mount Kisco, garantindo assim o título de campeões estaduais. Depois que o *quarterback* Justin Valenzuela, do último ano, foi ferido em campo no terceiro quarto da partida, o

estudante do segundo ano Cameron Burnham levou o time a uma vitória arrasadora. Para os torcedores dos Tigers, ser um Burnham a levar para casa o troféu do campeonato representa um retorno à época de ouro do futebol americano de Sunnybrook, após anos de tumulto e tragédia.

O notável histórico de excelência do futebol americano de Sunnybrook começou em 1999, com a contratação do ex-aluno Paul Burnham, antigo *wide receiver* do Sunnybrook. Burnham foi o primeiro jogador da cidade a assinar com uma escola da primeira divisão, a Wake Forest University.

Embora uma lesão no ligamento cruzado anterior em seu último ano tenha acabado com os sonhos de Burnham de jogar pela Federação Nacional de Futebol Americano, o homem carinhosamente apelidado de Big B não demonstrou pesar pelo que a vida fez com ele. Depois de se formar, casou-se com a namorada dos tempos de escola, Kelly-Anne, e teve quatro filhos: Dylan, Owen, Brayden e Cameron. O futebol americano, em Sunnybrook, sempre foi um assunto de família: Frank Murray, diretor da Sunnybrook Athletics e técnico estrategista da defesa dos Tigers pelos últimos vinte anos, é tio paterno de Kelly-Anne Burnham e padrinho de Dylan, o mais velho dos irmãos Burnhams.

Sob a liderança do treinador Paul Burnham, os Sunnybrook Warriors ganharam três títulos do campeonato estadual em dez anos. Não foi surpresa para ninguém que, em setembro de 2013, apenas seis semanas depois de uma grande cirurgia para remover um tumor na perna, Paul Burnham estivesse de volta ao campo. A tragédia, porém, ainda não tinha acabado para a Sunnybrook High School. Um ano depois de a morte de cinco animadoras de torcida pôr fim à temporada de atletismo da escola, o câncer de Burnham voltou. Ele morreu aos 48 anos.

Entre 2014 e 2018, os resultados do futebol americano de Sunnybrook continuaram a declinar. A esperança para o atormentado time chegou em 2019, quando a Sunnybrook High School contratou Dylan Burnham para ocupar o lugar de seu falecido pai como treinador principal. Ao lado do tio-avô, Frank Murray, Dylan Burnham levou os Sunnybrook Tigers à classificação estadual pela primeira vez em quase uma década.

A matéria é interrompida para exibir uma foto do time de futebol americano em campo, após a conquista do campeonato dois anos atrás. Os jogadores, eufóricos, estão ensopados de Gatorade, os músculos reluzindo sob as lâmpadas do estádio, alguns lançando o capacete para o alto. No centro está Dylan Burnham, com um braço em volta da cintura de um menino da altura dele. Ambos têm os mesmos cabelos castanhos cacheados, a mesma pele bronzeada e o mesmo sorriso de comercial da Crest. O garoto é a cara de Cameron Burnham, mas não está vestindo o uniforme do time. A legenda diz: *Brayden Burnham, quarterback ’22, voltou para casa depois que a Wake Forest venceu o Syracuse, para assistir aos irmãos ganharem o título do campeonato estadual*.

Abro o bloco e começo a escrever uma cola para manter em mente quem é quem entre os irmãos Burnham. Dylan, Wake Forest, ’16. Owen, Wake Forest,

’21. Brayden, Wake Forest, ’26. Cameron… provavelmente Wake Forest, ’29. Puxo a escalação atual dos Tigers e faço anotações sobre as perspectivas deste ano para a primeira divisão. Além de Cameron Burnham e Tyler Curtin, todo mundo está de olho em Gavin Steiger, *defensive lineman*, e Wes St. Pierre, *defensive tackle*.

A prima de Gavin Steiger era Bethany Steiger, que morreu em um acidente de carro com a melhor amiga, Colleen Coughlin, uma semana antes do assassinato das animadoras de torcida. A mãe de Colleen é minha professora de Saúde. Parece que quase todo mundo nesta cidade está relacionado à tragédia de alguma forma, mas é difícil encontrar alguém realmente disposto a falar sobre o que aconteceu com as animadoras.

Lembro a mim mesma que não estou escrevendo sobre as animadoras: a história delas acabou. Kirk sempre nos diz que as melhores histórias descobrem novas perspectivas para assuntos já conhecidos. A menos que eu consiga encontrar um enfoque interessante sobre o time de futebol americano, meu artigo vai ser só mais ruído.

De relance, vejo as horas no meu laptop e tenho uma explosão de pânico. Já são 14h50, e Kirk disse que o treinador Burnham estaria na sala do Atletismo até as 15h, quando começa o treino. Enfio o laptop na mochila, saio às pressas da sala do jornal e corro para a escada do subsolo.

Lá embaixo, viro em um corredor e bato com tudo em um corpo maciço, sólido. Gemo, aumentando a horrível sinfonia de barulhos: cubos de gelo caindo de um copo, líquido se espalhando pelo chão, um cara gritando “Merda, olha por onde anda!”.

Paro e absorvo a imagem à minha frente: Logan Philbrick, de braços esticados, com líquido cor de âmbar escorrendo por eles. O chão e a camisa do time dele estão encharcados com o que cheira a chá gelado doce.

– Me desculpe – digo.

Logan pisca, os olhos castanhos amistosos registrando que sou eu. Fizemos dupla em um projeto sobre falar em público no ano passado. Eu fiz todo o trabalho e, desde então, ele é amigável comigo, como se eu tivesse entrado em sua lista de Garotas Tranquilas Que Talvez Sejam Meio Legais.

A expressão dele se suaviza.

– Ei. Não esquenta.

– Eu te compro outro – digo. – Quanto foi? Vou transferir para você…

– Cara, relaxa. Eu estava atrasado e não prestei atenção aonde estava indo. –

Logan tira a camisa e usa as partes secas para enxugar o chá dos braços. São braços bem bacanas, com pelos dourados brilhando sob as gotas de chá. Pare de pensar sobre como ele está molhado!

– O que você está fazendo aqui, afinal? – Logan olha para mim.

– Kirk me disse para entrevistar o treinador Burnham para meu artigo do jornal – digo.

Logan franze o rosto.

– Ele já está no campo.

– Ai, caramba – digo. – Ei, como é que se chega ao campo?

Logan ri.

– É verdade, esqueci que nunca te vi em um jogo.

A ideia de que Logan Philbrick notou minha ausência nas partidas faz meu estômago dar pulos. Ele aponta para as portas duplas perto dos armários dos meninos.

– Valeu – digo, enquanto Logan entra no vestiário.

Sigo porta afora, meus olhos sofrendo com a transição das luzes fluorescentes para o sol da tarde, e rumo para a arquibancada. Os jogadores que reparam em mim enquanto lentamente entram em campo me lançam olhares estranhos. O resto fica à toa por ali, gritando uns com os outros, rindo e trocando insultos.

Na beirada do campo, Erica Stanbury está a postos com sua prancheta e rabo de cavalo loiro alto, ao lado de Madison Reilly, sua melhor amiga. Erica e Madison são as gerentes do time, uma função não totalmente compreensível para mim, mas da mais alta importância, pelo que ouvi dizer.

Os caras param de brincar quando um homem de calça de agasalho e polo azul se aproxima deles, vindo do lado oposto do campo. Um dos jogadores diz alguma coisa para o homem, que se vira e examina a arquibancada como se procurasse alguém. Seus olhos param em mim, e alguma coisa se encaixa em sua expressão.

O treinador Burnham acena, e vou até ele. De perto, ele é ainda mais alto. Tipo, muito alto, como se fosse um treinador de basquete, e não de futebol americano. O cabelo castanho é cortado curto, a parte da frente com gel, formando um topete um tanto infantil.

Ele me recebe com um sorriso quando nos encontramos na base da arquibancada.

– Você é a Hadley?

Confirmo com a cabeça.

– Obrigada por me deixar assistir.

– Tranquilo – ele diz, antes de ir para o campo. Ele grita: – St. Pierre, *para de rebolar*.

Quando o treinador Burnham se vira, pisca ao me ver, como se estivesse surpreso por eu ainda estar ali.

– Gostaria de lhe fazer algumas perguntas – digo. – Para o jornal.

Burnham olha por cima do ombro, onde Wes St. Pierre está agachado bem baixo, balançando a bunda, enquanto os colegas de time gritam e aplaudem.

– Você pode me mandar por e-mail? – Burnham sorri, humilde. – O treinador Murray está em reunião, então estou sozinho até que ele chegue.

– Claro – digo. – Eu vou só…

Mas ele já está entrando em campo, soprando o apito. Subo os degraus da arquibancada, mais risadas soando no campo às minhas costas. Estou me acomodando na cadeira quando Logan Philbrick entra em campo, de peito nu e calção de basquete, o cabelo loiro cacheado brilhando ao sol da tarde. Fico envergonhada com o tempão que levo para afastar os olhos dele.

Os gritos que o corpo seminu de Logan provoca nos jogadores fazem o treinador Burnham interromper abruptamente o sermão que dava em Wes.

– Philbrick, cadê sua camisa? – ele grita.

– Está molhada – Logan devolve.

Algumas risadas, uns gritos, comentários nojentos sobre o nível de umidade de Logan, especulações sobre por que a camisa dele está molhada. A julgar pela expressão de tédio de Erica, isso é comum, e os caras não se constrangem de conversar desse jeito na frente dela.

Pego o bloco, e uma voz familiar corta o caos sonoro do campo.

– *Chega*.

O time fica em silêncio quando Frank Murray entra em campo, furioso. O treinador Murray é também o diretor de Atletismo da escola, um trabalho que, até onde posso ver, consiste em patrulhar os corredores como um segurança raivoso de shopping center, gritando com os alunos por estarem atrasados para a ginástica. Ele é tio-avô dos garotos Burnhams, mas, ao contrário deles, Murray é atarracado e mal chega a um metro e oitenta. O que lhe falta em altura ele compensa em largura. Ele sopra o apito, e o restante do rosto cinzento se avermelha, combinando com o nariz queimado de sol.

Murray grita alguma coisa para os jogadores, e os caras caem de costas, se

contorcendo. Não tenho a menor ideia do que estão fazendo, mas suponho que seja um castigo por insinuarem que Logan Philbrick gozou na camisa do time.

Pego a caneta e tento descrever o exercício o melhor que posso, até que um rangido de pés na arquibancada chama minha atenção. Uso o bloquinho para proteger os olhos do sol e vejo Tyler Curtin subindo os degraus.

– E aí, Massa Cinzenta, o que está fazendo aqui? – Tyler exibe para mim um sorriso de vários megawatts. Eu sou a colega tutora dele, o que provavelmente é a única razão pela qual ele se digna a conversar comigo.

Levanto o bloco.

– Jornal.

– Show, show. Olha só, eu terminei o livro. – Tyler se senta, e a arquibancada treme sob mim enquanto ele se acomoda.

Na semana passada, na tutoria por colegas, Tyler precisou redigir um trabalho de duas páginas sobre os três primeiros capítulos de *O Grande Gatsby* e ainda não tinha começado a ler o livro. Quando eu disse que a história era basicamente o filme *Euphoria* passado nos anos 1920, ele prometeu concluir a leitura para nossa próxima sessão.

– Aquela porra foi louca, o jeito como a Daisy sacaneou o cara no fim. – Tyler balança a cabeça. – Aquilo foi frio.

Um sorriso curva meus lábios.

– Fico contente que tenha gostado.

– Que nada, eu odiei! O cara faz tudo para conquistar a garota de volta para depois acabar levando um tiro na própria piscina?

Estou rindo com tanta força que minhas costelas começam a doer. Quando me recomponho, digo:

– Mas, afinal, o que você está fazendo aqui?

Tyler estala os dedos.

– Tive consulta médica à tarde. Perdi mais de três aulas.

Isso significa que ele não tem permissão para participar do treino hoje, por causa da política de elegibilidade acadêmica da escola. Se você não vai à aula, não pode entrar em campo, sem exceções. As notas dos atletas também são publicadas em tempo real em um portal especial, para que os treinadores possam consultar. Se a média deles cai para menos de 65 em qualquer aula da semana, eles acabam na tutoria por colegas e, se não comparecem, é ainda pior: levam suspensão.

Nem consigo imaginar a pressão que alguém como Tyler sofre. Se eu puder

fazê-lo abrir-se um pouco sobre isso, talvez possa transformar essa matéria em algo mais interessante do que *caras que vencem nos esportes com bola podem vencer de novo!*

– Já que você está aqui, quer dar uma entrevista para o jornal? – pergunto.

As sobrancelhas de Tyler se erguem.

– Sério mesmo?

– Sério, sério mesmo.

– Show, vamos nessa.

Tiro a tampa da caneta e me lembro do enxame de piratas, no dia anterior.

– Aliás, parabéns. Pela East Carolina.

– Valeu. – Tyler parece se encolher um pouco. Ele deve estar desconfortável com tanta atenção.

– Isso muda alguma coisa para você? – pergunto. – Já vai assinar com eles?

Não sei muito sobre esporte universitário, mas sei que a maioria dos atletas não se compromete com uma faculdade até fevereiro, e até *eu* consigo entender que, se Tyler assinou com uma escola da primeira divisão, isso significa que ele é *realmente* bom.

– Nem, ainda estou focado nesta temporada. – Ele estala os dedos. – O time está contando comigo para me manter concentrado aqui.

Ele se cala, fazendo-me parar de escrever. Quando o encaro, ele está com a testa franzida.

– Não quis dizer que sou eu que carrego o time nas costas nem nada assim – ele diz. – Todos nós estamos sentindo a pressão.

– Por causa da expectativa de todo mundo? – pergunto.

– Deve ser isso. – Tyler dá de ombros.

Sinto que ele está se fechando, evitando dizer qualquer coisa que possa ser desagradável para a menina que está anotando. Pouso a caneta.

– Meio que parece que você está tanto com medo de perder quanto motivado para vencer.

Tyler assente devagar.

– Jogar no nosso nível… isso muda as coisas. Antes, as partidas eram divertidas, mas agora, se eu erro um lance, os pais dos jogadores mais novos brigam comigo. Tipo, como se a gente perdesse uma partida e o filho deles não fosse mais para a liga nacional.

Quando estava fazendo pesquisas para a minha matéria ontem à noite, li que apenas dois por cento dos jogadores de futebol americano do ensino médio

vão jogar em faculdades da primeira divisão. E ainda menos do que isso acaba na liga nacional.

– Sunnybrook nunca teve um jogador que chegasse à liga, certo?

– É, mas todo mundo acha que tem um pequeno Tom Brady. Agora, pais de calouros ficam mandando para o treinador vídeos de seus filhos jogando.

Enquanto isso, no campo, Logan avança em uma breve corrida até o treinador Burnham, que está parado com as mãos plantadas nos quadris, obviamente contrariado porque o castigo dado a Logan mal o fez suar.

Ao meu lado, Tyler se cala e senta mais empertigado. O motivo para isso está subindo os degraus da arquibancada: o treinador Murray, uma careta se formando no rosto. Ele para a pouca distância de nós e se apoia no corrimão.

– O treino não é aberto ao público.

– Ela está aqui pelo jornal, treinador – Tyler diz. – Ela é filha da doutora Jonassen.

Frank Murray me encara, os olhos ocultos atrás dos óculos de sol que lhe cobrem o rosto.

– Eu sei quem ela é.

– Obrigada por me deixar assistir – digo.

O treinador Murray não diz nada e desvia o olhar para Tyler.

– Eu estaria mais preocupado em fazer a lição de casa do que em jogar conversa fora.

– Ei, ela é minha tutora – Tyler diz. – A gente estava conversando sobre como a Daisy sacaneou o Gatsby.

Murray encara Tyler como se não tivesse a menor ideia de quem são Daisy e Gatsby, e como se não desse a mínima.

– Bem, não é para isso que ela está aqui – dispara.

Murray começa a descer a arquibancada, o corpo ligeiramente inclinado na direção do corrimão.

– Caramba – digo. – Ele é sempre assim?

– Nem, o Murr é legal. – Tyler esfrega a parte de trás da cabeça e larga a mão no colo. – Olha só, não sei se você deveria publicar o que falei… sobre os pais dos meninos mais novos serem meio loucos.

Sinto uma pontada de decepção. Já estava pensando em como isso seria um detalhe interessante.

– E se eu deixasse suas aspas sem identificação? – pergunto.

– Bom, daí… É, tá bom. Acho – ele diz.

O treinador se vira e olha para nós. Assopra o apito e grita:

– Curtin, mudei de ideia. Você é o menino da água hoje.

Tyler não olha para mim quando se levanta.

– A gente se vê depois.

Ele desliza pela arquibancada abaixo e me deixa sozinha. Volto a me concentrar no bloquinho e começo a redigir as perguntas que quero fazer ao treinador Burnham. Enquanto os jogadores disputam a posse de bola, escrevo o e-mail, enxugo o suor da testa e vou para a área sombreada da arquibancada, para evitar o sol da tarde.

Às 17 horas, nenhum dos treinadores dá o menor sinal de encerrar o treino, então me levanto discretamente e saio, rumando para o estacionamento da frente, onde os ônibus ficam à espera. Enquanto estou passando pela lateral da escola, a porta do ginásio se abre, e dali sai uma dúzia de meninas da equipe de dança.

Alguém grita meu nome, eu me viro e vejo Alix Maroney com as melhores amigas, Gabby Santiago e Chloe Vitelli.

– Oi – digo.

Elas são lindas, Alix e as amigas, a ponto de entrarem em uma sala e atraírem imediatamente todas as atenções. Pele lisa como vidro, rostos perpetuamente brilhantes, como se tivessem acabado de sair de um tratamento facial, e não de seis horas dentro de uma prisão de concreto, seguidas por duas horas de ensaio de dança.

– Está tarde para você ainda estar aqui – Alix diz, dando um gole na garrafa de água Dança de Sunnybrook. Abaixo do logo, há um adesivo: ORGULHOSA APOIADORA DO FUTEBOL AMERICANO DE SUNNYBROOK.

– Precisei ir assistir ao treino do futebol americano – digo, enquanto Alix emparelha o passo com o meu.

Alguns metros adiante de nós, Gabby está dizendo para Chloe:

– Eu só estou falando que ela já tem dois filhos. Tipo, aonde isso vai parar?

Olho de relance para Alix, que enxuga a boca e tampa a garrafa.

– Nossa técnica está grávida de novo.

Penso na técnica da equipe de dança, uma loira assustadora de um metro e meio de altura. Ela exige tanto das meninas no treino que é comum vê-las vomitando nos latões de lixo depois.

Gabby vira a cabeça, um de seus cachos pretos escapando do coque:

– Não apenas grávida. Ela vai ter o bebê na mesma semana da competição

nacional.

– E vão contratar outra técnica? – pergunto.

– Não – Gabby grita. – Não se puderem se virar pagando só a técnica auxiliar.

A voz de Chloe é baixa, conspiratória.

– Ouvi dizer que ela nem entrou na equipe de competição no primeiro ano…

Gabby e Chloe seguem à nossa frente, continuando a alimentar a indignação uma da outra. Ao meu lado, Alix oferece:

– Quer uma carona para casa?

Ajeito a alça da mochila mais alto no ombro.

– Tem certeza de que não se importa?

À nossa frente, os ombros sardentos de Chloe Vitelli se tensionam. Ela nunca se deu ao trabalho de ser bacana comigo, como as amigas dela. Na verdade, Chloe parece determinada a fingir que eu não existo.

Alix Maroney e as amigas são o tipo de menina que não teria me dado meia hora de atenção na minha escola antiga. Desconfio que isso tenha tudo a ver com a razão pela qual Chloe não gosta de mim. Não por eu ser esquisita, desagradável ou irritante, mas porque um lugar no carro de Alix Maroney precisa ser conquistado. Eu posso ter escrito aquele artigo sobre a equipe de dança, mas nunca serei uma delas.

Quando chegamos ao estacionamento, Alix abre o porta-malas do Jetta e joga lá dentro a mochila da Fjällräven. Quando Gabby tenta se acomodar no banco do passageiro, Alix grita:

– Sapatos no porta-malas!

Gabby resmunga e joga lá atrás os tênis de jazz que vinha carregando, e Alix fecha a tampa. Sento no banco de trás, ao lado de Chloe, que está segurando a mochila contra o peito. Dez segundos de silêncio incômodo se passam antes que Alix e Gabby entrem no carro, discutindo.

– Eles fedem a Fritos – Alix diz, dando a partida. – Você precisa deixar ao ar livre durante a noite ou algo assim.

Gabby apoia os pés, calçados em chinelos, no painel do carro, levando Chloe a dizer:

– Você sabia que, se sofrermos um acidente, seus pés podem ser arrancados?

– Você acha que isso me livraria do treino amanhã? – Gabby diz. Há um tom exagerado de entusiasmo na voz dela, mas eu sei que toda a existência de

Gabby gira em torno da equipe de dança.

Alix vira a cabeça para se certificar de que o estacionamento está vazio antes de sair de ré da vaga. Seus olhos e os meus se conectam brevemente.

– Então, por que você estava assistindo ao treino do futebol americano? – ela pergunta.

– Estou escrevendo sobre o time – digo. – Para o jornal.

Gabby dá um gole na Vitaminwater e enxuga a boca com as costas da mão.

– Eles ficaram com ciúme porque você escreveu sobre nós ou coisa assim?

Alix lança um olhar para Gabby. Gabby baixa a garrafa e diz:

– O que foi? É um absurdo ela não ter recebido o Prêmio Susan Berry.

– Obrigada. – Tento manter a voz casual, mas ela sai oca, traindo o fato de que não consigo nem pensar em "As outras campeãs" sem sentir minha derrota para Peter como uma dor entre as costelas.

Gabby vira a cabeça e diz:

– Você sabe que ele só ganhou porque a irmã dele era a melhor amiga de Susan Berry.

Susan Berry, uma das animadoras de torcida assassinadas. Como eu poderia saber que Peter tinha relação com a família que instituiu a bolsa? Mudar para Sunnybrook era como tentar entrar em um programa de TV que todo mundo já assistia há muito tempo. Eu nunca me dei ao trabalho de me atualizar, e também não é como se Peter tivesse me oferecido essa informação mesmo quando a gente ainda não se odiava mutuamente.

– Eu não sabia que o Peter tem uma irmã – digo.

No espelho retrovisor, os olhos cor de safira de Alix se arregalam.

– Jen Rayburn era meia-irmã do Peter.

Eu sei quem é Jennifer Rayburn, claro. Todos os dias, a caminho do vestiário, passo pela placa em homenagem a ela. Ela era uma das cinco animadoras de torcida.

Jen foi a última a morrer. Um suicídio, não muito depois dos assassinatos. Li uma reportagem que dizia que ela deveria ter ido dormir na casa de Susan Berry junto com Juliana Ruiz na noite em que Brandon Michaelson assassinou as duas meninas.

– Você não sabia disso? – Gabby diz, diante do meu silêncio.

– Não fazia ideia. – Como eu poderia ter percebido? Peter e Jen têm sobrenomes diferentes.

– Como assim? Você e Peter não são amigos? – Chloe não tira os olhos dos

TikToks que está vendo no celular.

Resisto à vontade de abrir a tampa do porta-malas e me jogar no trânsito.

– Não. A gente só conversa sobre as coisas do jornal.

A raiva cresce em mim quando me lembro do olhar convencido na cara de Peter ontem, quando fiquei com o artigo sobre o time de futebol americano, e do comentário maldoso dele na saída. Ele sabia quanto eu queria a bolsa – não por causa do dinheiro, mas pela chance de ir ao intensivo de jornalismo em Columbia no verão. Peter sabia porque eu contei a ele. Não éramos amigos exatamente, mas passávamos muito tempo juntos trabalhando no jornal. Ele me contou que os pais o estavam pressionando a se graduar em algo relacionado a STEM – Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática –, embora ele ame música e redação. Ele quer escrever para a *Rolling Stone*, viajar com bandas como o garoto de *Quase Famosos*, o que é engraçado, porque ele é até parecido com o garoto de *Quase Famosos*.

Peter nunca comentou mais nada sobre os pais e, decididamente, nunca mencionou que tinha uma irmã que havia morrido, muito menos que essa irmã era Jennifer Rayburn. À parte o comentário sobre a faculdade, a única vez que mencionou a mãe foi para contar que ela ainda preparava os lanches dele. Todos os dias, ela o manda para a escola com um petisco de frutas Welch, e ele não tem coragem de lhe dizer que não gosta deles desde que estava no Fundamental. Em geral, eu os arrancava de suas mãos porque, tipo, quem não gosta de petisco de frutas?

Essa recordação faz meu peito se apertar. Nós éramos amigos, percebo. Pelo menos eu pensei que sim.

Mas Peter é uma cobra, e ter uma história trágica não justifica o que ele fez.

Antes que Chloe possa me alfinetar mais em relação a Peter, Alix desacelera e vira na entrada para carros de uma casa amarela, estilo colonial.

– Valeu, gata – Gabby diz para Alix, antes de ela e Chloe saírem do carro.

Chloe segue pela entrada para carros, enquanto Gabby ruma para a casa ao lado. Quando saio para me sentar no banco da frente, Gabby começa a gritar e a agitar as mãos, voltando para o carro de Alix.

– Ela faz isso literalmente todos os dias – Alix diz, antes do baque da tampa do porta-malas se fechando, enquanto Gabby se lança para trás na direção de casa, sapatos de dança nas mãos.

Alix liga o rádio quando sai da casa de Chloe. Parece de propósito, como se também ela se sentisse desconfortável com a perspectiva de um trajeto de carro

de quatro minutos a sós comigo.

Alix me deu carona para casa algumas vezes no ano passado, mas eu estava trabalhando em "As outras campeãs" na época. Agora, sem uma lista gigante de perguntas para lhe fazer para a matéria, é evidente quão pouco ela e eu temos em comum.

Desafivelo o cinto de segurança quando Alix encosta na minha casa.

– Obrigada pela carona.

– Disponha – ela diz. – E, se precisar de qualquer coisa para seu artigo, posso conseguir que Cameron converse com você.

Eu vi o jeito como Cameron Burnham olha para a namorada e desconfio que não exista literalmente nada que Alix não consiga levá-lo a fazer.

– Isso seria incrível. Obrigada.

– Vem falar com a gente antes do ensaio amanhã – Alix diz. – Geralmente, estamos no pátio.

Ela sorri e acena enquanto se afasta da minha casa, e eu entro.

Chego antes de mamãe, como na maioria dos dias. Subo para o quarto, para começar um primeiro rascunho do artigo, e bufo dramaticamente ao tirar o bloco de anotações da minha bolsa estilo carteiro. Mando as perguntas da entrevista para o treinador Burnham por e-mail antes de abrir o Word.

A visão do documento vazio na tela do laptop faz meu estômago se contorcer. Minimizo a janela, incapaz de pensar em qualquer coisa que não o que Alix e as amigas dela me contaram sobre Peter Carlino.

Antes mesmo que eu me dê conta do que estou fazendo, meus dedos já estão no teclado dando um Google em "Jennifer Rayburn Sunnybrook".

O primeiro resultado é um artigo de seis anos atrás. Espero até que carregue.

Sem previsão de novas acusações contra ex-agente policial de Sunnybrook

Após um mês de investigação interna sobre a morte a tiros de Jack Canning, em 2013, o ex-policial Thomas Carlino foi inocentado de má conduta. Reiteradas demandas por uma investigação acerca da morte de Canning surgiram em decorrência do anúncio, feito pela promotoria do distrito, de que Brandon Michaelson, 24, havia sido indiciado pelo assassinato de Juliana Ruiz e de Susan Berry, assim como por um estupro de menor, uma vítima de dezesseis anos cujo nome não foi divulgado.

Jack Canning era o principal suspeito do assassinato de duas animadoras de torcida de Sunnybrook, cujos corpos foram encontrados pouco depois de as meninas faltarem ao jogo de *homecoming*. Canning era um assediador sexual fichado e, após

sua morte, a polícia encontrou em sua posse fotos de Susan Berry, 16, tiradas sem o conhecimento dela. Quando os agentes Thomas Carlino e Michael Mejia tentaram interrogar Canning, na sequência dos assassinatos, o suspeito se entrincheirou dentro do quarto. Uma arma não autorizada foi posteriormente descoberta na gaveta da cômoda que Canning abrira quando os agentes entraram no quarto. O policial Carlino disparou um único tiro contra Canning, depois de ele ter ignorado repetidas ordens para deixar as mãos à vista.

A agência independente que investigou o ocorrido concluiu que Carlino seguiu o protocolo e não agiu irregularmente ao disparar a arma. Um porta-voz da agência informou, em relação à decisão, que, "embora os eventos que culminaram na morte do senhor Canning sejam, sem dúvida, trágicos, não foram criminosos".

O policial Carlino, cuja enteada, Jennifer Rayburn, era amiga próxima de ambas as vítimas, foi posto em licença administrativa imediatamente após o disparo. Posteriormente, Carlino se aposentou da polícia de Sunnybrook.

Fico olhando para o nome na tela. Thomas Carlino era padrasto de Jennifer Rayburn, o que significa que deve ser pai de Peter.

O pai de Peter matou um homem inocente, e algumas semanas depois a irmã se suicidou. E eu que pensava que a minha família era zoada.

Não quero que meus sentimentos por Peter amoleçam. Ele ainda é um babaca insuportável e será ainda mais insuportável se acabar se tornando editor-chefe.

Preciso garantir que vá ser eu. E isso quer dizer simplesmente arrasar com esta matéria, mesmo que seja a última coisa que eu queira escrever.

Quando fecho a janela do navegador, meu e-mail da escola apita no celular. Tenho uma nova mensagem, e a linha do título diz: *um conselho amigo*.

Não reconheço o remetente: SportsFan@gmail.com

Diga a Kirk que você não pode redigir o artigo. Faça com que ela o dê a outra pessoa.



Capítulo Três

As perguntas me atravessam como uma rajada de balas. Quem? Por quê? Mas que diabos?

Encaro a tela por um momento, tentando aceitar o absurdo de alguém me mandar um e-mail anônimo. Eu não achava que isso era algo que as pessoas realmente faziam, fora dos programas de TV de baixa qualidade.

Hesito antes de clicar em "Responder". Quero perguntar a essa pessoa por que ela não quer que eu escreva um artigo sobre o time de futebol americano, mas duvido que SportsFan esteja preocupado comigo. Tipo, o assunto é "um conselho amigo", que é um eufemismo para "vá se foder".

Quem é você?

Clico em "Enviar" e ouço o *whoosh* da mensagem desaparecendo no éter. Após cinco minutos de silêncio, abro o backup do meu rascunho.

Deixo a caixa de entrada aberta a noite inteira, mas SportsFan não responde.

* * *

Ainda não há resposta de SportsFan pela manhã, mas tenho um e-mail de Dylan Burnham. Enquanto escovo os dentes, uso a mão livre para rolar a tela, dando uma olhada por alto nas respostas do treinador principal às minhas

perguntas.

> *Em complemento ao dito acima, preciso dizer que esses jogadores superaram adversidades inacreditáveis, tanto individualmente quanto como time. O que eles conquistaram é admirável, independentemente de conseguirem ou não agarrar o terceiro título consecutivo. Eu não poderia estar bastante orgulhoso.*

Mais orgulhoso, eu penso. Não que faça diferença. A fala soa como um clichê de abertura de um ensaio de faculdade.

Releio o e-mail de SportsFan pela centésima vez. *Faça com que ela o dê a outra pessoa.*

Tento me lembrar de todos os rostos presentes à reunião do jornal no outro dia, todas as pessoas que sabem que estou escrevendo sobre o time de futebol americano. Não é como se fosse um segredo: havia as dúzias de atletas que passaram pelo campo de futebol americano ontem à tarde, a caminho das pistas de corrida, dos campos de futebol e das quadras de tênis. Qualquer um deles poderia ter me visto conversando com Tyler Curtin ou fazendo anotações.

Qualquer um deles poderia ter mandado esse e-mail.

Meu incômodo me segue até a escola. A temperatura está em amenos 21 graus nesta manhã, e o céu não tem nuvens, então vou de bicicleta, lembrando que Alix disse que conseguiria que Cameron conversasse comigo hoje à tarde.

Mas Alix não está na sala da orientação. Quando, durante a aula, alguém grita para o senhor Fiorella que ela está doente, sinto a decepção como um tapa. Não consigo de jeito nenhum me imaginar abordando Cameron sozinha, e Kirk quer que a gente entregue os artigos amanhã de manhã.

Passo a manhã toda em cólicas por causa do artigo. Estou pegando os livros no armário, antes da aula de Espanhol, meu corpo se aproximando do modo pânico total por causa desse maldito artigo, quando alguém grita meu nome.

– Massa Cinzenta! – a voz grita de novo. Eu me viro e vejo Logan Philbrick vindo pelo corredor. Ele para a meio metro de mim e levanta as mãos de um jeito teatral.

De um jeito igualmente teatral, exibo minhas mãos vazias, o que faz Logan dar risada. Ele ajeita a mochila no ombro e sincroniza os passos com os meus.

– Você vem ao jogo, no sábado?

– Não sei – digo, e talvez eu esteja imaginando coisas, mas, por uma fração de segundo, a decepção cruza seus olhos castanhos de filhote de cachorro.

– Tudo bem – ele diz. – Só pensei porque você está escrevendo sobre nós.

Nós. Logan Philbrick não é nenhum Cameron Burnham, mas ele é o segundo na fila.

– Ei, você quer ser entrevistado? Para a minha matéria?

– Sério? – Os olhos dele se arregalam. – Eu?

– É, sério, você.

– Caraca, tá legal. Tenho reunião com meu conselheiro pedagógico, mas o que você vai fazer depois das aulas hoje, antes do treino?

– Conversar com você, suponho – digo.

Logan sorri.

– Espera. Me dá seu número, caso a gente se desencontre.

Existem literalmente apenas dois lugares onde os alunos se encontram entre a última aula e os treinos esportivos, se não vão embora da escola: o pátio ou o ginásio. Meu rosto fica corado quando penso que Logan Philbrick só quer uma desculpa para me dar o telefone dele.

Entrego o celular, e Logan abre minha agenda e começa a inserir seu número. Do lado oposto do corredor, alguém o chama, desviando nossa atenção.

Em frente a uma das classes, a nova professora de Matemática nos observa. Não sei o nome dela, mas é tão jovem que uma vez a vi ser barrada por um segurança que se recusou a acreditar que ela não era aluna.

As mãos da professora estão profundamente mergulhadas nos bolsos do cardigã grosso de tricô enquanto ela encara Logan.

– Preciso conversar com você – ela diz. Há um punhado de sardas cor de cobre no rosto claro, e ela não está usando nenhuma maquiagem além de um pouco de corretivo mal espalhado no queixo.

– Desculpe, senhorita Cordero – Logan diz. – Chego em um minuto.

A senhorita Cordero se empertiga, quase como se estivesse tentando se fazer tão alta quanto Logan.

– Meio que precisa ser agora.

Logan levanta meu celular.

– Mas isto é pelo jornalismo! A Hadley vai me tornar famoso.

A senhorita Cordero encara Logan com aquela expressão de *Não ganho o suficiente pra aguentar essas merdas*.

– Logan.

Sua voz mal passa de um sussurro, mas, por alguma razão, faz Logan me devolver o telefone.

– Te vejo mais tarde, Massa Cinzenta.

O último sinal toca e me traz de volta para o corredor, para o fato de que vou me atrasar para o Espanhol. Rumo para duas portas além e entro na sala ao mesmo tempo que Peter Carlino.

Ele me segue até a fileira junto à janela, onde nós dois sentamos (ele na minha frente, por ordem de sobrenome: Carlino antes de Daugherty), e diz:

– Logan Philbrick estava *flertando* com você?

Minha vontade é perguntar a Peter por que ele me aporrinha tanto o tempo todo, mas a vibração no meu bolso me distrai. Recebi um e-mail.

De: SportsFan@gmail.com
Quem eu sou não importa

Desta vez, não preciso pensar sobre o que responder.

Como posso te levar a sério se nem sei quem você é?

Mando a mensagem ao mesmo tempo que a senhorita Martinelli entra bailando na sala, ondulando os braços, as mangas esvoaçantes da blusa fazendo-a parecer uma borboleta enlouquecida.

– Buen día! Lo siento, estuve ausente ayer! Mi madre está *muy* enferma…

Olho disfarçadamente para o celular enquanto a senhorita Martinelli dá início ao ritual diário de contar, com um exagero de detalhes, sobre a saúde declinante da mãe idosa. A mãe está hospitalizada de novo, e por isso tivemos um professor substituto outra vez ontem.

A senhorita Martinelli está descrevendo como o cateterismo da mãe foi malfeito quando meu telefone vibra. SportsFan já respondeu.

Porque isso na verdade é muito sério.
Fique longe do time de futebol americano.

Olho discretamente para o telefone enterrado entre meus joelhos, relendo a

mensagem outra e outra vez. Estou tão perdida com as perguntas (Quem? Por quê?) que, quando a senhorita Martinelli manda, *en inglés*, eu deixar o celular de lado, mal registro que ela está falando comigo.

Depois do último sinal, vou para o pátio, estranhamente nervosa por conversar com Logan Philbrick. Pelo visto, não sou imune aos encantos de um jogador sexy, e já fiz papel de boba na frente dele uma vez esta semana.

Todas as mesas de piquenique estão ocupadas quando chego ao pátio, então busco um lugar à sombra, a uma distância confortável dos meninos do time de futebol, que estão jogando frisbee. Abro o e-mail da escola de novo, a ansiedade gritando diante da mensagem à qual ainda não respondi.

Fique longe do time de futebol americano.

Não conheço muito bem a maioria dos meus colegas de turma, mas ainda acho difícil imaginar por que qualquer um deles mandaria um aviso enigmático como este. Penso no mar de piratas pelos corredores no outro dia, festejando Tyler. No modo como aquela menina na sala da orientação se apressou em emprestar o espelhinho para Gavin Steiger. Quem não quer sentir que faz parte do que está acontecendo em Sunnybrook? Quem não quer se aproximar dos campeões?

Por quê?

Mando a resposta para SportsFan e troco o celular pelo livro que tenho de ler para a aula de Inglês. Preciso de uma forma de passar o tempo, e claramente não é atualizando obsessivamente minha caixa de entrada.

Desisto e consulto o telefone depois de dois capítulos de *Enquanto Agonizo*, o que é uma boa descrição de como me sinto aqui fora no pátio: como um escandinavo irlandês sem protetor solar.

São 14h30, e Logan Philbrick ainda não chegou.

Estou prestes a mandar uma mensagem quando uma explosão de risos no portão do pátio chama minha atenção. Logan passa por ali, ladeado por Wes St. Pierre e Chris Valenzuela. Chris está no terceiro ano, joga como *tight end* no

time de futebol americano e é namorado de Gabby Santiago.

Meu coração afunda quando os vejo rumar para a mesa de piquenique, onde outros jogadores estão reunidos. É claro que Logan se esqueceu de que havia combinado de se encontrar comigo. Estou ponderando sair de fininho pelo portão atrás de mim quando Logan levanta os olhos e examina o pátio. Dá um tapa amigável nas costas de Wes, diz algo que não consigo ouvir e vem sorrindo em minha direção.

– Desculpa, a gente foi ao Subway e o bundão do Wes não conseguia decidir o que pedir, e depois ainda nos fez parar na loja de conveniência para comprar lanche. – Logan se larga no chão de grama e joga para mim um pacote de canudinhos ácidos açucarados. – Quer?

Tiro um canudo do pacote.

– Isto não parece o lanche de um campeão.

Logan sorri.

– Eu comi um sanduíche de almôndegas antes, não se preocupe.

Mastigo o canudo ácido e observo Wes e Chris sendo o centro das atenções na mesa de piquenique, com um bando de meninas do time de dança e jogadores de futebol americano. Cameron Burnham não está com eles.

– Você sabe se o Cameron está por aí? – pergunto a Logan.

– Ele foi levar umas coisas para Alix. – Logan manda para dentro mais um canudo ácido e lambe o açúcar dos lábios. – Ela está em casa com cólica ou algo do tipo.

– Ah, que gentileza a dele.

Acho que disfarcei muito mal a decepção na minha voz, porque Logan diz:

– Eu sou sua segunda opção para esta entrevista?

A pergunta direta me faz corar.

– Não, absolutamente.

– Eu não me ofendo – Logan diz. – Ele é o Cam Burnham.

Lambo os dedos para tirar o açúcar.

– E o que tem isso? Ele é importante ou coisa assim?

Logan dá risada. Não é nem um pouco parecida com as gargalhadas detestáveis dos caras jogando frisbee. É o tipo de risada à qual me vejo ficando viciada. Ela me faz querer estocar piadas autodepreciativas e com bom ritmo só para poder ver os olhos dele se enrugando nos cantos, como estão fazendo agora.

Se concentra, sua boba.

– A gente deveria começar – digo.

O olhar de Logan vai para o meu celular, onde comecei uma nova mensagem de áudio para gravar nossa entrevista.

– Uau, você leva isso a sério. – Ele soa nervoso. É uma reação instintiva ao me ver apertar o botão de gravar. Algumas meninas da equipe de dança se sentiram do mesmo jeito e pediram que eu apagasse algo que haviam dito, com receio de parecerem burras.

– Basta ser você mesmo – digo para Logan. – Que tal começar me relembrando a posição em que você joga? Você é *wide receiver*, certo?

Logan ri.

– Que nada, sou *tight end*. *Wide receivers* em geral não são tão altos quanto eu.

– Quanto você mede exatamente?

– Um metro e oitenta e oito centímetros e meio. Isto é para a sua matéria? – Logan bate o ombro no meu, de brincadeira, e de repente me torno hiperconsciente da grama nas minhas coxas nuas e de como elas parecem pedaços de frango cru quando estou sentada. Preciso lembrar a mim mesma que o flerte dele não significa nada. Logan flerta com todo mundo, incluindo a senhora Brown, bedel de corredor de setenta e cinco anos.

– Ok, Logan Philbrick, um metro e oitenta e oito centímetros e meio, ponta do ataque – digo. – Como está indo nesta temporada?

– Muito bem. Quer dizer, tivemos a nossa primeira vitória na semana passada e esperamos vencer o North Hills no sábado. – Logan estala os dedos. – Obviamente queremos vencê-los. Isso soou estúpido, não escreve isso.

– Não se preocupe com o que vou escrever. – Espero que ele não perceba o quanto acho uma gracinha ele ser assim tão autoconsciente. – Por que simplesmente não me conta, como se fôssemos só duas pessoas conversando, o que significaria para você ganhar o terceiro campeonato consecutivo?

– O que significaria para mim?

– É. O que te motiva.

– Ah, acho que seria muito louco ganhar. – Logan coça a nuca. – Nenhum time de futebol americano de Nova York venceu três campeonatos em seguida.

Após um instante, Logan solta a mão no colo.

– Acho que, mais que tudo, eu não quero decepcionar o DB.

– Por DB você quer dizer o treinador Burnham?

– Isso. Sinto que devo tanto a ele. Sinceramente, eu não estaria aqui sem

qualquer um dos Burnhams – Logan diz.

– Você quer dizer que não estaria no time?

– Isso mesmo. – Logan parece constrangido. – O senhor Burnham foi meu técnico na liga juvenil. Minha mãe sempre foi mãe solo e trabalha à noite. Os pais do Cam garantiram que eu nunca perdesse uma partida nem uma refeição. Eu fui praticamente criado na casa deles.

– Deve ter sido muito duro para você quando ele morreu – digo.

– É. Tipo, ele era importante para tanta gente. Mas o DB assumiu o lugar. Não só perante os irmãos, mas para todas as crianças que não tinham nada de bom na vida, a não ser o futebol americano.

– Você tem um exemplo? – pergunto.

– Ah, tenho. – Logan se ajeita. – Anos atrás, tinha um *running back* incrível, a mãe dele perdeu a casa e eles iam precisar se mudar para fora do estado, então o Dylan deixou ele morar com ele e a esposa.

– Então, basicamente, ele adotou um menino para que esse menino pudesse jogar?

– Não foi grande coisa para eles. Todas as pessoas daquela família seriam capazes de tirar a roupa do próprio corpo para dar para alguém.

Eu já estou pensando em formas de editar as palavras de Logan para suavizar os chavões. Faço mais algumas perguntas encorajadoras e deixo que ele fale sobre partidas e estratégias que não compreendo. Quando peço que me explique um jogo, um sorriso surge.

– O que foi? – pergunto.

– Nada – ele diz. – Você é boa nisso.

– Obrigada.

– Você vai fazer faculdade relacionada a texto?

– Jornalismo – digo. – Tomara.

– De que tipo?

Hesito.

– Quero escrever sobre coisas que importam, acho.

Estou amenizando minha ambição. Porque o que eu realmente quero é assinar a matéria de capa da *Times*. Ser um verbete na Wikipedia. Ganhar um Pulitzer.

Quero ser a primeira a noticiar uma história importante e, algum dia, escrever um livro sobre como noticiei uma história importante. Parece meio detestável admitir querer essas coisas, que dirá admitir para um cara com quem

tive exatamente cinco conversas, e isso se contar como conversa aquela vez que ele pediu para copiar meu trabalho sobre falar em público.

Mas Logan não está me olhando como se me achasse detestável. Seus olhos brilham, mostram interesse.

– Então você quer escrever para o *New York Times* ou coisa assim?

– É, tipo isso.

– Louco. – Logan sorri.

Da mesa de piquenique onde os jogadores de futebol americano estão reunidos, Gavin Steiger grita para Logan:

– Aê, mané, você está recebendo tutoria particular ou o quê?

– Tem um mané recebendo mesmo tutoria, mas não sou eu – Logan grita de volta.

Gavin mostra o dedo do meio. Ao lado dele, Wes St. Pierre explode em uma gargalhada, enquanto a namorada de Wes, Ayana Murphy, revira os olhos.

– Você vai ao treino de novo? – Logan pergunta quando nos levantamos, e espana a grama das pernas.

– Não, acho que já tenho tudo de que preciso – digo.

– Espera. Posso mudar uma das minhas respostas?

– A entrevista não era uma prova.

– É, eu sei. É só que você me fez perceber uma coisa. – Logan parece estar procurando as palavras certas. – O jeito como você falou que quer escrever sobre coisas que importam… Ganhar um terceiro campeonato seria provavelmente a coisa mais importante que eu faria, sabe?

– Isso não é verdade – digo.

– Só que é. Eu não sou um gênio nem nada, e não sou tão bom quanto os outros caras. – Logan dá de ombros. – Esta é a minha chance de fazer alguma coisa que importe.

– Aê, mané, para de xavecar – Wes grita para nós. – A Ayana falou que a Hadley não anda com babacas.

Em seu moletom exageradamente grande da equipe de dança, Ayana dá de ombros. É verdade.

Logan sorri humildemente para mim.

– Olha só, o Tyler vai receber umas pessoas em casa depois do jogo de sábado à noite. Você deveria ir.

As últimas palavras dele são ditas sem pausa, como se ele estivesse nervoso por me chamar. E depois, dando mais um sorriso por cima do ombro, ele se

vai.



Capítulo Quatro

A excitação da conversa com Logan e o comentário de Wes, acusando-o de estar flertando comigo, já se dissolveram quando chego em casa e abro o e-mail da escola.

SportsFan ainda não respondeu à minha última mensagem.

Por que eu deveria me manter longe do time de futebol americano?

A pergunta me persegue a noite toda e me distrai da matéria que preciso entregar amanhã de manhã.

Por volta das dez, ainda só tenho trezentas palavras. Começo a me perguntar se me distrair é exatamente o objetivo desses e-mails.

Termino a primeira versão alguns minutos antes da meia-noite e envio para Kirk. Espero que ela leia antes do almoço amanhã, de modo que eu possa trabalhar na versão seguinte na sala do jornal.

Quando amanhece, já tenho uma resposta da Kirk.

> *Dei uma olhada enquanto malhava. Bom trabalho! Não tenho nenhum comentário muito importante, embora talvez faça pequenos ajustes antes de produzirmos. Você poderia me fazer um grande favor e começar a editar alguns dos rascunhos anexos? Estão uma bagunça… E, falando sério, bom trabalho. Sei que foi um grande pedido, mas você se destacou, como sempre.*

Sinto como se tivesse passado em um tipo de teste. Fiz o que precisava ser feito e fiz Kirk feliz.

Penso naquele e-mail de novo. *Faça com que ela o dê a outra pessoa.*

Só existe uma pessoa que tentaria me sabotar para que eu não seja a editora-chefe.

Gasto a manhã matutando se vou ou não confrontar Peter e perguntar se ele é SportsFan. Nós dois temos almoço no quinto período, que é normalmente o melhor momento para aproveitar a sala do jornal.

Chego à sala no começo do quinto e a encontro vazia. O sinal toca e pego o laptop, questionando se Peter vai aparecer na sala do jornal este ano. Ele parece determinado a me evitar o máximo possível.

Peter não olha para mim quando chega ao Programa Avançado em Literatura, e passo a aula estudando a parte de trás da cabeça dele, perguntando a mim mesma o que o teria levado a me mandar aquela mensagem, se ele for SportsFan. O clima no corredor é caótico quando o sinal toca ao fim do sexto período.

Temos um professor substituto de Espanhol pela terceira vez esta semana, apesar de a senhorita Martinelli ter prometido que estaria aqui, o que leva Erica Stanbury a perguntar em voz alta se a mãe da senhorita Martinelli finalmente morreu.

O substituto tenta se fazer ouvir enquanto lê as instruções das atividades que Martinelli nos deixou. Tenho vontade de dizer ao coitado que não se dê ao trabalho: hoje é sexta-feira e vai ter um esquenta para o evento no próximo período. Todo mundo já está ouriçado com o jogo contra o North Hills amanhã.

Erica volta toda cheia de si para a carteira, orgulhosa por ter convencido o substituto a nos deixar escolher um filme para assistir, com legendas em espanhol, se prometermos ficar quietos.

– Que maravilha – Peter diz por cima do ruído dos nossos colegas, que conversam alegremente depois de terem garantido folga nos quarenta minutos seguintes. – Vamos fazer a prova do Programa Avançado sem saber falar nada além de "¿Has visto a Nemo?".

Quando o filme está pronto, pergunto ao substituto se posso ir para a sala do jornal, do outro lado do corredor. Eu bem que poderia usar o tempo livre para continuar a editar as matérias que Kirk me mandou.

O professor substituto resmunga como se, literalmente, não estivesse nem aí

para o que eu faço ou deixo de fazer, e volta a implorar para que a turma, por favor, por favor, faça pelo menos as lições de casa no fim de semana e as entregue para a senhorita Martinelli na segunda.

Desço o corredor e pego o chaveiro. Mantenho a pequena chave prateada da sala do jornal ao lado da chave de casa. Entro e acendo as luzes antes de abrir o laptop.

Um minuto depois, ouço a porta se abrir e o baque de um estojo de instrumento atingir o chão. Peter ocupa a mesa do outro lado da sala, aquela coberta por jornais velhos e livros em edição barata que a Kirk não consegue guardar na classe dela.

Depois de uns bons cinco minutos ignorando Peter, sinto os olhos dele em mim, o peso do seu silêncio. Ele ainda não pegou o laptop e não está comendo nem dando aquelas fungadas irritantes que ele atribui às alergias.

Viro a cabeça. Peter está me observando, um braço apoiado no encosto da cadeira.

– Que foi? – pergunto.

– Kirk falou alguma coisa para você? – ele pergunta.

– Sobre o quê?

– Você sabe.

– Não falou.

– Poderíamos ser nós dois – Peter diz por fim.

Coeditores-chefes. Penso que preferiria abrir mão totalmente do jornal a ter de dividir o título com Peter. Deixo que o comentário fique pairando ali até que ele se concentra no computador. Ele deve saber que a ideia me deixa louca, mesmo que não compreenda o motivo por completo.

Faltavam poucas semanas de aula no ano passado quando esqueci meu laptop da escola na sala do jornal. Peter certamente não esperava que eu passasse por lá. Quando abri a porta, o laptop dele estava aberto em cima da mesa, e a mochila e o estojo do trompete estavam perto da cadeira vazia. Na tela, um artigo sobre um professor de História de Long Island que renunciou após ser preso por arrombar um carro em um campus. Depois, os policiais fizeram uma busca na sala do meu pai e encontraram receitas suficientes de remédios controlados para mandá-lo para a prisão por seis meses.

Quando vi que Peter estivera lendo sobre o pior dia da minha vida, fugi da sala como se ela estivesse pegando fogo, bem a tempo de vê-lo voltando do banheiro.

Não olhei para ele. Parei de ir à sala do jornal quando sabia que ele estaria lá, e não voltamos a nos falar desde então. O Prêmio Susan Berry foi anunciado poucos dias depois, e para mim foi de boa deixá-lo pensar que eu estava com inveja demais da vitória dele para me manter por perto.

Não consigo pensar em uma boa razão para Peter querer trazer à tona as merdas da minha família. Mamãe revelou a prisão do papai para o conselho escolar quando foi contratada e, até onde eu sei, eles não se importaram que o ex-marido da nova superintendente fosse um criminoso condenado.

Peter continua me observando ansiosamente, e sou invadida por uma nova onda de raiva por causa disso tudo.

– Você andou me mandando e-mails? – digo de supetão.

– Oi? – Peter prolonga a sílaba.

– Alguém está me enviando e-mails anonimamente.

– E por que você acha que sou eu?

Volto a me concentrar no laptop para não precisar olhar para ele. Sinto-me uma idiota por ter tocado no assunto. Peter parece realmente confuso: se ele é SportsFan, merece um Oscar por essa interpretação.

– O que os e-mails dizem? – ele pergunta.

Eu o ignoro, olhos fixos na tela. Atualizo meu e-mail, recusando-me teimosamente a responder, até que o ouço suspirar.

– Tá bom.

Preciso colocar os fones para anular o som que ele faz ao abrir o zíper do estojo do laptop, digitar e fungar por causa da alergia. É tudo muito alto e não consigo raciocinar. Peter não é SportsFan.

Quando o sinal toca, praticamente pulo da cadeira.

Há um afunilamento no corredor, centenas de corpos rumando para o ginásio ao mesmo tempo, para o esquenta do evento. Disputando lugar no rebanho, trombo com Gabby Santiago, que está no meio de uma conversa com Alix e Chloe.

Alix me vê e fica radiante quando Peter passa rápido por nós, atingindo Chloe com o estojo do trompete.

– Eu te *desculpo* – Chloe dispara, mas Peter continua se movendo até ser engolido pela multidão.

– Você estava *sozinha* com ele lá dentro? – Gabby me pergunta.

– Infelizmente. Ele estava trabalhando em coisas do jornal também.

O sorriso de Gabby é brincalhão, mas o que brota no rosto de Chloe é

malicioso e desperta um sentimento violento em mim. Alix enrosca o braço no meu e diz:

– Ela não está fazendo gozação com você. Está dizendo que Peter adoraria.

– Duvido muito disso – digo.

– Ah, vá – Gabby diz. – Você é, tipo, a menina dos sonhos dele.

Minhas faces ficam vermelhas. Estou ciente da presença de Logan Philbrick perto do armário dele, nos observando. Não quero que Logan ouça que sou a garota dos sonhos de Peter Carlino porque, bem, o que isso revela sobre mim?

A multidão se dispersa e subimos o corredor em direção ao ginásio. Alix põe a mão no meu braço e diz:

– Ando querendo conversar com você.

– Sobre?

– Tyler vai dar uma festa amanhã à noite. Nada grandioso. Os pais vão viajar de manhã para visitar o irmão dele na escola. – Alix faz uma encenação exagerada de olhar por cima do ombro na direção de Logan, que continua perto do armário nos observando. – *Um amigo nosso em comum espera muito, muito que você vá.*

Alix me dá uma piscadinha e solta meu braço. Bobagem, quero dizer. Mas o rubor no rosto de Logan indica o contrário.

Logan Philbrick está a fim de mim. Não sei como me sentir em relação a isso. Obviamente, estou sujeita, como todo mundo, a ter um *crush* por um atleta gostosão, mas sempre me pareceu inútil imaginar que um deles sentiria o mesmo por mim. Mais ou menos como fantasiar o gosto do item mais caro do cardápio quando você não tem um tostão.

– Pense a respeito! – Alix diz, antes de apertar o passo para alcançar as meninas da equipe de dança, que vão entrando no vestiário. Vou para a direção oposta e sigo a horda a caminho do ginásio.

As arquibancadas já estão quase cheias. Acabo conseguindo um lugar na fila em frente a um bando de calouras risonhas. Uma delas é a jogadora de tênis da reunião de pauta do jornal. Ela diz às amigas que se calem, quando o senhor Sebastian entra e bate de leve no microfone para chamar a atenção da galera.

Ninguém dá ouvidos ao aviso dele sobre sair do ginásio ordeiramente após o esquenta. Todo mundo está agitado demais e, quando o senhor Sebastian anuncia que a equipe de dança vai dar o pontapé inicial, o ginásio se enche de gritos e pisadas fortes na arquibancada.

As meninas vão em fila até o centro, todas usando as jaquetas térmicas

fechadas até o queixo. Cabelos puxados para trás, todas com elementos idênticos ao lado. É só uma apresentação prévia, mas elas tratam cada exibição como se um troféu estivesse em jogo.

A música começa, os corpos se contorcem e voltam ao lugar como se fossem de elástico. Não há números individuais nesta sequência, nenhum salto reverso exibicionista. São apenas vinte corpos alinhados como soldados, atacando a coreografia com precisão cirúrgica. Elas estão executando a mesma sequência que lhes deu o primeiro lugar na competição nacional na última primavera; eu as vi ensaiar enquanto estava redigindo a matéria sobre a equipe de dança.

No fim, todo mundo explode em aplausos, e a arquibancada vibra embaixo de mim como se fosse desmoronar sob centenas de pares de pés pisoteando-a ao mesmo tempo.

A multidão ainda está enlouquecida com a equipe de dança quando as luzes diminuem. Máquinas na lateral do ginásio sopram gelo seco para o centro, e a voz do treinador Burnham estrondeia no microfone.

– Estão todos prontos para o time de futebol americano?

O volume aumenta, mas, apesar disso, Burnham grita para a plateia:

– Eu não acho que isso é alto o suficiente para os *Sunnybrook Tigers, bicampeões estaduais*!

Estou sentada na ponta, bem perto da saída, a qual, no momento, é vigiada por um segurança tão absorto pelo espetáculo quanto os alunos. Meu cérebro lateja com os gritos e assovios.

Enquanto a galera ao meu redor vai à loucura quando "Hall of Fame" explode nas caixas de som, pego o celular e abro o e-mail da escola.

– E agooooora, o número trinta e cinco, o seu *quarterback*, Cameron Burnham!

As meninas atrás de mim soltam guinchos ensurdecedores, que chamam a atenção de toda a fila onde estou. Uma delas, loira com mechas ruivas, parece querer morrer, enquanto as amigas riem e guincham o nome de Cameron ainda mais alto. Estão todas usando moletons da equipe de dança, mas não vão se apresentar com as outras garotas. Calouras, eu me dou conta, que se juntaram ao time apenas nesta semana.

Lá embaixo, todos os jogadores já foram anunciados. A música para de repente, e eles se enfileiram, mãos atrás das costas, e, em perfeita sincronia, baixam o queixo para o peito.

As meninas da equipe de dança se posicionam. A música volta, e a plateia

surta totalmente, enquanto Britney Spears canta sobre como existem dois tipos de gente no mundo, e os jogadores e as meninas se encaram.

É uma batalha de dança.

Wes encontra Ayana no centro e faz os movimentos que criaram problema no outro dia. Dou uma olhada para o treinador Burnham, que está parado com uma mão na frente do rosto, tentando, e não conseguindo, esconder a risada.

A plateia explode no fim. A banda da escola começa a tocar a própria versão, bem sem graça, de "Hall of Fame", mas ninguém presta atenção. A batalha do time de futebol americano contra a equipe de dança será o único assunto de todo mundo até o jogo de amanhã. Às minhas costas, as calouras estão batendo papo: "É tão injusto a gente não ter podido participar", "Não acredito que o Logan sabe fazer a minhoca, ele é tão sexy".

Sinto um calor subir pela nuca, lembrando o que Alix disse sobre a festa do Tyler. *Um amigo nosso em comum espera muito, muito que eu vá.*

O senhor Sebastian entra em cena outra vez, recordando a todos que permaneçam em seus assentos até que o sinal toque. Todos o ignoram e, quando o sinal toca, ninguém nem escuta, dado o barulho feito pelos alunos.

Percorro todo o caminho até o suporte para bicicletas antes de perceber que esqueci o laptop na sala do jornal. Volto para dentro resmungando, porque a sala da Kirk e a do jornal ficam no lado oposto da escola, e eu só quero vazar o quanto antes deste lugar.

Estou suando quando pego o laptop e volto ao suporte para bicicletas. A temperatura subiu para quase 27 graus, de acordo com o painel digital em frente à escola, que informa a hora e a condição climática. Estou lutando contra o cadeado quando as portas do ginásio batem, e eu levo um susto gigante.

– Ei. – Não consigo ver de quem é a voz, por causa do muro de tijolos que separa os suportes de bike das portas do ginásio, mas é masculina. – Ele vem? – ele pergunta.

Você tem um espelho? Levo um instante para reconhecer que a voz é de Gavin Steiger. Sua fala, geralmente sonolenta e arrastada, está enérgica, ansiosa.

– É, mandei mensagem – diz outra voz. Reconheço imediatamente ser de Tyler Curtin.

Dou mais uma forçada do cadeado, e as portas se abrem de novo.

– Ei, que porra é essa?

Logan. A seriedade em sua voz me faz grudar no muro de tijolos. Não há a menor chance de não me verem quando eu subir na bike e passar por eles, e vai parecer que eu estava espionando.

– Não se faça de idiota – Gavin diz. – Wes te ouviu…

Um movimento na lateral do ginásio chama minha atenção. Vem vindo um bando de meninas do time de corrida, e a conversa delas abafa o resto da frase de Gavin e também a resposta de Logan.

– Você é um bosta. – A voz de Gavin faz meu sangue congelar. – O que você falou pra ela?

– Não é da sua conta – Logan rebate.

– Tudo é da nossa conta, babaca – Gavin grita, ao mesmo tempo que Tyler diz:

– Ei, Gav, calma aí.

– Ele só se importa com ele mesmo – Gavin dispara.

– Foda-se você, foda-se – Logan começa, mas é interrompido por Tyler.

– Cara, tô fora. Vamos.

Meu coração despenca em queda livre quando penso que eles podem estar a caminho do estacionamento, que estão prestes a passar por mim. Mas as portas batem outra vez, e as palavras de Gavin são quase abafadas pelo caos dentro do ginásio.

A maldade em sua voz deixa claro que ele está falando com Logan.

– Você vai estragar *tudo*.

* * *

Pedalo para casa com o coração batendo na garganta durante todo o caminho. A adrenalina me desequilibra, e eu quase derrapo na entrada para carros porque me esqueço de um buraco que tem no fim, um do qual minha mãe reclama na subprefeitura desde que nos mudamos para cá.

Claramente, não era suposto que eu ouvisse aquela conversa entre Logan e os amigos dele, mas não consigo parar de relembrar. O que Gavin acha que Logan vai estragar?

O que você falou pra ela?

Quando Gavin disse *ela*, estava se referindo a mim?

Ontem, no pátio, Gavin interrompeu minha entrevista com Logan, e Wes, também. *Mané, para de xavecar.* Na hora, eu pensei que era uma tentativa inocente de chamar a atenção, mas e se eles estavam preocupados com o que Logan poderia estar me contando?

Eu me tranco no quarto e ponho para tocar a gravação da entrevista com Logan, em alerta máximo para qualquer coisa que seus colegas de time possam considerar controversa. Não há nada além de elogios aos amigos, ao treinador, ao pai de Cameron.

Tiro os fones. Estou preocupada demais com essa reportagem besta, com aqueles e-mails ridículos de SportsFan. Não há nenhuma razão lógica para que eu seja *aquela* sobre quem Gavin estava agressivamente confrontando Logan.

Mesmo assim, não consigo parar de pensar no que Gavin disse.

Você vai estragar tudo.

Pego o telefone, percorro a agenda. Paro no contato que Logan inseriu no meu celular ontem, antes da nossa entrevista.

SEU NOVO MELHOR AMIGO LOGAN

Uma parte de mim quer inventar uma desculpa para mandar uma mensagem de texto para ele.

Oi! Só queria desejar boa sorte para amanhã! A propósito, o que Gavin acha que você vai estragar?

Rapidamente me convenço a não fazer isso. Até onde sei, a discussão deles pode ser uma típica rusga entre colegas de time. E, seja lá o que for que está se desenvolvendo entre mim e Logan, duvido que vá ser duradouro se eu admitir que estava ouvindo, na surdina, o que ele e os amigos conversaram.

Quando estou fechando a agenda, meu celular vibra, anunciando um novo e-mail.

De: SportsFan@gmail.com
Não vá à festa do Tyler amanhã.



Capítulo Cinco

Desta vez, não espero para responder.

Por quê? Quem diabos é você??

Não espero que SportsFan vá responder, mas mantenho o e-mail aberto mesmo assim, enquanto trabalho na minha solicitação para a State University of New York, que eu vinha adiando. Faz semanas que meu material para a Columbia está pronto, mas não consigo me forçar a enviar o requerimento. Não até que Kirk escolha um editor-chefe e eu precise atualizar meu currículo. Tomara.

O aplicativo da SUNY é uma distração do fato de que estou sozinha, de novo, enquanto mamãe está no churrasco da Associação de Pais e Mestres pela volta às aulas, na escola de ensino fundamental. Normalmente, eu não me incomodo de ficar sozinha, mas, esta noite, me sinto inquieta.

Eu me pego abrindo os e-mails de SportsFan de novo. Tem de haver um jeito de rastrear o endereço de IP, o que poderia me dar uma pista sobre a identidade do remetente. Faço umas pesquisas no Google e descubro como encontrar o endereço de IP no cabeçalho do e-mail, porém, quando copio e colo na ferramenta de busca, a única coisa que descubro é que SportsFan está me enviando mensagens de um telefone celular registrado no condado de Ulster e que a operadora é a Verizon.

Abro o bloco de anotações do jornal e rabisco: SportsFan*?* Não publicamos a primeira edição do ano ainda, e não há a menor chance de Kirk me deixar

escrever sobre os e-mails anônimos bizarros. Ela diria que não tem história.

Mas e se houver? O que SportsFan sabe sobre o time de futebol americano que eu não sei? Isso teria alguma coisa a ver com o que eu ouvi na frente do ginásio hoje?

Não vá à festa do Tyler amanhã.

SportsFan poderia estar me provocando. Mas e se não estiver? E se houver realmente uma história maior sobre o time, enterrada sob alertas vagos?

Só sei que não vou descobrir nada se ficar sentada em casa amanhã à noite.

O céu de sábado está azul brilhante e sem nenhuma nuvem. Sunnybrook *versus* North Hills começa à uma da tarde.

Mamãe e todas as outras pessoas da cidade estão no jogo. Ela perguntou hoje de manhã se eu queria ir, sabendo muito bem que eu responderia "não". Mesmo antes de papai ser acusado de um crime e minha ansiedade crescer tanto que eu não consegui sair de casa por meses, eu não gostava de eventos que envolviam centenas de pessoas gritando umas com as outras.

Passo o dia concluindo a solicitação para a SUNY e obcecada com o e-mail de SportsFan. Um pouco depois das cinco, mamãe manda mensagem contando que Sunnybrook venceu e que ela vai trazer o jantar. Respondo com um joinha e vou para o chuveiro.

Depois, me sento na cama, o cabelo enrolado em uma toalha, e procuro o número de Logan Philbrick no celular. Redijo e apago dez mensagens diferentes, as axilas da camiseta limpinha já úmidas, quando chego a uma que me parece aceitável.

Parabéns!!

Mando.

Oooiii, valeu 😊

Um minuto inteirinho se passa, e meu coração afunda. Daí:

Então, você vai ao Tyler mais tarde?

Lembro-me do comentário nada sutil de Alix no corredor, ontem à tarde. *Um amigo nosso em comum espera muito, muito que você vá.* Lembro-me das faces vermelhas de Logan quando ele me falou da festa.

Expulso o e-mail de SportsFan da cabeça e escrevo a resposta para Logan, esperando não estar arrependida no fim da noite: *Qual o endereço do Tyler?*

Mamãe e eu dividimos um *penne alla vodka* da pizzaria, enquanto educadamente a escuto recapitular o jogo; depois, peço licença para me arrumar para a festa. Escovo os dentes e passo rímel. Meu cabelo ainda está molhado e vai virar uma bagunça armada se eu o deixar solto, então prendo em um coque baixo. Analiso meu reflexo, tentando ver o que Logan vê. A única coisa que me vem à cabeça é ser caloura e por acaso ouvir um dos amigos do meu irmão dizer *Hadley talvez fique gostosa quando for mais velha.* Certamente ainda não cheguei lá, mas acho que poderia ser considerada bonitinha. Todo mundo vai se encontrar na casa de Tyler às oito, segundo Logan disse. Não consigo imaginar nada mais apavorante do que chegar lá cedo demais, então espero até 20h30 para descer. Minha mãe desvia os olhos da TV, que transmite o "The Great British Baking Show", e analisa minha roupa: minha melhor calça jeans e uma regata por baixo de um cardigã preto.

– Você está muito bonita. – Mamãe escolhe as palavras com cuidado, como se estivesse procurando um modo educado de perguntar se eu realmente fui convidada para alguma coisa.

– Uma pessoa da escola vai receber umas pessoas em casa – digo. – Posso ir com o carro?

– Então é uma festa.

– Na verdade, não – minto. – É mais tipo uma reuniãozinha íntima.

– E na casa de quem é essa *reuniãozinha*?

– Tyler Curtin.

Alguma coisa se encaixa na expressão dela. Uma festa na casa de um jogador de futebol americano, depois de uma grande vitória, significa que vai rolar todo tipo de perdição.

– Hadley – mamãe diz.

Eu a interrompo.

– Quando foi que eu bebi?

– Naquela festa de *homecoming* onde fui buscar você.

Ela está se referindo ao meu primeiro ano, minha primeira e única festa de *homecoming*. Ela precisou ir buscar a mim e minha melhor amiga, que vomitou em todo o banco traseiro do carro de mamãe. Mesmo assim, meus pais me arrastaram para o *brunch* de aniversário da minha avó na manhã seguinte, e meu pai anunciou para nossa família ampliada que eu estava sofrendo com minha primeira ressaca.

– Isso, e não toquei em álcool desde então – digo. *E isso foi* antes *de eu saber que há uma predisposição ao vício, na família.* Não digo em voz alta para que mamãe não se sinta culpada pelos erros de papai.

– Esteja em casa às onze – ela diz.

Tyler Curtin mora na fronteira norte de Sunnybrook, a dez minutos do centro da cidade. Siga em frente, e você chegará à estrada interestadual, saída para a civilização, para os varejistas Target e Costco. Trinta minutos depois fica Woodbury Commons, um centro comercial de pontas de estoque.

As casas, no condomínio de Tyler, são maiores do que as do vilarejo propriamente dito. A julgar pelo persistente vestígio de bosta de vaca no ar, o condomínio era provavelmente uma fazenda até não muito tempo atrás.

As vozes descem até o fim do quarteirão, onde não tive escolha a não ser estacionar. Risos, gritos. Tranco o carro de mamãe e ando até a casa de Tyler, de cabeça baixa, para o caso de haver adultos espiando pelas janelas das casas próximas.

Na entrada da garagem, vejo Gavin Steiger e Wes St. Pierre de sentinela. É fácil entender por que foram escolhidos para fazer a segurança: são ambos enormes. Os dois têm correntes de ouro no pescoço, o mesmo corte de cabelo de laterais raspadas e um punhado de cachos na frente. A única diferença entre eles é que Wes é negro e Gavin gostaria de ser.

– Ei! – Gavin dá um tapa no ombro de Wes quando começo a me aproximar. – A Inteligentinha está aqui!

– Ah, merda – Wes diz.

– Você vai contar para mamãe se nos comportarmos mal? – Gavin lança um sorriso de lobo por cima da borda do copo de refrigerante.

O pânico que cresce dentro de mim deve ficar visível, porque Wes baixa a

bebida e sua expressão se suaviza.

– Ei, o Gav só está brincando – Wes diz.

A porta da frente se abre na varanda ao nosso lado. Ayana Murphy anda até a grade e olha para baixo, na direção de Gavin e Wes. Seus lábios brilham com gloss cor-de-rosa, e ela está usando uma legging preta justa e um top que mostra o piercing de cristal no umbigo.

– Eu sei que vocês não estão perturbando a Hadley.

– A gente só estava brincando – Wes diz humildemente.

Ayana manda um olhar matador para Wes e segura a porta aberta para mim.

– Ela não está interessada em vocês, babacas. Vem.

Tenho certeza de que ouvi que Ayana e Wes receberam uma notificação verbal do diretor esta semana por se amassarem no corredor, e agora ela o está chamando de babaca.

– Você e o Wes terminaram? – pergunto.

– Isso está em aberto – ela diz. – Vem, a gente está na sala.

Ayana me conduz pelo corredor, onde duas meninas da equipe de dança estão conversando. Não vejo Alix Maroney nem as amigas dela em lugar nenhum. Quando Ayana sai para fumar com um grupo de jogadores de futebol e eu decido não ir junto, sou imediatamente excluída da conversa das meninas que ficam.

Dou um giro até o canto oposto e analiso a sala de estar de Tyler. A TV de tela plana instalada acima da lareira está sintonizada em um programa de pegadinhas, o volume abafado pela música alta no estéreo em cima do piano de cauda. Em cima das teclas, alguém deixou um bilhete impresso onde se lê: NÃO PONHA A MÃO, IDIOTA!

Da cozinha, uma explosão de riso, e Alix Maroney e Gabby Santiago entram na sala. Logan vem logo atrás. Ele pisca quando me vê.

– Caraca, você veio!

Gabby solta um gritinho e me dá um abraço, seus olhos tão vidrados e brilhantes que desconfio que ela nem me reconheceu. Alix olha de Logan para mim, sorri e pega Gabby pelo braço.

– Vem, vamos mijar.

Quando elas se vão, engolidas pela multidão na sala, Logan ri de um jeito estranho e dá um gole na bebida.

– E aí, o que que está rolando?

Com o queixo, aponto para o piano.

– Estava aqui pensando na importância das vírgulas.

Logan pisca sem entender.

– O quê?

Explico, e a risada dele aquece minha nuca. Ele está bem perto de mim para poder me ouvir, e consigo sentir o cheiro do gel de banho mentolado em sua pele, o refri e a bebida em seu hálito.

Meus batimentos cardíacos estão assustadoramente irregulares. Uma parte de mim quer esquecer aqueles e-mails idiotas e simplesmente existir sem um plano, nem que seja por uma noite. Fazer seja lá o que for que Logan tivesse em mente quando falou para Alix que esperava que eu viesse à festa. Coisas normais que adolescentes fazem o tempo todo.

– Quer uma bebida? – Logan grita por cima do barulho à nossa direita. Uma partida de *flip cup*[4] está começando.

– Vim dirigindo. – Estou praticamente gritando, mas Logan continua apontando para as orelhas, indicando que não consegue me escutar. Faço a mímica de braços estendidos e mãos no volante, e Logan assente. Ele gesticula para que eu o siga por uma porta que atravessa um vestíbulo e leva à base de uma escada.

Subo a escada atrás de Logan até um patamar que dá vista para a sala. Ainda é bem barulhento, mas não quero mais enfiar a cabeça em um moedor de carne. Logan apoia os antebraços no gradil.

– Bem melhor.

A música muda. As primeiras notas de "In the air tonight", de Phil Collins, enchem a sala e recebem gritos de protesto.

– Que lixo é esse? – Gavin Steiger grita.

– Não se atreva a pôr a pata! – Cameron grita, da mesa de *flip cup*. – A bateria é o bicho.

Ninguém ousa desafiar Cameron Burnham. Ao meu lado, Logan move a cabeça preguiçosamente ao ritmo da música, o olhar não focado em nada em particular. Ele parece aborrecido com alguma coisa, apesar da vitória. Não estou pronta para que ele saiba que o ouvi discutindo com Tyler e Wes em frente ao ginásio ontem, após o esquenta, mas algo em mim está desesperado para saber do que se tratava, se a garota de quem estavam falando era eu, se a discussão tinha alguma coisa a ver com o aviso de SportsFan.

Hesito e, por fim, pergunto:

– Você está bem?

Logan apoia os cotovelos no gradil e se inclina para ficar mais próximo da minha altura. Abaixo de nós, gritos explodem na mesa de *flip cup*, gritos de comemoração sobrepostos a vaias.

O time na lateral direita da mesa (Cameron, Tyler e Alix) obviamente ganhou. Cam puxa Alix para si e a suspende até que seus pés deixem o chão. Ela inclina a cabeça para baixo e o beija.

Logan desvia o olhar, como se a imagem fosse fisicamente dolorosa. *Ah*, eu penso.

Não estou surpresa. Acho que não tem nenhum cara na escola que *não* seja apaixonado por Alix Maroney. Os únicos que não são provavelmente são apaixonados pelo namorado dela. Uma risada me escapa.

– O que foi? – Logan se vira para mim.

– Nada.

Ele bate o ombro no meu, de brincadeira.

– Diz aí.

Dou de ombros.

– Seu gosto para garotas é previsível.

As faces dele ficam vermelhas. Ele desvia os olhos de Alix e me encara.

– Acho que você não sabe nada sobre meu gosto para garotas.

Meu coração congela quando Logan pousa o copo no gradil e levanta a mão na direção do meu rosto. Ele aninha meu queixo, e meu sangue ferve. Ele se inclina, seus lábios são macios e perfeitos, e morro de vontade de beijá-los. Sei que não seria nada parecido com uma droga de beijo do nono ano dado em um cinema, que é normal querer tanto assim…

Ponho a mão espalmada no peito de Logan. Pare. Ele abre os olhos, confuso.

– Desculpa. Eu pensei…

– Desculpa. Você não pensou errado, é só que eu… – Não consigo olhar para ele, então espio a cena lá embaixo. Tyler está fazendo uma dança da vitória ao redor da mesa e faz mímica de espancar os membros do outro time.

– Novos times! – Gavin grita. – Cadê o Mané?

Prendo a respiração quando as pessoas começam a olhar em volta, à procura de Logan.

– Aqui em cima – ele chama, levando os amigos a começar a cantar "Mané! Mané!"

– Desce aqui! – Gavin Steiger grita, com as mãos em concha, e a voz sai ampliada, como se de um alto-falante. – Traz sua namorada!

Eu me sinto corar, e Logan levanta o dedo médio para Gavin. Ele está igualmente corado quando se vira para mim.

– Parceiros?

Assinto e o sigo para baixo. Sinto que esta noite está se fragmentando em algo diferente, Logan se tornando outra pessoa, agora que o rejeitei. Ele mal olha para mim enquanto ocupamos os lugares que se abriram em uma das laterais da mesa. Quero explicar por que eu o afastei, mas não sei como. É só que alguém anônimo está me mandando e-mails de aviso sobre o time de futebol americano, então me sinto estranha ficando com você sem ter mais informações.

Logan e eu ocupamos os dois lugares vagos à mesa, ao lado de Gavin. Do lado oposto, Gabby está com os braços em volta do pescoço de Chris, enquanto um jogador de futebol do terceiro ano enche de refrigerante os copos do lado deles da mesa.

Observo o copo cheio à minha frente e digo "Estou dirigindo" para ninguém em particular.

– Eu bebo o seu – Logan diz.

Acontece que o jogo só parecia difícil porque todo mundo estava jogando alterado. Garanto a vitória, e Gabby, do lado oposto da mesa, grita e me oferece as duas mãos espalmadas, claramente bêbada demais para se lembrar de que estamos em times adversários.

Os caras do outro lado começam a gritar, exigindo uma nova partida. Antes que eu consiga abrir mão do meu lugar, os puxa-sacos do segundo ano já estão enchendo os copos outra vez. Uma plateia significativa se reuniu ao redor da mesa, seus aplausos competindo com a música que alguém ligou.

A segunda rodada começa, e Chris grita para Gavin que o viu usar as duas mãos para virar o copo. Eu me volto para Logan, que de repente parece muito mais bêbado do que eu supus que estivesse.

Ele está piscando devagar, o olhar não tem foco, e o corpo começa a oscilar.

Meu coração congela.

– Você está bem?

Logan abre a boca. Sua resposta é uma única, arrastada e incompreensível palavra. Estico o braço em sua direção, e ele se apoia na borda da mesa.

O corpo de Logan desmorona no chão, os braços levando junto a mesa de

flip cup. Alguém grita; várias pessoas correm na direção dele. Levo uma cotovelada na costela quando Tyler passa por mim e grita com Logan.

– Ei, cara, para de brincadeira.

– Ele não está brincando. – Abaixo-me ao lado de Logan. O corpo dele tem um estremecimento violento antes que as pálpebras se abram, os olhos arregalados, mas sem enxergar.

– Ele está tendo uma convulsão! – grito por cima da música.

– Ah, meu Deus! – Gabby grita.

Em meio ao caos, encontro os olhos de Tyler.

– Me ajuda a virar o Logan.

Tyler só fica ali parado, então tento virá-lo sozinha, mas ele é muito pesado. Mais alguns gritos, e Cameron e Wes cruzam a galera.

Cameron me empurra de lado e põe as mãos nos ombros de Logan.

– Logan, cara. Olha pra mim.

Eu me levanto e recuo da pequena multidão que se forma em volta do corpo convulsivo de Logan. Não ouço o que Gabby diz para Alix que a leva a berrar:

– Ele não está respirando, porra!

– Alguém liga pra polícia! – digo. Digo outra vez, mais alto, porque claramente ninguém me ouviu. Estou lutando com o celular quando Gavin aparece à minha frente.

– Você é louca, porra? – ele dispara, antes de se virar para as outras pessoas e gritar: – Ninguém vai ligar para a polícia!

– Ele precisa ir para o hospital, idiota! – Gabby grita de volta para ele.

As narinas de Gavin se alargam, e ele dá um passo na direção de Gabby, fazendo a atenção de Chris Valenzuela se desviar de Logan.

– Mas que porra é essa, cara? – Chris diz, dando um passo na direção de Gavin, apesar de este ser uma cabeça mais alto que ele e, provavelmente, vinte quilos mais pesado.

Eu não vou deixar Logan morrer no chão da sala de estar de Tyler enquanto esses idiotas se socam mutuamente.

– Eu posso levar o Logan ao hospital. Estou sóbria – grito.

Cameron olha para mim, o pânico em seus olhos diminuindo um pouco. Ele concorda com a cabeça.

– Alguém me ajuda aqui – ele grita, deslizando as mãos por baixo dos ombros de Logan.

Tyler pega os pés dele, e Wes grita para que as pessoas liberem a porra da passagem. Eu os sigo para fora e aperto a chave até o carro da mamãe apitar.

Tyler, Cameron e Wes seguem o som até o carro, o corpo amolecido de Logan inclinado na direção do chão. Corro na frente até onde estacionei e abro a porta de trás, para que os meninos possam deitar Logan.

– Espera. – Alix desce a rua correndo, enquanto estão acomodando Logan no carro. – Alguém deveria ir atrás com ele.

Sento no banco do motorista e fecho a porta. Estou plenamente consciente de Alix, Tyler e Cameron discutindo junto à porta traseira, do corpo sem vida de Logan estendido no banco.

– Eu vou dirigir – grito para eles. – Então, ou entrem ou saiam da frente.

Alix entra e bate a porta no mesmo instante em que piso no acelerador.

Quando estamos fora do condomínio, eu finalmente recupero a voz.

– Não sei chegar ao hospital.

– À esquerda no semáforo – Alix diz.

Ela não me dá outras instruções, nem precisa. Estamos na Hospital Road. À esquerda, surge o Greater Hudson Hospital, uma placa luminosa apontando a entrada do pronto-socorro.

Paro na área de desembarque da emergência e, antes de desligar o motor, um guarda já está ao lado do carro.

– Ajuda – digo.

O guarda passa um rádio pedindo uma maca. Alix sai do carro quando dois paramédicos chegam correndo e tiram Logan do banco de trás.

Enquanto levam Logan, o guarda me direciona para uma vaga de visitantes. Pego minhas coisas, tranco o carro da mamãe e vou para o pronto-socorro. As portas automáticas se abrem para mim, o golpe do ar-condicionado eriçando os pelos do meu braço.

Logan não está à vista. Alix está sentada na área de espera, braços em volta de si mesma, uma enfermeira na cadeira a seu lado, tomando notas em uma prancheta. Vou até elas.

– Eu não sei – Alix está dizendo. – Eu não estive com ele a noite toda.

A mandíbula da enfermeira se tensiona.

– Querida, vou perguntar mais uma vez, porque isso pode salvar a vida do seu amigo. Você sabe quanto ele bebeu esta noite?

– Ele só tomou uma ou duas cervejas antes do jogo de *flip cup* – Alix diz.

– Tem certeza? – A expressão da enfermeira diz o que eu mesma estava

pensando: umas poucas cervejas não fariam aquilo com uma pessoa do tamanho de Logan.

Ela tem mais perguntas e me obriga a reviver cada momento da convulsão de Logan. Pelo sistema de alto-falantes, uma mulher repete o chamado para que a equipe de pronto atendimento vá à emergência. Ao meu lado, Alix começa a tremer.

– Ele tem algum distúrbio convulsivo? – a enfermeira me pergunta.

Olho para Alix, que nega com a cabeça.

A enfermeira rabisca alguma coisa no papel.

– E quanto a alergias?

Alix parece não ter ouvido. Pouso a mão no joelho dela.

– Logan tem alguma alergia?

– Não. Eu não sei. – Alix desmorona, as lágrimas escorrem.

A enfermeira suspira e olha para as anotações.

– Philbrick. A mãe dele é Valerie?

Alix assente, e a expressão da enfermeira desaba.

– Ela trabalha na radiologia. Talvez esteja de plantão esta noite. – A enfermeira se levanta, e meu estômago cai até o pé quando penso na mãe de Logan recebendo esse chamado.

Alix não volta a falar até que a enfermeira retorne à escrivaninha da recepção e nos deixe a sós.

– Ele precisa ficar bem – ela cochicha.

Penso em como Logan estava imóvel no banco de trás, em como ele parecia não estar respirando quando os amigos o puseram no carro. Levamos menos de seis minutos para chegar ao hospital. Quero procurar quanto tempo um cérebro aguenta sem oxigênio, mas não quero que Alix veja e fique mais triste do que já está.

Alix enxuga as lágrimas e pega o telefone, que vibra sem parar desde que nos sentamos. Ela responde a Cam 🐾🏈🐾, os dedos voando por cima da tela, as unhas pintadas, alternadamente, de azul e amarelo.

Levaram o Logan. Não sei mais nada agora

A resposta de Cameron é imediata.

Eu deveria estar aí.

Alix me flagra lendo. Ela escurece a tela e pousa o celular no colo. Após um instante, diz:

– Eles podem ser expulsos do time por beber.

A voz dela é defensiva, como se pudesse me ouvir concordando em silêncio com seu namorado. Logan é o melhor amigo de Cam. Ele deveria estar aqui.

– Os treinadores realmente expulsariam todos eles? – pergunto.

– O irmão do Cam leva isso muito, muito a sério. E se Wake Forest descobrir que ele se meteu em encrenca…

Cameron pode não entrar. Ele seria o primeiro irmão Burnham a não jogar futebol americano em Wake Forest, e tudo por causa de uma festa idiota.

– Alix – digo –, o Logan pode morrer.

– Não diga isso. – Ela enxuga os olhos. Nas costas da mão, em tinta azul, está o número da camisa do Cameron, com um coração desenhado em volta. – A gente nem sabe…

Ela se interrompe antes de dizer "o quanto é grave". Nós duas vimos a cor dos lábios do Logan quando os paramédicos o puseram na maca.

Isto está bem, bem sério.

Alix apoia os pés em cima da cadeira e encosta a testa nos joelhos. Após um momento, levanta-se abruptamente.

– Preciso mijar.

Quando ela se afasta, desbloqueio o celular. São quase dez. Preciso estar em casa em uma hora.

Alix volta e ficamos sentadas em silêncio, observando as portas pelas quais levaram o Logan. Mais quarenta minutos se passam, e a única atividade na sala de emergência é uma mulher que cambaleia, gritando que, desta vez, não vai esperar três malditas horas para ver um médico.

Depois que o guarda a acalma e a enfermeira retorna, após tê-la levado de cadeira de rodas para a triagem, Alix se levanta.

– Eu vou só perguntar se eles sabem o que está acontecendo.

Quando está indo para o balcão da recepção, alguém chama seu nome. Eu me viro a tempo de ver Cameron Burnham entrar pela porta da emergência.

Alix corre para ele e desaba em seus braços. Ela está chorando, finalmente, pequenos soluços que parecem socos na costela. Cameron a beija na cabeça e

fica assim, os lábios pousados nos cabelos dela, antes de lhe tomar a mão e levá-la de volta para as cadeiras da sala de espera.

Cameron trocou de roupa. Sinto cheiro de hortelã quando ele olha para mim e faz com a boca, sem som: Obrigado. Assinto, compreendendo o que está acontecendo. Não sou mais necessária aqui.

Mamãe não acorda quando chego, apesar de o carro dela apitar ao ser trancado, como se estivesse tentando avisar a vizinhança toda, e de a escada ranger tão alto sob meu peso que acho que a casa vai desmoronar inteira.

Mantenho a luz do quarto apagada e tiro a roupa. A quantidade de adrenalina correndo pelo meu corpo faz com que vestir o pijama seja um desafio. Ponho um braço pela gola da camiseta, meu corpo tremendo como um diapasão.

Durmo entre surtos de agitação, entre consultar o celular em busca de uma atualização de Alix sobre Logan e checar as redes sociais para ver se alguém falou alguma coisa ou ouviu alguma coisa. Das pessoas da escola, eu só sigo Alix e Gabby, e nenhuma publicou nada em vários dias. As contas de todas as outras pessoas são privadas, incluindo a de Tyler, que era pública até outro dia.

Não vá à festa do Tyler amanhã.

A lembrança da mensagem de SportsFan me atinge como uma picape Mack e me desperta totalmente. Eu me sento na cama, o coração aos pulos, e pego o celular na mesinha de cabeceira. Passa um pouco das quatro da madrugada.

Esfrego os olhos até minha caixa de entrada ficar em foco e digito uma mensagem para SportsFan.

Você estava lá ontem à noite?

A mensagem volta sem resposta. A conta SportsFan@gmail.com não existe mais.

---

[4] Jogo em que cada participante deve usar apenas os dedos para virar de cabeça para baixo os copos sobre a mesa. A equipe que virar todos os copos primeiro vence (N.T.)



Capítulo Seis

A luz se infiltra através da cortina e me acorda com um sobressalto. Não sei como, mas são quase nove da manhã. Não fechei totalmente a porta ontem à noite, com medo de que o barulho acordasse mamãe, e agora tem gente conversando lá embaixo.

Duas pessoas: mamãe e um homem desconhecido. Não consigo ouvir o que estão dizendo, mas a conversa é acelerada, as vozes se sobrepondo.

As últimas doze horas me voltam em gotas, depois tudo de uma vez: Logan sendo colocado em uma maca. Os gritos de Alix. O olhar no rosto da enfermeira quando soube que Logan era filho de uma colega.

Eu me arrasto para fora da cama e me movo lentamente, como um gato, até a janela acima da escrivaninha. Na nossa entrada para carros está uma SUV preta que nunca vi.

Os pontos rangentes do chão do quarto são como minas terrestres, e ainda não memorizei onde se localizam. Quando chego à mesa de cabeceira, onde meu celular está carregando, a madeira geme sob meus pés.

Para além da porta do meu quarto, as vozes se calam. Depois, a voz da minha mãe sobe pela escada:

– Hadley?

Enfio um moletom limpo e subo o zíper até o queixo, lembrando que estou sem sutiã.

– Já estou indo.

Há um homem no sofá da sala. Quarenta e poucos anos, talvez, pele bronzeada, cabelo e sobrancelhas espessos, escuros. Ele me oferece um sorriso

de lábios apertados. Minha mãe está de pé, virada na minha direção, braços cruzados no peito, como se também não tivesse tido tempo de colocar sutiã.

– Este é o sargento Mejia – ela diz. – Ele quer conversar com você sobre ontem à noite.

A voz de mamãe deixa claro que serei a feliz proprietária de um novo problema assim que esse homem for embora. Abro a boca para me defender, quando o agente Mejia se remexe no sofá.

– Você não está encrencada, Hadley – ele diz depressa. – Você fez a coisa certa e provavelmente salvou a vida de Logan.

– Ele está bem? – pergunto.

– Ele está estável. Não sei muito mais do que isso.

A expressão de Mejia faz o fundo do meu estômago se revirar. Logan pode morrer, e Tyler Curtin vai se meter em um milhão de problemas por ter dado aquela festa. Um sargento da polícia não estaria na minha sala se essas coisas não fossem verdade.

Mejia. O nome espeta meu cérebro, e me lembro do artigo sobre o pai de Peter, o policial que atirou no primeiro suspeito dos assassinatos das animadoras de torcida e o matou.

A única coisa que eu fiz foi ir a uma festa. Como diabos vim parar nesta situação?

Não consigo evitar olhar para mamãe. Apesar de ter escutado que eu posso ter salvado a vida de Logan, ela está pálida, com manchas vermelhas aparecendo no pescoço. Sem dúvida, está se lembrando da última vez que um policial apareceu na nossa casa.

O telefone de mamãe toca, e ela o tira do bolso de trás. O que ela vê na tela a faz soltar um barulho, como ar escapando de uma válvula de pressão.

– É o senhor Sebastian. Preciso atender.

O diretor está telefonando para mamãe em um domingo de manhã. Isto não é só uma festa de escola que saiu do controle. É uma crise. Engulo, com dificuldade, o nó cada vez maior que se forma na minha garganta.

Quando mamãe pede licença, Mejia diz:

– Hadley, pode me contar o que vocês estavam fazendo antes de Logan convulsionar?

– A gente estava jogando *flip cup*.

– E como Logan estava? Ele reclamou de se sentir mal?

– Não, de jeito nenhum – digo. – Do nada, ele pareceu meio fora do ar.

Daí, simplesmente desabou.

Na cozinha, a velocidade da voz de mamãe aumenta, o que significa que ela está ficando brava. Ouço o som da porta dos fundos se abrindo, depois se fechando, e tudo fica em silêncio.

A voz de Mejia é gentil e me traz de volta.

– Você por acaso reparou em quanto Logan bebeu ontem à noite?

– Eu cheguei lá depois de todo mundo, então não sei – digo. Meu estômago se contrai à lembrança da bebida no hálito dele, seus lábios a poucos centímetros dos meus. O que tinha no copo dele? – Acho que ele tomou alguma coisa misturada com refrigerante. Certamente não era cerveja.

Mejia assente, a expressão indecifrável.

– E quanto aos copos do *flip cup*? Quantas cervejas Logan tomou, mais ou menos?

– Ele bebeu por mim, então calcule o dobro do que todos os outros beberam durante a primeira rodada. Ele só tomou um copo durante a segunda partida, antes de cair.

Mejia inclina ligeiramente a cabeça.

– Você não gosta de cerveja?

– Eu estava dirigindo.

O sargento Mejia assente.

– E levar Logan ao hospital foi ideia sua?

Eu hesito.

– Tipo isso.

As sobrancelhas dele se levantam. Olhando com atenção, vejo um único pelo grisalho em uma delas.

– Hadley, não se preocupe com causar problema a outra pessoa. Eu sei que todo mundo estava provavelmente muito bêbado na noite passada.

– Ninguém queria chamar a ambulância – digo. – E pensei que ele precisava muito de uma.

Mejia assente, a mandíbula tensa. Ele parece querer dizer mais alguma coisa, mas, em vez disso, se levanta.

– Acho que é só isso, por enquanto. Agradeço sua honestidade.

– Espera – digo.

As mãos de Mejia se afundam nos bolsos. Seus olhos estão tristes, como se ele soubesse o que estou prestes a perguntar.

– Você falou que o Logan está estável. O que isso quer dizer? Ele vai se

recuperar?

– É cedo demais para dizer. Ele está em coma.

Mal o sargento Mejia sai pela porta, mamãe pega a chave do carro.

– Aonde você vai? – pergunto.

Ela sumiu para se vestir depois da ligação com o senhor Sebastian. Arruma a gola da camisa e afofa o cabelo por cima do ombro.

– Ao hospital. – Mamãe guarda o telefone na bolsa e me encara. – Não atenda à porta para ninguém que você não conheça, está bem?

– Tipo quem? – pergunto.

O rosto dela está rígido.

– Alguém que possa querer um comentário meu.

Mamãe sai e tranca a porta. Será que algum repórter poderia realmente aparecer aqui, na nossa casa, tentando obter informações sobre Logan?

Não preciso pensar muito na resposta. No blog do jornal local, há uma seção especial dedicada à cobertura dos Tigers. Quando vazar a notícia de que um astro do time está em coma, todo mundo em um raio de cinquenta quilômetros vai querer saber o que houve com Logan.

E o que *houve* com Logan? O agente Mejia perguntou quanto ele tinha bebido. Até onde eu sei, Logan poderia estar totalmente bêbado quando cheguei, e ser muito bom em disfarçar. Mas excesso de álcool poderia causar uma convulsão e levar ao coma alguém do tamanho de Logan?

Volto para o quarto e abro meu e-mail. Eu não imaginava, na noite passada, que SportsFan apagaria a conta. Teria feito isso depois de Logan passar mal? Ou teria apagado antes da festa, e eu só reparei quando tentei mandar um e-mail?

Eu me pergunto se deveria ter mencionado para o agente Mejia os e-mails e a conta deletada. Vou e volto nesse pensamento, antes de concluir que ele certamente me acharia insana por acreditar que estão relacionados.

Não há a menor chance de SportsFan ter me dito para não ir à festa por saber que Logan Philbrick estaria em coma ao fim da noite.

* * *

Mamãe vai ao escritório no domingo de manhã. Ainda não há notícias sobre o estado de Logan, mas ela e o senhor Sebastian precisam definir como contar a todos os pais do distrito escolar que um aluno do último ano está em coma depois de uma festa, e ninguém sabe por quê.

Passo o dia organizando a lição de casa e fazendo pesquisas inúteis no Google, esperando que haja uma forma de decodificar o endereço de IP de SportsFan para ter mais informações sobre quem é a pessoa. Mas não há nada que eu possa fazer, exceto interrogar todos os alunos da escola sobre qual é a operadora deles e tentar determinar qual, entre as centenas de adolescentes que usam a Verizon, teria razão para me mandar um aviso enigmático sobre a festa.

Vou dormir às nove da noite, mas, quando o alarme toca pela manhã, sinto que não dormi nada.

A sala da orientação, na segunda de manhã, parece um velório, e dos mais vazios.

O senhor Fiorella franze a testa enquanto marca as presenças.

– Onde está todo mundo?

Erica Stanbury o encara como se ele fosse o babaca mais insensível do mundo, só por ter a falta de noção de perguntar.

– O time está na casa de Logan. Estão aparando a grama e fazendo faxina, para a mãe dele não precisar se preocupar com nada.

Erica não consegue nem pronunciar o nome de Logan sem cobrir a boca, como se estivesse à beira de vomitar. Ela recua para o fundo da sala, onde um grupo de meninas se abraça e se conforta mutuamente, o choro quase abafando o ruído do sistema de alto-falante, que começa a funcionar. A voz que chega pela caixa de som não é a do aluno que preside o conselho estudantil, que em geral faz os anúncios da manhã.

– No primeiro horário, haverá uma reunião obrigatória para todos os alunos do terceiro e do último anos – o senhor Sebastian diz.

A voz do diretor distrai momentaneamente as meninas de seu desespero. Sebastian nos instrui a ir para a primeira aula antes, para marcar presença. Um pânico abafado percorre a sala, e ouço Madison Reilly, a melhor amiga de Erica, cochichar:

– Eles querem conversar com todo mundo que foi à festa.

Essa informação arranca Erica da tristeza.

– Como assim?! Eles podem fazer isso?

Minha professora de Biologia está do lado de fora da sala, que fica no

corredor, depois do auditório. Ela marca nossa presença uma a uma na folha de chamada e nos manda para o auditório. Ando até lá sozinha, e um professor me conduz a uma fileira vazia no mezanino.

Alguém cutuca meu ombro. Viro e vejo Gabby sentada atrás de mim, enquanto Chloe se acomoda na cadeira ao lado dela.

– Ei – Gabby diz.

– Oi – respondo. – Alguma de vocês já ouviu alguma coisa?

– Alix e Cam passaram no hospital ontem à noite. – Gabby passa a manga do moletom sobre o olho. – A coisa está feia.

A expressão de Chloe é sombria quando olha para além de mim. Gabby inspira fundo, e percebo que toda a sua força de vontade está em não chorar. Gabby não quer ser como as meninas histéricas da minha sala da orientação, embora seja amiga de Logan Philbrick e tenha todos os motivos do mundo para estar triste.

– Ele nem bebeu tanto assim – Chloe diz suavemente.

Antes que Gabby possa responder, a senhorita Rosales, minha professora de ginástica, aparece na ponta da fileira.

– Senhorita Santiago – ela late.

Aponta para o moletom de Gabby, onde se lê: BABACAS VIVEM PARA SEMPRE. Gabby o tira, enquanto a senhorita Rosales pede silêncio aos alunos do terceiro ano, que vão preenchendo minha fileira.

Eu me viro e olho para o palco. O senhor Sebastian está lá em cima, de rosto sombrio, junto com o treinador Murray. Dylan Burnham sobe no palco, acompanhado pelo senhor Demarco e pela senhorita Flores, orientadores dos alunos do último ano. A senhorita Flores vira a cabeça e diz algo ao treinador Burnham que o faz assentir, o rosto geralmente alegre agora abatido e desolado sob a luz crua do palco.

Um homem conhecido vai para o palco, pula o cabo do microfone, e percebo que é o sargento Mejia. Ao meu lado, uma aluna do terceiro ano cochicha para a amiga: "Alerta de tira gostosão", levando a senhorita Rosales a se aboletar no assento vago ao fim da fileira.

– Bom dia – Mejia diz ao microfone.

Ele puxa o cabo do microfone, e um apito estridente de microfonia atravessa o auditório.

– Eu sou o sargento Mejia. Serei breve, porque sei que o treinador Burnham quer falar com vocês sobre formas de apoiar a família Philbrick. Sabemos que

entre quarenta e cinquenta estudantes compareceram à festa no sábado à noite. Se você estava lá e ainda não conversou conosco, precisamos que entre em contato.

Três quartos dos alunos no auditório parecem aliviados. Para variar, valeu a pena ter faltado. Vejo Peter Carlino na seção da orquestra, sentado entre os meninos que têm aula de banda neste salão.

– Ninguém; eu repito: ninguém será punido por beber – Mejia diz. – Não se trata disso. Um jovem está em coma, e nós precisamos entender como isso aconteceu.

Quando ele diz "coma", as pessoas cochichando com o vizinho de assento se calam. Em algum lugar da plateia, há fungadas e um discreto gemido.

– Se você esteve lá, venha falar comigo – o sargento Mejia continua. – Não me importa que você não tenha visto nada ou pense que não sabe nada. Mesmo assim, eu ainda preciso falar com você. O treinador Murray me emprestou a sala do atletismo hoje. Venha a qualquer hora. Você terá dispensa da aula, e nenhuma pergunta será feita. Obrigado.

Mejia assente e dá um passo para trás, como se não soubesse para onde ir agora que o discurso acabou.

O senhor Sebastian pega o microfone do sargento Mejia e começa a falar.

– Até esta manhã, não recebemos atualizações sobre o estado de Logan. Os estudantes devem evitar especulações, especialmente em redes sociais…

Ignoro o diretor. Olho para Dylan Burnham, que está com os braços cruzados em frente ao peito. A preocupação que castiga seu rosto espelha a de todos os professores enfileirados nas laterais do auditório. Eles estão calados, sombrios, como se tivessem captado algo que Mejia disse, algo que escapou aos estudantes, que cochicham com os amigos, em pânico, sobre admitirem que estiveram na festa.

Nós precisamos entender como isso aconteceu.

Soa como se eles achassem que o que aconteceu com Logan não foi um acidente.

Vou para a sala da Kirk antes do almoço. Teoricamente, haveria uma reunião do jornal hoje à tarde, mas não sei se isso mudou. Na verdade, eu só quero perguntar a ela se sabe algo sobre Logan, apesar da insistência do senhor

Sebastian em não haver notícias sobre o estado dele.

Bato à porta, e Kirk levanta a cabeça do computador, a testa brilhando, o cabelo castanho cheio de frizz, domesticado por uma bandana. Ela parece não dormir há vários dias.

– Precisamos reagendar – ela diz. – Tem reunião do corpo docente depois da aula.

Eu esperava isso, mas fico desapontada mesmo assim. Realmente, não sei o que fazer para me distrair hoje, sem a reunião do jornal. Cada instante de silêncio é rapidamente preenchido pelo som de Alix gritando, a imagem dos lábios brancos de Logan enquanto o levavam para o carro.

– Você soube de alguma coisa? – pergunto. – Sobre Logan?

Kirk abana a cabeça.

– Pode levar algum tempo antes que eles saibam a extensão do dano.

O dano ao cérebro de Logan, ela quer dizer. Um cérebro que ficou sem oxigênio por vários minutos, enquanto os amigos e colegas de time discutiam sobre como levá-lo ao hospital. O pensamento dispara um tremor tão forte nos meus joelhos que preciso me sentar na cadeira mais próxima da porta da sala.

– Você está bem? – Kirk pergunta.

Confirmo com a cabeça e engulo em seco para limpar a garganta.

– Você acha que devo acrescentar alguma coisa à minha matéria? Talvez depois das aspas do Logan?

Kirk aperta o alto do nariz, entre os olhos.

– Não. Daí a matéria começa a ser outra coisa.

– Nós deveríamos ao menos mencionar o Logan em algum lugar – digo.

Kirk retira a bolsa da gaveta trancada da escrivaninha e se levanta.

– A equipe de dança está organizando um levantamento de fundos para o Logan. Eu vou descobrir os detalhes, e você pode acrescentar ao fim do seu artigo, como uma nota do editor.

Uma nota do editor. Não uma nota da autora. Não quero exagerar na interpretação disso, mas minha voz falha quando respondo.

– Tá bem.

O sinal toca, e Kirk espia o relógio enquanto tira a chave da bolsa.

– Vou enviar os artigos que já recebi, para que você possa editar e salvar como rascunhos no blog. Mando os dados de acesso também.

Eu sei que apenas Kirk e o editor-chefe têm acesso às informações de login do blog.

– Tem certeza? – pergunto.

Kirk sustenta meu olhar, compreendendo o que estou perguntando.

– Absoluta. Parabéns, editora-chefe.

Isso é tudo que eu sempre quis, desde que era caloura: ser editora-chefe do jornal da escola; mas não me sinto muito festiva quando me sento na sala e abro o laptop.

Não consigo parar de visualizar o corpo sem vida de Logan no assento traseiro do carro da minha mãe, nem o sargento Mejia, quando ele pediu que as pessoas se apresentassem para contar o que viram na festa.

Afasto os pensamentos e abro o e-mail. Conforme prometido, Kirk me encaminhou os rascunhos das poucas pessoas que os entregaram a tempo, assim como os dados de acesso para o blog do jornal.

Quando a primeira página termina de carregar, meu coração dá um pulo. Kirk já copiou e colou meu artigo sobre o time de futebol americano no cobiçado lugar da primeira página do jornal.

Releio minhas palavras, o poço fundo de medo em minhas entranhas ficando ainda mais largo quando leio as aspas de Logan.

> Para Logan Philbrick, uma terceira vitória consecutiva teria um significado mais pessoal. Ele valoriza o falecido treinador Burnham por tê-lo incentivado a se manter jogando, e reconta como Dylan Burnham abrigou pessoalmente um jogador ameaçado de perder a casa, bem como possivelmente ser obrigado a se mudar do estado para uma escola sem time de futebol americano. "Todas as pessoas daquela família seriam capazes de tirar a roupa do próprio corpo para dar a alguém", Logan diz.

Penso em como Cameron ficou para trás no sábado à noite, em como todos os colegas de time de Logan pareciam mais interessados em não ter problemas por terem bebido do que em conseguir ajuda. Eu me lembro de Gavin Steiger gritando comigo que eu era uma porra de uma louca por querer chamar uma ambulância, do pânico na voz de Tyler quando ele pensou que Logan estava fingindo a convulsão.

O som da porta se abrindo às minhas costas me faz dar um pulo. Saio da página onde estou navegando, enquanto Peter entra na sala, estojo do trompete em uma mão, saco de papel pardo com lanche na outra. Ele se joga na cadeira vizinha à minha.

– Por que tão assustada? – O cabelo de Peter está grudado na testa, como se ele não tivesse se dado ao trabalho de pentear ao sair do banho nesta manhã.

– Todo mundo não está, no momento? – Concentro minha atenção no laptop, fingindo estar absorta no artigo de Hanna Lim sobre o time feminino de tênis.

Ao meu lado, Peter parece estar abrindo o papel-alumínio do sanduíche do jeito mais barulhento possível. Em questão de segundos, a sala está cheirando a salsicha e queijo.

– O que você está fazendo? – ele pergunta.

Mantenho o foco na tela.

– Kirk me pediu para olhar os rascunhos de todo mundo.

– Ela ainda quer publicar esta semana?

– É o que parece.

– Será que não deveríamos esperar um pouco? – Peter diz. – Ninguém vai nem notar, nem se importar, considerando…

– Considerando que Logan está em coma? Bacana, Peter.

– Eu não estou tentando ser insensível.

– Bem, mesmo assim você conseguiu.

Não planejei que as palavras saíssem tão agressivas. Porque, sinceramente, hoje quero socar a cara de Peter menos do que em geral. Talvez porque eu esteja um pouco traumatizada pela noite de sábado, e Peter Carlino invadindo meu espaço pessoal com seu hálito de frios seja algo normal a que meu cérebro pode se agarrar e se iludir, pensando que esta é uma segunda-feira comum e que Logan Philbrick não está em coma.

De sua parte, Peter parece inabalado pelo meu tom.

– Kirk te deu os dados de login do blog?

– Deu.

O rosto dele é inexpressivo quando enfia a bola de papel-alumínio no saco do lanche.

– Você conseguiu, então.

Paro de rolar a página.

– Suponho que sim.

Peter não diz nada enquanto luta com o canudinho do suco. Sei que conquistei ser editora-chefe e que não tenho razão para me desculpar por isso, mas as palavras jorram.

– Sinto muito.

Peter finalmente perfura a caixinha com o canudo. Suga todo o conteúdo de uma vez só antes de dizer:

– Não sinta. Só podia ser você.

Não sei dizer se isso é um elogio ou uma provocação, então não digo nada.

Peter joga a embalagem vazia na lixeira.

– O que você achou da reunião?

– Não sei. É estranho que nenhum dos colegas de time estivesse lá.

Peter abre um saco de salgadinho.

– Suponho que eles tiveram uma reunião própria ontem.

– Do que você está falando?

Peter mastiga um salgadinho.

– Ouvi dizer que Dylan Burnham chamou o time todo para a casa dele, para tentar entender o que aconteceu.

– Por que ele precisaria entender o que aconteceu? Todo mundo não acha que Logan teve uma intoxicação alcoólica ou uma convulsão? – pergunto.

Encaro Peter, lembrando as palavras que Mejia usou na reunião: "Não me importa que você não tenha visto nada". O que ele pensa que alguém poderia ter visto que explicaria por que Logan está em coma?

Peter baixa o saco de salgadinho.

– Se eu contar uma coisa, promete não contar a ninguém?

Encaro Peter, a expressão grave que ele tem no rosto.

– Juro, não contarei – digo.

Peter enfia a mão no saco de salgadinho.

– Aquele detetive na reunião hoje de manhã? Ele é o melhor amigo do meu pai.

– Detetive? – Meu coração perde um batimento. – Pensei que ele fosse sargento.

– Bom, ele não é tecnicamente um detetive; nosso departamento de polícia não tem detetives – Peter diz. – O sargento investiga crimes. Seja como for, eu estava na casa do meu pai ontem e ouvi Mike e ele ao telefone.

– E falaram sobre o quê?

– Eu só escutei o que meu pai falou, mas ele perguntou sobre o exame toxicológico do Logan – Peter diz. – Não sei o que Mike contou, mas meu pai ficou chocado.

Meu estômago se contrai quando ouço "exame toxicológico".

– Espera. Como o Mike tem permissão para conversar sobre esse tipo de

coisa com o seu pai?

– Provavelmente, não tem. Só que, pelo visto, os treinadores de futebol americano sabiam o que havia no exame toxicológico do Logan antes mesmo que Mike tivesse a chance de analisar tudo. – Peter evita meu olhar enquanto espana migalhas de salgadinho dos joelhos. – Mike ficou muito puto.

– Quem contou aos técnicos o que havia no exame? – *E por que isso seria da conta* deles*?*

Peter dá de ombros.

– Poderia ter sido qualquer pessoa. Alguém do hospital, um funcionário do departamento de polícia.

– Mas por que essa pessoa faria isso? – Eu já ouvi o suficiente dos podcasts de crimes reais que minha mãe escuta para saber que a polícia precisa manter as informações em sigilo nos primeiros estágios da investigação.

– Para que Murray e Burnham pudessem fazer controle de danos, suponho – Peter diz, sombrio.

Penso na rapidez com que os caras se mexeram para limpar a casa, em como Gavin gritou comigo por eu querer chamar uma ambulância. Talvez eu reagisse da mesma forma se tivesse tanto a perder quanto eles: uma festa idiota poderia destruir toda a carreira que eles construíram durante o Ensino Médio.

Mas faz sentido para mim que os treinadores tenham acesso ao exame toxicológico de Logan ao mesmo tempo que a polícia. O fato de Mejia estar aqui hoje, pedindo que as pessoas se apresentem, significa que ele acha que alguém na festa sabe exatamente o que aconteceu com Logan.

– Eles acreditam que tenha sido uma overdose? – pergunto. – Tipo, tinha drogas no exame?

– Eu não sei – Peter diz. – Isso explicaria por que Mike está tratando isso como uma investigação criminal.

Quando recupero a voz, digo:

– Eu conversei com ele ontem de manhã. Ele foi lá em casa.

Peter franze o nariz.

– Espera: por quê?

– Fui eu que levei o Logan de carro ao hospital no sábado à noite. Eu e Alix Maroney.

– Você estava na festa? – As sobrancelhas de Peter se juntam.

– Acredite se quiser, fui convidada – digo. – Pelo Logan.

Não sei por que acrescentei essa segunda parte. Peter reflete sobre essa

informação enquanto mastiga mais um salgadinho.

– Bem, e parecia que ele estava consumindo drogas? – Peter pergunta, após um momento.

– Não – digo. – Ele estava agindo normalmente.

Então me ocorre que eu poderia ter dito a mesma coisa sobre meu próprio pai, logo antes de ele ser preso. Eu deveria saber, por experiência, que as pessoas conseguem consumir drogas e ainda assim agir normalmente.

Recordo minha conversa com Logan no andar de cima. Logan parecia, sim, um pouco distraído, talvez contrariado com alguma coisa. Mas ele não parecia sob o efeito de nada.

Meu cérebro volta àquele aviso por e-mail, para que eu não fosse à casa do Tyler.

– Você se lembra daquele dia – digo – em que perguntei se você estava me mandando e-mails anônimos?

Peter levanta os olhos para mim, uma interrogação se formando entre suas sobrancelhas. Abro a troca de e-mails com SportsFan e entrego o celular a Peter. A tela do aparelho se reflete nos óculos dele enquanto ele lê, rola a página, a testa se franzindo.

– Você tem alguma ideia de quem possa ser? – pergunto.

– Não. – Ele me devolve o telefone. – Eu pareço ter experiência em e-mails anônimos assustadores?

– Não. Mas você conhece as pessoas aqui melhor do que eu. – Guardo o celular. – Quem faria uma coisa dessas?

– Não sei, mas você precisa contar ao Mike sobre esses e-mails.

– Por quê?

– Essa pessoa disse para você se afastar do time de futebol americano, avisou para você não ir à festa e depois apagou a conta. – Peter me encara. – Para mim, parece que essa pessoa sabia que algo ruim ia acontecer.

Pelo resto do dia, não consigo pensar em nada além do que Peter falou.

Nenhum professor espera que a gente trabalhe ou consiga se concentrar. Tento escutar a conversa cochichada entre meus colegas de turma, mas está claro que ninguém sabe de nada. O foco parece ser quem estava na festa e foi conversar com o sargento Mejia hoje e quem mentiu dizendo que estava, só

para sair da sala.

Tenho ginástica no último horário. Deveríamos correr um quilômetro e meio hoje, mas está chovendo de novo, então estamos do lado de dentro, praticando saques de vôlei. Parece que só metade da minha turma está aqui, e os que não estão na rede estão sentados na arquibancada, sussurrando freneticamente com amigos ou enterrados nos celulares.

Gabby Santiago está sentada sozinha. Ela não trocou de roupa para a ginástica, ainda está usando o short jeans que vestia na reunião da manhã e trocou o moletom que ofendeu a senhorita Rosales por um dos Tigers, que quase engole seu corpo todo. Nossos olhares se encontram, ela levanta a mão e acena.

Vou até lá e me sento ao lado dela.

– Cadê a senhorita Rosales?

– Madison começou a hiperventilar, então ela a levou para a enfermaria. – Gabby revira os olhos. – Ela saiu com Logan na oitava série e aparentemente nunca o esqueceu.

– Credo – digo, incerta sobre qual resposta ela espera.

Gabby se inclina, apoia os cotovelos nos joelhos. Massageia os olhos, os cílios sem rímel. Nunca vi Gabby sem maquiagem, e seu cabelo, geralmente solto em ondas sedosas, está amarrado em um coque alto e sem graça.

– Sinceramente, não consigo lidar com o fato de todo mundo estar agindo com esse exagero – ela diz. – Tipo, a qualquer segundo a gente pode ficar sabendo que ele acordou.

Do lado oposto do ginásio, a turma do senhor Russell se reúne em volta de uma rede de badminton. É um misto de alunos do primeiro e do segundo anos, estranhos e barulhentos. Um moleque atinge o outro na bunda com a raquete, levando o senhor Russell a soprar o apito.

Penso de novo sobre quase todos os jogadores de futebol americano estarem ausentes hoje. Erica disse que eles estão ajudando a mãe de Logan, mas e se houver outra razão? E se eles soubessem que a reunião ia acontecer e estivessem tentando evitar conversar com o sargento Mejia?

Baixo a voz para que só Gabby consiga me ouvir.

– Você captou uma sensação naquela reunião?

– Que tipo de sensação?

– Como se eles pensassem que alguém fez Logan passar mal.

Gabby hesita, seu olhar vai para as meninas na rede de vôlei. Erica Stanbury

aninha a bola no peito, fala depressa e intensamente com Madison e Chloe Vitelli, que analisa a ponta da trança com uma expressão compenetrada.

Gabby desvia o olhar delas e observa as sandálias Havaianas, as unhas dos pés pintadas de rosa neon. Daqui a uma hora, seus pés estarão envoltos em meias-calças, enfiados nos tênis de jazz.

– Promete que não vai contar para ninguém?

Conheço Gabby Santiago bem o suficiente, a esta altura, para saber que ela já contou a outras dez pessoas o que está prestes a contar para mim.

– Prometo – digo.

– Foi colírio – Gabby diz. – O que fez Logan passar mal.

A pele da minha nuca se arrepia. Nem Peter sabia o que havia no exame toxicológico de Logan, mas Gabby, de algum modo, sabe. Não pergunto de quem ela ouviu isso; sem dúvida, o time todo de futebol americano sabe.

Gabby tira o celular do bolso do short. Insere a senha e rola a tela para cima, para me mostrar a página do Google que estava aberta.

– É este nome.

Absorvo a palavra em negrito na tela de Gabby: *tetraidrozolina*. Antes que eu consiga ler mais alguma coisa, Gabby enfia o telefone de volta no bolso da frente.

– Por que alguém ia querer fazer isso com ele? – pergunto.

Os ombros dela se tensionam. Ela baixa os olhos para o arco-íris de pulseiras que traz no punho e gira as contas de letras, que formam "GABS", para que fiquem de frente.

– Deve ter sido um acidente.

– Como é que alguém põe colírio na bebida de outra pessoa por acidente? – pergunto.

– Não… quero dizer, eu não acho que era para ele passar mal. – Gabby se vira de frente para mim, ajeita atrás da orelha uma mecha que caiu do coque. – Os caras… eles às vezes fazem pegadinhas cretinas uns com os outros.

– Os jogadores, você quer dizer?

– Isso. – Gabby olha para baixo, brinca outra vez com as pulseiras. – Normalmente, eles fazem isso com os jogadores mais novos. É tipo uma iniciação.

– Você quer dizer trote?

Gabby arregala os olhos.

– Não, não, nada disso. São só pegadinhas idiotas. Todo time esportivo faz

isso.

– Que tipo de pegadinha?

– Alguns anos atrás, durante o treinamento de verão, alguns caras deram um negócio para um menino comer. Fizeram uma aposta para ver qual dos novatos seria besta de comer o cookie de maconha.

Para mim, soa bastante como trote.

– O que aconteceu com o menino?

– Uma *bad trip* total. Acabou tendo um tipo de reação e precisou ser levado à emergência.

– Jesus – digo.

– Também não foi assim tão péssimo. O menino ficou bem, e o Murr e DB ajeitaram as coisas com os pais dele. – Gabby parece encolher-se ao dizer isso. – Obviamente, desta vez é pior.

Baixo a voz para ficar no mesmo volume da Gabby.

– Se alguém queria fazer uma pegadinha com Logan, por que usar uma coisa tão perigosa quanto colírio?

– Você viu "Penetras Bons de Bico"? – Gabby pergunta.

Sacudo a cabeça.

– Conheço um monte de caras que amam aquele filme… Tem uma cena em que o Bradley Cooper tem, tipo, uma diarreia explosiva porque alguém colocou colírio no café dele – Gabby diz. – Eles provavelmente queriam só envergonhar o cara, mas, por acidente, puseram demais.

Penso nas coisas horríveis que os meninos da minha antiga escola faziam uns com os outros, por algumas risadas. No meu segundo ano, dois jogadores de futebol do último ano foram suspensos depois de enfiarem comprimidos antigases goela abaixo de um calouro totalmente bêbado e depois postarem no TikTok um vídeo dele peidando e mijando nas calças.

– Mas eu não entendo – digo. – Por que fariam uma pegadinha com o Logan?

Gabby puxa os joelhos até o peito, abraça as pernas com força.

– Aquela festa foi caótica. Talvez a pegadinha fosse com algum dos caras mais novos, e Logan sem querer pegou o copo dele.

Olho para a Gabby, cujos olhos estão na porta do corredor: a senhorita Rosales está de volta e olhando diretamente para nós. Ela balança a cabeça, e a mensagem é clara: parem de tricotar e vão para a quadra de vôlei, ou vão levar zero em participação hoje.

Eu me levanto, os pensamentos a mil. Peter pareceu convencido de que alguém tentou matar Logan.

E se ele e a Gabby estivessem ambos certos? E se alguém tentou mesmo matar Logan e escolheu colírio por causa da probabilidade de todo mundo pensar que o envenenamento era uma pegadinha que tinha dado terrivelmente errado?

A senhorita Rosales nos libera uns minutos mais cedo para trocarmos de roupa. Chloe e Gabby se juntam na entrada do vestiário e desaparecem na esquina onde as meninas da equipe de dança têm os armários.

Eu vou direto para casa, então não me dou ao trabalho de tirar a calça de ginástica. Visto o moletom por cima da camiseta da Universidade da Pensilvânia que meu irmão comprou para mim, tiro o celular do armário e imediatamente procuro no Google: "envenenamento por tetraidrozolina".

Meu estômago se contrai enquanto vejo a lista de sintomas: dificuldade para respirar, convulsão, coma. Meu celular vibra na minha mão, avisando sobre um novo e-mail.

Deslizo a tela para baixo para abrir e clico duas vezes no remetente.

De: SportsFan@gmail.com

Não tem assunto.

Abro a mensagem com o coração acelerado.

Não confie em uma palavra que saia da boca de Gabby Santiago

SportsFan está de volta. Sigo para a porta do vestiário, o sangue pulsando em meus ouvidos. Há dúzias de garotas no vestiário de ginástica neste horário. Qualquer uma delas poderia ter me visto conversar com Gabby; e havia meninos no ginásio também.

A voz da senhorita Rosales explode das profundezas do vestiário:

– Fiquem aqui dentro até o sinal!

Quando o sinal toca, junto-me à multidão que vai para o corredor. SportsFan está aqui, possivelmente ainda bem perto. Eu recuo para o nicho onde fica o armário de troféus e me apresso a responder. Escrevo pouco,

porque quero mandar antes que a pessoa tenha a chance de apagar a conta de novo.

Diga quem você é ou vou mostrar seus e-mails para a polícia

Enfio o telefone no bolso e sigo para a entrada principal. O ônibus sai em poucos minutos e, se eu continuar enrolando, estou fadada a ir embora para casa a pé e na chuva.

Estou ocupando o último lugar vazio do ônibus quando meu e-mail apita de novo.

Vc tem Gmail

Tenho

Me manda um GChat às 17h30
Não podemos mais usar o e-mail da escola
E nunca mais me ameace com a polícia

Mamãe manda uma mensagem pouco antes das cinco, perguntando se consigo me virar sozinha esta noite. Ela não me conta por que vai ficar até mais tarde no trabalho, mas imagino que esteja telefonando de volta para os pais que ligaram apavorados ao saberem que um policial esteve na escola hoje.

Respondo com um joinha e vou pré-aquecer o forno para o ravioli à bolonhesa congelado, que escolhi em nossa última peregrinação à Costco; depois, volto para minha mesa.

Às 17h15, fecho o rascunho do meu ensaio para o Programa Avançado em Governança e abro o Gmail. Adiciono SportsFan como contato e depois mando uma solicitação de chat.

Estou adiantada, mas a pessoa aceita.

Ela não está digitando. Inspiro, recordando o que Peter insinuou sobre SportsFan.

Será que estou prestes a conversar com um assassino em potencial? Já passou mais de um minuto e SportsFan ainda não está digitando, então eu mando a

primeira mensagem.

Você sabia o que ia acontecer na festa?

Após um instante, SportsFan começa a digitar.

Não, óbvio. Não sou médium.

Mas você me alertou para não ir.

E depois deletou a conta.

Pq?

Não sei. Entendi o que pareceu e surtei.

Mas não tenho ideia de quem fez aquilo com Logan.

Então pq vc me disse pra não ir?

SportsFan está digitando. Digita e digita pelo que parece ser uma eternidade, até eu ter certeza de que vou explodir de ansiedade. A mensagem que finalmente manda é curta.

Pensei que eles podiam tentar fazer alguma coisa com você.

O sangue some dos meus lábios.

Do que você está falando? Quem são eles?

Quando SportsFan começa a digitar de novo, percebo que estou mordendo a unha do polegar, um velho mau hábito que abandonei anos atrás. Fecho a mão em punho e aguardo que SportsFan responda.

Você não sabe mesmo?

Obviamente não.

Eu te avisei pra se afastar do time de fut americano pq aqueles caras realmente não gostam de vc.

Penso na voz de Logan ao meu ouvido. *Acho que você não sabe nada sobre meu gosto para garotas*. Fui *eu* que *o* empurrei quando ele se inclinou para me beijar. Penso no jeito como Tyler me fez rir, na arquibancada; no olhar de gratidão que Cameron Burnham me deu, na emergência do hospital…

Meus dedos voam no teclado, a adrenalina pulsando nas pontas, enquanto martelo uma resposta:

O que quer dizer com não gostam de mim?

Por causa do que vc escreveu

Tenho que ir

Mas vc não pode confiar em ninguém que estava naquela festa

SportsFan se desconecta. Lá embaixo, o alarme do forno apita agressivamente, mas não consigo me afastar do laptop. Encaro a tela até que ela se funde à imagem de Logan convulsionando no chão da sala do Tyler, o olhar vazio em seu rosto, logo antes de ele cair.

Visualizo os copos dos quais ele bebeu, a cerveja que foi servida antes de descermos, o alerta enigmático de SportsFan para que eu não confiasse em uma palavra saída da boca da Gabby Santiago, o modo como o sargento Mejia pareceu surpreso quando eu falei que Logan estava bebendo por mim.

SportsFan acha que o copo envenenado era direcionado para mim.



Capítulo Sete

Desligo o forno, pois não tenho mais fome. Ainda tenho lição de casa para fazer e, teoricamente, preciso editar os artigos para Kirk, mas a única coisa que tenho motivação para fazer é ler e reler as mensagens de SportsFan.

> Eu te avisei pra se afastar do time de fut americano pq aqueles caras realmente não gostam de vc.

> Por causa do que vc escreveu

Do que essa pessoa está falando? Meu artigo sobre o time de futebol não será publicado antes de amanhã de manhã, e as únicas pessoas que o leram até o momento são Kirk e eu mesma. Eu ainda não tinha escrito nem uma palavra quando recebi o primeiro e-mail de SportsFan me alertando para ficar longe do time.

Então, por que diabos os jogadores de futebol americano querem brincar de Bradley-Cooper-em-*Penetras Bons de Bico* comigo?

Não tenho a menor ideia, mas a ideia de que o copo era destinado a mim, que era eu quem deveria estar em coma ou coisa pior, me joga no que a doutora Colucci, minha psiquiatra, chama de "congelamento funcional". Não consigo me mexer, não consigo me obrigar a sair da cadeira da escrivaninha. Eu

preciso ficar aqui para sempre; obviamente, não posso voltar para a escola e olhar aquelas pessoas na cara.

Eu me sinto exatamente como me senti depois que o papai foi preso, quando a mera ideia de sair de casa e ver gente disparava um ataque de pânico.

Estou me sentindo mal, realmente muito mal.

Quero a minha mãe.

Mas mamãe não está aqui e, se eu ligasse para ela dizendo que precisava vir do trabalho porque alguém está me mandando e-mails anônimos e acha que eu era o alvo do envenenamento, desconfio que ela desligaria minha chamada e telefonaria pessoalmente para a doutora Colucci.

Em vez disso, atravesso o corredor e vou para o quarto dela. Fuço na gaveta da mesinha de cabeceira até encontrar o frasco de remédio controlado com o meu nome na etiqueta. É ela quem supostamente deve ministrar o Xanax para mim, e apenas durante emergências.

Creio que meu estado se encaixa em uma.

Desço para a cozinha e enxáguo o amargor do comprimido com suco de laranja. Em poucos minutos, consigo respirar normalmente. Volto para cima e continuo a trabalhar no jornal, colando os artigos editados de todo mundo no template do blog, antes de escrever para Kirk que está pronto para ela revisar.

Não ouço o carro da mamãe entrar na garagem até as dez da noite. As luzes do meu quarto estão apagadas, e espero que ela bata à porta, mas ela nunca bate, provavelmente supondo que estou dormindo. Quando o alarme toca, na manhã seguinte, eu me debato, questionando se posso ficar em casa hoje. Mas não me lembro da última vez que faltei à escola e não quero dar à minha mãe razão para começar a analisar meu comportamento em busca de sinais de que descambei outra vez para a Hadley Perturbada.

O detetive Mejia sabe que Logan estava bebendo em meu lugar durante o *flip cup*. Não tem motivo para eu compartilhar minha suspeita com mais ninguém; não até eu entender do que SportsFan está falando.

Preciso descobrir por que o time de futebol americano supostamente me odeia.

Eles estão de volta hoje. Vejo as camisas do time no corredor assim que entro no prédio: Chris Valenzuela e Gabby estão apoiados no armário dela, as mãos

dele no quadril dela. O rosto de ambos está sombrio quando eles se beijam antes do último sinal.

A caminho da sala da orientação, vejo a silhueta gigante de Wes St. Pierre no fim do corredor, conversando com o senhor Ward. Entro na sala, encontro minha cadeira e abro meu e-mail da escola.

Kirk respondeu à minha mensagem de ontem à noite.

> *Oi, Hadley,*
> *Sobrevivemos. Só um aviso de que estarei ausente pelo resto da semana* ☹
> *Desenvolvi uma infecção bem feia depois do tratamento de canal, e movimentar o queixo dói muito. Eu sei, eu sei… É terrível, para alguém que ama reclamar tanto quanto eu.*
> *Nós temos moderação de comentários no blog, e o editor-chefe em geral os monitora e aprova ou deleta. Everly meio que negligenciou isso no ano passado, então, se você pudesse checar uma vez por dia, eu realmente apreciaria muito. Obrigada por todo o trabalho duro nesta edição, te vejo na próxima semana.*
>
> *LK*

Kirk publicou meu artigo. Estou morrendo de curiosidade para ver se alguém fez algum comentário, mas o sinal toca e o senhor Fiorella entra na sala, mandando que desliguemos os celulares.

Alix Maroney entra depois do senhor Fiorella, com os olhos postos no chão. Eu não a vejo desde a noite de sábado, quando a deixei com Cameron na sala de emergência. Por alguma razão, a recordação revira meu estômago.

Eu te avisei pra se afastar do time de fut americano pq aqueles caras realmente não gostam de vc.

Alix foi mais legal comigo do que qualquer outra pessoa nesta cidade idiota. Não quero acreditar que foi tudo fingimento, que ela sabia que os jogadores estavam planejando me humilhar na festa e não fez nada para impedir.

A expressão em seu rosto quando nossos olhares se cruzam não faz nada para diminuir o receio que cresce em mim. Algo em seu rosto diz que eu sou a última pessoa com quem ela quer falar agora.

– Ei – ela diz, ao se acomodar. Ela está sentada meio de lado, vasculhando a mochila.

– Você soube alguma coisa do Logan? – pergunto.

– Estive com a mãe dele ontem. Os médicos só ficam repetindo para ela que é cedo demais para saber como ele vai estar quando acordar. – Alix para de remexer seus pertences e põe a mochila no chão. Não conseguiu achar o que estava procurando. – Ela me pediu para agradecer a você por tudo. Eu queria ter mandado uma mensagem, mas as coisas andaram tão loucas.

– Não faz mal – digo.

– Vamos fazer uma vaquinha para ajudar a mãe dele com as contas médicas e coisas assim – Alix diz. – No jogo de sábado.

– Eu posso ajudar – digo. – Se vocês precisarem de voluntários.

– Ah, legal. A gente vai vender bolo. – Alix olha para a janela, onde o senhor Fiorella está tentando afugentar um grupo de meninas do parapeito para dentro da sala.

Alix pega a mochila de novo e então para, lembrando que já procurou em vão seja lá o que for que está procurando. Está com cara de quem vai vomitar.

– Você está bem? – pergunto.

Ela inspira fundo, trêmula.

– Não consigo parar de ver a cena. O jeito como ele desabou no chão.

Meus batimentos se aceleram quando me lembro do corpo de Logan no chão, convulsionando, de seu rosto branco como um lençol no banco de trás do carro da mamãe. Quero perguntar a ela por que alguém iria querer fazer mal a Logan, mas o sinal toca e Alix se vira. Quando os avisos da manhã terminam, ela é a primeira a passar porta afora. Não olha para trás nem uma vez.

O senhor Sebastian deve ter dito aos professores que um dia para digerir nosso choque em relação a Logan era suficiente; todo mundo parecia agressivamente determinado a nos fazer trabalhar hoje. Um laboratório de osmose em Biologia, uma prova surpresa do Programa Avançado da senhorita Martinelli.

Vou para a sala do jornal na hora do almoço, ansiosa pelo que me espera na seção de comentários do meu artigo sobre o time de futebol americano.

Mas, quando entro com os dados de acesso que Kirk me mandou e checo os comentários pendentes, não tem nenhum sinalizado. De fato, há apenas um comentário no artigo, de um cara bizarro que ensina Ciências Naturais no

primeiro ano e comenta todas as matérias de todo mundo com um "Bom trabalho!!".

O nó em meu estômago se aperta quando penso no e-mail de Kirk. Ela disse que a Everly Bamford, editora-chefe no ano passado, meio que negligenciou o processo de aprovar ou deletar comentários sinalizados.

Ah, meu Deus.

"As outras campeãs".

Depois que minha matéria sobre a equipe de dança foi publicada, na primavera, eu vigiei os comentários obsessivamente. Eles foram impressionantemente positivos, com pessoas da cidade toda surgindo para dizer que queriam apoiar a equipe de dança, comércios se oferecendo para promover vaquinhas para a próxima viagem das meninas para as competições nacionais.

Mas esses foram apenas os comentários não sinalizados.

Encontro e carrego "As outras campeãs", minha respiração acelerada. Rolo a página até o painel de comentários; agora que estou no modo administrativo, vejo que há seis comentários marcados como pendentes de aprovação.

> Só o que ouvi foi sexismo... blá-blá-blá. A razão pela qual a equipe de dança não é tão importante é que elas não trazem DINHEIRO, como o futebol americano traz.
>
> Agora estamos comparando o time de futebol que faz história com um bando de meninas sacudindo a bunda???
>
> Nossos meninos são atingidos na cabeça e derrubados por trituradores de 115 quilos do North Hills, e querem que eu acredite que DANÇA é perigoso?

Eu assisti aos treinos da equipe por uma semana inteira. Vi a que aquelas meninas submetem seus corpos, como o mais ínfimo passo errado em uma pirueta tripla pode significar uma lesão fatal no tornozelo. Eu as vi sair mancando do treino, cuidando de bolhas e de tendões distendidos, e voltar no dia seguinte para repetir toda a rotina.

Continuo a ler os comentários, uma fúria cega inundando meu corpo.

> Mas, afinal, quem é Hadley Daugherty? Que babaca
>
> Paul Burnham está provavelmente se revirando no túmulo
>
> Nossa, megablaster em choque que a vaca empacada da filha da superintendente tenha escrito isso

Engulo em seco para limpar a garganta. Passei os últimos meses achando que todo mundo tinha adorado meu artigo, enquanto esses comentários esperavam aqui durante todo esse tempo. E essas são apenas as pessoas que tiveram a coragem de me espetar em uma seção de comentários. Não consigo nem imaginar o que estavam dizendo offline sobre mim e meu artigo. O que provavelmente ainda estão dizendo, a se dar crédito ao SportsFan.

Aqueles caras realmente não gostam de vc.

Atrás de mim, a porta da sala se abre. Em pânico, clico para fechar a página, desesperada para esconder os comentários de ódio.

Peter entra na sala e dá um encontrão nas costas da minha cadeira.

– Desculpa – ele murmura, deslizando para a cadeira na mesa em frente.

Não digo nada. Não consigo. Sou invadida por uma onda tão forte de náusea que preciso apoiar os cotovelos nos joelhos e aninhar a cabeça entre as mãos.

– Você está bem? – Peter pergunta, parando no meio de fechar o zíper da mochila. – Você parece que vai vomitar.

– Estou bem – murmuro, sem me mover.

– Estou só falando, me avisa caso você vá vomitar, porque sofro de emetofobia severa…

– Peter, cala a boca. Por favor.

Ele mexe no interior da mochila por um momento antes de abrir um saco de Doritos e enfiar um na boca. O som da mastigação me faz ter vontade de me lançar contra o sol. Quando estou me virando de volta para o computador, eu o flagro me encarando.

– O que foi? – pergunto.

– Eu sei que você me odeia, mas mesmo assim pode conversar comigo. – As orelhas de Peter ficam vermelhas como o saco de Doritos. – Se tiver alguma coisa que você quer, tipo, conversar com alguém.

– Eu não odeio você. – As palavras são automáticas. Peter parece tão surpreso quanto eu, mas falei a sério.

Não sei bem a quem se destinava o copo envenenado, mas sei que Peter não foi à festa de Tyler. Ele é uma das poucas pessoas daqui que com certeza não colocou colírio naquele copo, e ele me contou mais do que deveria sobre a investigação.

Peter é provavelmente a única pessoa nesta escola em quem posso realmente confiar no momento.

– Preciso te mostrar uma coisa – digo.

Peter contrai o rosto enquanto arrasta a cadeira até o meu computador. Engulo uma onda de náusea e abro os comentários sinalizados de "As outras campeãs".

Observo Peter, a tela refletida nas lentes dos óculos dele. Sua testa se franze.

– É a primeira vez que você está vendo isso?

– Como eu poderia ter visto antes? Só recebi os dados de login ontem.

Peter hesita.

– Pensei que você já soubesse o que tinha acontecido… com o treinador Murray.

– Como assim? O que aconteceu com Murray?

– Parece que, depois que seu artigo foi publicado, ele gritou com Kirk e tentou obrigá-la a remover a matéria. Ele falou que era humilhante e que banalizava o que o time de futebol americano tinha conquistado.

– Kirk nunca me disse nada – digo. – Mas espera: como você sabe que Murray gritou com ela?

Peter dá de ombros.

– Eu escuto coisas.

Meu pescoço e rosto estão queimando. Foi humilhante o suficiente saber que as pessoas vinham me chamando de babaca e de vaca empacada pelas minhas costas, mas o fato de Peter saber dos ataques ao meu artigo durante todo esse tempo e nunca ter dito nada me faz sentir que vou acabar vomitando, afinal.

Olho para Peter.

– As pessoas acham de verdade que eu estava criticando o time de futebol americano?

Peter pega mais um Doritos do saco.

– O treinador Murray definitivamente pensou isso. E Murray diz a todo mundo o que pensar.

Penso no modo como o treinador Murray olhou para mim, como se eu fosse lodo de lago, naquele dia do treino. Eu sei quem ela é. O que o treinador Murray falou sobre mim diante dos jogadores dele? Ele os atiçou de novo quando soube que eu ia escrever sobre o time?

Será que um dos caras veio com a pegadinha do colírio para me colocar no meu lugar, para me envergonhar como eles acham que eu os envergonhei ao comparar as vitórias deles no campeonato a um bando de meninas sacudindo a

bunda?

Engulo em seco para limpar a garganta.

– Seu pai disse mais alguma coisa sobre a investigação, na sua frente?

Peter baixa o saco de salgadinho.

– Não. Mas também eu não estive na casa dele desde o fim de semana. Por quê?

– Sabe o que as pessoas estão dizendo, que todo mundo ama o Logan e que não faz o menor sentido alguém tentar envenená-lo? – Solto um suspiro trêmulo. – E se aquele copo com colírio não fosse destinado a ele?

Peter pisca, confuso.

– Mas daí seria destinado a quem?

– Durante o *flip cup*, quando Logan passou mal… Ele estava bebendo em meu lugar, porque eu estava dirigindo – digo.

– Você acha que alguém tentou matar *você*?

– Não *matar* – digo. – Mas e se tentaram me fazer passar mal? Se tentaram me constranger ou algo assim?

Meu estômago se contrai, quando verbalizo as palavras. Esse era o plano deles o tempo todo? Fazer com que eu fosse à festa para me filmar cagando nas calças e vomitando? Para me transformar em um meme?

– Você não falou que foi Logan quem te convidou para ir à festa? – Peter pergunta.

– Isso.

– Então, se ele estava seguindo o roteiro de "Carrie", mas com colírio envolvido, por que seria tão idiota a ponto de se oferecer para beber em se lugar? – Peter põe mais um Doritos na boca.

– Ele provavelmente não fazia ideia. – Talvez eu só precise acreditar nisso; porque a alternativa é que Logan estava fingindo estar a fim de mim para facilitar minha humilhação pública.

Peter espana as migalhas de Doritos dos dedos, reflete por um momento.

– Eu não sou toxicologista, mas Química básica não diz que alguém do tamanho de Logan precisaria consumir *muito* colírio para ficar tão mal a ponto de acabar em coma?

– Não sei. Provavelmente.

– Então, não seria *realmente* difícil usar por acidente tanto colírio que quase matou uma pessoa do tamanho de Logan? – Peter diz.

– Você está presumindo que eles acidentalmente usaram demais. Talvez eles

nem soubessem que colírio podia ser letal.

– Ou eles soubessem – Peter diz. – Porque eles queriam que quem bebesse daquele copo *morresse*.

– Ah, obrigada – digo. – Isso me faz sentir muito melhor.

– Eu não falei que eles queriam que *você* morresse. – Peter amassa o saco de Doritos vazio e joga fora. – Quer dizer, você acha mesmo que alguém tentaria te envenenar por causa de um artigo publicado meses atrás?

Peter tem certa razão. Se alguém do time de futebol americano quisesse se vingar de mim por "As outras campeãs", por que não me atrair para uma das muitas festas de fim de ano que rolaram depois que a matéria foi publicada? Após quatro meses, será que eles ainda poderiam estar tão bravos com o que escrevi a ponto de arriscarem tudo por uma pegadinha idiota?

O que você falou pra ela?

– Talvez não fosse sobre o que eu realmente escrevi – digo –, mas sobre o que eles estavam preocupados que eu *poderia* escrever.

– Do que você está falando?

– Na sexta, depois do esquenta, eu por acaso ouvi Logan discutir com Tyler e Gavin na frente do ginásio.

– Discutir sobre o quê?

– Não faço ideia. Gavin disse *O que você falou pra ela?* E Logan disse que não era da conta dele. E Gavin disse algo tipo *É tudo da nossa conta.*

– Você acha que você era o "ela" de quem Gavin estava falando? – Peter pergunta.

– Eles me viram entrevistar Logan um dia antes, no pátio – digo. – Eu não sei, talvez Gavin estivesse preocupado que Logan tivesse me contado algo que não deveria.

– Tipo o quê?

– Não sei. Mas Gavin estava muito, muito agitado. Falou algo tipo "você vai estragar tudo".

– Então você acha que Gavin envenenou Logan para mantê-lo de boca fechada sobre alguma coisa? – Peter diz. – Ou tentou envenenar você, por achar que Logan já tinha te contado, e precisava te impedir de escrever a respeito?

– Eu nem estou dizendo que foi Gavin. – Mas Gavin estava à mesa de *flip cup*, não estava? Ele nos chamou para baixo para jogar e depois, convenientemente, desapareceu.

Peter inclina a cabeça.

– Você não grava suas entrevistas?

* * *

Eu já transferi o arquivo de áudio da entrevista com Logan para o meu laptop de casa, para poder apagá-lo do celular, porque mamãe não acredita em pagar por coisas como armazenamento em nuvem. Vou direto para casa depois da escola e coloco a entrevista para tocar.

Ouço repetidas vezes, mas não consigo encontrar nada remotamente negativo sobre o time. Logan nem mesmo menciona os colegas de equipe pelo nome. E, dado que não estou prestes a confrontar Gavin nem Tyler pessoalmente, SportsFan é minha melhor chance de descobrir sobre o que os caras estavam brigando. SportsFan obviamente tem acesso às conversas sem censura deles; ela ou ele sabia que o time de futebol americano ficou bravo com o meu artigo.

Mantenho o GChat aberto enquanto faço a lição de casa, esperando que SportsFan vá entrar em algum momento. Ontem, a pessoa me disse para entrar às cinco e meia. Dou bastante importância ao horário: os treinos esportivos ocorrem depois da aula até as cinco e, dependendo de onde SportsFan mora, provavelmente não leva menos de meia hora, no mínimo, para chegar em casa e se aprontar.

Olho a todo momento para o relógio, enquanto aumento a contagem de palavras do meu ensaio, que analisa os temas de *Enquanto Agonizo*. As dezessete horas chegam e passam, e meu estômago começa a reclamar.

Às 17h50, estou avaliando opções de jantar quando recebo uma notificação de que SportsFan está online.

Mando um chat, meu coração sobe para a garganta.

Quando você falou que o time de futebol americano não gosta de mim por causa do que eu escrevi… você quis dizer meu artigo sobre a equipe de dança?

É… Do que mais eu poderia estar falando?

Não sei.

Eu não sabia o que as pessoas falavam sobre mim até hoje, quando loguei e vi montes de comentários que nunca foram publicados.

Você não sabia?

Sem querer ofender, mas tipo… como?

Penso em todas as vezes que Kirk poderia ter me dito alguma coisa. Ela sabia o quanto o treinador Murray me odiava e praticamente me convenceu a me oferecer para fazer a matéria sobre o time. Ela negociou para que eu pudesse assistir ao treino, apesar de eu estar na arquibancada, fazendo anotações, provavelmente fazendo o sangue dele ferver.

Kirk me deixou entrar em um covil de lobos sem me alertar de que eu era o cordeiro.

E Alix e as amigas dela… A humilhação me domina quando penso que elas terem sido bacanas foi só uma encenação para me atrair para a festa e facilitar minha derrocada pública.

Por que você me falou para não confiar na Gabby Santiago?

Pq ela está obcecada pelo namorado e vai dizer qq coisa que puder para proteger o cara.

Mesmo que seja um monte de bobagem

Ela me contou sobre o menino e o cookie de maconha, de dois anos atrás. Ela disse que acha que o envenenamento era pra ser uma pegadinha, mas quem batizou o copo usou colírio em excesso.

E por que vc acha que ela falou isso?

Ela provavelmente nem percebe que está fazendo exatamente o que os treinadores querem.

Por que os treinadores iriam querer que todo mundo acreditasse que o envenenamento era uma pegadinha?

Porque uma pegadinha poderia ser justificada como estupidez juvenil, dou-me conta. Uma pegadinha significa que ninguém deveria sair ferido. Uma pegadinha é uma explicação muito mais palatável para o Logan estar em coma do que a ideia de que alguém na festa tentou matar um astro do futebol americano na frente de dúzias de testemunhas. É exatamente como Peter falou: assim que os treinadores souberam o que apareceu no exame toxicológico de Logan, eles ficaram mais preocupados com o controle de danos do que em chegar ao fundo do envenenamento.

O bipe de uma nova mensagem me arranca dos meus pensamentos.

Por que você acha que não tem nada na imprensa sobre o que aconteceu a Logan?

No segundo em que se tornar público que

existe uma investigação criminal, todo o foco sai da temporada de futebol americano e vai para qual dos jogadores poderia ser um assassino.

A mensagem me dá calafrios, arrepia os pelos dos meus braços.

É muito foda que Logan possa morrer e eles estejam mais preocupados que a investigação roube a cena do campeonato.

Quer saber de uma coisa mais foda ainda?

Nenhum dos alunos do último ano conversou com aquele detetive.

Gavin, Tyler, TJ, Cameron… nenhum.

Mas como isso é possível?!

Murray falou que eles não precisavam.

Então, obviamente, eles não vão.

Tento conciliar o que sei sobre SportsFan com o fato de ele ou ela saber tanto sobre o que rola com o time de futebol americano. Essa pessoa poderia estar em outra equipe esportiva, ter acesso às fofocas de vestiário dos caras, depois da escola: uma caloura da ginástica, que poderia ter me visto conversar

com Gabby.

SportsFan obviamente está obtendo informações de uma fonte próxima. Pode até saber exatamente por que Gavin e Tyler confrontaram Logan em frente ao ginásio, no dia anterior àquele em que foi envenenado.

Depois do esquenta, na sexta passada, eu estava no suporte para bicicletas e ouvi Logan discutir com Gavin. Tyler estava junto.

Parecia que tinham mandado uma mensagem para Logan encontrar os dois lá fora, para eles poderem falar com ele, confrontar.

Confrontar Logan sobre o quê?

Não sei. Gavin disse “o que você falou para ela?” e Logan falou que não era da conta dele. Daí Gavin falou “tudo é da nossa conta” ou algo assim.

Gavin disse que Logan só se importa consigo mesmo e depois falou que Logan ia estragar tudo.

Cinco minutos inteirinhos passam, sem resposta.

Você está aí?

O SportsFan está digitando. Para, depois começa de novo, antes de parar outra vez.

Mordo o interior das bochechas ao mandar outra mensagem.

Acho que talvez Gavin estivesse falando sobre mim, quando disse “o que você falou pra ela?”.

Como se tivesse medo de que Logan me contasse alguma coisa, na entrevista, que fosse mesmo muito prejudicial ao time.

Finalmente, SportsFan responde.

Gavin certamente está fazendo algo que poderia acabar com todo o time de futebol americano.

Mas não tem A MENOR CHANCE de que Logan falaria com você a respeito.

Do que você está falando?

Preciso ir.

Gente ao meu redor notando que estou há tempo demais no cell.

Espera.

O que Gavin está fazendo??

O SportsFan não responde, mas também não se desloga. Em uma explosão de pânico, mando outra mensagem:

???????

Um minuto excruciante passa antes de a resposta vir.

#184 6908

Ninguém nunca está no vestiário antes da aula.

Antes que eu consiga responder, SportsFan se desloga.

* * *

Estou totalmente desperta às dez para as seis, apesar de meu alarme estar programado para as seis e quinze. Vou para fora e encho a tigela do-Archimedes. Há um rastro de pegadas na superfície úmida da mesa do quintal. As garras são longas demais para serem de um gato. Em algum lugar, imagino, uma família muito gorda de guaxinins está grata a mim.

Mamãe está no banho quando volto para dentro. Mando uma mensagem avisando que estou indo mais cedo para a escola, para um reforço de Biologia.

A manhã está tão fria que minha respiração forma nuvens de vapor à minha frente enquanto pedalo para a escola. Prendo a bicicleta e dou a volta para a entrada da frente. O senhor Langerman, o guarda, me cumprimenta com um "oi" animado, e eu de repente perco a habilidade da fala.

Se vou arrombar o armário de esporte de Gavin Steiger, um bom ponto onde começar é não me comportar como se tivesse acabado de jogar um cadáver na lixeira.

– Bom dia – digo. – Vim para ter reforço.

– Divirta-se. – O senhor Langerman volta a se concentrar em seu exemplar

de *Hábitos Atômicos*, e eu rumo para o corredor, dobro à direita para pegar a escada que leva ao ginásio e aos vestiários. O prédio está tão silencioso que meus passos fazem eco.

No fim do corredor, ao lado da estante de troféus, um dos zeladores tira uma lata de lixo do armário de suprimentos, assobiando para si mesmo.

Aguardo até que ele desapareça na curva antes de parar na frente da porta do vestiário masculino. Eu não posso estar de verdade fazendo isso. Há câmeras gravando minha entrada em um espaço no qual eu certamente não deveria estar.

Mas são câmeras que ninguém nunca olha, a menos que ocorra um incidente e a gravação precise ser analisada. Mamãe deixou escapar essa informação no ano passado, quando contei a ela sobre uma briga entre dois calouros no corredor.

O vestiário dos meninos está escuro. Conforme vou acompanhando a numeração dos armários, procurando o 184, as lâmpadas com sensores de movimento se acendem no teto. Eu me escondo na fileira dos armários 300 a 330, o pânico me invadindo.

Onde diabos fica o 184? Continuo percorrendo a fileira e paro quando chego ao fim do vestiário. Sob um imenso banner dos Tigers, há dois armários independentes, azul-marinho, ocupando toda a largura entre as paredes. Não são como os armários normais, padrão, do resto do vestiário: são mais como cubículos altos, cada um com uma camisa de time pendurada no gancho interno.

Paro na frente do número 184, imóvel, até que as luzes se apaguem novamente.

Encho os pulmões, com medo de me mexer e as lâmpadas se acenderem de novo. Na prateleira acima do cubículo, há uma salada de detritos de meninos adolescentes: um desodorante Old Spice, uma garrafa de Powerade com borra roxa no fundo, embalagens de barras de proteína, um frasco de spray adesivo para luvas de futebol americano e embalagens de viagem de xampu e condicionador dois em um.

Na parte de baixo do cubículo há um cofre com teclado eletrônico. Penso no código de quatro dígitos que SportsFan me deu, 6908, e sento no banco em frente ao cubículo de Gavin.

Tem de ser o de Gavin. E, a não ser que SportsFan esteja me zoando, alguma coisa dentro do cofre dele provavelmente indica o que ele está

tramando. Inspiro fundo, tremendo, pensando em Logan convulsionando no chão da festa e em Gavin gritando "Você é louca, porra?" e me impedindo de chamar uma ambulância. Com dedos trêmulos, insiro o código que SportsFan me deu.

A portinha se abre com um bipe. Lentamente eu a puxo para mim. Colada na face interna há uma foto de Rihanna chupando a ponta do dedo médio.

Dentro do cofre, montes de papéis, alguns dobrados, alguns amassados. Desdobro um: é um diagrama computadorizado de um campo de futebol americano, cheio de Xs e linhas que não consigo decifrar.

Tiro uma foto com o celular. Não sei o que estou procurando, mas talvez isso devesse significar alguma coisa para mim. Ponho o papel de volta e pego o que estava por baixo dele. Quando desdobro, uma tirinha bem menor de papel cai e pousa aos meus pés. Eu me abaixo e pego.

É uma folha de Scantron[5]. Todos os campos estão preenchidos com tinta preta. Alguém rabiscou, no canto superior direito, POLINÔMIO 1 – GABARITO.

O baque da porta do vestiário quase me mata de susto. Depois, ouço passos, seguidos por uma voz masculina ecoando nos azulejos.

– Não tem sinal aqui, espera, espera.

O resmungo irritado certamente pertence a Frank Murray. Meu sangue congela. Muito delicadamente, como se o cofre de Gavin contivesse uma granada acionada, empurro a portinha até fechar e aperto a tecla com o símbolo de chave.

A voz de Murray está chegando mais perto. Entro no cubículo de Gavin e me escondo atrás da camisa.

A voz de Murray recua quando a porta à minha esquerda, a que leva aos campos de atletismo, é aberta com um safanão. Eu me aperto contra o fundo do armário de Gavin quando Peter Carlino entra, carregando um saco de golfe em uma mão e o estojo do trompete na outra.

Peter se atrapalha um pouco, sobrecarregado de ambos os lados, antes de deixar que o saco de golfe deslize pelo ombro abaixo. Ele se agacha e abre o zíper da frente.

Ah, merda, não olhe para cima.

Como se lesse minha mente, Peter levanta a cabeça e nossos olhares se encontram. Sacudo a cabeça quando o treinador Murray chama:

– Tem alguém aí?

O pânico nos olhos de Peter espelha o dos meus.

– Sou só eu – ele diz, voltando a si. Ele se levanta, pega o saco de golfe e anda na direção da voz de Murray, do lado oposto do vestiário.

– O que você está fazendo? – o treinador Murray late.

– Guardando minhas coisas do golfe.

Uma pausa, como se Murray estivesse tentando encontrar algo de duvidoso naquela explicação.

– Bem, vá guardar, então – ele dispara.

– Sim, treinador – Peter diz. Espero pelo estalo de uma porta de armário sendo aberta, os passos duros do treinador Murray recuando pela porta por onde entrou.

Fujo. Passos rápidos e leves, apesar da vontade de correr, mas isso faria muito barulho, porque eu corro como um avestruz bêbado, de acordo com o meu irmão.

Peter chega ao corredor ao mesmo tempo que eu, obviamente tendo saído pela porta na ponta oposta do vestiário. Estou tremendo, uma reação tardia à entrada súbita do treinador Murray. Eu poderia ter sido suspensa ou coisa pior se fosse pega no vestiário dos meninos, arrombando o cofre de outro aluno.

Peter me alcança.

– Então…

– Não era nada – digo. – Absolutamente nada.

– Certo. Você estava escondida dentro do cubículo de um jogador de futebol americano, sem fazer absolutamente nada.

Peter levanta as sobrancelhas. Sou atingida por uma explosão de vergonha. Não me passa batido que isso é quase exatamente o modo como meu pai foi pego, só que ele arrombou o carro de um aluno no estacionamento da faculdade para roubar remédio.

– Você pode simplesmente cuidar da sua vida, para variar?

Passo por Peter, odiando como a expressão magoada no rosto dele me faz sentir mal. Eu não preciso mijar, mas empurro a porta do banheiro feminino só para me afastar dele.

Eu me fecho em uma cabine, o corpo todo bambo, e sento no vaso sanitário. O gabarito tinha de ser o que SportsFan queria que eu visse.

Lembro-me da cara de Gavin quando Logan zombou dele no pátio, durante nossa entrevista.

Tem um mané recebendo mesmo tutoria, mas não sou eu.

Eu supus que Gavin tinha ficado com vergonha por precisar receber tutoria

de colegas e porque Logan o tinha posto na berlinda na frente de todo mundo.

Mas e se Gavin estivesse com medo por causa de outra coisa que Logan pudesse ter me contado? Será que estava preocupado que Logan tivesse deixado outra coisa escapar, alguma coisa tipo o fato de que, além de estar na tutoria, Gavin estava recebendo antecipadamente as respostas dos testes?

Abro o GChat no celular. SportsFan não está online, mas mando uma mensagem mesmo assim.

Eu vi o *gabarito*.

Toca o primeiro sinal antes dos avisos. A porta do banheiro se abre com força, depois uma menina pedindo:

– Pai, está *exatamente* em cima do aparador, por favor, traz pra mim…

Vou para a sala dos avisos, a adrenalina ainda correndo nas minhas veias. Não escuto uma só palavra dos anúncios da manhã, e no meio do caminho para a primeira aula me lembro de que me esqueci de parar no meu armário e pegar o livro didático de Biologia.

Sinto o olhar de Peter baixar quando entro na classe.

SportsFan respondeu à mensagem que mandei hoje cedo.

Você deixou tudo como estava, certo?

Sim.

Como você sabia o que tinha lá?

Não posso te contar isso.

Mas vc sabe o que significa… certo?

Ele está colando, respondo por fim.

Qual a punição por colar? Imagino que, no mínimo dos mínimos, Gavin poderia ser suspenso… o que significa que ele ficaria no banco ou coisa pior.

Como ele conseguiu o gabarito?

Não sei, mas meu palpite é que alguém deu pra ele.

Alguém que queria muito que ele passasse e pudesse jogar contra o North Hills.

Como um treinador de futebol americano ia conseguir o gabarito pra um teste de matemática?

Quem falou que foi um dos treinadores?

O professor dele??

Pois é.

Ninguém pode provar, óbvio. Mas os professores têm muitas razões pra querer garantir que os jogadores sejam aprovados nas matérias deles.

Reflito sobre o que SportsFan está insinuando: os professores têm tanto medo de ser acusados de prejudicar um jogador de futebol americano, e deixá-lo no banco, que ajudam ativamente o menino a colar.

Se Gavin estava tão preocupado em ser pego, por

que deixaria o gabarito no armário esse tempo todo?

Pq ele sabe que nada vai acontecer com ele.

Mas, se ele está colando, não é academicamente qualificável. Tecnicamente, ele nem poderia estar jogando.

Se Logan contasse pra alguém, dane-se o que o treinador diria… O sr. Sebastian ou a minha mãe iam se envolver e Gavin estaria beeeem ferrado.

Porque colar é coisa séria, e um único jogador não qualificável jogando poderia ameaçar o time todo.

Uma coisa parecida aconteceu na minha escola antiga, quando eu era caloura: um jogador de basquete precisou ficar uma temporada toda no banco, quando um orientador notou que um dos professores dele tinha aumentado suas notas no bimestre anterior.

Penso no jogador de basquete lá de Long Island: ele estava no terceiro ano e já tinha sido abordado por várias faculdades da primeira divisão. Depois que a notícia do aumento das notas vazou, todos os treinadores retiraram os convites, e ele precisou se desligar do time de basquete por causa da atenção negativa. A vida do menino foi destruída em função de uma coisa que um professor tinha feito, mas todo mundo se concentrou no momento em que a coisa aconteceu e na sorte que tiveram de ele ter sido castigado com o banco antes do início da temporada.

Porque se uma escola tivesse permitido que um aluno competisse, mesmo sendo tecnicamente não qualificável, havia o risco de que o conselho estadual de atletismo determinasse que todas as partidas em que ele jogasse fossem anuladas.

E é aí que sua teoria não faz sentido… Logan não teria contado a ninguém sobre a cola.

Pq Gavin não é o único colando, óbvio.

Ouço Gavin disparando contra o Logan, na frente do ginásio: *Tudo é da nossa conta*.

Os treinadores poderiam facilmente explicar um gabarito. Poderiam dizer que não faziam a menor ideia de como Gavin o tinha e que garantiriam que ele fosse punido sem que o restante do time sofresse.

Se diversos jogadores estiverem colando, os treinadores estão claramente ignorando de propósito. Mas e se a notícia se espalhasse? Escolas adversárias denunciariam Sunnybrook para o conselho atlético, exigiriam uma investigação. Todas as vitórias dos Tigers seriam questionadas, e eles poderiam ser forçados a anular as partidas em que jogaram os meninos que colaram. Os jogadores poderiam perder as bolsas se as escolas conseguissem provar que eles estavam colando, roubando o lugar de atletas mais merecedores.

O legado que os Burnhams passaram as últimas décadas construindo iria desmoronar e pegar fogo, e Sunnybrook entraria no mapa mais uma vez pelas razões erradas.

Os Tigers seriam destituídos de seus campeonatos. Não consigo nem imaginar como seria essa queda: a identidade inteira desta cidade é construída em torno dessas vitórias, na perspectiva de faturar o terceiro campeonato consecutivo.

E tudo isso poderia ser implodido por causa de um pedacinho de papel no armário de Gavin.

---

[5] Formulário de resposta usado em testes de múltipla escolha, nos quais a alternativa é marcada a lápis e depois lida por um escâner. (N.T.)



Capítulo Oito

Meu foco vai para o saco pelo resto do dia. Continuamos a trabalhar na osmose no laboratório de Biologia, mas ainda estou tão cheia de adrenalina, pelo que aconteceu no vestiário, que derrubo um frasco cheio de água destilada, encharcando os gráficos de resultados e mandando minha colega e a mim mesma para o fundo da sala, para copiar os dados em novas folhas de papel.

Peter está na mesa à minha frente. Ele evita meu olhar quando carrego as toalhas de papel molhadas até a lixeira. Penso em como ele me contou coisas sobre a investigação que provavelmente não deveria ter contado, em como ele tentou me acalmar, daquele jeito bizarro dele, quando falei que o copo envenenado poderia ter sido destinado a mim.

Reprimo a pontada de culpa que sinto por ter gritado com ele hoje de manhã. Arranco uma folha de caderno e rabisco: *sala do jornal, hoje no almoço?*

Estico o braço e, com o lápis, cutuco Peter entre os ombros. Quando ele não se vira, eu me levanto de novo e finjo precisar apontar o lápis. Ao voltar para a minha cadeira, deixo o bilhete cair na frente dele.

Eu me sento e observo seus ombros se tensionarem enquanto ele desdobra o papel. Meu coração afunda quando ele volta a dobrar o bilhete e, sem uma palavra, o põe de lado.

Mesmo assim, vou para a sala do jornal na hora do almoço, e não me surpreendo ao encontrá-la vazia. Como o resto da salada de frango que trouxe, observando o relógio até o sinal tocar.

Estou abrindo o laptop da escola, resignada quanto a Peter não vir, quando

a porta se abre.

Ele entra sem dizer uma palavra e afunda na cadeira. Tira o Nintendo Switch da mochila, evitando meus olhos teimosamente, e começa a jogar uma partida de Pokémon.

– Desculpe por ter gritado com você – digo por fim.

Peter não tira os olhos do jogo.

– Tudo bem. Eu sei que não era realmente comigo.

Nenhum de nós diz nada por um momento. Pouco depois, ele olha para cima e me encara como se estivesse pensando em círculos.

– Que foi? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– Seja o que for que você está fazendo… talvez eu saiba de coisas que podem ajudar.

– Nem eu sei o que eu estou fazendo.

Peter franze a testa.

– Você poderia começar com o motivo de estar no vestiário masculino hoje de manhã.

Olho de relance para a porta, pensando na sala vazia de Kirk do outro lado. Ainda fico nervosa com a ideia de ter esta conversa aqui na escola.

– Você ouviu alguma coisa sobre os jogadores de futebol americano receberem ajuda com as notas? – pergunto.

Peter baixa o Nintendo.

– Como assim, receberem ajuda?

– Tipo, receberem antecipadamente as respostas dos testes.

– Você quer dizer… colar?

A palavra paira entre nós por um momento. O fato de Peter estar disposto a chamar aquilo de colar é suficiente para me fazer acreditar que posso confidenciar a ele o que vi no cofre de Gavin.

– Gavin Steiger tem um gabarito para um teste de matemática no armário dele, no vestiário – digo.

– E como você abriu esse cofre?

– SportsFan me deu a senha.

– Espera: então essa pessoa sabia que Gavin tinha um gabarito lá dentro? – Peter reflete por um momento. – E daí, em vez de denunciar Gavin por colar, essa pessoa conta para você? Sem ofensa, mas… por quê?

– Provavelmente pela mesma razão pela qual essa pessoa não me conta

quem é – digo. – Por medo do time de futebol americano e dos treinadores.

– Então, basicamente, SportsFan é seu Garganta Profunda[6]?

– Talvez. – SportsFan obviamente tem seus próprios objetivos para querer que eu saiba que os jogadores estão colando, assim como foi por interesse próprio que quis que eu soubesse que os policiais não tinham conseguido conversar com os jogadores do último ano e que suspeitava que são os treinadores quem está liderando a narrativa de que o coma de Logan é resultado de uma pegadinha que deu errado.

SportsFan alega ter me alertado para me afastar do time pelo meu próprio bem. Mas e se a pessoa tivesse o objetivo oposto, desde o começo? E se soubesse que eu não conseguiria deixar passar aqueles avisos vagos? E se eu estiver fazendo exatamente o que a pessoa quer que eu faça (algo que ela mesma não pode fazer) e expondo o time de futebol americano?

A voz de Peter me traz de volta. Ele faz um som gutural, depois abana a cabeça. Guarda o Nintendo no estojo, claramente incapaz de se concentrar no jogo.

– Não acredito que é verdade mesmo.

Eu o encaro.

– Não é a primeira vez que você ouve falar disso?

– Bom, faz anos que rolam uns boatos… – Peter diz. – Mas são sempre vagos e meio que racistas.

– Racistas?

– É, tipo, Sunnybrook tem mais jogadores pretos do que qualquer outro time da nossa divisão. É meio suspeito que a gente passe a ganhar e, de repente, as pessoas comecem a dizer que os jogadores não conseguem passar sem colar. – Peter dá de ombros. – E por que os professores iriam compactuar com isso?

– Porque querem preservar os empregos – digo. – Murray poderia transformar a vida deles num inferno se eles não fizerem o que ele quer.

– Acho que sim – Peter diz.

– Quem leciona Matemática para Gavin? – pergunto. – Ele estuda álgebra avançada, não?

– A senhorita Cordero é a única que dá essa disciplina. E não acho que ela forneceria respostas para um aluno.

Senhorita Cordero. O nome faz soar uma campainha na minha cabeça. Ela é a técnica auxiliar de dança, a que assumiu a equipe enquanto a técnica principal está de licença-maternidade.

– Bem, de que outro jeito ele teria conseguido? – pergunto.

Peter parece confuso.

– Talvez ele tenha roubado da mesa dela. Não sei. Não consigo ver a Ginny fazendo uma coisa dessas.

– Ginny? – Pisco para Peter, confusa. – Você a conhece ou coisa assim?

– Mais ou menos. Ela era amiga da minha irmã Monica.

– Eu não sabia que você tinha outra irmã.

– Eu não faço questão de falar sobre gente que eu preferiria que não tivesse nascido – Peter diz.

Tenho certeza de que não é tão ruim assim, mas também tenho um irmão mais velho, então entendo. Não gosto de pensar sobre as coisas que Peter Carlino e eu temos em comum, então penso na senhorita Cordero.

– Espera – digo. – Na quinta passada, a senhorita Cordero disse ao Logan que precisava conversar com ele sobre uma coisa importante.

– No dia em que ele estava flertando com você, antes da aula de Espanhol? – Peter pergunta.

– Isso não vem ao caso, mas sim; ela pareceu meio nervosa para falar com ele – digo. – E se você estiver certo e ela não entregou o gabarito a Gavin, mas de algum modo descobriu que os jogadores estavam colando?

– Mas por que ela confrontaria Logan sobre isso em vez de ir direto ao senhor Sebastian?

– Não sei. Talvez ela não tivesse provas. Ou talvez tenha querido dar a Logan uma chance de se explicar.

O que você falou pra ela?

A senhorita Cordero é *ela*? Gavin estava com medo de Logan o delatar? Ele acusou Logan de só se importar consigo mesmo; talvez Gavin estivesse preocupado que Logan iria acusá-lo de ter roubado o gabarito.

Peter, ainda sentado ao contrário, para ficar de frente para mim, tamborila os dedos no encosto da cadeira.

– Não sei… Mesmo que tudo isso seja verdade, será que alguém realmente chegaria ao ponto de matar Logan para impedi-lo de falar?

– Pensa em quanta gente ia se ferrar se viesse à tona que os jogadores de futebol americano estão colando, e que professores e treinadores estão ajudando – digo.

– É, mas pensa em como seria difícil provar isso – Peter diz. – Os demais jogadores supostamente não são tão burros quanto Gavin e não guardariam o

gabarito no armário. E também não é como se os professores fossem admitir ter entregado os resultados.

– Eles poderiam, se foram pressionados pelos treinadores para ajudar os meninos a colar – digo.

– É, e como você acha que seria a vida de um professor que acusasse de *bullying* o homem mais poderoso da escola? – Peter resmunga.

– Esse é exatamente o problema – digo. – Por que um treinador de futebol americano é a pessoa mais poderosa desta escola?

– Eu também acho que isso está errado. Só estou dizendo que as pessoas têm muito a perder se falarem contra o treinador Murray. – Peter me encara. – Por que você acha que não ganhou o Prêmio Susan Berry?

– Não sei. Pensei que fosse por causa da sua relação com a família dela. – Eu me sinto rude por dizer isso, insinuando que ele não merecia ganhar. Mas o olhar no rosto do Peter me faz sentir inquieta, como um cão percebendo um trovão prestes a estourar.

– Não é por isso que eu ganhei – Peter diz. – Depois que Murray surtou por causa da sua matéria, o conselho não podia escolher você. Não ia compensar o revide.

Peter afasta os olhos de mim. Eu me sinto enjoada. Não suaviza o golpe saber que eu nunca tive uma chance de ganhar a bolsa. Muito pelo contrário, é como se isso tivesse dado um gás na raiva que ferve em mim desde que SportsFan me contou que Murray disse aos alunos do último ano que eles não precisavam conversar com o sargento Mejia sobre a festa.

As regras são diferentes para os jogadores de futebol americano, e isso não é justo. Não sei o que fazer com isso. Deve estar evidente o vermelhão no meu rosto e no meu pescoço, porque Peter diz:

– Você está bem?

– Estou – digo, me virando de volta para o laptop. *Se eu não entrar numa merda de uma combustão.*

O resto do dia se arrasta. As engrenagens do meu cérebro se agitam enquanto pedalo de volta para casa, a raiva se transformando em determinação.

Vários dias se passaram desde a festa, e a polícia ainda nem conversou com os amigos do Logan. Começa a parecer que, no melhor dos casos, Logan está

em coma por causa de uma pegadinha idiota e os treinadores estão tentando livrar o time de suas responsabilidades. No pior dos casos, um colega de Logan tentou matá-lo (ou mais de um) e os treinadores estão protegendo um assassino em potencial, tudo em nome de tentar manter todo mundo focado no jogo de sábado contra o Newton East.

As duas hipóteses são igualmente uma merda. Porque, mesmo que Logan também estivesse colando, ele não merece estar em coma bem agora. Ele merece a oportunidade de uma vida que, agora, ele pode não ter: ir para a faculdade, se casar, ter filhos e seja lá o que for que ele queira. Ele estava enganado quando disse que vencer o terceiro campeonato seria a coisa mais importante que ele jamais faria. A vida dele vale mais do que um troféu idiota.

Então, por que não tem ninguém agindo nesse sentido?

Guardo a bicicleta no galpão e entro em casa. Não paro para abastecer a tigela do gato, vou direto para cima e tiro o laptop do repouso para criar uma conta falsa no Google.

Peter disse que nenhum professor se apresentaria porque eles têm muito a perder. Mas e se eles pudessem abrir o jogo anonimamente? As pessoas dizem qualquer coisa quando podem se esconder atrás de uma tela.

Quando a conta está funcionando, pesquiso sobre VPNs. Preciso garantir que o e-mail que planejo mandar não possa ser atrelado ao meu endereço de IP nem transmitir nenhum outro tipo de informação de identificação.

Enquanto o aplicativo da VPN está sendo instalado, crio uma pesquisa no Google.

Olho para a caixa de perguntas vazia pelo que parece ser uma eternidade antes de relaxar os ombros e começar a digitar.

> Você ou um colega já foi pressionado por um treinador de futebol americano a alterar a nota de um jogador ou a dar a ele a resposta de um teste? Em caso afirmativo, por favor, explique. Suas respostas permanecerão anônimas.

Apoio as costas na cadeira, leio a pergunta uma dúzia de vezes antes de fazer novas pesquisas no Google para ter certeza de que o serviço grátis de VPN que baixei é legítimo. Estou suando debaixo da camiseta, apesar de o ar-condicionado estar no talo, acima da minha escrivaninha.

Depois, com o coração aos pulos, rascunho um e-mail a partir da conta falsa e acrescento como destinatários os endereços de todos os professores e

funcionários da Sunnybrook High School, exceto os treinadores de futebol americano e o senhor Sebastian.

No campo do assunto, escrevo: *Time dos Tigers*.

Colo o link para a pesquisa e escrevo uma mensagem acima dele, *para que ninguém pense que este e-mail é spam*.

> *Clique no link a seguir para informações importantes sobre o time de futebol americano.*

---

[6] Pseudônimo de W. Mark Felt, vice-diretor do FBI que passou aos jornalistas do *Washington Post* as informações que revelaram o Caso Watergate e levaram à queda do presidente norte-americano Richard Nixon, em 1972. (N.T.)



Capítulo Nove

Passo a maior parte da noite atualizando a caixa de entrada da conta falsa do Google, mas nenhum dos professores responde. Digo a mim mesma que, muito provavelmente, eles não olham o e-mail quando não estão na escola e que muitos devem estar ocupados dando treinamento esportivo, ministrando atividades extracurriculares ou lidando com as próprias famílias e crianças.

Na terça de manhã, acordo antes do alarme. Vou direto para o laptop e abro a conta do Google. Não há novos e-mails, mas a minha pesquisa recebeu duas respostas.

Meus batimentos se aceleram quando abro a primeira.

> *Você deveria ter vergonha. Isso é um golpe absolutamente nojento e desrespeitoso, considerando que um jogador está lutando pela própria vida.*

Aperto a mandíbula. Clico na resposta seguinte.

> *Que preguiça. Esse "escândalo da cola" foi fake news três anos atrás e continua sendo.*

Engulo o nó que se forma na minha garganta. Só duas respostas, dos noventa professores para quem mandei a pesquisa. Talvez os outros abram o e-mail quando chegarem à escola, na manhã de hoje.

Desligo o computador e me visto, depois devoro uma banana e saio para

pegar o ônibus.

Quando chego à sala da orientação, meu coração está batendo enlouquecido. Observo o senhor Fiorella no computador, o rosto impassível. Quando o sinal toca, ele se levanta e dá início ao ritual matutino de caçar os atrasados no corredor.

Nenhum dos meus professores está agindo estranhamente. Nenhum deles olha demais para mim durante as aulas. A única coisa fora do normal é que Peter está sentado na minha cadeira na aula de Espanhol, no sétimo horário. Largo minhas coisas a seus pés.

– O que você está fazendo?

Peter balança a cabeça e lança um olhar para a porta, onde a senhorita Martinelli está parada, conversando com a professora de Francês, na porta ao lado.

– Cara – Peter diz. – *Cara*.

– O que é? – rebato.

Ele baixa a voz até um sussurro.

– Foi você?

Dou um cutucão no ombro dele, como quem diz *cala a porra da boca*, apesar de sermos os únicos na classe.

– Basta assentir ou negar com a cabeça – ele diz.

Hesito antes de mover a cabeça para dizer sim.

– Agora, sai da minha cadeira.

A boca de Peter se abre enquanto ele se levanta. Sento na minha cadeira, olho para ele e cochicho:

– Como você ficou sabendo?

– Vi um print de tela – ele diz.

– Quem fez um *print* de tela?

– A irmã mais velha da Madison é assistente na matéria de Habilidades para a Vida.

Madison Reilly é um megafone ambulante para grandes e pequenas fofocas. Ela provavelmente mandou o print de tela da minha pesquisa para todas as pessoas da sua lista de contatos no segundo em que a irmã mostrou para ela.

Torço o punho, meus dedos subitamente muito frios, apesar do ar morno que entra pela janela aberta ao lado da minha mesa. Peter parece que vai dizer mais alguma coisa, mas a senhorita Martinelli entra na sala.

– Não se instalem muito confortavelmente. Vamos juntar as mesas e treinar

para a prova de conversação.

– Podemos escolher nossas duplas? – Peter pergunta.

– Sim – a senhorita Martinelli diz, quando o sinal toca. O restante da turma entra; Peter arrasta a mesa dele para junto da minha antes que outra pessoa me escolha como dupla.

A senhorita Martinelli marca a nossa presença antes de exibir o tema da conversa no telão. A sala se enche de espanhol mal pronunciado, e Peter diz baixinho, para que só eu escute:

– Fiz umas pesquisas sobre a tetraidrozolina ontem à noite.

– Tipo… por diversão?

A senhorita Martinelli olha para nós. Peter pigarreia alto antes de me perguntar:

– ¿Qué película vas a ver?

– É… ¿Dónde está Nemo? – digo, observando a senhorita Martinelli franzir ligeiramente o rosto.

Quando ela vai para o outro lado da sala, Peter cochicha:

– Fiquei pensando sobre o que você disse, que Logan caiu quando estava na mesa de *flip cup*. Mas partidas de *flip cup* são rápidas, certo?

– São. Tipo, no máximo, uns poucos minutos.

– Então, isso me fez pensar. Será que um colírio realmente faz alguém do tamanho do Logan passar mal em questão de minutos?

– Não sei – digo. – Acho que depende da química corporal e coisas assim. E, se ele já estava bebendo, o álcool não poderia acelerar a absorção?

– Li um monte de artigos e também algumas transcrições de julgamentos em que as pessoas usaram colírio para matar alguém – Peter cochicha. – Em todos os casos, a vítima não passou mal até, no mínimo, uma hora depois de ser envenenada, e às vezes até mais tempo.

Encaro Peter. Ele dá de ombros. Sinto um aperto no peito; em parte pelo alívio de ele talvez estar certo, mas também pela culpa de ter sido tão escrota com Peter Carlino.

– Obrigada – digo. – Por fazer isso.

Peter dá de ombros de novo, as faces muito coradas.

– Não foi só por você. Quer dizer, eu sabia que você estava preocupada, mas eu estava curioso. Sobre colírio como veneno.

– Certo – digo, porque não quero constrangê-lo ainda mais. – O que mais você descobriu?

– Uma coisa interessante – ele diz, lançando um olhar de esguelha para o lado oposto da sala. Erica, Madison e Gabby estão em um trio de conversação, porque o número de alunos da turma é ímpar.

Peter se vira de novo para mim e baixa a voz.

– Em quase todos os casos que li sobre envenenamento… o assassino era uma mulher.

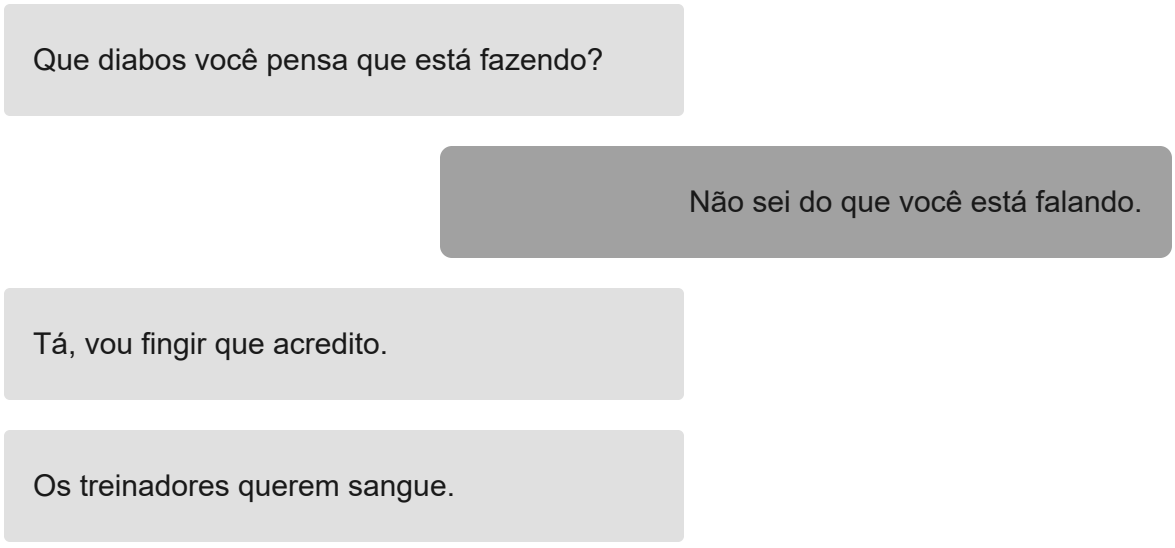
* * *

Vou direto para casa depois da última aula, me coçando de vontade de acessar a conta falsa e ver se mais alguém respondeu à pesquisa. Sinto-me um pouco mais leve quando subo a escada; desde a conversa com Peter na aula de Espanhol, acalento a esperança de que ele esteja certo e que eu nunca fui o alvo do envenenamento.

Muda alguma coisa se Logan era decididamente o alvo? SportsFan disse que Logan jamais teria contado a ninguém sobre as colas, porque ele mesmo teria muito a perder. Será que estive errada o tempo todo e a tentativa de assassinato não teve nada a ver com a discussão que ouvi na frente do ginásio?

O que você falou pra ela?

Penso no que Peter falou, sobre a maioria das pessoas que matam com veneno serem mulheres. Vou direto para o laptop, porém, antes de conseguir abrir as respostas da pesquisa, recebo uma notificação do GChat. SportsFan me mandou uma mensagem.



Você tá fodida se eles descobrirem que é você.

Os pelos dos meus braços se arrepiam. Eles não têm como descobrir que fui eu. Não existe maneira de rastrear o IP da conta falsa, porque usei uma VPN para embaralhar os dados.

Eles não vão descobrir que sou eu.

E por que você me contou sobre o que tinha no cofre do Gavin se não queria que eu fizesse alguma coisa a respeito?

Eu contei porque você perguntou.

Não achei que você faria algo tipo ISSO.

O calor queima meu rosto. É muita cara de pau de SportsFan vir me dar bronca por eu fazer concretamente alguma coisa em relação às colas. Será que achou que poderia exibir a cenoura na frente do meu nariz e esperar que eu ignorasse, depois de ter tentado me convencer de que eu estaria em perigo se ficasse perto do time de futebol americano?

Afinal, o que você quer de mim?

Já falei. Eu só queria te alertar sobre eles.

Não pode ser isso. Você poderia simplesmente ter me contado que eles estavam colando, mas em

vez disso você me mostrou uma prova real.

Você queria que eu fizesse algo a respeito, mas agora está assustado. Porque está com medo de ser envolvido.

Você tem medo deles… Por quê?

Meu coração se acelera quando SportsFan finalmente começa a digitar. Talvez a pessoa finalmente me conte quem é e o que ainda está escondendo de mim.

Você precisa apagar aquela pesquisa.

Eles vão descobrir que é você e vão destruir sua vida.

Confie em mim… Sei por experiência própria.

Não posso mais conversar com você.

Sinto muito.

Antes que eu possa responder, SportsFan se desloga.

Passo o resto da noite e a manhã de sexta-feira com o alerta de SportsFan na cabeça.

Eu deveria deletar a pesquisa. Obviamente, é inútil: os únicos professores que responderam já tomaram o partido do Sunnybrook Football.

Quando chego à sala da Kirk na hora do almoço, há um professor substituto ocupando a mesa dela, comendo um sanduíche quente, a fumaça embaçando as lentes dos óculos Warby Parkers.

– Pois não? – A voz dele é anasalada, e a aparência é de um ex-rejeitado agora surfando uma onda de poder, o tipo de cara que se torna professor como vingança.

– Sou a editora do jornal – digo. – Kirk me deixa trabalhar na parte administrativa durante o almoço.

– Bem, ela não me falou nada sobre isso.

Encaro o sujeito, a avalanche de molho de tomate escorrendo do lanche.

– Então… posso trabalhar aqui atrás ou não?

Ele pousa o sanduíche e o embrulha.

– Eu realmente não me sinto à vontade com isso.

Ele pronuncia o veredito com uma gravidade que sugere que eu pedi para cozinhar metanfetamina no escritório. Eu me viro, saio da sala e rumo para a biblioteca, só para ser recebida por um aviso na janela, informando que está fechada para uma apresentação institucional.

Não tenho escolha a não ser ir para a cafeteria ou o pátio.

Não gosto de nenhuma das minhas opções. O pátio exclusivo dos alunos do último ano é disputadíssimo na hora do almoço; só há duas mesas de piquenique e uma está sempre ocupada pelos jogadores de futebol americano e por pessoas consideradas importantes o suficiente para se sentarem com eles.

A cafeteria é o caos, cenário de brigas constantes e de desafios de TikTok que deram errado e resultaram em garrafas de Sprite explodindo e detenção[7] de todo mundo pego no raio do estouro. Estou considerando me esconder no banheiro por quarenta minutos, quando Alix Maroney emerge da fila do almoço da cafeteria, segurando uma embalagem plástica de salada.

– Oi – ela diz. – Você tem almoço no quinto horário?

– Tenho. Normalmente eu como na sala do jornal, mas Kirk está fora hoje.

Alix olha para a cena do outro lado da janela da cafeteria. Em algumas semanas, quando o tempo esfriar o suficiente para fecharem o pátio, ela e as amigas terão de almoçar na cafeteria, mas, agora, ela olha para lá como um habitante do Capitólio olharia para o Distrito 12[8].

Ela põe a mão no meu braço e me guia para o pátio.

– Vem.

Engulo em seco, nervosa, quando Alix segura a porta aberta para mim. Mesmo que Peter esteja certo e o copo envenenado nunca tenha sido para mim, eu ainda não me sinto exatamente confortável saindo com o time de futebol americano nem com as meninas da equipe de dança.

Todos eles estavam na festa, e qualquer um poderia ter envenenado Logan.

Em uma ponta da mesa, Cameron Burnham está sentado com Gavin, Wes, TJ Blake e dois jogadores do terceiro ano que, tecnicamente, não têm permissão para usar o pátio no almoço, mas também não é como se alguém fosse dizer alguma coisa para eles.

As meninas estão sentadas na outra ponta. Em sua maior parte, são da equipe de dança, mas também há umas duplas do vôlei e do futebol feminino. Ayana Murphy está na cabeceira, ladeada pelas melhores amigas. Ayana é a única que levanta a cabeça quando Alix e eu chegamos à mesa.

– Oi – Alix diz, daquele jeito sem respirar dela.

Ayana nos encara, as unhas trabalhando para remover a casca da tangerina, mas ela não cumprimenta de volta.

Gabby não para de tomar um suco cor-de-rosa quando desliza para abrir espaço para mim e Alix no banco. Pouso o celular na mesa ao mesmo tempo que Peter me manda uma mensagem: *Onde você está?*

Pátio, escrevo de volta.

Com Alix e Gabby.

Fazendo trabalho de campo??

Viro o telefone quando Alix se acomoda ao meu lado e põe a salada à frente de si.

– Ah, não, esqueci de pegar molho – ela diz, antes que uma agitação na outra ponta da mesa chame nossa atenção.

– Ei, para com isso – Cameron grita de volta para Gavin.

Gavin pisa duro a caminho da mesa ao lado, onde um grupo de alunos do último ano e umas meninas estão sentados. Entre eles estão Sam Hirani e Dan Zhang, amigos de Peter.

Todas as conversas no pátio se interrompem quando Gavin para na frente de Sam e Dan.

– Você tem algo a dizer? – Gavin pergunta.

Sam baixa a garrafa de Powerade e olha para Gavin sem entender.

– Do que você está falando?

– Você fica encarando a gente – Gavin dispara. – Diz na minha cara, seu maricas.

O rosto bronzeado de Sam fica vermelho. Ele não diz nada e balança a cabeça, depois volta a comer.

A falta de reação desperta alguma coisa em Gavin. Ele levanta um braço musculoso e varre da mesa tudo que estava na frente de Sam. Livros caem no chão, papéis voam para todo lado. A garrafa de Powerade de Sam cai da mão dele em seu colo.

– Ah, merda – Ayana diz.

Todos os pares de olhos no pátio estão em Sam, que observa o jeans ensopado de Powerade, desacreditando. Gavin ainda está parado ao lado dele, desafiando-o a se levantar e recolher as coisas.

Cameron se levanta.

– Ei. Gavin. *Para*.

Gavin fecha o punho na lateral do corpo. Ao meu lado, Alix segura a borda da mesa, como se estivesse se firmando para o que vai acontecer.

– Não seja burro – Cameron pede. – Vamos.

Gavin se vira e volta para a própria mesa sem fazer contato visual com Cameron. Sam se abaixa, tenta reunir seus papéis. Observo a curva de sua boca, um acidente de carro acontecendo em câmera lenta, quando Sam resmunga "Babaca".

Gavin gira nos calcanhares. Em questão de segundos, agarra Sam pela gola da camisa. Ao meu lado, Gabby grita, e Cameron e Wes abandonam a mesa e correm na direção de Gavin e Sam.

– Mas que diabos está acontecendo?

A voz de Frank Murray atravessa o pátio. Está parado na entrada, segurando com uma das mãos a porta aberta. Na outra, está a bandeja do almoço. Os olhos de Murray se arregalam quando ele vê Gavin se libertar do aperto de Cameron e soltar Sam.

Sam cai sentado, massageando a nuca, e Gavin volta marchando para a mesa de piquenique.

Alguma coisa atravessa a expressão de Murray, enquanto ele olha de Sam para as testemunhas. Pânico.

– Steiger – ele late. – Venha comigo.

Gavin encara Murray.

– Você está de brincadeira?

– Agora! – Murray grita. Por baixo da camisa polo, o pescoço carnudo está roxo, de tão vermelho.

Ele está apavorado. Os olhos de Gavin se arregalam, conforme a realidade da situação fica clara para ele. Por fim, pega a mochila e segue Murray para fora do pátio.

Ninguém fala nada por pelo menos um minuto depois que as portas se fecham atrás do treinador Murray e Gavin. Digo baixinho para que apenas Gabby e Alix ouçam:

– Os almoços aqui fora são sempre assim movimentados?

Nenhuma delas dá risada. Alix espeta um pepino.

– Eles só estão muito tensos agora.

Algo em sua voz e o olhar furtivo que ela lança para os jogadores na outra ponta da mesa indicam que não devo pressionar em busca de detalhes, porque não vou obter nenhum.

– Mas o que foi que Sam falou? – pergunto.

Ao meu lado, Gabby olha para o suco, mexe com um canudo os pedaços de fruta no fundo do copo.

– Provavelmente foi alguma coisa sobre o Snapchat.

Alix continua não olhando para mim, mas não consigo me conter e sigo perguntando:

– Que Snapchat?

– Alguma pessoa aleatória mandou para todos os professores um e-mail com uma pesquisa, perguntando se eles já tinham ajudado um jogador a passar de ano ou coisa assim. – Gabby parece contrariada ao dizer isso. Ela checa se tem novas mensagens, exibindo a imagem de fundo de tela. É uma foto de Chris beijando-a na face, maquiagem preta borrada sob os olhos, os dela com cílios postiços, diamantes falsos nos cantos. – Alguém em Newton East recebeu o link para a pesquisa e fez um Snapchat com ele, tipo, zombando da gente.

Concentro toda a minha energia em abrir a embalagem da barra de granola. Eu só mandei a pesquisa para os professores da escola. Como alguém de Newton East recebeu o link?

Um dos professores deve ter compartilhado. A única coisa em que consigo pensar é acessar a conta do Google e ver se mais alguém respondeu.

– Não é justo eles precisarem lidar com boatos de merda, além de todo o resto que já está acontecendo – Alix diz.

– Como começaram esses boatos? – pergunto.

Alix olha para a outra ponta da mesa. Nenhum dos meninos está falando. Cameron, de rosto franzido, observa a porta por onde Gavin foi atrás de Murray.

– Teve um menino, uns anos atrás, que era o melhor jogador do time. Ele recebeu uma suspensão, e o orientador apagou do histórico escolar, para não diminuir as chances de ele conseguir uma bolsa. – Alix espeta mais um pepino. – Ele morava com o irmão mais velho do Cam, na época, então, de toda forma, as pessoas o acusavam de receber tratamento especial.

– Pelo que ele foi suspenso? – pergunto.

– Isso não importa – Alix diz. – O ponto é que ninguém fez nada de errado, e *quem criou essa pesquisa é um bosta*.

A barra de granola não digerida dá voltas no meu estômago. Não quero ficar aqui pelo resto do intervalo, mas não há como me afastar sem parecer estranho.

Quando o sinal finalmente toca, eu me levanto e rumo para o portão. Atrás de mim, Alix me chama.

– Espera – ela diz.

Ela me alcança e estica o braço. Pego a fita azul de sua mão, leio as letras brancas impressas nela. #PHILBRICKFORTE

Alix ajeita a mochila no ombro.

– Vamos usá-las no jogo amanhã.

Eu tinha me esquecido totalmente do levantamento de fundos para Logan.

– Obrigada.

Alix parece querer dizer mais alguma coisa, então me demoro por ali, abrindo o alfinete da fita. Ela passa a mão pelos cabelos, separa as mechas sobre os ombros e diz:

– Então, Peter Carlino, né?

Não sei o que esperava que ela dissesse, mas não era isso. Com uma onda de pânico, eu me lembro da última mensagem de texto que ele me mandou. Fazendo trabalho de campo? Será que a Alix viu?

– Vocês costumam almoçar juntos todos os dias, certo? – Alix pergunta, quando não reajo.

– Não. Quer dizer, eu trabalho na sala do jornal – digo. – E ele, também.

Alix assente devagar.

– Olha, não sei bem como dizer isso, mas… O que você sabe da família dele?

Algo no tom de voz dela faz meu estômago se revirar.

– Sei que Jen Rayburn era irmã dele. E que o pai era policial.

– Ele contou sobre a outra irmã? – Alix olha de lado para os caras, que estão se levantando da mesa. Cameron acena para ela, e ela levanta um dedo para ele. *Um minuto*.

– Bom, eu sei que ele tem outra irmã – digo. – Monica, certo?

– Isso. Ela se formou algum tempo atrás – Alix diz. – Teve toda essa coisa… História comprida, mas a família do Peter… Bem, eles tentaram fazer com que Murr fosse demitido.

– Por quê? – pergunto. Recordo todas as vezes que Peter mencionou sua outra irmã, Monica: exatamente uma, outro dia, quando disse que Monica era amiga da senhorita Cordero.

– É complicado – Alix diz, espiando os corpos passando pelo portão do pátio. – Mas Peter e a família dele odeiam, realmente odeiam Murr. E, cá pra nós, eu não deixaria de lado a possibilidade de Peter aprontar alguma merda, tipo criar aquela pesquisa.

A menção à pesquisa faz meus dedos se encolher dentro do tênis.

– Você acha que Peter fez aquela pesquisa?

– Não sei. Mas algumas pessoas querem ver a gente perder – Alix diz. – E ele é uma delas.

Somos as únicas pessoas ainda no pátio. Vamos nos atrasar se ficarmos aqui por mais tempo, mas não consigo me obrigar a me mexer. Alix rompe o contato visual, olha para a fita que tenho na mão, esperando para ser presa à minha camiseta.

– Cuidado – ela diz. – Com a parte afiada.

---

[7] Detenção e suspensão são medidas disciplinares. Detenção: ocorre depois da aula ou durante o intervalo para almoço; o aluno fica em uma sala separada para estudar e fazer lição. Suspensão na escola: também em sala separada, com estudo e lição, mas ocorre durante o período de aula e acarreta falta para o aluno. Suspensão em casa: obriga ao afastamento por no mínimo um dia. (N.T.)

[8] Em "Jogos Vorazes", o menor e mais pobre dos distritos de Panem. (N.T.)



Capítulo Dez

Quando chego à classe de Inglês, há um aviso na porta: O PROGRAMA AVANÇADO EM LITERATURA VAI SE REUNIR NA BIBLIOTECA. Desço o corredor correndo e chego à biblioteca bem a tempo de evitar que a bibliotecária feche a porta na minha cara.

Pego o único computador disponível, no fim da fileira, perto do telão onde a bibliotecária está exibindo uma apresentação. Percebo que Peter está no computador no canto do fundo, mais próximo da janela. A conversa com Alix ainda ecoa na minha cabeça, as acusações que ela fez à família de Peter.

Será esquisito que, em todas as nossas conversas sobre o treinador Murray, Peter nunca tenha mencionado que a irmã supostamente tentou fazer com que Murray fosse demitido?

– Chega de conversa – o senhor Ward diz, silenciando as meninas na fileira em frente à minha.

Deixo de olhar para Peter e observo a bibliotecária, que nos informa que vamos aprender como usar bancos de dados acadêmicos.

Algumas almas corajosas soltam gemidos, porque já passamos por isso no ano passado. O senhor Ward franze o rosto e anda na direção da fila de onde partiram os gemidos, enquanto a bibliotecária abre o site da escola.

O senhor Ward para no fim da fila, onde Peter está sentado com Sam Hirani e Dan Zhang. Olho disfarçadamente para o senhor Ward, enquanto finjo ouvir as instruções da bibliotecária sobre como acessar os bancos de dados da biblioteca.

Faço de conta que estou bocejando e espio por cima do ombro,

confirmando que a biblioteca está vazia, exceto pela minha turma. Há um computador desocupado entre mim e Ayana Murphy.

Disfarçadamente, encaixo o celular entre as páginas do caderno do Programa Avançado em Literatura. Desconecto o aparelho do wi-fi da escola, o sangue pulsando nos meus ouvidos quando abro a pesquisa.

Congelo ao ver a quantidade de respostas. Não havia nenhuma nova quando olhei hoje de manhã, antes de vir para a escola; em poucas horas, quinze novas respostas chegaram.

Foda-se Sunnubrook

A melhor amiga da minha mãe lecionou em Sunnybrook e falou que era um pesadelo… O chefe do departamento dela surtou porque ela reprovou um jogador e disse que, se ela "não encontrasse uns pontos perdidos por aí", Frank Murray iria se certificar de que o contrato dela não fosse renovado

Gargalhando, aqui… Mal posso esperar pra ver a cara deles quando os enfrentarmos no sábado.

Clico nas respostas e encontro mais desejos nefastos contra os Tigers. Exceto pela resposta sobre Murray exigir que uma professora encontrasse pontos a atribuir a um menino, nenhuma delas menciona nenhum dos treinadores nem jogadores pelo nome.

Levanto os olhos do celular, para o caso de o senhor Ward ter percebido que eu estava olhando para baixo por um tempo suspeitamente longo. Mas ele ainda está pajeando Peter e os amigos, na fileira perto da janela. Observo Sam, sentado escarrapachado na cadeira, a calça provavelmente ainda molhada por Gavin ter derrubado um Powerade inteiro em cima dele.

Nenhuma das respostas à pesquisa é particularmente danosa, mas Gavin não teria como saber disso. Por que teria uma reação tão exagerada à ideia de as pessoas falarem sobre a pesquisa, a menos que estivesse paranoico sobre o que poderia vir à tona sobre ele?

Quero ir direto para casa depois da última aula e ver se alguma nova resposta à

pesquisa chegou, mas falei para Alix que prepararia alguma coisa para a vaquinha de amanhã.

Pedalo da escola para a mercearia no centro, fazendo um lembrete mental de escrever para mamãe explicando por que gastei vinte dólares em manteiga, no cartão de crédito que ela me deu para emergências. Vou para casa pedalando devagar, a mochila pesada com os ingredientes, pensando na fita #PHILBRICKFORTE no meu bolso e na conversa bizarra com Alix na hora do almoço.

Quando chego em casa, deixo a manteiga no balcão da cozinha para amolecer e procuro no Google *Monica Rayburn Sunnybrook*. O único resultado é do site do departamento de Atletismo da escola: Monica Rayburn aparece na escalação da equipe de dança de Sunnybrook de seis anos atrás.

Não há nada online que indique por que Monica Rayburn iria querer que Frank Murray fosse demitido. Eu não esperava que houvesse, mas é um pouco estranho que a escalação da equipe de dança seja a única confirmação de que Monica Rayburn existe e que frequentou a Sunnybrook High School. Ela não tem LinkedIn, não tem redes sociais.

Considero a ideia de escrever para Peter e contar o que Alix falou, mas ainda são três e meia, e ele tem treino de golfe até as cinco. Pré-aqueço o forno e pego minha receita favorita de cookies de manteiga *noisette*, tentando não pensar no veneno na voz de Alix no almoço. *Quem criou essa pesquisa é um bosta.*

Quando os cookies estão no forno, pego uma tábua de cortar e uma cebola e começo a preparar o jantar. Eu normalmente cozinho nas noites de sexta, e mamãe por enquanto não mandou mensagem dizendo que vai ficar até mais tarde no trabalho.

Já passa das cinco. Três fornadas de cookies estão esfriando e ainda não há sinal da mamãe. Estou baixando o fogo do curry de coco que preparei, quando a câmera do interfone me informa que há alguém na porta da frente.

Instantes depois, mamãe entra na cozinha, despindo o casaco. A blusa de seda que está usando por baixo está amarrotada, molhada nas axilas. Ela prende o cabelo em um coque e o segura com um clipe, farejando o ar como um cão.

– O que é isso?

Ela está fazendo aquela dieta cetogênica, então listo os ingredientes para ela

enquanto sirvo o cozido para nós duas. Levo tudo para a mesa, enquanto ela enche um copo de água e desaba na cadeira.

Mamãe põe de lado uma migalha minúscula de pita, apesar de eu ter comprado especificamente para ela a versão de baixo carboidrato. Ela afunda o pão na tigela e leva uma colherada de cozido à boca, fechando os olhos. Um raro momento de paz. Espero até que ela tenha engolido para perguntar:

– Como foi seu dia?

Mamãe sacode a cabeça.

– Não foi incrível.

A culpa me percorre. Sei quanto é estressante o trabalho dela, administrar todo um distrito escolar. A última coisa que eu queria com aquela pesquisa era tornar a vida dela ainda mais difícil. Evito o olhar dela, remexo a colher pela superfície do cozido.

– Por causa daquela pesquisa?

– Quem te contou sobre ela?

Quando levanto os olhos, mamãe está me encarando de um jeito que me faz gelar. É um olhar que me faz lembrar de quando comentei que o papai se atrasou para me buscar no treino ou que ele havia, teoricamente, perdido o dinheiro que deveria me dar para uma excursão da escola.

Dou de ombros.

– Todo mundo está falando disso.

– Mas que maravilha. – Mamãe massageia as pálpebras com os polegares. Após um momento, para e olha para mim. – O que as pessoas estão dizendo?

Pego mais um pedaço do pita, pois preciso ocupar as mãos.

– Estão falando sobre como alguém de Newton East conseguiu o link e fez uma espécie de Snapchat.

Mamãe toma um gole da água. Ela não diz nada, mas também não pega a colher para continuar comendo.

– Alguma parte disso é verdade? – pergunto.

Mamãe me encara.

– Disso o quê?

– Que os treinadores de futebol americano estão pressionando os professores a fornecer aos jogadores as respostas das provas. – Sustento seu olhar, torcendo para que ela desista. Torcendo para que me dê alguma coisa, qualquer coisa, que indique que os boatos sobre as colas são uma total surpresa para ela.

Mamãe nem mesmo pisca. Seu rosto está calmo quando ela diz:

– Hadley, mesmo que alguém tivesse se queixado para mim sobre treinadores de futebol agindo inadequadamente com professores, eu não poderia discutir isso com você.

O jeito como ela consegue sentar aqui e dizer isso está me matando. Porque o que Murray fez com Kirk (gritar com ela para derrubar meu artigo sobre a equipe de dança) não foi só inadequado. Foi bullying.

Quero perguntar a mamãe se ela sabe que Murray é a razão pela qual não ganhei o Prêmio Susan Berry. Mas minha mãe não é burra, e não quero que desconfie que tive um motivo para criar aquela pesquisa.

Fico em silêncio até que ela olha para mim.

– O que foi? – A pele sob os olhos dela está brilhante e escura, e uma das lentes dos óculos está borrada.

– Nada – digo.

Isso parece contentá-la. Por fim, ela pega a colher de novo e diz:

– Conversei com o papai hoje.

Quase engasgo, de tão perturbador que é ouvi-la chamá-lo desse modo, embora ele tenha sido papai para nós durante toda a minha vida. Porém, desde que foi preso, só ouvi mamãe se referir a ele como *o seu pai*.

Antes que eu possa responder, mamãe acrescenta:

– Ele está indo realmente muito bem.

Já sei o que vem na sequência.

– Não quero vê-lo – digo.

– Eu o convidei para o Dia de Ação de Graças – mamãe diz.

Eu me levanto e levo minha tigela para o balcão.

– Então, não vou estar aqui.

– E aonde planeja ir? – mamãe rebate, mas eu não respondo, enquanto pego um Tupperware com as mãos trêmulas e despejo meu cozido dentro. Fecho minhas sobras na geladeira e me viro para subir, mas mamãe capta meu olhar por tempo suficiente para disparar:

– Ele é seu pai. Você não o ama nem um pouco?

É claro que o amo. Ele é meu pai; não tenho escolha nessa questão. Mas amar alguém não deveria significar dar a essa pessoa permissão para ferir você de novo e de novo, o que é exatamente o que o papai fez conosco.

E é o que fará outra vez, se lhe dermos a chance. Não confio que minha mãe não vá esconder a verdade de mim caso o papai tenha uma recaída e encontre novos jeitos criativos de nos ferrar.

Olho para minha mãe e a compreensão me atinge como uma carreta. Ela mentiu para o meu irmão e para mim por metade de nossa vida, dizendo-nos que a estadia do papai na clínica de reabilitação eram conferências de trabalho, que ele estava hospitalizado por causa de uma gripe, quando de fato tinha sofrido uma overdose.

Ela mentiu sobre o vício do papai porque pensou que estava protegendo nossa família.

Não posso confiar em nada que minha mãe diga sobre os treinadores de futebol americano nem sobre a investigação da polícia. Minha mãe precisa deste emprego, e não quero nem pensar até onde ela chegaria para protegê-lo.

* * *

Acordo sobressaltada. Passa um pouco das oito. O fundo dos meus olhos lateja, confirmando que vou pagar pela noite mal dormida.

Quando me lembro que hoje é o jogo contra Newton East e o levantamento de fundos, sou engolida por tamanha onda de medo que penso em escrever para Alix dizendo que estou doente e não vou conseguir ir. Mas há quatro dúzias de cookies na cozinha, e não quero que ela pense que estou recuando por causa daquela conversa estranha de ontem.

O jogo começa à uma, mas ontem à noite Alix mandou mensagem dizendo que todo mundo que está ajudando com a venda de bolos deve chegar à escola às onze e meia, para arrumar as coisas. Mamãe já está lá embaixo quando desço, tomando uma caneca de café e rolando a página do Outlook no celular.

– E-mail de trabalho em pleno sábado? – pergunto, tirando uma caneca do armário.

Ela ignora meu comentário e, sem tirar os olhos do telefone, pergunta:

– A que horas você precisa estar na escola?

– Onze e meia.

– Eu te levo. – Mamãe se levanta, leva a caneca de café até a pia. – O estacionamento vai estar um pesadelo.

Nenhuma de nós menciona a conversa da véspera, não concluída, sobre o papai. Eu a evito até a hora de sair, e ela parece feliz em me ajudar com isso, pois desaparece no banheiro de cima. Levo as travessas de cookies para o carro

e ela me encontra lá fora, vestindo um moletom do Sunnybrook Football, o cabelo seco com secador.

A caminho da escola, eu mexo à toa no celular, e mamãe finge estar interessada em um programa no rádio. Ela não fala até chegarmos à entrada lateral.

– Vou deixar você aqui. Preciso dar a volta e encontrar uma vaga.

Ainda falta uma hora para o início da partida, mas o estacionamento já está quase lotado. Saio do carro e pego as travessas com os cookies no banco traseiro, antes de seguir um grupo de pessoas com o azul e o amarelo do Sunnybrook até a entrada do campo de futebol americano. Abaixo da arquibancada, a banda está fazendo o aquecimento, uma cacofonia de guinchos de clarinete e batidas de bateria.

Placas com #PHILBRICKFORTE em tinta fluorescente me direcionam a uma mesa dobrável a cerca de três metros da cabine de venda de ingressos. Erica, Madison e outras poucas alunas do último ano estão agitadas por ali, abrindo caixas grandes de sanduíches e latas de refrigerante. Há garrafas térmicas de café e uma pilha de copos de isopor, e a mesa está coberta de bandejas de petiscos assados, profissionalmente embalados em celofane.

Alix não está à vista, assim como nenhuma das meninas da equipe de dança. Um nó de desconforto me sobe pela garganta quando Erica me observa. Olha para os cookies que fiz, e sua expressão deixa muito evidente a aparência coitadinha e triste deles, em comparação aos doados pela padaria local.

– Pode deixar os seus aí na mesa. – O cabelo loiro de Erica está amarrado em um rabo de cavalo alto, preso com fita azul. Ela (e as outras meninas, percebo agora) está usando camiseta marinho estampada com o mascote dos Tigers e #PHILBRICKFORTE embaixo.

– Alix me perguntou se eu podia ajudar – digo. – A vender.

Erica me encara como se eu tivesse acabado de admitir que cuspi nos cookies.

– Ela não tem uma camiseta – Madison cochicha para Erica.

– Tá – Erica diz, os olhos ainda fixos nos meus. – Então ajuda.

Ela se vira e vai para o prédio da escola, latindo ordens para as ajudantes do terceiro ano, que a seguem. Abro as caixas de salgadinhos que estão sob a mesa, imitando uma das meninas que desembrulha os lanches, arrumando-os com cuidado em uma cesta atrás de uma placa que diz QUALQUER ITEM: $2.

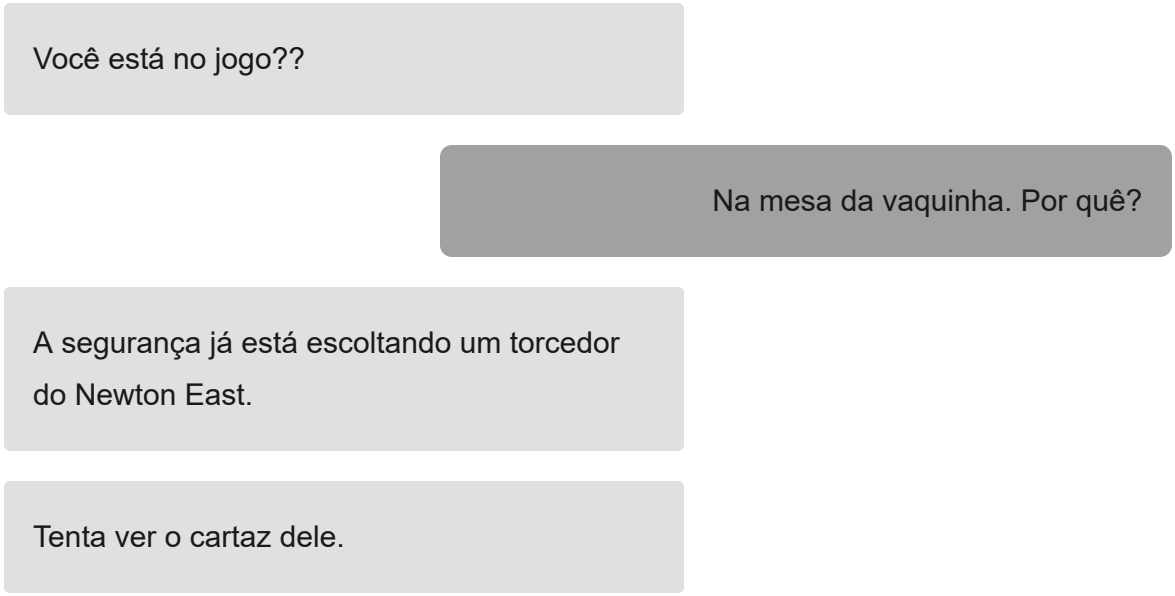
O sol brilha forte na minha nuca quando tudo está descarregado e disposto.

O jogo começa em quinze minutos, mas já se forma uma fila em frente à mesa. Quase todo mundo está vestindo o amarelo e azul dos Tigers, e muitos vestem camisetas #PHILBRICKFORTE combinando.

Caos. As garrafas térmicas gorgolejam e espirram em nós, enquanto atendemos aos pedidos e trocamos copos hiperquentes por notas de vinte, as pessoas nos dizendo para ficar com o troco.

Estou pegando o troco de um cofrinho de metal para uma mulher cujos quatro filhos quase zeraram minha primeira travessa de cookies, quando o celular vibra no meu bolso de trás. Eu me curvo debaixo da mesa, fingindo abrir outra caixa de salgadinhos, e pego o telefone.

Mensagem de texto de Peter.



Fico de pé e me viro para a cerca de alambrado atrás da mesa, que nos separa do campo. Nem sei para onde olhar. Todos os assentos da arquibancada estão ocupados, e as pessoas estão andando pelas laterais, buscando em vão cadeiras livres.

No campo, a microfonia explode pelas caixas de som. Todo mundo na minha mesa para, presta atenção e põe a mão sobre o coração, apesar de não ter recebido instruções para fazer isso. Imito os movimentos deles, quando a voz do senhor Sebastian orienta todo mundo a ficar de pé para ouvir o juramento à bandeira.

Após o juramento, o senhor Sebastian pigarreia.

– Por favor, juntem-se a mim em um minuto de silêncio por Logan

Philbrick. Como muitos de vocês sabem, Logan teve uma emergência médica uma semana atrás e ainda tem uma longa jornada à frente.

Do outro lado da mesa, vejo Erica e a amiga se darem as mãos, apertarem. *Uma emergência médica*.

No momento em que o silêncio acaba, a banda começa a tocar o hino nacional. Estou levando a mão ao bolso traseiro para pegar o telefone e escrever para Peter que não vi a segurança escoltar ninguém para fora, quando um barulho de discussão chama minha atenção para a cabine de ingressos, a pouca distância da mesa de levantamento de fundos.

Um segurança (um que todos nós evitamos, porque ele é um policial aposentado com complexo de Deus) está na cabine, ao lado de um adolescente usando gorro de lã. O garoto está com o moletom do Newton East Pioneers e segura um pedaço de cartolina.

O segurança se vira para a pessoa que está vendendo ingressos e diz:

– Devolve logo o dinheiro, para ele poder dar o fora daqui o quanto antes.

A comoção atraiu a atenção de todo mundo da mesa da vaquinha. A mandíbula de Erica se contrai quando o menino enfia umas cédulas no bolso do jeans e sorri maliciosamente para o segurança.

– Você não vai precisar disto. – O segurança tira o cartaz da mão do menino e rasga ao meio, sob protestos do moleque. *Mas que porra é essa, cara?*

Observo o homem dar a volta até a lateral do prédio e jogar as duas metades do cartaz na lixeira.

Do campo chega uma explosão de protestos e vaias. Newton East já marcou um first down. Todas nos viramos para tentar ver a cena no campo.

O treinador Murray está a pouca distância do árbitro, gritando com ele.

O rosto de Erica fica vermelho. Com aquela fita gigante no cabelo e as faces sardentas, ela parece um bebê gigante à beira de um piti.

Sinto o peso do telefone no bolso, todas as respostas que chegaram desde que alguém divulgou o link da pesquisa. As amigas de Erica se calam; Madison focada em dividir exatamente ao meio o rolinho de comandas que tem em mãos.

Até eu entendo o que tudo isso significa.

Os Tigers estão jogando mal.

Mantenho a cabeça baixa e me concentro na fila a perder de vista de pessoas esperando para comprar na nossa mesa. Erica e as amigas não ajudam minimamente, estão de costas para a fila, tentando ver o que acontece no

campo. Eu ignoro tudo, até que chega do campo uma explosão de protestos. Quando levanto a cabeça, o placar pisca, o cronômetro recuando até o fim do segundo quarto. Sunnybrook: 3. Newton East: 12.

Faltam menos de três minutos para o meio do jogo. Penso no cartaz que o guarda rasgou, o olhar presunçoso na cara do aluno de Newton East.

A fila para a nossa mesa serpenteia até quase o prédio da escola. Gente saindo antes do intervalo, incapaz de assistir ao massacre em campo. Meus cookies estão no fim, e metade de nós abre freneticamente mais caixas de salgadinhos, enquanto Erica e Madison cuidam das vendas.

– Estamos quase sem copos – Madison anuncia.

– Tem mais no armário de suprimentos ao lado das salas de Arte – Erica diz. – Eu acho.

Madison franze a testa.

– Alguém poderia dar uma corrida até a mercearia?

– E abrir mão da vaga no estacionamento? – Erica rebate.

– Eu posso ir ver o armário – sugiro.

– Seja rápida – Erica ordena.

Corro na direção do prédio, para as portas do ginásio, que estão abertas para que as pessoas possam usar os banheiros lá dentro. Quando estou fora do campo de visão das meninas da nossa mesa, paro e recupero o fôlego. Aguardo até que o fluxo de pessoas indo embora pare e, só então, espio a lixeira.

DUAS VEZES ~~CAMPEÕES~~ COLADORES ESTADUAIS

Entro, desço o corredor, passo pelo ginásio. As salas de Arte ficam do lado oposto, no primeiro andar. Eu me escondo no espaço entre as estantes de troféus e estou pegando o telefone para escrever para Peter que vi o cartaz, quando ouço as portas que levam ao campo baterem.

Vozes discutindo, passos rumando para o vestiário.

– Qual o seu problema, porra? – diz Frank Murray.

– Ele estava falando merda! – Gavin grita de volta.

– Não me interessa se ele estava se gabando de comer a sua mãe! Você deveria estar cobrindo McCormick…

A voz de Murray é engolida por um turbilhão de atividade. Mais vozes, sapatos rangendo contra o piso. Não me atrevo a respirar nem a me mexer.

– Já chego aí – o treinador Burnham grita por cima das conversas tensíssimas.

Mais discussão, a voz do treinador Burnham se elevando acima das de Gavin e Murray.

– Steiger, entra na merda do vestiário, por favor.

O silêncio se prolonga até que eu consigo ouvir meu próprio coração bater. Então, Murray diz:

– Eu te falei anos atrás, ele não vale o estresse.

Minha respiração congela.

– E, no entanto, titio Murr aqui está sempre pronto a protegê-lo – Burnham diz. – O que você achou que ia acontecer quando ele atacou um menino em um pátio cheio de testemunhas e você o deixou descansar no seu escritório pelo resto do dia?

– Ele não atacou Hirani – Murray rosna. – Ele o agarrou; Gavin só precisava se acalmar.

– E ele parece calmo pra você? – Burnham grita. – Sebastian está em pânico. Entre aquela pesquisa de merda e o que Gavin aprontou no pátio, mais os boatos sobre Philbrick… essa merda não vai sumir sozinha, independentemente do que você diga às pessoas.

Murray não responde. Eu não me mexo, minhas costas suando na camiseta. O som da porta do vestiário se abrindo me assusta.

– Estamos todos aqui – Cameron diz. A porta bate de novo, antes que Dylan Burnham comece a falar.

– Faça-me um favor e fique de boca fechada – ele diz para Murray. – Antes que você piore tudo.

A porta do vestiário bate e expiro pelo nariz. Após um minuto de ruídos abafados vindos do vestiário, ponho a cabeça para fora. Os dois treinadores se foram. O corredor está vazio.

Corro para a sala de Arte. O armário de suprimentos está trancado. Solto um palavrão e volto pelo caminho por onde vim. Não apenas estou retornando de mãos vazias, mas alguém perspicaz como Erica terá percebido que minha ida ao armário levou mais tempo do que deveria.

Minha voz falha de tanta adrenalina quando chego de volta à mesa.

– O armário estava trancado. Sinto muito.

– Não faz mal, porque o café também já acabou – Erica rebate, com um olhar cúmplice para Madison, que fica vermelha como um pimentão.

– Eu disse para a senhora Coughlin que não era suficiente – ela geme.

Enquanto Erica continua repreendendo Madison, saio discretamente para o

campo, meu coração explodindo no peito. Preciso encontrar Peter e contar a ele o que ouvi escondida fora do vestiário.

Passo pelo portão; não tenho ingresso, mas ninguém me detém. Esquadrinho a fileira mais baixa da arquibancada, onde suponho que a banda da escola fique.

Na primeira fila, Peter está olhando ao redor, o trompete no colo, expressão preocupada no rosto.

Sento-me na cadeira vazia ao seu lado.

– O que está rolando? – Peter pergunta.

No campo, a equipe de dança está enfileirada junto à cerca, os braços esticados para baixo, pompons em mãos. Os rostos, de expressão sombria, estão voltados para a entrada do vestiário, à espera da volta dos jogadores para que a partida recomece.

Tiro o telefone e começo a rascunhar uma nota, inclinando o aparelho para que Peter consiga ver.

> *Acabei de ouvir Murray gritar com Gavin, na frente do vestiário. DB interrompeu e daí ELES começaram a brigar*

Peter lê a mensagem antes de olhar para mim. Pego o telefone de volta e continuo a digitar.

> *Murray disse que avisou DB, anos atrás, que Gavin não vale o estresse. Você tem alguma ideia do que ele está falando?*

– Não tenho a menor ideia – Peter diz, quando outro trompetista, um menino do segundo ano, volta e reivindica a cadeira ao lado de Peter.

Eu me desloco para o fim da fileira, observando a atividade no campo ganhar fôlego. O árbitro dá uma corridinha ao encontro de Dylan Burnham, cujo boné dos Tigers está abaixado, encobrindo seu rosto enquanto os dois conversam.

Gritos de incentivo e aplausos hesitantes surgem quando o jogo recomeça. Tento encontrar Gavin Steiger na massa de camisas dos Tigers enquanto disputam a bola. Momentos depois, uma explosão de urros, seguida por um apito e gritos por pênalti e um first down automático.

O mar verde do lado oposto do campo fica de pé e comemora, enquanto os torcedores do Sunnybrook vaiam.

O árbitro apita. Dylan Burnham vai em passos acelerados para o campo; ele pediu outra paralisação. Menos de um minuto depois, os jogadores estão de volta a suas posições, a bola no centro do campo.

O astral em campo está diferente. Os jogadores parecem reenergizados: os do Sunnybrook porque não estão acostumados a perder e os do Newton East pela perspectiva de serem o time a derrotar os campeões estaduais reinantes.

Gritos chamam minha atenção para o centro da formação.

É Gavin. Ele empurra o jogador do Newton East à sua frente. O árbitro apita. Mais gritos, e o jogador do Newton East tira o capacete.

– Eita! – diz um cara atrás de mim. – Eles vão brigar?

Wes St. Pierre agarra a camisa de Gavin por trás e grita alguma coisa para ele. Mais um sopro do apito, e o árbitro aparece no meio dos jogadores. Ele joga, aos pés de Gavin, uma bandeira de penalidade, levando os torcedores do Newton East a explodir em comemoração.

Gavin arranca bruscamente o capacete e grita algo para o árbitro. Dylan Burnham e o treinador Murray já estão no campo, avançando na direção de Gavin e do árbitro, que premia o Newton East com quinze jardas como penalidade por Gavin.

DB agarra Gavin pela manga da camisa. Gavin dá um puxão para se livrar dele e continua gritando com o árbitro. Deste ponto privilegiado, próximo ao campo, consigo ouvir o que ele está dizendo:

– O sacana filho da mãe me provocou…

O árbitro sopra o apito e cala Gavin.

– Conduta antidesportiva. Número oitenta e quatro, saia do campo.

Protestos irrompem ao nosso redor. Frank Murray está gritando com o árbitro a plenos pulmões agora.

Engulo em seco e tento me acalmar; um motim começa a se formar na arquibancada quando Gavin sai de campo, emputecido. Vaias do lado do Sunnybrook, mais comemoração dos torcedores do Newton East.

O jogo recomeça e, em poucos momentos, o *running back* do Newton East está com a posse de bola. Ele avança para o fim do campo, onde os pontos são marcados. Várias fileiras atrás de mim, uma mulher berra:

– Mas o que está *acontecendo*?

É óbvio, desde o número no placar até os sons de desespero que ecoam pelo

estádio, que o impossível está acontecendo.

Os Tigers vão perder.

Chego ao carro antes da mamãe, ao fim do jogo. Dez minutos se passam antes que ela finalmente apareça.

Ela tem uma expressão pétrea enquanto esperamos na fila para sair do estacionamento. No carro atrás de nós, buzinaço e comemoração: Newton East ganhou por 21 a 14.

Quando chegamos em casa, mamãe vai direto para a geladeira. Tira a rolha de um Moscato e dá uma cheirada. O resultado deve ser decepcionante, porque ela despeja o resto do vinho no ralo.

– Vamos pedir comida – ela diz. – Talvez naquele lugar japonês novo.

Ela se senta à mesa e põe a mão no rosto.

– É só um jogo – digo.

– É muito mais complicado do que isso, Hadley.

– Por causa do que as pessoas estão dizendo sobre a pesquisa?

Mamãe olha para mim.

– Não posso conversar sobre isso com você.

Eu a encaro de volta.

– É verdade que o treinador Murray disse aos caras do time que eles não precisam conversar com o detetive Mejia sobre o que aconteceu com Logan?

– Não estou a par dos detalhes da investigação policial – mamãe diz.

Isso é a coisa mais irritante em minha mãe. Ela não sabe quando deixar de ser a doutora Jonassen; ela não consegue perceber que só quero conversar com *minha* mãe.

– Parece que os treinadores estão.

– Do que você está falando?

– Ouvi dizer que as pessoas do departamento de polícia estão vazando informações para eles – digo. – Murray e Burnham sabiam que Logan foi envenenado antes que o detetive Mejia nem sequer tivesse a chance de ver o exame toxicológico de Logan.

Os olhos de mamãe faíscam.

– Não posso discutir sobre meus funcionários com você, Hadley.

– Não pode ou não quer?

– Eu literalmente *não posso*, ou perderia o emprego, e daí você não teria como ir para uma faculdade chique. – Mamãe faz uma pausa dramática. – Não quis dizer isso.

Eu a ignoro e subo para o quarto. Ela não me segue nem me chama. Percebo que provavelmente está aliviada porque a deixei sozinha, de modo que pode agora lidar em paz com o rescaldo daquele jogo desastroso.

Sento-me à escrivaninha, a raiva pulsando no peito. Meu irmão está estudando Engenharia na Universidade da Pensilvânia com uma bolsa apenas parcial de natação, mas nunca ouvi mamãe falar de Cole desse jeito. Como se ele tivesse o direito de ser um pestinha. Não consigo evitar sentir que mamãe descontou em mim porque cheguei perto demais de verbalizar o que todo mundo está pensando: por quanto tempo o time de futebol americano consegue manter a encenação e fingir que não há nada de errado?

Abro a pesquisa. Há sete novas respostas.

Foda-se

Está feliz agora???

Se mata

Engulo em seco. Eu deveria ter previsto isso; se alguém em Newton East conseguiu o link para a pesquisa, era óbvio que isso se voltaria contra as pessoas de Sunnybrook.

Continuo clicando nas respostas. Quando termino, atualizo a página para ver se mais alguma chegou nesse intervalo.

Uma nova resposta. Alguém a enviou literalmente há menos de um minuto. Endireito-me na cadeira, o coração disparado, enquanto leio.

Colar está longe de ser a pior coisa que aqueles caras fizeram

Não há como obter o endereço de IP da pessoa que enviou a resposta.

Leio e releio o comentário, até que as palavras se fundem com as que o treinador Murray cuspiu em frente ao vestiário hoje.

Eu te falei anos atrás, ele não vale o estresse.

Essa resposta à pesquisa confirma a suspeita que tenho desde que ouvi o pânico na voz de Murray.

Nada disso tem a ver com Gavin ser academicamente inelegível para jogar. SportsFan tinha razão: os jogadores de futebol americano receberem ajuda com as notas nem é segredo, muito menos um segredo pelo qual alguém poderia matar.

O que você falou pra ela?

O que Gavin tanto temia que as pessoas descobrissem? Logan obviamente sabia; Tyler Curtin também estava lá, na frente do ginásio, quando Gavin confrontou Logan.

Tudo é da nossa conta, babaca.

Supus que Gavin estava se referindo ao time e que, se Logan metesse Gavin em encrenca, a equipe toda sofreria pela perda de um dos melhores jogadores. Mas e se Gavin não estava se referindo ao time todo?

Fecho os olhos e visualizo Gavin gesticulando entre os três.

Tudo é da nossa conta, babaca.

Colar está longe de ser a pior coisa que aqueles caras fizeram.

Abro o Instagram de Logan. Quero ver a cara dele; ele está em todos os lugares, em fotos na escola e nas redes sociais de todo mundo, mas continuo me esquecendo de qual é a aparência dele.

Logan sorri para mim em seu perfil no Insta. Logan, um doce golden retriever humano. Tento imaginar o que é pior do que colar, do que roubar um campeonato ou um lugar em uma escola da primeira divisão.

– O que você fez? – murmuro.

* * *

Passo o domingo terminando meu trabalho do Programa Avançado de Literatura e monitorando as redes sociais.

Ninguém postou sobre a derrota dos Tigers ontem. Pelo menos ninguém que tenha um perfil aberto. A busca por Sunnybrook e colar não gera resultados.

Chove o dia todo. Penso em escrever para Peter e perguntar se ele quer se encontrar comigo para mostrar a ele os comentários à pesquisa, mas então me

lembro de que ele trabalha todos os domingos na mercearia do centro, como repositor.

Mamãe pegou o carro, e não faço ideia de para onde foi. Ela não volta até a hora do jantar. Comemos em silêncio os tacos de peru que preparei; depois, ela pede licença para ir ler no quarto os e-mails acumulados. Eu subo e termino de editar meu trabalho sobre *Enquanto Agonizo*, tentando não pensar nas respostas à pesquisa que me desejam danos físicos.

Mal durmo. Meu alarme pela manhã é um alívio, porque, pelo menos, tenho uma desculpa para sair desta maldita casa, mesmo que seja para passar um dia na escola ao lado de pessoas que, em modo privado, estão dizendo para eu me matar por causa de uma derrota no sábado.

Está chovendo de novo, então saio para pegar o ônibus. Meu ponto é o último antes da escola, e só há dois bancos livres na parte da frente. Eu me espremo ao lado de um menino que cheira a cachorro molhado e abaixo o capuz da capa de chuva.

O ônibus está mais silencioso do que normalmente é nas manhãs de segunda-feira. Alguma coisa nisso me deixa em alerta máximo. Olho de relance para as meninas do segundo ano dividindo o banco à minha frente. Estão cochichando, as cabeças próximas. Uma delas arqueja, cobre a boca com a mão. O motorista tira umas finas, o que faz meu coração subir à garganta. Fica ali durante o resto da viagem até a escola, enquanto observo as meninas do segundo ano se comunicando em silêncio uma com a outra.

Paramos em frente à entrada principal. As garotas correm para fora do ônibus e são rapidamente engolfadas por uma multidão de alunos que passa pelas portas da frente.

Alguma coisa está errada. O segurança eternamente sorridente não está sorrindo; em frente ao auditório, as duas meninas do ônibus se encontram com outras duas garotas, que estão chorando.

Aperto o passo, as solas molhadas do tênis rangendo contra o linóleo do piso. No fim do corredor, vejo a senhorita Kirk em frente à sala. Está conversando com o senhor Ward, cuja expressão é sombria.

Seja lá o que for que ele diz, faz Kirk levar as mãos à boca.

Desacelero e fico parada ali, congelada, até que o senhor Ward pousa a mão

no bíceps de Kirk. Ela assente e ele volta para a sala dele, enquanto Kirk levanta a cabeça e me flagra observando.

– O que aconteceu? – pergunto, aproximando-me.

Kirk balança a cabeça e engole. Toca a mandíbula, e penso que talvez seja a dor no dente que ela tratou que esteja dificultando sua fala, até que ela diz:

– É Gavin. Ele sofreu um acidente de carro ontem à noite.

Meu cérebro se recusa a relacionar o que Kirk acaba de dizer às meninas chorosas e ao segurança taciturno.

– O quê? Mas ele está bem?

Kirk abana a cabeça.

– Não. Ele está morto.



Capítulo Onze

Kirk entra na sala dela, e eu me viro e sigo pelo corredor a caminho da sala do senhor Fiorella. Os poucos outros alunos do último ano que já estão aqui estão retirando livros e fichários dos armários, exibindo no rosto aquele olhar vidrado típico das manhãs de segunda-feira.

Talvez eu tenha entendido Kirk errado, ou quem sabe ela esteja errada e Gavin Steiger não esteja realmente morto. Porém, quando chego à sala da orientação, sou a única que realmente entra na classe. Os poucos que chegaram antes do sinal se reuniram no corredor e estão cochichando com os amigos das outras salas.

Encontro minha cadeira e mantenho os olhos na escrivaninha perto de mim, onde Gavin geralmente se senta. A carteira dele está vazia quando o sinal toca, assim como está vazia a maioria das outras. Nem o senhor Fiorella chegou ainda.

Do lado de fora, o barulho aumenta, conforme mais gente chega. Choros, gritos, a notícia abrindo caminho pelos corredores. O senhor Fiorella entra na sala e diz um "Todos para dentro" estupefato, antes de cruzar o corredor para conversar com outra professora do lado de fora da sala dela.

Tento captar fragmentos das conversas frenéticas ao meu redor. Sam Hirani diz alguma coisa sobre um acidente de carro; não, Gavin foi *atingido* por um carro, ou, pelo menos, é isso que Dan Zhang ouviu dizer…

– Não!

O grito que chega do corredor é de congelar o sangue. Eu me levanto, torço o pescoço para ver de quem veio, apesar de ter certeza de ser de Erica.

Lá fora, no corredor, o senhor Fiorella e a professora de História, da porta ao lado, estão acudindo Erica Stanbury. Ela está sentada no chão, chorando, e, quando o senhor Fiorella se agacha e põe a mão em seu ombro, ela berra:

– Tira a pata de mim!

A outra professora eleva a voz acima da multidão que se forma ao redor de Erica e do senhor Fiorella:

– Pessoal, para dentro das salas, agora.

Todo mundo obedece, e volto a me sentar. Faz três minutos que o sinal tocou, e os anúncios ainda não começaram. O senhor Fiorella cambaleia para dentro da sala sem Erica.

– É verdade? – Sam Hirani solta.

Todo mundo prende a respiração quando o senhor Fiorella hesita. Talvez haja alguma confusão circulando, e Gavin ainda esteja vivo, tipo respirando por máquinas ou coisa assim.

– Sim. – O senhor Fiorella passa lentamente a mão pela barba e suspira. – O treinador Murray está no ginásio com os conselheiros, caso alguém queira descer até lá.

Ninguém se move. Há apenas um punhado de nós aqui, e reconheço quem são. Nenhum de nós tem motivo algum para estar especialmente pesaroso com a morte de Gavin. Penso em como Gavin humilhou Sam no pátio, no outro dia.

Mas Gavin estava bem aqui, há apenas três dias, e agora não está mais. Todos o vimos no sábado, suor pingando do rosto, arremetendo contra o jogador do Newton East.

Toca o sinal, e vou para Biologia. Sou a única na minha cadeira; todo mundo se demora nos corredores, trocando informações sobre o acidente de Gavin. Apuro os ouvidos, mas não consigo ouvir nada com clareza, estando dentro da classe.

Peter entra e se senta bem antes do sinal, com o cabelo e o capuz do moletom do Pikachu ensopados.

Estou me perguntando se devo cutucá-lo, contar-lhe sobre os comentários da pesquisa, quando o sistema de alto-falantes dá um estalido. Há uma longa pausa e som de papéis sendo mexidos do lado de lá, antes que o senhor Sebastian finalmente comece a falar.

– É, ãhn… bom dia – ele diz, e pigarreia. Eu o imagino lutando para formar o que está prestes a dizer, imagino o que devia estar pensando quando recebeu

a notícia hoje de manhã. Outra vez, não. – Ontem à noite, Gavin Steiger foi morto em um acidente de trânsito. Conselheiros de apoio ao luto estarão no ginásio durante todo o dia.

As pessoas já estão se levantando das cadeiras.

Com a caneta, cutuco Peter entre os ombros. Quando ele se vira, movo os lábios sem emitir som: *sala do jornal?*

Antes que ele responda, eu me levanto. Sinto-o às minhas costas quando me aproximo da professora de Biologia e pergunto se posso descer para o ginásio.

– Sim, está tudo bem. – Ela se afasta e informa às pessoas que estão saindo que o trabalho de laboratório ainda precisa ser entregue amanhã, como se alguém estivesse prestando atenção, como se alguém se importasse com osmoses no momento.

Peter e eu entramos na fila do enxame de gente descendo para o ginásio. Alguns estão abraçados, a maioria está chorando. Uma caloura, esperando na fila de entrada do ginásio, cochicha para a amiga, toda animada, que o cão terapêutico que trouxeram é um Goldendoodle.

Peter e eu nos separamos do grupo. Assim que nos fechamos na sala do jornal, disparo:

– Que diabos está acontecendo?

– Não sei – Peter diz, ocupando a cadeira habitual. – Só sei que não era ele que estava dirigindo. Hoje de manhã, ouvi minha irmã ao telefone com Rachel, prima de Gavin.

– O que você ouviu, exatamente?

– Só que Gavin não voltou para casa ontem à noite e que, hoje cedo, uma patrulha estadual apareceu dizendo que tinham encontrado o corpo no acostamento de uma estrada secundária usada por traficantes. Eles acham que foi um atropelamento e os responsáveis pelo acidente fugiram.

– Mas onde fica essa estrada usada por traficantes? – pergunto.

– Tipo, a uma hora daqui. Ninguém sabe o que ele estava fazendo lá nem como chegou, sem carro.

– Kirk e o senhor Sebastian disseram que foi um acidente – digo.

– Talvez eles não tenham todos os detalhes – Peter diz. – Ou não querem que as pessoas entrem em pânico.

Porque, com a morte de Gavin, já são dois jogadores de futebol americano envolvidos em acidentes trágicos em duas semanas.

Peter parece estar se fechando em si mesmo. Percebo como tudo isso deve

ser difícil para ele, a ideia de que todo mundo vai começar a surtar, com os jogadores sendo assassinados um a um.

– Você está bem?

– Por que não estaria?

– Não sei. Isso tudo provavelmente parece… familiar.

Peter reflete por um momento.

– Sinceramente, nem me lembro de muita coisa de quando Jen morreu. Eu era muito pequeno. Sempre achei que era meio ridículo as pessoas dizerem que esta cidade era amaldiçoada – ele se interrompe. – Mas sei lá. Parece que não é coincidência.

– Eu não acho que seja. – Chego mais perto de Peter e mostro a resposta da pesquisa que salvei no celular.

Colar está longe de ser a pior coisa que aqueles caras fizeram.

Ele levanta a cabeça, os olhos arregalados.

– Quando isso chegou?

– Depois da partida de sábado – digo. – Eu me pergunto se tem alguma coisa a ver com o que Gavin e Logan estavam discutindo na frente do ginásio.

– Você ainda está nessa?

– Bem, duas das três pessoas presentes àquela conversa estão ou mortas ou em coma – digo. – Por falar em coisas que não parecem coincidência.

Lembro-me de Tyler sentado comigo na arquibancada, me fazendo rir até ter dor nas costelas. Como ele está envolvido nisso tudo? Ele deve saber sobre o que Gavin estava confrontando Logan. Será que ele está em casa não em luto pelo amigo, mas porque talvez saiba por que Gavin e Logan foram alvos?

Peter se recosta na cadeira, em silêncio, mergulha mais fundo em seus pensamentos.

– O que foi? – pergunto.

– Talvez você tenha razão e a briga que ouviu e o comentário da pesquisa estejam relacionados – Peter diz. – Mas talvez toda a sua premissa esteja errada, de que Logan e Gavin foram mortos para encobrir algo que fizeram.

– Não estou acompanhando – digo.

– Estou dizendo que a pessoa que comentou na pesquisa talvez esteja certa e que eles de fato fizeram alguma merda das grandes. – Peter se endireita na cadeira. – Talvez o que está acontecendo com eles agora seja uma vingança.

Por que alguém iria querer se vingar de Logan e Gavin?

Nenhum dos meus professores se dá ao trabalho de tentar que a gente faça alguma coisa. Quase todo mundo passa o dia no ginásio, com os conselheiros de apoio ao luto. Consigo uma autorização para voltar à sala do jornal no último horário, durante a ginástica. Passo o tempo analisando meu histórico de conversas com SportsFan pelo GChat, como se estivesse relendo um romance na torcida para que, de algum jeito, o final fosse diferente.

Eles vão descobrir que é você e vão destruir sua vida
Confie em mim… Sei por experiência própria

As palavras de Peter ecoam nos meus ouvidos. *Talvez o que está acontecendo com eles agora seja uma vingança*.

Mando um e-mail para SportsFan perguntando se podemos conversar pelo chat hoje à noite, mas a mensagem volta. A pessoa apagou a conta de novo, cumprindo a promessa de que não voltaria a falar comigo.

Estou guardando os livros didáticos no armário depois da última aula quando Peter me escreve.

Preciso te mostrar uma coisa

Ok. Sala do jornal?

Não, não pode ser na escola.

Podemos nos encontrar na minha casa.

Quando?

Agora.

Você não tem treino de golfe?

O golfe é uma palhaçada.

Peter manda o endereço. Penso em pegar uma carona no ônibus dele, mas não sei se os alunos podem fazer trajetos que não sejam os deles. E, por mais que eu odeie admitir para mim mesma, continuo pensando naquela conversa com Alix, quando ela acusou Peter de ter criado a pesquisa.

Não sei se quero que as pessoas notem que Peter e eu estamos saindo depois da escola. Já foi ruim o bastante quando culparam minha pesquisa pela derrota de sábado, mas agora um jogador está morto. Provavelmente, todo mundo está fazendo a mesma pergunta que eu: aquela explosão de Gavin em campo, no sábado, tem alguma coisa a ver com ele ter acabado morto na estradinha dos traficantes no dia seguinte?

A chuva amainou; tomo o ônibus para casa e vou direto ao galpão pegar a bicicleta.

De acordo com o GPS do celular, Peter mora a menos de um quilômetro e meio de mim. Mando mensagem para mamãe avisando que, se eu não estiver aqui quando ela chegar, estarei na casa do meu dupla em Biologia, fazendo um trabalho.

A casa de Peter é imensa e meio que produzida em série. Encosto a bike no corrimão da varanda e bato na porta da frente, o que faz um cão lá dentro latir feito um condenado. Escuto umas reclamações, depois gritos, antes que Peter abra a porta. Um vira-lata branco, com manchas marrons na cara, dispara para a entrada e prontamente se vira de barriga para cima (uma vira-lata) e começa a mijar no piso branco imaculadamente limpo.

– Ah, merda – Peter diz, contornando o corpo ondulante dela.

– Desculpe tê-la agitado. – Piso ao lado da cachorra e sigo Peter para a cozinha.

Ele tira um calhamaço de folhas de papel-toalha do suporte e volta à entrada, gritando por cima do ombro:

– Ela sempre faz isso quando vê gente. Toda. Santa. Vez.

Coço atrás da orelha da cachorra. Ela sabe o que fez e não está nem aí.

– Qual o nome dela? – pergunto, quando Peter volta.

Ele pisa no pedal da lixeira de aço inox e joga dentro as folhas molhadas.

– Zelda.

– Ela é uma graça. – Zelda mordisca meu punho, despertando meu desejo antigo, de décadas, de ter um cachorro. Nunca tive nenhum animal de estimação, porque mamãe dizia que não era justo deixar um bicho sozinho o dia todo.

– Ela é a pior – Peter resmunga, enquanto Zelda ataca um dos cadarços dele. Ele tenta sacudi-la, sem sucesso, antes de, com dificuldade, arrancar o cadarço de sua boca.

– Você não gosta de cachorro? – pergunto.

– Eu não gosto *desta* cachorra. Nosso antigo cachorro morreu e mamãe perdeu a cabeça, saiu correndo em busca de um filhote, sem pensar, e agora estamos presos a este monstro.

Uma das orelhas triangulares de Zelda vira ao contrário quando ela rola de costas. Sua pelagem é cor de manteiga e os pelos da barriga estão crescendo de novo, como se tivessem sido aparados recentemente. Ela talvez seja a cachorrinha mais fofa em que já pus os olhos.

– Ela é perfeita.

Peter olha de esguelha para ela, a caminho da geladeira.

– Ela mastigou o cabo do meu laptop e três carregadores de celular. Quer tomar alguma coisa?

– Estou de boa. – Sento em uma das banquetas na ilha da cozinha, incerta sobre como agir, enquanto Peter vasculha a geladeira. Zelda aparece aos meus pés e arranha minha panturrilha com suas minúsculas unhas de filhote.

Eu a apanho e a ponho no colo. O corpo dela é quente e suaviza o desconforto que sinto por estar na casa de Peter Carlino.

Peter pega a banqueta ao meu lado e abre um refrigerante.

– Você não pode contar a absolutamente ninguém sobre o que estou prestes a mostrar.

Ele abre o MacBook na ilha da cozinha, seus dedos deixando rastros engordurados na tela. Abre uma aba marcada do Google Drive, que lhe pede a senha antes de conceder acesso.

– O que é isso? – pergunto, olhando para a tela enquanto ele digita os dados.

– Isto é a coisa mais próxima que a Sunnybrook High School tem de um movimento antifutebol americano.

Espio a aba no topo da tela.

– Só seis pessoas têm acesso.

– Eu não falei que era um movimento enorme.

O arquivo tem uma única pasta. Peter clica nela e percorre dúzias de prints de tela.

– Lembra-se do que a Gabby contou sobre o jogador que comeu maconha?

Confirmo. Peter dá um grande gole no refrigerante antes de dizer:

– Supostamente, fizeram um vídeo da coisa toda.

– E o que aconteceu com esse vídeo?

– O gênio do time, seja lá quem foi, que publicou no Snapchat, deletou assim que a ambulância chegou.

Meus batimentos se aceleram.

– Tem fotos da festa de Tyler aí?

– Só as que conseguimos pegar antes que todo mundo começasse a apagar.

Olho para Peter fixamente.

– Você tinha acesso às fotos da festa durante todo esse tempo e não me contou?

– A única regra para ter acesso a este drive é que você não pode dar acesso a ninguém sem a permissão dos demais – Peter diz. – E, sem querer ofender, seria difícil convencer os outros a deixar você entrar.

– Por quê? – pergunto, um pouco ofendida.

– Eu sei que você não contaria a ninguém sobre isso – Peter diz. – Mas o resto não te conhece. E eles sabem que você esteve na festa e que anda com Alix Maroney e tals.

– É justo, acho. – Observo Peter pelo canto do olho. – Por que você e seus cinco amigos mais próximos têm um dossiê sobre o time de futebol americano, afinal?

– Depois de toda aquela treta com o menino e o cookie de maconha, Sam e eu ouvimos alguns deles comentarem como tinha sido hilário. Eles estavam basicamente se gabando de ter escapado ilesos por terem mandado um colega para o hospital. – Peter estala uma articulação. – Começamos a fazer contas falsas em redes sociais, fingindo ser meninas de outras escolas, para que eles nos seguissem de volta e pudéssemos ter acesso às fotos deles.

Levanto as sobrancelhas.

– Para juntar provas, da vez seguinte em que eles quase matassem alguém?

– Bom, obviamente a gente não pensou que eles iriam quase matar alguém

outra vez. Eles não enfrentaram consequências reais da pegadinha da maconha, mas os treinadores ficaram tão putos que nada parecido voltou a acontecer.

– Então, para que todos esses prints da festa? Obviamente, os treinadores não dão a mínima.

– Os treinadores das faculdades talvez deem – Peter diz calmamente.

Eu o encaro, incrédula.

– Vocês vão mesmo…

Peter dá de ombros.

– Provavelmente, não. Mas dá uma sensação boa saber que poderíamos. – Não digo nada. Peter deve interpretar meu silêncio como julgamento dele e dos amigos, porque suas orelhas ficam roxas. – Alguns desses caras são legais, mas… não importa.

Observo enquanto ele clica nas fotos. Para em uma tirada em um cômodo que reconheço ser a cozinha de Tyler. Logan está no canto, um braço ao redor de Madison Reilly. Do outro lado, Erica Stanbury o segura pelo queixo e ele sorri. O copo que, sem a menor dúvida, está na outra mão de Erica foi estrategicamente cortado da foto.

Peter clica em outra imagem; também na cozinha, mas desta vez Logan está ao lado de Cameron. Ambos estão sorrindo.

– Estas são as duas únicas fotos de Logan que consegui encontrar.

– Você contou a Mike sobre elas? – pergunto. – Ele queria ver fotos da festa.

– O grupo do drive rejeitou que eu mostrasse a Mike – Peter diz.

– Como assim?! Poderia haver algo aqui que apontasse para quem envenenou Logan.

– Duvido; nós já analisamos tudo. Não é como se alguém estivesse gesticulando segurando um frasco de colírio. – As faces de Peter coram. – Se contarmos a Mike que estamos há anos reunindo sujeiras dos jogadores de futebol americano, ele vai precisar explicar o drive para as pessoas com quem trabalha, que incluem precisamente aquelas que ficam vazando informações para os técnicos. Como você acha que isso acabaria para nós?

Não digo nada, porque entendo. É a mesma razão pela qual não posso contar ao detetive Mejia sobre os e-mails de SportsFan nem sobre as respostas à pesquisa sem revelar que fui eu mesma quem a criou.

Peter volta a se concentrar na tela.

– Enfim, Gavin está em um dos vídeos. Eu não pensei nada quando vi pela primeira vez, mas agora… não sei. Veja por si. Alguém postou no Snapchat e

depois deletou.

Peter dá play. O vídeo é trêmulo e foi claramente feito do lado de fora. A câmera faz uma panorâmica do chão. Uma menina está deitada no gramado, rolando. Está usando um moletom tie-dye e shorts jeans, e os cabelos dourados estão espalhados na grama. Parece haver vômito seco perto dela.

A pessoa que está segurando o celular e gravando, uma garota, ri descontroladamente.

– Gata, você tá bem?

A menina na grama geme, joga um braço por cima do rosto, enquanto outra menina, fora da imagem, grita:

– Mas qual é o seu problema?!

A garota solta o celular com um grito, como se ele tivesse sido derrubado com um safanão. Uma voz masculina grita:

– Ei, que porra vocês todas ainda estão fazendo aqui?

Imediatamente, reconheço a voz como sendo de Wes St. Pierre. Sempre pensei nele como um equivalente humano de um urso de pelúcia gigante de carnaval; ouvir o tom cortante em sua voz faz meu estômago se revirar.

O áudio fica distorcido e as lentes se escurecem quando alguém recolhe o aparelho. A câmera está apontada para o chão; luminosidade banha a grama quando a pessoa segurando o telefone se vira, a tempo de capturar as costas de um cara de moletom passando por ela, descendo a entrada para carros da casa de Tyler.

Mas não é Wes; o cara está usando bermuda de basquete e as pernas dele são brancas. Faróis o iluminam, um carro encostando na entrada da garagem.

– Que porra ele está fazendo aqui? – o cara berra.

O vídeo termina abruptamente, congela no cara de moletom se aproximando do carro. O rosto não é visível em nenhum momento, mas a voz é inconfundível.

Peter toca o vídeo outra vez, nós dois em silêncio, concentrados nas laterais raspadas da cabeça do cara e no número 84 nas costas do moletom.

– Esse é Gavin – digo.

Peter assente.

– Dá zoom no carro, se você puder – peço.

Peter tira uma foto da última cena do vídeo para poder ampliar o veículo.

O carro é azul-escuro. Não há modo de saber qual o modelo, com o brilho fraco da iluminação por painel solar que ladeia a entrada da garagem de Tyler.

O para-choque dianteiro está amassado na lateral de frente para a câmera, mas não há outros sinais de identificação visíveis no breve momento em que o carro aparece.

– Você sabe de quem é o carro? – pergunto.

– Não faço ideia. E parece que Gavin também não sabia.

– É possível saber quando o vídeo foi feito? – pergunto.

Peter balança a cabeça.

– Só quando a pessoa que fez a captura de tela subiu o vídeo para o drive.

– E quem publicou no Snapchat originalmente?

– Provavelmente a menina que gravou. Ela apagou a conta, então não sei a quem pertencia.

Tento me lembrar se vi uma menina de moletom tie-dye na festa de Tyler. Recuo até o momento em que cheguei: Wes e Gavin de sentinela na porta. Eu teria notado uma menina bêbada coberta de vômito no gramado de Tyler.

– Isso deve ter acontecido antes de eu chegar – digo. – Ou pelo menos antes de Logan desfalecer. Eles agiram bem rápido para interromper a festa, quando Alix e eu o levamos para o hospital.

– A menina no vídeo, você reconhece? – Peter pergunta.

– Não sem ver o rosto. Mas ela parece miúda. Uma caloura, provavelmente – digo. – Talvez o motorista do carro estivesse indo buscá-la.

– Gavin não pareceu contente ao ver o motorista, fosse quem fosse – Peter diz.

Reflito sobre isso, minha cabeça girando com a descoberta de que as coisas desandaram na festa antes que Logan fosse envenenado. O que mais aconteceu e eu desconheço?

Zelda solta um rosnado gutural antes de pular do meu colo. Late e corre para a porta quando ela se abre. Duas menininhas entram correndo, gritando de alegria quando Zelda pula nelas.

Uma moça, provavelmente em seus vinte e poucos anos, vem atrás das crianças, o telefone pressionado na orelha. Ela tem cabelo escuro, cortado em um longo chanel, e adoráveis olhos azuis. Não se parece nem um pouco com Peter, mas obviamente mora aqui também, a julgar pela alegria de Zelda em vê-la.

– Eles podem comer nuggets de frango, tudo bem – ela diz, saltando por cima da cachorrinha. – Você sabia que o Petey está aqui com uma *menina*?

O rosto de Peter fica escarlate; as meninas disparam pela cozinha, em

perseguição a Zelda, que continua latindo.

– Quer cuidar da própria vida, Monica?

Monica recolhe as mochilas que as garotas largaram no chão (uma com personagens de "Frozen", outra com dinossauros) e as põe na ilha da cozinha.

– Só estou garantindo que você não se meta em problemas – Monica diz, quando uma voz irritada soa no cômodo ao lado:

– Dan, para com isso!

– O que elas estão fazendo aqui, afinal? – Peter resmunga.

– A mãe de Anna caiu e fraturou o quadril, então eu as peguei no ônibus. Mike vem buscá-las quando sair do trabalho e for para casa.

Os olhos de Monica se movem para a tela do laptop de Peter. Ele o fecha, por reflexo, mas não rápido o suficiente.

– Aquele era Gavin Steiger? – ela pergunta.

– Não – Peter cospe. Resisto à vontade de chutá-lo por baixo da ilha da cozinha.

Algo na expressão de Monica se altera.

– Preciso que você me ajude a cuidar das meninas até que mamãe chegue.

– Estamos fazendo lição de casa – Peter diz.

Os olhos azuis cristalinos de Monica se inflamam.

– Você acha que sou idiota?

Na sala, um baque forte, seguido por latidos frenéticos e uma vozinha fina berrando "assassina maldita". Monica sai às pressas da cozinha, o que me leva a dizer para Peter:

– Acho que devo ir embora.

– Eu te acompanho – ele resmunga, deslizando da banqueta.

Espero até estarmos na entrada para carros, os latidos de Zelda abafados quando a porta se fecha atrás de nós, antes de dizer:

– O que foi tudo isso?

Peter olha para mim.

– O que você ouviu sobre a minha família exatamente?

– Sei quem é seu pai. E Jen, obviamente – digo.

Peter hesita.

– Bom… Alguém na escola te contou alguma coisa sobre Monica?

– Alix Maroney disse alguma coisa sobre ela tentar fazer com que o treinador Murray fosse demitido.

Peter fica um pouco corado, depois assente. Sincronizamos os passos a

caminho da lateral da casa, onde vou pegar a bicicleta.

– Brandon, o cara que matou Susan e Juliana… Foi por causa de Monica que ele foi preso – Peter diz. – Quando Monica estava no terceiro ano, ela e Brandon trabalharam juntos no clube de campo. Enfim, eles… você sabe.

Peter fica roxo.

– Ele não tinha, sei lá, tipo uns trinta?

– Tinha vinte e quatro, e Monica tinha dezesseis. Então, sim, foi estupro – Peter diz calmamente. – Monica não contou para ninguém até descobrir que Brandon tinha matado as amigas de Jen.

– Espera: Monica descobriu?

Peter olha de soslaio para a casa, para o portão fechado da garagem.

– Não sei exatamente o que aconteceu, porque eu tinha dez anos, mas acho que, na cabeça de Monica, os assassinatos não faziam sentido. Ela descobriu que foi Brandon quem realmente matou Susan e Juliana, daí o confrontou e depois ele apareceu aqui e a atacou.

– Jesus Cristo! E você estava em casa?

– Estava. Eu não vi a maior parte do que aconteceu, mas lembro de Ginny, a senhorita Cordero, estar aqui e ligar para o 911. Ela morava no outro quarteirão, antes de se mudar com a mãe para um apartamento. Monica ficou repetindo para o meu pai que Ginny não estava envolvida nas coisas que Monica tinha feito para juntar as peças…

– Mas o que tudo isso tem a ver com o treinador Murray? – pergunto.

– Murray foi quem contratou Brandon para treinar a equipe de corrida ao ar livre, no ano em que aconteceu tudo entre ele e Monica – Peter diz. – Durante o acordo de confissão de culpa dele, veio à tona que Brandon tinha sido acusado de assédio e perseguição a uma menina que terminou com ele, enquanto ele estava na faculdade. As pessoas ficaram furiosas por ele ter conseguido um emprego na escola, então o diretor e o superintendente renunciaram, e o treinador Murray tirou uma licença de um ano.

– Como pode Murray não ter renunciado também? – pergunto.

– Por causa do futebol americano. – Os lábios de Peter formam um sorriso cansado. – Murray tem muitos apoiadores nesta cidade. Durante uma reunião do conselho escolar, as pessoas tiveram oportunidade de se posicionar a favor dele ou contra, para forçá-lo a se aposentar… e minha mãe falou contra ele. – Ele suspira. – Ela disse para todo mundo que sentia que o treinador Murray tinha falhado perante nossa família ao contratar Brandon. Ela falou que, se

Brandon não tivesse sido pego pelos assassinatos, teria feito mais vítimas por assédio em Sunnybrook High School, além de Monica. Acho que isso realmente emputeceu o pessoal.

– As pessoas ficaram bravas com a sua mãe por ela dizer isso? – pergunto. – Porque, bem, ela provavelmente tinha razão. Ele era um estuprador em série e matou duas pessoas.

Peter dá de ombros.

– Os apoiadores de Murray começaram a perseguir Monica. Muitos disseram que ela não foi realmente estuprada e que só apresentou queixa quando ele a rejeitou e voltou para a namorada, como minha família ousava culpar Murray por blá-blá-blá…

– Nossa, que loucura tudo isso, Peter. Eu sinto muito.

– Monica se formou logo antes de Brandon ser condenado, então não estava realmente por aqui para o rebote. Mas ela soube o que as pessoas diziam. Um casal inclusive mandava DMs horríveis para ela, e Mike precisou ser envolvido. – Peter solta um longo suspiro. – Enfim. Foi por isso que ela surtou quando nos viu assistindo àquele vídeo de Gavin. Ela não quer que a gente se envolva… e por uma boa razão.



Capítulo Doze

Na terça, o ginásio voltou a ser um ginásio normal, e não o ponto central onde todo mundo elabora o processo de luto. Por ordem do senhor Sebastian, os assistentes sociais e o cão terapêutico foram deslocados para a sala de orientação.

Em frente ao vestiário, umas alunas do segundo ano da minha aula de ginástica estão dizendo à senhorita Rosales que não se sentem em condições de jogar vôlei hoje.

– Acho que eu preciso conversar com o senhor Demarco – uma delas diz, fazendo beicinho para realçar o efeito.

– Se você achar que tudo bem ficar com zero hoje, vá, sim, sem dúvida – rebate a senhorita Rosales.

As meninas entram de cara feia no vestiário, resmungando que ela é uma vaca. Posso garantir que Gavin Steiger nem sabia que essas meninas existem, mas uma parte de mim não as culpa por usar a morte dele para tentar escapar da ginástica.

Todo mundo está lento para mudar de roupa hoje. Sento na arquibancada e observo as pessoas saírem do vestiário. Ayana e a melhor amiga dela, Farrah Saeed, sentam a pouca distância de mim, cochichando. Erica e Madison chegam e ocupam os lugares mais próximos do vestiário. Quando Gabby entra, com os olhos vermelhos, retribui meu cumprimento, mas senta atrás de Erica e Madison.

Erica faz um barulho de nojo, olhos postos nas duas meninas mais acima na arquibancada. Eu as reconheço; são da equipe de dança, uma está com a cabeça

apoiada no ombro da outra, lágrimas escorrendo.

Erica se vira.

– Essa é uma vadia dramática.

– Não foi ela que mandou uns nudes para Gavin? – Madison pergunta enrugando a testa.

Atrás delas, Gabby se inquieta.

– Conversa de alto nível, meninas, realmente.

– Que foi? – Erica rebate. – Você não acha que ela está fazendo isso para chamar a atenção?

Os lábios de Gabby se fecham. Ela remexe a pulseira, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Vocês já sabem alguma coisa sobre o funeral?

– O velório vai ser amanhã à noite – Erica diz. – Desde que a polícia libere o corpo hoje à tarde.

– Por que ainda estão com o corpo? – Madison pergunta.

– Porque é uma investigação de assassinato – Erica diz.

Olho para elas, não consigo evitar. Gabby sustenta meu olhar por um minuto, depois desvia.

Ninguém questiona como é que Erica sabe disso. Quando seus pais são proprietários do clube de campo local, você tem acesso a todo tipo de informação privilegiada.

– Isso é loucura – Madison diz. – Depois do que aconteceu com o Logan…

– Todo atropelamento seguido de fuga não é uma investigação de homicídio? – Gabby interrompe.

– Parece que eles acham que ele era um alvo – Erica diz. – Conforme a pessoa com quem supostamente a polícia falou ontem à noite.

– Quem? – Madison pergunta, inclinando-se concretamente na direção de Erica.

– Markell Davis – Erica diz, e Gabby levanta a cabeça de supetão. O nome não significa nada para mim, mas noto o choque no rosto de Gabby.

– Nem a pau – ela diz.

– Eles encontraram Gavin a uns poucos quilômetros da faculdade dele – Erica diz.

A voz de Madison é tão baixa que mal consigo entender o que está dizendo.

– Mas por que ele…

– Por que ele faria exatamente o que ameaçou fazer? – Erica resmunga.

Gabby se encolhe e espia por cima do ombro. Volta-se para Erica e diz:

– Não.

Acompanho os movimentos de Gabby e vejo para quem ela estava olhando; adiante, na minha fileira, Ayana Murphy está sentada, o rosto duro como pedra, observando Erica e Madison. Farrah cochicha no ouvido dela.

As mãos de Erica ajeitam o rabo de cavalo. Ela puxa a base para apertar.

– Vocês todas estavam lá. Vocês literalmente ouviram Markell ameaçar matar Gavin.

Olho de soslaio para Ayana, que está encarando a parte de trás da cabeça de Erica como se quisesse jogá-la contra uma parede pelo rabo de cavalo. Ayana se levanta no mesmo momento em que o apito da senhorita Rosales toca.

A conversa na arquibancada cessa. A senhorita Rosales nos diz para formar duplas e pegar uma bola de vôlei para treinar saques.

Gabby faz par com Chloe, e eu acabo com uma menina esquelética do segundo ano, que usa caneta hidrocor como rímel e nem se dá ao trabalho de tentar rebater meus saques. Fico de olho em Ayana, enquanto ela e Farrah vão até o cesto de bolas. Nunca a vi tão brava, nem quando me contou que flagrou Wes mandando mensagens para uma menina de North Hills.

Quando faltam dez para as duas e a senhorita Rosales nos diz para ir mudar de roupa, Ayana é a primeira a sair do ginásio, como se mal pudesse esperar para se afastar de todo mundo.

Entro no vestiário atenta à cabeça de Ayana, ao coque alto e sedoso, enquanto ela vai para a fileira de armários em frente à minha. Fico com a calça de ginástica e ponho o moletom por cima da camiseta de treino; enfio o resto da roupa na mochila.

Ayana está de sutiã e calcinha, conversando animadamente com a Farrah.

Desvio o olhar para que ela não me pegue encarando. Não levanto a cabeça até ouvir um armário sendo fechado, Ayana dizendo para Farrah que a vê no ensaio de dança.

Ayana já se trocou, os olhos ainda faiscantes quando vai para a saída do vestiário. Eu me levanto do banco e a sigo.

Ayana passa pela porta do vestiário, vira à direita rumo ao banheiro. Espero um pouco do lado de fora e inspiro fundo antes de entrar atrás dela.

Ela já está em uma das cabines, os tênis Adidas de camurça cor-de-rosa visíveis por baixo da porta. Paro junto à pia e lavo as mãos, à espera.

Quando Ayana sai da cabine, vê meu reflexo no espelho, mas não diz nada

enquanto lava as mãos. Observo-a tirar um tubo de brilho do jeans, remover a tampa.

– Você está bem?

Ela não tira os olhos do próprio reflexo, passa o gloss, pressiona os lábios.

– Por que não estaria?

– Meio que pareceu que Erica estava te irritando antes.

– Erica falou aquele monte de merda esperando que eu finalmente perdesse a cabeça e estourasse aqueles dentes tortos dela. – Ayana rosqueia a tampa de volta no gloss e examina os próprios dentes no espelho, reluzentes de tão brancos e perfeitamente alinhados.

– Quem é Markell? – pergunto.

– Meu primo. – Ayana guarda o brilho de volta no bolso de trás. – Mas você já sabe tudo sobre ele, certo?

– Do que você está falando? – pergunto. – Eu literalmente nunca tinha ouvido o nome Markell antes de Erica dizer.

– Eu li sua matéria. – Ayana pisca. – É sério mesmo que você não foi atrás do coitadinho do sem-teto que o treinador Burnham abrigou?

Meu estômago afunda. Na semana passada, alguém me disse para me matar, fui chamada de vaca empacada e alguém tentou de fato me matar; mas a insinuação de que sou má repórter é o que mais fere.

– Sinto muito. Eu não fazia ideia de que ele era seu primo.

– Talvez você devesse ter perguntado sobre ele a mais alguém, além de Logan. – Os olhos dela faíscam. – É, minha tia estava à beira de perder a casa. Mas ela já tinha um emprego em vista na Geórgia, e ela e Markell iam ficar com a minha outra tia lá, até se arranjarem.

"Markell era tão bom que já estava recebendo cartas de treinadores. Quando DB descobriu que eles iam se mudar no fim do ano, surtou. Ele apareceu na casa da minha tia e falou que ela estava jogando o futuro de Markell no lixo."

– Por se mudar daqui?

– A escola para onde o Markell ia, na Geórgia, não tinha um time de futebol americano. DB convenceu minha tia de que o único caminho para Markell ser notado e jogar na primeira divisão era ficar em Sunnybrook.

Mas Markell já estava sendo contatado por treinadores, Ayana tinha acabado de dizer. Isso soa mais como se Dylan Burnham não quisesse que seu astro fosse embora, mesmo que isso significasse que Markell moraria com ele e a família até se formar.

– Por que eles acham que Markell matou Gavin? – pergunto. Minha cabeça volta ao Snapchat, ao modo como Gavin marchou pela entrada de carros. *Que porra ele está fazendo aqui?*

Alguém viu o carro de Markell na casa de Tyler? Se ele e Gavin tiveram uma briga uma semana antes de Gavin aparecer morto…

No apoiador, o celular de Ayana toca. Ela ignora e, em vez de atender, me mede de alto a baixo.

– Por que você mesma não pergunta a eles? Tenho certeza de que sua BFF Alix te contaria.

– Ayana, eu não sou amiga daquelas garotas.

Lá fora, no corredor, toca o sinal para o horário das atividades extracurriculares. Meio segundo depois, a porta do banheiro se abre. Uma monitora de corredor, a senhora que todos chamam de Pescoço de Peru, enfia a cabeça.

– Senhoritas, se apressem.

A monitora se retira e Ayana dá um passo na minha direção.

– Olha, é melhor você ficar esperta, porque tem razão numa coisa: aquelas vacas *definitivamente* não são suas amigas.



Capítulo Treze

Quase perco o ônibus, porque o ginásio fica do lado oposto ao do estacionamento. A motorista está prestes a fechar a porta na minha cara quando começo a agitar os braços, em pânico.

Ela me deixa embarcar, e sento no primeiro banco, que está totalmente vazio. Pego o telefone e busco *Gavin Steiger* no Google.

POLÍCIA DIVULGA IDENTIDADE DE ADOLESCENTE MORTO EM ESTRADA DO TRÁFICO

A polícia estadual confirmou que a vítima de um incidente ocorrido na noite de domingo é Gavin Steiger, 17, de Sunnybrook.

A polícia não comentou a causa da morte de Steiger, citando a investigação ainda em andamento. O *News 7* divulgou ontem que um motorista ligou para o 911 para informar sobre uma pessoa deitada na lateral da estrada vicinal usada pelo tráfico, em East Newton, por volta das 23h15. Fontes presentes à cena confirmaram para o *News 7* que o motorista que fez o chamado não foi o que atingiu Steiger, como notícias anteriores sugeriram.

Steiger, um jogador 3 estrelas que atuava na linha de defesa do time de futebol americano de Sunnybrook, era primo da animadora de torcida Bethany Steiger, que foi morta em um acidente em 2013. Tentativas de contato com a família não tiveram retorno. A mãe de Steiger confirmou a morte de Gavin em um post no Facebook na segunda-feira, antes de mudar o perfil para privado.

Essa é uma história em desenvolvimento. Por favor, volte para obter atualizações. A polícia estadual pede a qualquer pessoa que tenha informações a respeito que entre em contato com a detetive Maria Nunziata.

Leio o segundo parágrafo várias vezes, até as palavras perderem o sentido. *O motorista não atingiu Steiger.*

Gavin já estava morto quando o motorista parou. No fim das contas, pode não ter sido um atropelamento seguido de fuga: alguém poderia ter matado Gavin e o abandonado na estradinha dos traficantes.

Depressa digito *Maria Nunziata* no Google. Ela é investigadora de homicídios.

Erica tinha razão. Gavin foi assassinado.

Mamãe manda mensagem informando que vai chegar tarde de novo. Termino o trabalho de Biologia sem me importar de provavelmente ter calculado errado a taxa de osmose.

Quando acabo, procuro no Google *Markell Davis*.

Penso no que Ayana falou, em como a versão dela é diferente dos boatos que circulam sobre seu primo. Penso na última mensagem de SportsFan para mim, o aviso sobre o que o time de futebol americano poderia fazer contra mim. *Confie em mim, sei por experiência própria.*

Mas Markell Davis se formou antes de eu me mudar para Sunnybrook. Ele nem sabe que eu existo, então imaginar que ele poderia ser SportsFan é desperdício de tempo.

Ayana, porém… Ayana estava lá para me afastar de Gavin e Wes quando cheguei à festa. Ela está na minha turma de ginástica e poderia ter me visto conversar com Gabby. Ayana estava saindo com Wes, o melhor amigo de Gavin, o que significa que talvez conhecesse Gavin bem o suficiente para adivinhar o código de segurança do cofre dele.

E a pessoa por trás de SportsFan nunca disse que o time de futebol americano tinha destruído a vida *dela*. Apenas que poderia destruir a minha, e que sabia disso por experiência própria. Ela poderia estar pensando no que aconteceu ao primo, quando tentou me avisar para ficar longe do time.

Mas o que eles realmente *fizeram* contra Markell Davis?

Mamãe já saiu quando acordo na quarta de manhã. Estou escovando os dentes quando ela manda uma mensagem:

O velório de Gavin é hoje às 19h. Vou te

buscar quando sair do escritório.

Ela quer que eu vá. Claro que sim. Sunnybrook é uma única e grande família, e seria esquisito se a superintendente aparecesse sem a dela.

A ideia de ir ao velório de Gavin me perturba. Posso contar nos dedos de uma mão a quantos velórios já fui na vida, e nenhum deles envolvia um assassinato.

Quando toca o último sinal, pego minhas coisas no armário para ir para casa, mas então me lembro, no último minuto, de que me inscrevi para dar tutoria por colegas depois do horário, hoje. Estou quase um minuto inteiro atrasada e recebo um olhar de reprovação da senhora Coughlin.

Tyler Curtin está à mesa perto da janela, me esperando. Não temos nenhuma aula juntos este ano, então não converso com ele desde a noite da festa.

– Oi. – Ele mal levanta a cabeça para mim ao murmurar.

– Oi. – Baixo a voz, porque a senhora Coughlin tem uma rígida política contra interações sociais durante as tutorias. – Como você está?

– Bom, estou aqui. – A voz de Tyler é sem vida, seus olhos concentrados na caneta que ele bate no tampo da mesa. – Só não estou entendendo nada de nada.

– Você ouviu alguma coisa? – pergunto. – Sobre quem acham que fez isso?

Tyler abana a cabeça.

– Nem. Quer dizer, foi um atropelamento seguido de fuga. Vai ser pura sorte se encontrarem quem foi.

Tyler não olha para mim. Engulo em seco.

– As pessoas estão dizendo que pode ter sido uma pessoa chamada Markell.

Os ombros dele se tensionam.

– Bobagem da grossa.

– Mas eu ouvi Erica dizer que Markell ameaçou matar Gavin.

– Erica tem boca grande. – Há um alerta na voz de Tyler, quando ele pega a caneta para examinar.

– Tyler, Gavin brigou com alguém na noite da sua festa?

A menção à festa faz Tyler baixar as mãos.

– Não. Por que está perguntando isso?

– Eu vi um Snapchat… Apareceu um carro – eu cochicho. – Gavin pareceu

bem puto e falou *Que porra ele está fazendo aqui?*

– Não sei nada sobre isso. – Tyler não pergunta que tipo de carro. A rapidez com que ele nega saber de algo me diz que ele sabe a quem o carro pertence.

– Era azul-escuro, com um para-choque amassado.

– Corta essa, Hadley. Sério mesmo.

A acidez em sua voz me atinge. No entanto, há na expressão de Tyler uma sombra de medo que me faz pensar que tem mais coisas rolando aqui do que ele apenas não querer que eu faça perguntas sobre o carro.

– Ei, senhora Coughlin, não estou me sentindo bem. Posso ir embora?

A senhora Coughlin baixa seu exemplar da revista *Us Weekly* e nos encara de sua mesa.

– O que quer dizer com "não estar se sentindo bem"?

Tyler está passando pela porta, mas se detém, com uma mão no batente.

– Quero dizer que vou cagar nas calças se a senhora não me deixar sair da sala agora mesmo.

Uma onda de risadinhas atravessa a sala, e a senhora Coughlin, vermelha, gesticula uma autorização.

– Vá. Por favor.

As risadas continuam quando Tyler sai, e a senhora Coughlin fica ainda mais vermelha. Por fim, ela se levanta.

– Qualquer um que não faça silêncio nos próximos dez segundos vai sair da sala e, não, não vai receber crédito pela presença. *Capisce?*

Mamãe e eu chegamos à Casa Funerária Ristegio às seis e meia, trinta minutos antes do horário de início do velório de Gavin. Já há fila no estacionamento e nenhuma vaga, então acabamos parando a um quarteirão de distância.

A maioria das vitrines está apagada. As fitas azuis que as pessoas amarraram nos postes de luz e de telefonia flutuam ao vento. Em frente à Sunnybrook Varsity, a loja de roupas esportivas, há uma homenagem: velas de LED tremulando porque a bateria está no fim; flores murchas; bolas de futebol americano; mensagens manuscritas para Gavin. No centro, uma fotografia emoldurada.

Estou usando uma malha de gola V, apesar do calor, porque é a única peça de roupa preta que tenho sem ser moletom ou calça de ginástica. Puxo o cós da

calça social, o tecido pinicando minha pele.

Mamãe poderia dar carteirada por ser a superintendente, mas esperamos na fila, como todo mundo. Fico de olho no celular, fingindo ler as notícias, para não precisar fazer contato visual com as pessoas da escola, que entopem o estacionamento.

Quando entramos, mamãe é abordada por duas mulheres que não reconheço, e aproveito a oportunidade para me afastar. A sala do velório está lotada. Duvido que o corpo maltratado de Gavin esteja à mostra, mas, ainda assim, não consigo me forçar a ir até lá, então fico pelo saguão, que também está lotado.

Sinto-me repulsiva, como uma espécie invasora de bactéria. Todo mundo aqui me odeia, me culpa pelo que aconteceu no último fim de semana, mesmo que não saibam que sou eu.

Alguém toca meu ombro, e levo um susto tão grande que quase me viro e soco a mão da pessoa.

Suspiro de alívio ao ver que é só Alix Maroney. Ela está usando um vestido preto simples e um cardigã até a coxa. Passou mais maquiagem do que o normal, talvez para disfarçar a vermelhidão ao redor dos olhos.

– Foi bacana da sua parte ter vindo – diz. Ela vai na direção da porta da sala do velório, os olhos fixos em mim. É evidente que espera que eu a siga, e eu engulo o pânico.

– Como Cameron está? – pergunto.

– Como seria de se esperar – Alix diz. Ela parece distraída ao abrir caminho para nós. – Acho. Pelo menos Brayden veio hoje de manhã.

Reconheço o nome do terceiro irmão mais velho de Cameron. Alix aponta para um homem de terno parado ao lado de Dylan Burnham. É óbvio que é Brayden; ele é quase idêntico ao irmão, exceto pelo queixo e pelos ombros um pouco mais largos, e por ser um centímetro e meio mais alto que Dylan.

De seu posto junto aos irmãos, Cameron nos vê. Levanta a mão humildemente antes de se virar para conversar com uma senhora idosa, de andador.

Alix morde o lábio e cochicha:

– Estou preocupada com ele.

– Ele está… recebendo ajuda? – pergunto.

– Ele não conversa com ninguém sobre isso. Nem comigo. – Alix usa a ponta do mindinho para enxugar o canto do olho. – Ele só… Ele já perdeu

tanta coisa. Estou apavorada de perdê-lo também.

Olho discretamente para ela, mas sua expressão é indecifrável. Alix está dizendo que tem medo de Cameron ser o próximo?

– Uau. – Alix examina o mindinho, com o fragmento de rímel que tirou. – Isso soou muito autocentrado.

– Não foi – digo, pensando em como Alix correu para os braços de Cameron na sala de emergência, e no modo como ele afagou suas costas. – Acho que não há nada de egoísta em ter medo de perder alguém que se ama.

Cameron se liberta do abraço da senhorinha e a sustenta pelos antebraços para equilibrá-la, enquanto ela avança até o andador.

– É melhor eu ir até lá – Alix diz. – Essa senhora foi nossa professora na primeira série.

Ela se vira para ir, mas no último instante gira de volta. Me puxa para um abraço. Ela cheira a algodão-doce e frutas silvestres.

Fico sem ar quando ela rompe o abraço. Só consigo pensar no que ela disse durante o almoço, outro dia: *Quem criou essa pesquisa é um bosta*.

Preciso sair daqui. Não tem sinal de celular na funerária, e não consigo mandar mensagem para mamãe avisando que vou sair para tomar um pouco de ar fresco. Ela ainda é o centro das atenções no saguão, cercada por pessoas que não conheço. Membros do conselho, talvez, ou professores do Fundamental I e II.

Saio pela porta lateral e escrevo para mamãe avisando que vou esperar por ela no carro.

Estou parada, esperando para atravessar a rua, quando vejo um carro encostar na frente da pizzaria para pegar uma mulher que estava ali parada. É Monica, a irmã de Peter.

Um cara alto, de cabelos loiros cacheados, sai do banco do motorista de um Honda Civic. Eles se encontram do lado dele do carro. Monica enlaça o pescoço dele e se inclina em sua direção. Ele apoia o queixo no topo da cabeça dela. Eles ficam assim por quase um minuto inteiro, até que Monica recua um passo, mantendo os braços ao redor do pescoço do cara.

Lembro que Peter disse que Monica é amiga de Rachel, prima de Gavin. Monica deve ter vindo ao velório para apoiá-la. Ela olha firme nos olhos dele, e nenhum dos dois diz nada. Por fim, ele encosta os lábios na testa dela, ambos de olhos fechados.

É só um beijo na testa, mas é a coisa mais íntima que já vi. Esses dois,

imóveis desse jeito, despertam em mim uma tristeza que não consigo identificar. Sinto como se tivesse levado uma pancada no rim.

Eles finalmente se afastam, e o cara diz algo para Monica, que a faz assentir. Ele volta para dentro do carro, enquanto Monica alisa a saia do vestido, contorna o carro e entra no banco do passageiro.

– Você vai atravessar?

A voz ao meu lado é calma. Viro o rosto e dou de cara com a senhorita Cordero, a nova professora de Matemática e técnica auxiliar da equipe de dança. Ela está vestindo um cardigã preto por cima de um camisão preto e calças de ginástica cinza-escuro.

Fico confusa, dominada pela lembrança dela observando Logan e a mim no corredor, no dia em que o entrevistei. Ela queria falar com Logan e disse que era importante.

A senhorita Cordero pisca e, quando mesmo assim não respondo, estica o braço ao meu redor e aperta o botão para abrir o sinal da travessia de pedestres. Do outro lado da rua, o motorista do Honda Civic se afasta, e a irmã de Peter vai embora.

O sinal de "Ande" pisca, e a senhorita Cordero põe o pé na rua. Mantenho uns poucos passos atrás, observando-a caminhar até um sedã azul estacionado em frente à loja de produtos de cura holística.

Estanco quando ela chega à porta do motorista, vasculhando a bolsa em busca da chave, e meu olhar se fixa no para-choque dianteiro. O canto está amassado, a pintura riscada, exatamente como o do carro no vídeo da festa de Tyler Curtin, na noite em que Logan foi envenenado.



Capítulo Quatorze

Você pode me mandar o vídeo com Gavin fora da casa de Tyler?, escrevo para Peter.

Não sei. Isso violaria as normas do drive

Fodam-se as normas do drive

Acho que o carro é da senhorita Cordero

Peter digita pelo que parece uma eternidade.

Estou em casa, vem pra cá

Mamãe finalmente me escreve de volta, interrompendo a resposta que estou digitando para Peter.

Vou ficar presa aqui por um tempo. Você consegue voltar de carona?

Você pode me buscar na casa de Peter Carlino quando acabar? Preciso terminar o trabalho de Biologia

Claro

Envio o endereço de Peter para mamãe e volto para a faixa de pedestres. A casa dele fica a pouco mais de um quilômetro da Main Street, uma caminhada de uns dez minutos se eu mantiver um bom ritmo.

A entrada para carros e a garagem estão vazias quando chego. Zelda surta assim que bato à porta. Peter aparece usando calça de pijama e o moletom do Pikachu.

– Eu vi a senhorita Cordero entrando no carro do vídeo – digo, desviando de Zelda.

– Ela só entrou ou estava dirigindo? – Peter pergunta.

– Entrou pelo lado do motorista. – Sigo Peter até a cozinha, observando-o pegar uma toalha de papel do suporte, antecipadamente.

– Continue – ele suspira, enquanto Zelda começa a se sacudir aos meus pés.

Eu a afago e ela imediatamente se vira de barriga para cima e faz xixi no chão. Peter se abaixa para secar o piso.

– Como você tem tanta certeza de que é o mesmo carro do Snapchat?

– Eu não tenho certeza – digo. – Por isso preciso ver o vídeo de novo.

Peter parece cético.

– Mas Gavin não fala "Que porra ele está fazendo aqui"?

– Coloca o vídeo – digo. – Tem como desacelerar?

O laptop de Peter já está na mesa da cozinha. Ele fecha o trabalho de História em que estava mexendo e abre o Snapchat salvo no drive do Google.

Peter toca o vídeo três vezes, com o volume no máximo o tempo todo: o "Que porra ele está fazendo aqui?" de Gavin se torna *Que porra ela está fazendo aqui?*

– Por que a senhorita Cordero daria as caras em uma festa do Ensino Médio? – pergunto.

– Não faço ideia – Peter diz. – Duvido que seja, tipo, a cena dela. Ela não

foi nem ao próprio *homecoming*.

Atrás de nós, o portão da garagem range. Eu me viro para Peter.

– Quem é?

– Não sei. – Ele franze o rosto. – Monica e mamãe estão no velório.

– Eu vi Monica ir embora mais ou menos na mesma hora que eu – digo. – O namorado foi buscá-la.

A testa de Peter se franze ainda mais.

– Monica não tem namorado.

A porta que dá para a garagem se abre, Zelda tem um chilique e Monica aparece na cozinha. Ela descalça as sapatilhas, alheia ao fato de que a cachorra está indo direto para elas.

Peter e eu ficamos em silêncio enquanto Monica vai até a geladeira. Ela escolhe uma lata de suco gasoso de tangerina e nos encara, enquanto abre o lacre.

– Mais *lição de casa*?

– Mais tipo nada que seja da sua conta – Peter diz.

Ela dá um grande gole e depois diz:

– Tá bem. Claro.

Dá uma piscadinha para Peter e se vira para sair, e eu lanço para Peter um olhar urgente. Antes que Monica chegue à escada, ele despeja:

– Espera. Ginny Cordero esteve na casa de Tyler Curtin na noite em que Logan Philbrick foi envenenado.

O nome da senhorita Cordero (ou quem sabe os três nomes combinados) acende alguma coisa em Monica. Ela se vira e pousa a bebida na ilha da cozinha, os olhos chispando.

– Do que você está falando?

– Olha. – Peter põe o vídeo para tocar desde o início. Um pouco de cor some do rosto de Monica, diante da imagem da menina caída no gramado, mas sua mandíbula se retesa quando Gavin entra em cena.

– Ginny Cordero não iria a uma festa do Ensino Médio nem morta – Monica diz.

– Como você sabe? Vocês nem se falam mais – Peter diz.

– Ela não frequentava festas nem quando *a gente* estava no Ensino Médio. – Os olhos de Monica faíscam.

– Talvez ela estivesse tentando interromper a festa? – digo. – Tentando alertar as meninas da equipe de dança que poderiam ter problemas por beber?

– Ginny treina a equipe de dança? – Monica pergunta, cortante.

– Está vendo? – Peter diz. – Você não sabe de nada.

– Sei que não gosto de seja lá que diabo for que vocês dois estejam fazendo – Monica rebate. – Por que vocês continuam assistindo a esse vídeo?

– Curiosidade. – Ao dizer isso, Peter parece um gato que engoliu um canário. Resisto à vontade de lhe dar um chute por baixo da ilha da cozinha.

Monica continua olhando fixamente para ele, e percebo que é melhor que eu diga alguma coisa, antes que ele meta os pés pelas mãos e estrague tudo.

– Eu estava na festa – digo. –Vi Logan desfalecer. As coisas não estão fazendo sentido, então pedi a Peter que me ajudasse a entender umas coisas.

– Soa como um trabalho para a polícia – Monica diz.

Peter funga de desprezo.

– Porque nossa polícia local é mesmo ótima para encontrar assassinos.

O olhar que Monica lança para Peter me faz desejar que um buraco do meu tamanho apareça no chão da cozinha e me engula.

Monica parece prestes a desistir e temo que, se Peter entrar em briga explícita com a irmã, a gente não consiga tirar nada dela. Assim, disparo:

– A prima de Gavin disse alguma coisa sobre a polícia interrogar uma pessoa chamada Markell Davis?

Monica se senta.

– Onde você ouviu isso?

– Erica Stanbury – respondo.

Monica não parece reconhecer o nome. Ela dá um gole no suco gasoso e eu continuo:

– A prima do Markell está na nossa série. Ayana Murphy.

– Conheço Markell – ela diz. – Eu estava no último ano quando ele estava no segundo.

– Por que as pessoas acham que ele matou Gavin? – pergunto. – Estão dizendo que Markell ameaçou matá-lo.

– Eu não sei o que realmente aconteceu – Monica diz. – Mas Markell foi suspenso no último ano por bater em Brayden Burnham.

– Mas qual era o envolvimento de Gavin nisso? – pergunto.

– Supostamente, Gavin viu tudo acontecer. Ele disse que Markell começou a gritar com ele no vestiário, depois do treino, e que Brayden interferiu para defendê-lo. Foi aí que Markell bateu em Brayden. – Ela dá mais um gole. – Pelo menos, foi o que Gavin contou.

– Você acha que Gavin mentiu? – pergunto.

– Acho que Gavin faria qualquer coisa que Brayden Burnham mandasse – Monica diz. – Inclusive dizer que Markell começou a briga, sendo que Markell não faria mal a uma mosca.

– O cara cujo trabalho é literalmente esmagar pessoas no campo de futebol americano não faria mal a uma mosca? – Peter pergunta, encarando a irmã. – Você ao menos era amiga dele no Ensino Médio?

– Não, mas nos tornamos amigos no ano passado – Monica diz. – Quando ele se transferiu para o time do Marist.

– Por que ele se transferiu para o Marist? – pergunto. – Ele não tinha conseguido bolsa integral para a Old Dominion?

– Conseguiu – Monica diz. – Mas quase perdeu, depois de ser suspenso por causa da briga.

– Como uma única suspensão bastaria para uma faculdade da primeira divisão tirar o convite? – Peter pergunta. – Eles não ignoram esse tipo de coisa quando o jogador é tão bom quanto Markell?

– Não foi a suspensão em si. Foi porque Frank Murray conversou com a orientadora do Markell, e ela apagou a suspensão do histórico dele – Monica diz.

– Alix me contou isso na semana passada – digo. – Mas por que Murray faria isso por Markell, se ele supostamente tinha batido no sobrinho dele?

– Porque, conhecendo Brayden e Gavin, eles provavelmente provocaram Markell – Monica diz, sombria. – Murray só queria que tudo sumisse. Mas a coisa explodiu na cara dele quando alguém telefonou anonimamente para o técnico da Old Dominion, contando que o histórico do Markell tinha sido alterado. A faculdade acabou auditando as notas dele, investigando tudo. Eles falaram com a orientadora, e ela disse que Markell era um bom menino, que ela e Murray só queriam evitar que uma briga idiota destruísse o futuro dele.

– Qual o motivo da briga, afinal? – Peter pergunta, olhando-me de lado. Eu estou me perguntando a mesma coisa, e também se tem alguma coisa a ver com o que o treinador Murray falou para Dylan Burnham. *Eu te falei anos atrás, ele não vale o estresse*.

– Markell nunca me contou. Ele se mudou da casa de Dylan e foi morar com um amigo pelo resto do ano letivo. Ele sabia que provavelmente tinha sido Brayden quem ligou para a Old Dominion e, mesmo depois que a faculdade decidiu que a orientadora não tinha feito nada de errado, todo

mundo no time já conhecia o nome do Markell antes mesmo de ele chegar lá. – Os olhos de Monica faíscam. – O técnico assistente não queria Markell no time, diferentemente do técnico principal. Esse cara ficava falando um monte de merda pros jogadores, e todos eles tratavam Markell como se ele não merecesse estar lá. Ficou tão ruim que ele acabou se transferindo pro Marist, só pra fugir das coisas horríveis que diziam dele.

– Eu só não entendo por que Brayden fez aquela ligação – Peter diz.

Monica ergue as sobrancelhas.

– Porque ele é um escroto e sempre teve inveja do Markell?

– Ou porque ele tinha medo de Markell contar pra todo mundo o que causou a briga – digo.

Monica e Peter se viram para mim como se tivessem esquecido que eu estava ali.

– Você falou que Murray só queria que a confusão sumisse – continuo. – Talvez Markell soubesse que Gavin fez algo realmente ruim, e o estava confrontando quando Brayden apareceu e tudo saiu do controle.

Monica me encara. É perturbador imaginar o que ela está pensando. Ela parece frustrada, como se eu fosse um quebra-cabeças que ela não consegue resolver.

– Markell nunca me contou sobre o que foi a briga – Monica diz, por fim.

– Bem, você pode perguntar – Peter diz. – Se você e Markell são tão amigos assim.

Monica se vira para o irmão, irritada.

– E por que diabos eu faria isso?

Algo muda no rosto dela, algo que me preocupa.

– Eu não sou burra – ela diz. – Eu sei exatamente o que vocês estão fazendo, e isso vai explodir na cara de vocês dois.

Na ilha da cozinha, meu celular vibra. Mamãe, avisando que chegou.

– Eu… preciso ir – digo, de forma estúpida. – Minha mãe está lá fora.

Espero até chegarmos em casa e escrevo para Peter.

Você acha que Monica sabe sobre… o negócio?

Não. Ela nem falou nada sobre a pesquisa na minha frente.

PQP. Apague estas mensagens!

Ok, apaguei

A propósito: eu nunca contaria pra ela

Sei que ela é assustada… Mas você não precisa se preocupar com isso

Apago toda a conversa mesmo assim, a paranoia crescendo dentro de mim. Eu me distraio abrindo o Google. Digito *Markell Davis* e volta uma conta fechada do Instagram. A foto do perfil é de uma pessoa usando um uniforme de futebol americano, o rosto oculto por um capacete. A bio diz *Marist '26*

Meu dedo paira acima do botão de mensagem direta por um momento, antes de eu me convencer a não fazer isso. O que eu diria para Markell Davis, afinal? *Oi, você poderia contar a mim, uma total desconhecida, por que as pessoas pensam que você matou Gavin Steiger?*

Tomo banho e tento dormir. Estou tão cansada, mas meu corpo resiste o mais que pode. Até que ele desiste, e pela manhã quase não ouço o alarme.

Estou lenta e quase me atraso para os avisos. Sinto-me tão aliviada por sentar na cadeira a tempo do sinal que mal percebo que o senhor Fiorella está me olhando fixamente, quando o alto-falante estala e a senhorita Barnes, da secretaria central, diz, para toda a turma ouvir:

– Poderia por favor mandar Hadley Daugherty para a sala do senhor Sebastian?



Capítulo Quinze

A senhorita Barnes está ao telefone quando chego à secretaria central. Quando desliga, diz:

– Eles estão todos à sua espera na sala do senhor Sebastian.

Eles todos. Estou sendo emboscada.

Sigo andando pelo corredor, sem saber ao certo qual é a sala do senhor Sebastian, porque nunca estive na sala do diretor.

O som da voz da minha mãe me faz congelar. Por um segundo, penso em dar meia-volta, sair correndo do prédio e, quem sabe, do estado. Mas então o senhor Sebastian diz:

– Hadley, é você aí fora?

Passo pela porta, e a visão de Dylan Burnham ao lado da mesa do senhor Sebastian drena todo o oxigênio do meu corpo. Há três cadeiras enfileiradas em frente à mesa; minha mãe está sentada em uma delas, e, na outra, Frank Murray, com os braços cruzados sobre o peito.

– Sente-se – diz o senhor Sebastian.

A única cadeira livre é ao lado da minha mãe. Meus joelhos quase cedem quando me sento.

– O que está acontecendo? – pergunto.

Frank Murray fala antes de todos.

– Acho que você sabe a resposta para isso.

Meu olhar vai até Dylan Burnham, que ainda não disse uma palavra. Ele está usando a jaqueta do Sunnybrook Football, com o zíper puxado até o queixo e as mãos apoiadas nos quadris. Não parece muito diferente de quando

está em campo, avaliando calmamente o adversário enquanto Murray tenta não explodir com o árbitro.

– Alguém pode me dizer por que estou aqui? – repito, tentando manter a voz firme.

Não consigo olhar para a minha mãe. Ela sempre soube quando estou mentindo. O senhor Sebastian engata um dedo no colarinho da gravata, puxando-o para soltar, deixando entrar um pouco de ar. Ele parece mais suado que o normal.

– Estão circulando alguns rumores muito graves – ele diz. – Começaram com aquela pesquisa enviada aos professores na semana passada.

– E o que isso tem a ver comigo? – pergunto.

O senhor Sebastian parece surpreso com a pergunta. Ele passa a mão no pescoço, secando uma gota de suor que escorre da orelha.

– Hadley, vimos que você acessou a conta do Google associada à pesquisa enquanto estava no wi-fi da escola.

Sinto como se minhas entranhas tivessem sido arrancadas pela boca. Eu devo ter me esquecido de me desconectar do wi-fi quando mostrei a pesquisa ao Peter, no outro dia.

Quando finalmente recupero a voz, pergunto:

– Vocês têm permissão para monitorar o uso que os alunos fazem da internet? – Merda. Merda. Isso não pode ser juridicamente válido, puxar nosso histórico online…

Dylan Burnham ri, mas sua boca não sorri.

– É claro que sim – o senhor Sebastian diz, piscando. – Desde que você esteja usando o wi-fi da escola.

Minha mãe não olha para mim. Não sei o que dizer que não vá piorar tudo. Mas não há a menor chance de o município ter recursos para vasculhar o histórico online de cada estudante só para descobrir quem criou a pesquisa.

Eles devem ter tido um feeling de que era eu.

Mamãe finalmente fala:

– Você criou a pesquisa, Hadley?

– Não – digo.

– Mas você tem acesso a ela – o treinador Murray diz.

Olho para o senhor Sebastian.

– Mesmo que eu tenha, pelo que, exatamente, estou encrencada?

– Hadley, ninguém aqui está encrencado…

– Então posso voltar para a sala de aula?

O senhor Sebastian solta um suspiro engasgado e vira a cabeça para a minha mãe, como quem diz: uma ajudinha, por favor.

Minha mãe me encara.

– Um jogador foi assassinado e outro está lutando pela vida. Precisamos saber o que está sendo dito a portas fechadas para podermos ajudar a polícia na investigação.

– Então por que o detetive Mejia não está aqui, se vocês estão convencidos de que a pesquisa tem algo a ver com o que aconteceu com Gavin e Logan? – pergunto.

– No momento, estamos preocupados com responsabilidade – o treinador Murray intervém.

– Responsabilidade – repito. Odeio como minha raiva está tornando minha voz fina e patética. – De quem, exatamente?

Olho para Dylan Burnham ao dizer isso. Quero perguntar se ele alguma vez planejou responsabilizar Gavin por colar ou se o próprio irmão foi responsabilizado pelo que fez a Markell Davis. Quero que o treinador Burnham diga algo, qualquer coisa, que mostre à minha mãe quem ele realmente é.

Ele me encara de volta, o rosto impassível.

Quando ninguém responde, pergunto:

– Então estou encrencada ou posso voltar para a sala da orientação?

O senhor Sebastian lambe os lábios.

– Volte para a sala, Hadley.

Não olho para minha mãe, e ela não tenta me deter. Talvez ela nem tenha nada a me dizer. Percorro o corredor com o sangue latejando nos ouvidos.

Quase tropeço quando vejo alguém assinando a lista de atrasos na secretaria central.

Chloe Vitelli. Ela me nota e percebe o pânico no meu rosto antes de desviar o olhar e terminar de assinar.

No corredor às minhas costas, vozes. Chloe levanta os olhos, registrando quem está falando: minha mãe e Frank Murray, discutindo. Quanto será que ela ouviu enquanto estava parada ali assinando?

Saio dali com o peito apertado. Imagino Chloe correndo para Alix, contando que me viu saindo da sala do senhor Sebastian, com os treinadores de futebol americano e minha mãe logo atrás, discutindo. Elas nem vão precisar

tirar conclusões precipitadas.

Dylan Burnham e Frank Murray vão garantir que todo mundo nesta escola saiba por que estive na sala do diretor hoje.

Estou total e completamente ferrada.

* * *

Tenho aula de Saúde no último horário, a cereja do bolo de merda que foi o dia de hoje. Ninguém me diz nada, o que faz minha ansiedade crescer a ponto de me sentir sufocar.

A esta altura, todo mundo sabe que fui chamada à sala do diretor, que a administração suspeita que eu criei a pesquisa. A energia na sala é carregada antes do sinal, e a senhora Coughlin precisa levantar a voz para que todos se sentem quando ele finalmente toca.

Ela não olha para mim quando diz meu nome na chamada. Vamos assistir a um filme hoje, um drama do Lifetime sobre os perigos da violência nos relacionamentos.

Quando o filme começa, a senhora Coughlin sai para fofocar com a professora da sala ao lado. Somos todos crianças que ganharam tempo extra em frente a uma tela para que os adultos possam conversar.

TJ Blake se joga na cadeira que Gavin costumava ocupar. Ele segura o assento por baixo e se arrasta para perto de mim, as pernas abertas. Estamos a um centímetro de distância.

Olho para ele, mas ele não diz nada. Apenas me encara e sorri.

– Por favor, me deixa em paz. – Minha voz falha. Ele sorri e inclina a cabeça.

– Você está estressada, Hadley? – ele pergunta. – Tem uma espinha monstro no seu queixo.

A pessoa sentada atrás de mim dá risada. Ignoro o som, olho além do sorriso na cara de TJ. Lembro a mim mesma que TJ não tem nenhuma razão para estar sorrindo.

A senhora Coughlin enfia a cabeça na sala.

– Por que estou ouvindo conversas aqui? Senhor Blake, de volta ao seu lugar.

Minha pulsação desacelera um pouco ao ouvir TJ voltando para a fila de trás.

A senhora Coughlin sai da sala novamente. Do fundo da classe, Erica diz para TJ:

– Ela não vale uma detenção.

Olho fixamente para a frente, sentindo todos os pares de olhos da sala concentrados em mim. Então, um dedo grosso encosta no meu rosto.

– Bem aqui – TJ diz. – Espinha monstro.

Chega. Levanto-me, afugentando TJ de volta para a própria carteira. Pego minhas coisas e saio, sem parar, mesmo quando a senhora Coughlin grita atrás de mim, querendo saber aonde estou indo.

Estou na bicicleta quando sinto o celular vibrar na base da coluna. Não paro para tirar o aparelho da mochila; sei que é mamãe porque, quando a vibração para, imediatamente recomeça.

Ao chegar à casa de Peter, tenho duas chamadas perdidas e uma mensagem de texto dela:

> Onde DIABOS está você?

Desligo o aparelho, as faces pinicando por causa do vento.

A porta da frente se abre antes que eu bata. Peter me encara. Suas faces estão inchadas. Ele parece um esquilo estocando sementes.

– Dentes do siso – ele explica. – Tirei hoje de manhã.

Não consigo pronunciar nenhuma palavra, com o começo de um ataque de pânico congelando meu corpo. Peter me faz entrar em casa. Inspiro fundo pelo nariz e seguro, lembrando-me do que a doutora Colucci me ensinou sobre aterramento. Ouço Zelda latir, sinto suas patinhas nas minhas panturrilhas. A cozinha cheira a vela queimada na ilha, cravo e canela.

Peter me leva até o sofá da sala de estar. Nós nos sentamos, e Zelda imediatamente pula para o espaço entre nós.

– Você não pode subir aqui – Peter diz a ela, mas não a empurra quando ela sobe no meu colo e lambe meu rosto com sua linguinha áspera de cachorro.

Coço atrás de suas orelhas enormes e encontro disposição para contar a

Peter o que aconteceu, como estavam todos me esperando na sala do diretor, como uma espécie de emboscada. Como Chloe viu, e como todo mundo agora está sabendo.

– O que você disse para Sebastian? – ele pergunta, depois que despejo tudo.

– Neguei de cabo a rabo, mas não faz diferença: todo mundo sabe que fui eu. – Zelda sai do meu colo, apoio os cotovelos nos joelhos e enterro o rosto nas mãos. – Não fala nada. Eu sei que sou uma idiota.

– Eu nunca, jamais chamaria você de idiota – Peter diz. – Mesmo que eu estivesse pensando isso.

Quando olho para cima, Peter está limpando os óculos na blusa, e consigo ver seus olhos. Nunca tinha reparado que eles não são totalmente castanhos, mas têm pontinhos cor de âmbar. Meu coração congela, como se eu o estivesse vendo pela primeira vez.

– Desculpe por te arrastar para dentro de tudo isso. – Enxugo os olhos na manga. – Eu nem deveria estar aqui.

– Você não me deve desculpas.

– Devo, sim. – Olho para Peter. – Fui péssima quando parei de falar com você no ano passado.

Peter dá de ombros.

– Eu não levei para o lado pessoal. Eu sabia o quanto a bolsa significava para você.

– Não foi por causa da bolsa. – Solto a respiração. – Eu vi que você procurou meu pai no Google.

O corpo de Peter enrijece. Por fim, a mandíbula se move e ele toca a face por cima do chumaço de algodão encaixado por dentro.

– Eu não ia contar a ninguém.

– Mas por que você fez isso?

– Não posso contar sem soar totalmente assustador.

Empurro o joelho dele com o meu.

– Ah, vai…

– Não.

– Por favor?

Peter faz um ruído de irritação.

– Eu… queria saber mais sobre você.

Não quero deixá-lo mais constrangido do que já está. E também não estou pronta para esta conversa. Tudo já está tão ferrado, minha mãe vai me matar e

Peter talvez seja o único amigo verdadeiro que me resta.

– É melhor eu ir antes que minha mãe abra um BO pelo meu desaparecimento – digo.

– Deixa eu te acompanhar até em casa.

Abano a cabeça.

– Não precisa – digo. Peter só vai me atrasar se andar ao meu lado enquanto pedalo. – Você literalmente acabou de passar por uma cirurgia.

– Desse jeito, talvez eles nos deixem em paz, já que não posso reagir.

A ideia de que Peter, em seu estado normal, poderia me oferecer algum tipo de proteção contra uma horda de jogadores de futebol americano é hilária, quase ao ponto de acalmar meus espasmos internos.

– Tá bom – digo.

* * *

Nenhum de nós fala. Peter está com a boca cheia de sangue e gaze, e eu tenho medo de chorar se abrir a minha.

Estamos nos aproximando da curva depois de Osprey's Bluff, o trecho perigoso da via expressa onde Colleen Coughlin e Bethany Steiger foram mortas, onze anos atrás. Peter e eu nos mantemos na parte interna, andando em fila indiana, nenhum de nós ousando respirar, como se estivéssemos atravessando um cemitério.

Alguns passos à minha frente, Peter para.

– O que foi? – pergunto, freando para não passar por cima dele.

– É o carro da minha irmã, parado ali na escarpa.

– Quem sabe ela gosta da paisagem? – digo, confusa com a reação dele.

– Tem outro carro parado ao lado do dela – ele diz.

Peter é espantosamente rápido e, quando o alcanço no estacionamento da escarpa, ele já está perto do carro de Monica. Ela sai pelo lado do motorista ao mesmo tempo que o cara loiro do velório de Gavin sai do carro parado ao lado do dela.

– Mas que diabos, Monica? – Peter grita.

No rosto de Monica há uma expressão que achei impossível para uma pessoa tão contida. Olho alternadamente para ela e para o cara loiro, cujo rosto

permanece impassível enquanto observa Peter.

Monica avança contra Peter, agarra-o pela manga da camisa. Ele gira, tenta dar um tapa para afastar o braço dela, mas ela torce a mão dele para trás.

O cara loiro intervém, põe a mão no ombro de Monica. Algo no toque dele parece fazê-la desistir da briga. Ela solta Peter, cujo rosto está escarlate, quando ele aponta para o cara loiro.

– Ele é seu namorado?

Monica e o cara trocam um olhar que sugere que eles próprios ainda não conversaram sobre isso. A voz dela é estranhamente calma quando ela diz:

– Ethan, entra no carro. Eu já vou.

– Eu não acredito em você! – Peter grita com Monica. – Como você pode andar com esse babaca…

– Você nem sabe do que está falando! – ela grita de volta.

Chamo o nome de Peter, mas ele parece não me ouvir.

O pânico cresce em mim, porque sei com que facilidade uma discussão entre irmãos pode virar uma briga física, e minha aposta é em Monica.

Agarro Peter pelo ombro.

– Vem, vamos embora.

Ele lança um olhar de desprezo para a irmã antes de se sacudir para me afastar. Quando finalmente fala, ele diz "Vamos embora", como se fosse ideia dele.

Ele começa a andar e eu me esforço para segui-lo, pedalando desajeitadamente. Monica chama Peter, mas ele levanta o dedo médio por cima do ombro, sem olhar para trás. Quando estamos de volta à avenida principal, digo:

– Você quer falar a respeito?

– Na verdade, não. – Peter chuta uma pedra. – Minha família é tão, tão zoada.

– Meu pai foi para a cadeia – ofereço.

– Estamos brincando de ver qual família é pior? – Peter diz. – Porque meu pai literalmente matou um cara.

Estamos chegando à minha rua. Eu paro e digo a Peter:

– Você deveria dar meia-volta. Isto não vai ser bonito.

– Talvez sua mãe não mate você se houver uma testemunha.

– Sinceramente, acho que eu preferiria que ela me tirasse desta vida de merda.

Peter me olha de um jeito cortante.

– Desculpe – digo.

Ele assente, hesita.

– Te vejo amanhã.

Eu o observo partir antes de retomar a marcha para minha execução. Mamãe abre a porta no segundo em que meus pés tocam a entrada para carros.

– Entre – ela diz, com voz gutural.

– Posso guardar a bike? – pergunto calmamente.

Mamãe me segue pela entrada para carros, cruza o portão comigo e me acompanha até o galpão. Ela não fala nada até que eu feche o galpão e nós entremos em casa.

– O que você estava pensando ao simplesmente sair da classe? E ao não atender ao telefone?

– Eu estava sendo hostilizada – digo. – Foi por isso que fui embora.

– Você denuncia a um professor se está sendo hostilizada. Você não sai do prédio sem permissão.

– Se eu tivesse dito à senhora Coughlin que TJ estava me hostilizando, ela teria dado tapinhas nas costas dele.

– Você tem uma ideia tão torta sobre o que está acontecendo – mamãe diz. – Eu não sei de onde você tira essas ideias…

– Você está de gozação comigo, porra? – grito. – Eu alucinei toda a reunião na sala do senhor Sebastian? Aquela em que todos vocês estavam mais interessados em quem criou uma pesquisa idiota do que no fato de que alguém está se safando do assassinato de jogadores?

Os olhos de mamãe se incendeiam.

– Você criou a pesquisa?

– Está vendo só? – eu dou risada. Isso parece apenas emputecer mamãe ainda mais.

– Seu castigo por ter saído da classe é suspensão na escola amanhã – ela retruca. – Ainda vou pensar no castigo por sua atitude em geral.

– Dane-se. – Subo para o quarto.

– Espere – ela chama. – Entregue seu celular.

Entrego. Boa sorte para ela ao tentar descobrir minha senha, se acha que vai xeretar e encontrar provas de que criei a pesquisa.

Quando abro o laptop, descubro que o wi-fi está desligado. Mamãe deve ter desconectado o roteador.

Pego um travesseiro da cama, cubro o rosto e berro com toda a força.

Estou morrendo por um Xanax. Mamãe provavelmente me daria um para eu conseguir dormir, mas isso exigiria que eu falasse com ela. Faz horas que não trocamos uma palavra. Eu nem saí do quarto, a não ser para tomar banho.

Olho para o teto, ouço os galhos que o vento faz bater no vidro da janela. Não sei que horas são, porque estou sem o celular, mas está escuro como breu lá fora.

Minha janela se ilumina. O sensor de movimento do quintal foi ativado.

Corro até a janela a tempo de ver três sombras se movendo pelo pátio.

Congelo, observando as silhuetas irem na direção do galpão. A luz do sensor se apaga. Continuo olhando, na esperança de ver os rostos, mas, quando eles finalmente saem do galpão, são rápidos demais. Eles correm, as costas viradas para mim quando passam pelo portão lateral, a luz de movimento se acendendo outra vez um segundo tarde demais para que eu veja detalhes de altura ou roupa.

Disparo para o corredor, escancaro a porta do quarto de mamãe.

– Tinha três pessoas no quintal agora há pouco.

Quando não vem resposta do volume sob o edredom, eu digo em voz bem alta:

– MAMÃE!

Ela se assusta, senta para tentar acender a luminária de cabeceira.

– O quê? O que está acontecendo?

Não paro para vestir uma malha. O ar frio da noite corta meus braços nus quando corro para o galpão. Preciso saber o que fizeram, por que estiveram aqui. Rasgaram os pneus da bike, talvez. Ou quem sabe não fizeram nada, só causaram barulho para que eu os visse. Uma ameaça, exatamente como a mão de TJ Blake no meu rosto: eles estiveram aqui, no meu espaço, e não há nada que eu possa fazer a respeito.

Puxo a cordinha presa à única lâmpada pendente do teto do galpão e grito quando minha mão volta toda manchada de vermelho.

– O que foi? – Mamãe entra correndo no galpão no instante em que eu olho para cima e vejo o corpo de um gato preto balançando na cordinha.

Mal ouço minha mãe, por cima do grito que sai da minha garganta.

Finalmente, ela me segura pelos ombros, me encara com olhos muito abertos.

– Hadley. Não é de verdade.

Levanto a cabeça, meus olhos se ajustando à luz fraca. O gato está preso pelo rabo, que alguém amarrou à gaiola de metal que protege a lâmpada. Mamãe puxa o gato até que a corda se arrebenta. Ela vira o corpo do gato e inspeciona antes de me entregar.

Mergulho os dedos trêmulos na barriga dele. O gato é feito de arame e enchimento, uma merda de um acessório de Halloween. Os olhos são de plástico amarelo.

É claro que eles não pegaram o meu gato. Ele sumiu há mais de um ano, ninguém teria conseguido encontrar Archimedes, matá-lo e amarrar seu corpo sem vida como vingança por eu ter criado aquela pesquisa.

Mas o recado está dado da mesma forma. Eles viram os cartazes de Gato Desaparecido com meu número de celular, sabiam que eu estava procurando o meu gato. É assim que eu mereço encontrar meu gato. Eu mereço ter algo que amo tirado de mim, porque fiz os Tigers perderem.

Meu coração se acelera quando me lembro de Alix saindo de casa e me vendo pendurar os cartazes de Gato Desaparecido. O jeito apressado como ela enfiou os pés em sapatilhas e me encontrou ao lado do poste de telefonia para me ajudar.

O calor inunda meu rosto. Alix me ajudou. Eu nunca pus meu nome nos cartazes, só o número do celular, então ela deve ter contado a Cameron e aos amigos dele que Archimedes era meu gato. Talvez ela mesma tenha tido a ideia da pegadinha cruel.

– Eu sei quem fez isso – digo para mamãe.

Ela abre a boca e em seguida a fecha. Esfrega os olhos e diz:

– Volte para a cama. Estamos no meio da noite.

– A gente deveria ligar para a polícia.

– E dizer o quê? Que tinha um gato falso no galpão?

– Eles invadiram a nossa propriedade!

– Não sei o que você esperava – mamãe rebate.

A expressão dela se suaviza quase ao mesmo tempo que diz as palavras, mas o estrago está feito. Isto é minha mãe em estado puro: sem filtro, irritada, sem dormir.

Ela pensa que eu mereço isso.

Eu me viro e saio marchando do galpão, enfio o gato na lixeira perto da

cerca. Deixo a tampa cair com estrondo antes de chutar o metal do coletor. Quero fazer tanto barulho quanto possível, despertar o quarteirão inteiro.

Preciso saber quem foi. Cameron? Wes e TJ? Ou os caras do último ano convocaram os mais novos para colocar o gato falso ali?

A câmera da campainha pode ter captado a imagem deles; não de fato entrando no galpão, mas eles podem ter passado de carro por ali. A câmera pode ter capturado a imagem deles na rua ou quando passavam pela lateral da nossa casa.

E eu não consigo nem puxar a gravação, porque mamãe está com meu maldito telefone.

Subo para o quarto e subo na cama com o laptop. Tento logar na nossa conta no site da empresa de segurança, mas não consigo, com a verificação em duas etapas que manda um código para o celular de mamãe, então passo o resto da noite vendo os minutos escoarem na tela.

Às seis, vou para o banho. Cubro a boca e grito, meu punho e o jorro de água abafando o som patético que sai de mim. Afundo até encostar no fundo da banheira, o jato quente caindo na cara.

Mamãe está me esperando no carro às sete. Entro, afivelo o cinto de segurança, evito seu olhar. Viajamos em silêncio até a escola. Antes de eu sair do carro, depois que ela encosta na zona de desembarque na frente do estacionamento, ela diz:

– Espere.

Eu me viro para olhar e ela está me encarando.

– Acho que você precisa conversar com a doutora Colucci de novo.

Não consigo nem responder, de tanto que a odeio neste momento. Ela está me ameaçando com terapia, como se fosse um castigo.

Tenho vontade de perguntar a ela por que o problema sou sempre eu. Se minha garganta não estivesse tão apertada de raiva, eu comentaria que, após a prisão de papai, ela foi mais severa comigo, por cair em uma depressão, do que com o marido bundão, por destruir nossa vida por um punhado de comprimidos.

Saio do carro e bato a porta com mais força do que o necessário, antes de seguir rumo à escola. Mostro o cartão de identificação para o senhor Langerman e pergunto onde é a sala da suspensão.

– Você está suspensa? – O rosto gentil se enruga. Ele não deve ter recebido o memorando sobre todo mundo me odiar. Confirmo e ele me direciona para a

sala ao lado da do senhor Sebastian.

Sou a única pessoa na classe até o momento. Sento, porque não sei o que mais fazer comigo.

A monitora da suspensão me dá uma pasta, quando chega, com todas as tarefas inúteis que meus professores lhe deram. Teoricamente, a cada sinal, preciso entregar a ela o trabalho relativo à aula anterior. Após o oitavo horário, a monitora da suspensão consulta minha grade. Às segundas, terças e sextas, tenho ginástica na última aula.

– Você pode ir trocar de roupa – ela diz.

– Eu preciso trocar de roupa para ficar só sentada nesta sala?

– Não, você ainda precisa ir à ginástica.

Seja quem for que estabeleceu os termos deste castigo é claramente um sociopata, mas não vou discutir com a monitora e sentar a bunda nesta sala a segunda-feira toda.

O vestiário fica do lado oposto do prédio, em relação à sala de suspensão. Mudo de roupa e entro no ginásio quando a senhorita Rosales está fazendo a chamada.

Felizmente, vamos treinar saques de vôlei hoje de novo, não é preciso formar times. Eu sou normalmente uma das últimas a ser escolhida, mas não creio que pudesse suportar a indignidade disso hoje.

Gabby está do outro lado. O olhar que me dá é gelado quando ela lança a bola por cima da rede. Atrás de mim, sei que estão Erica e as amigas, em grupinho, cochichando.

A senhorita Rosales sopra o apito, sinal para invertermos as posições. É a vez de Erica de sacar.

Ouço Erica golpear a bola e sou invadida por uma dor aguda. Levo um momento para registrar que ela me atingiu. Erica me atingiu. Ela sacou a bola diretamente na parte de trás da minha cabeça.

– Oops – Erica diz, e Rosales sopra o apito de novo.

– Stanbury, fora da quadra.

Embora as lágrimas turvem minha visão, vejo o rosto de Erica ficando vermelho.

– Foi um acidente – ela diz para Rosales.

Umas risadinhas e depois a senhorita Rosales está à minha frente.

– Daugherty, você se machucou?

Além do ombro dela, vejo Gabby. Ela não está olhando para mim; na

verdade, está observando o piso do ginásio como se fosse a coisa mais fascinante que já viu.

Não quero a piedade dela nem de ninguém no momento. Quero que alguém diga a Erica Stanbury que ela é uma vaca de merda e que provocar uma concussão em mim não vai levar TJ Blake a finalmente chamá-la para sair.

Eu me imagino indo até lá e dizendo isso na cara dela, bem alto, para todas as meninas da aula ouvirem. Dizendo a elas que podem me machucar quanto quiserem, se isso as faz sentir bem, mas que não fará o time de futebol americano se importar minimamente com nenhuma delas.

Em vez disso, engulo para limpar a garganta e digo a Rosales que estou bem, de verdade, a bola não me atingiu tão forte assim, não, absolutamente não preciso ir até a enfermaria.

– Vá tomar um gole de água – ela diz.

Só faltam dez minutos para o fim do horário. Penso em ir embora, mas há uma boa chance de um segurança me ver no corredor. Sebastian está procurando razões para me dar uma detenção, então não tenho escolha e fico até bater o sinal.

Alguns minutos antes do fim da aula, entramos todas de volta no vestiário. No fim da minha fileira, Gabby tira a roupa até ficar de sutiã e calcinha pretos. Não tenho celular para ficar olhando, então encaro o vazio para evitar contato visual com Gabby, enquanto ela se sacode para entrar na calça jeans.

Primeiro vem o som de um zíper sendo fechado e, depois, baixinho, para que só eu escute: "Babaca".

O sinal toca e eu me levanto. Dou a mim mesma ordens de cobrir o metro e meio que me separa de Gabby.

Ela é uma cabeça mais baixa do que eu, mas fico apavorada com a expressão em seu rosto quando me vê indo em sua direção. Sei que poderia me destruir verbalmente em um milhão de pedacinhos, no segundo em que eu lhe desse motivo.

– Preciso falar com você – digo.

Gabby funga, vira-se de costas e pega uma regata no armário.

– Não consigo pensar em nada para dizer a você.

– Posso ao menos explicar por que fiz isso?

Gabby gira, os olhos escuros soltando faíscas.

– Chris nunca recebeu gabarito de prova. Nunca recebeu ajuda, jamais, e agora, no segundo em que as pessoas souberem que ele é de Sunnybrook, vão

presumir que ele cola.

– Exatamente como Markell Davis, certo? – digo, enquanto Gabby passa a cabeça pela regata.

Ela para, os dedos segurando a barra da camiseta.

– Você não sabe do que está falando.

Gabby bate a porta do armário; porém, antes que possa ir embora, eu digo:

– Espera.

Ela para, o rosto voltado para mim.

– Uma pessoa falou uma coisa na pesquisa: que colar está longe de ser a pior coisa que esses caras fizeram – digo. – O que Gavin e Logan fizeram?

Gabby não diz nada, mas o subir e descer de seu peito se acelera. Ela gira nos calcanhares e gesticula para que eu me aproxime. Pego um maço de folhas na mochila dela, antes que ela me afaste, um alerta no olhar. Mas tem outra coisa ali: medo.

– Larga do meu pé, Hadley – ela diz, sai do vestiário e desaparece.



Capítulo Dezesseis

Aguardo um minuto inteiro, depois do sinal, antes de ir para a saída do vestiário. Quando estico o braço para abrir a porta, ela se abre na minha cara. Pulo para o lado, por pouco evitando ser golpeada na cabeça pela segunda vez no dia.

Estou frente a frente com a senhorita Cordero, que me observa.

– Sinto muito – ela diz. – Eu não sabia que você estava aqui.

– Tudo bem – digo, mas ela continua bloqueando minha passagem. Está usando uma camisa floral e calça social, mas traz uma mochila esportiva no ombro. Penso no vídeo da festa de Tyler, no modo como Gavin marchou enfurecido até o carro dela.

A senhorita Cordero franze a testa, dá um passo para o lado. Estou passando pela porta quando ela diz, delicadamente:

– Hadley, espera.

Eu paro e viro apenas a cabeça. Não é surpreendente que a senhorita Cordero saiba meu nome (todo mundo sabe, a esta altura), mas ainda assim é esquisito ouvi-la usá-lo, quando nunca conversamos antes.

– Não tome o ônibus para casa hoje – ela diz.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a senhorita Cordero se vira e entra no vestiário, a caminho da sala de Atletismo.

Ela deve ter ouvido que estão planejando alguma coisa. Um balde de sangue de porco, pistolas de brinquedo cheias de xixi. Estou tão exausta de imaginar as possibilidades que vou direto para a sala do jornal e apoio a cabeça na mesa.

Vou ter de me esconder aqui até o ônibus das três horas. Até lá, todo

mundo já terá ido para casa ou para os treinos esportivos. Eu poderia ligar para minha mãe da secretaria, pedir que me buscasse, mas acho que prefiro apodrecer até o fim da vida neste escritório de merda a olhar na cara dela agora.

A porta se abre, levanto a cabeça e avisto Peter. Sou inundada pelo alívio de não ser a senhorita Kirk. Não a vejo desde segunda-feira e ainda não sei como ela se sente em relação a mim. Ela não entrou em contato, o que me leva a pensar que ela é do Time Futebol, e não do Time Hadley.

Peter inclina a cabeça. Suas faces estão quase de volta ao tamanho normal.

– Soube do que Erica fez. Você teve uma concussão?

– Não tive uma concussão – murmuro, olhando para a porta. – O que você ainda está fazendo aqui?

– Procurando você – ele diz, e vai até sua cadeira. – Tenho boas notícias.

– Boas notícias? Nesse contexto? – resmungo.

Peter pega o saquinho contendo o lanche, apoia na mesa.

– Markell Davis concordou em conversar conosco.

Eu me endireito.

– O quê? Por quê?

Peter pesca uma embalagem de salgadinhos Cheez-Its do saco com o almoço e diz:

– Monica.

Observo Peter enquanto ele abre o Cheez-Its. Ele me oferece um e eu nego com a cabeça.

– Como você… – começo.

– Obtive informações que ela não quer que meus pais tenham – Peter diz. – E isso a tornou mais propensa a contatar Markell e perguntar se ele falaria conosco.

– Isso tem alguma coisa a ver com o siricutico que você teve na escarpa? – pergunto. – Em relação ao cara loiro?

– Eu não tive um siricutico.

– Ah, teve, sim. Você e Monica estavam prestes a sair no tapa como uma dupla de donas de casa.

Peter fica corado.

– O nome dele é Ethan. E ele basicamente destruiu minha família.

– Como? – pergunto. – Quem ele é?

– Ele estava na turma da minha irmã Jen – Peter diz. – Ele viu a picape de Brandon na frente da casa de Susan, na noite dos assassinatos. Ele denunciou e

a polícia não investigou, então Ethan basicamente assombrou meu pai durante anos, com cartas que diziam que ele estava errado sobre quem tinha matado Juliana e Susan.

– Mas seu pai *estava* errado – observo.

– Pois é. Acho que parte dele sabia disso, em algum nível – Peter diz, desviando o olhar. – Mas Ethan ainda é um cretino, por mandar aquelas cartas no aniversário de morte de Jen. Meu pai… Ele não admite, mas sei que passou a beber muito na época em que as cartas começaram a chegar.

– Talvez ele tenha passado a beber mais por ser o aniversário de morte de Jen? – sugiro.

– Por que você está defendendo um cara que você nem conhece? – Peter resmunga.

– Não estou – digo. – Eu só… Eu vi Monica e ele juntos, depois do velório. Foi a única vez que a vi parecer… Não sei.

Lembro-me do beijo na testa que testemunhei, do modo como Ethan e Monica se olharam. Não era só que eles estavam claramente apaixonados: Monica parecia feliz.

– Enfim. – Peter pega um Cheez-It no saco e leva à boca. – Minha mãe ia perder a cabeça se soubesse que Monica estava saindo com ele.

– Então… você a chantageou para escrever para Markell? – pergunto.

– Foi mais um caso de manipulação emocional extrema.

– Caramba, isso soa ainda pior. – Reflito um pouco antes de dizer: – Por que Markell concordaria em falar com a gente?

– Não tem muita gente que negue coisas para Monica – Peter dá de ombros. – Ou vai ver ele está de saco cheio de as pessoas dizerem que ele matou Gavin por uma coisa que aconteceu dois anos atrás e quer colocar tudo nos trilhos.

Estou prestes a perguntar quando e onde Markell Davis concordou em conversar conosco, quando a porta da sala se abre. Peter baixa o saco de salgadinhos quando Kirk enfia a cabeça na sala.

– Hadley? Posso falar com você um instante?

Sinto o sangue fugir do rosto ao me levantar. Olho disfarçadamente para Peter, que nos observa de olhos arregalados, quando sigo Kirk até a classe vazia dela.

Ela se apoia na mesa e me encara, os lábios fechados formando uma linha, antes de perguntar:

– Você está bem?

Confirmo com a cabeça.

– Ótimo. – Ela assente, sem olhar para mim de verdade, e sinto uma dor atrás das costelas. Ela não pediu para falar comigo para se certificar de que eu estou bem. – Hadley – ela começa, e a única coisa que eu quero é conseguir sair desta classe sem explodir em lágrimas.

– Eu não posso ser editora-chefe – digo. – Certo? Porque o treinador Murray vai gritar com você de novo?

Kirk abre a boca, torna a fechar. Ela suspira.

– Não sei se posso manter você na equipe do jornal.

Um buraco se abre no meu peito. O jornal é tudo que eu tenho. Como vou explicar isso se algumas das faculdades às quais me candidatei descobrirem que consegui o impossível e fui chutada da redação de uma merda de jornal de escola?

– As pessoas estão inundando de comentários tudo que você já escreveu – Kirk diz calmamente. – E não acho que vá melhorar.

– Isso não é justo – digo. – Eles nem conseguem provar que fui eu…

– Hadley, não. Não comigo. – Os olhos de Kirk estão tristes.

Engulo com dificuldade.

– Você deve saber que eles estão colando – digo. – Eu só estava…

– Não importa – Kirk me corta. – Eles são crianças, Hadley. É óbvio que vão aceitar um gabarito, se um professor oferecer, para que possam jogar futebol.

Estou furiosa demais para falar, ou perguntaria a ela como pode chamar aqueles caras de crianças. Eles são maiores que a maioria dos professores. Os treinadores compram bebida alcoólica para eles. Alguns têm barba. Como é que caras como Gavin são tratados como homens na maior parte do tempo, mas, quando estragam tudo, de repente são só crianças?

Eu me viro para sair da classe. A voz de Kirk me congela.

– E outra coisa. Eu não fico mais à vontade com você e Peter sozinhos lá.

* * *

Somos apenas eu e outros dois alunos no ônibus da tarde. O carro de mamãe está na garagem quando chego em casa. Encontro-a sentada à mesa da cozinha,

segurando uma caneca de chá com as duas mãos.

– O que você está fazendo em casa? – pergunto.

– A senhorita Rosales me ligou. Eu queria ver se você estava bem.

– Estou.

– Hadley, olhe para mim.

Ela se levanta, pousa a caneca na mesa e me instrui a acompanhar seu indicador enquanto ela o move para a frente e para trás diante do meu rosto. Ela analisa o padrão dos meus globos oculares. Mamãe foi técnica de ginástica enquanto fazia o mestrado, então já viu muitas e muitas concussões. Satisfeita, ela se afasta, põe um pouco de água fria na caneca de chá.

– O senhor Sebastian deu a Erica uma detenção na próxima semana, por agressão a você – ela diz.

– Claro, isso vai melhorar muito minha reputação. – Eu me viro para subir e mamãe abre uma gaveta da cozinha.

– Espere.

Ela vasculha a gaveta e devolve meu celular.

– Não fico tranquila sem que você tenha um modo de entrar em contato comigo.

Espero até estar lá em cima para acessar o aplicativo da câmera da campainha. Percorro as gravações da biblioteca de vídeos de ontem à noite, por volta do horário em que vi as luzes acesas no quintal.

Não tem nada, o que confirma que eles se esgueiraram pelo quintal do vizinho antes de passar pelo nosso portão. Recuo até momentos cada vez mais cedo da noite.

Uma imagem das 20h56 chama minha atenção.

Um jipe encosta na frente da casa de Alix Maroney, perto da placa de madeira onde se lê: VAGA DO CAM. Alix disse que fez isso como piada, mas eu nunca vi Cameron estacionar em nenhum lugar que não ao lado da placa.

Alix sai como um furacão pelo lado do passageiro e Cameron vai atrás e diz algo que a faz se virar.

Alix dá um passo em direção a Cameron. Não consigo decifrar o que ela está falando enquanto Cameron a observa, com expressão dura, antes de se virar abruptamente e dar um tapa de mão aberta na janela do jipe dele.

Alix começa a chorar e gritar algo para ele. Cameron vai na direção dela e a puxa para si. Ele segura um braço de Alix atrás das costas dela e ela luta para se soltar, bate no peito dele com o punho livre e, apesar de ser só um vídeo, não

ouso respirar até que termine.

Tento não pensar no vídeo de Alix e Cameron. Passo o resto da noite desabafando a raiva em mensagens de texto para Peter sobre a conversa com Kirk e planejando como vamos fazer uma viagem secreta à Faculdade Marist amanhã para conversar com Markell Davis.

Monica concordou em nos levar, já que Peter só completa dezessete anos em novembro e ainda não tem habilitação. Antes de eu ir para a cama, Peter escreve dizendo que ele e Monica virão me buscar amanhã de manhã por volta das dez.

Mamãe é a única dificuldade que resta.

Amanhã, o jogo de futebol americano é em Newfield, que fica a quarenta minutos de carro de Sunnybrook. Mamãe me falou, no início da semana, que pretendia comparecer. Se nós partirmos pouco depois que ela sair para o jogo, chegaremos à Marist mais ou menos quando a partida estiver começando. Se o jogo durar umas duas horas, mamãe não estará de volta, pelo menos, até as cinco.

Mamãe sai cedo no sábado de manhã. Quando ela já foi, mando mensagem para que Peter venha e, quinze minutos depois, Monica encosta na nossa entrada para carros. Ela levanta os óculos de sol para examinar as sobrancelhas enquanto eu saio correndo para fora e me encolho no banco traseiro do carro.

Monica não fala durante o trajeto. Eu fico instantaneamente enjoada, mas não quero que eles saibam, então finjo dormir no banco de trás até ouvir o GPS dizer que nosso destino está à esquerda. Estacionamentos de campi universitários são um saco, então o plano é encontrar Markell na Starbucks de Poughkeepsie.

Monica para no estacionamento atrás da Starbucks, que tem várias mesinhas ao ar livre. Peter e eu reivindicamos uma mesa no terraço, enquanto Monica se espreguiça e abafa um bocejo.

– Preciso de café – ela diz. – Vocês querem alguma coisa?

– Frapê venti – Peter diz.

Monica levanta as sobrancelhas.

– O que foi? – ele pergunta. – Minha boca ainda está doendo.

– E isso não vai piorar sua síndrome do intestino irritável?

As faces de Peter coram.

– Caramba, tá bom. Tall, então.

Monica olha para mim e balanço a cabeça. Ainda sinto que vou golfar por causa da viagem de carro.

– Estou de boa.

Monica entra para fazer o pedido e eu tenho calafrios, apesar de a temperatura estar em agradáveis 18 graus.

– E se ele não aparecer? – pergunto a Peter. Estamos ambos observando Monica, sozinha, aproximar-se do balcão.

– Ela não teria nos trazido até aqui se achasse que havia uma chance de ele não vir – Peter diz.

Após uns minutos, a porta se abre. Monica sai, segurando o frapê de Peter e um copo de café. O cara segurando a porta para ela tem a cabeça raspada e barba geométrica. Está vestindo uma camiseta vermelha da Marist e calções de basquete.

Monica lança um olhar protetor para Markell enquanto eles se aproximam de nós e ocupam as duas cadeiras vagas da mesa.

– Oi – digo. – Hadley.

Peter estica o braço para pegar a bebida; parece ter perdido a habilidade da fala. Markell é enorme e parece desconfortavelmente acomodado na cadeira trançada.

– Obrigado por vir – Markell diz, olhando para mim. Seus olhos são castanhos, afetuosos, e a voz é gentil.

Ele pousa o café em frente de si, ergue a tampa para deixar esfriar um pouco.

– Monica me disse que foi você quem criou aquela pesquisa.

Minha nuca fica quente. Olho de esguelha para Peter, que está de repente muito interessado no interior do frapê. Monica me observa com expressão impassível.

– Criei – digo. – Mas não foi por causa dos boatos sobre você e sua orientadora.

– Não sei o que você ouviu a meu respeito, mas nunca recebi respostas antes das provas nem nada do tipo – Markell diz.

– Eu sei – digo. – Eu ouvi o que realmente aconteceu.

Markell levanta as sobrancelhas.

– Na versão de quem?

Sustento o olhar dele.

– A sua é a única que importa. Se estiver disposto a me contar.

Markell olha de esguelha para Monica, que devolve um aceno de incentivo. Markell suspira, entrelaça as mãos e as apoia sobre a cabeça.

– Depois que Gavin foi morto, um policial veio de fato conversar comigo. Alguém inventou que eu dei uma surra em Gavin quando ele estava no segundo ano, apesar de eu nunca ter encostado um dedo nele.

– Mas Gavin estava no vestiário quando você bateu em Brayden, certo? – pergunto.

Markell assente devagar.

– Isso. Gavin foi a razão para tudo ter acontecido, eu acho.

Ao meu lado, sinto Peter apoiar o frapê, deslumbrado com as palavras de Markell. Sinto o mesmo: a expectativa no baixo-ventre, como a pausa na montanha-russa logo antes que o carrinho mergulhe.

Markell toca a tampa do café, mas não pega o copo.

– É difícil falar disso porque, mesmo depois de tudo o que aconteceu, ainda sinto que devo a Dylan, por tudo que ele fez por mim. E uma parte de mim se sente mal por Brayden e Cam, por terem Dylan como treinador.

– Por quê? Os dois têm muitas horas de jogo – digo.

– Porque eles são bons. – Markell abana a cabeça, como que tentando se distanciar de uma recordação incômoda. – Eu na verdade não sei como Dylan é com Cam atualmente, mas, fosse qual fosse o castigo que o time recebia depois de uma partida ruim, o de Brayden era dez vezes pior. A gente dava carona para Brayden até em casa, então eu via como o irmão falava com ele.

– O que quer dizer? – pergunto. – Dylan era verbalmente abusivo?

– Com os irmãos, era. Comigo ele era duro, mas Brayden e Cam ele parecia gostar de humilhar. Era especialmente cruel com Cam; os três irmãos de Cam o chamam de Maria.

– Por quê?

– Como se fosse a mãe deles agradecendo por ter tido uma menina, depois de tanto rezar para Maria.

– E onde está a mãe deles nisso tudo? – pergunto.

– Está zoada desde que Big B morreu. Ela toma tanto Xanax que mal consegue manter uma conversa – Markell diz. – A coisa ficou tão feia que

Brayden pedia a Dylan para deixá-lo ir morar com ele e a esposa.

– E por que Dylan não deixou?

Markell dá de ombros.

– A esposa de Dylan não é… uma boa pessoa.

– Mas como Brayden se sentiu, então, quando você foi morar com Dylan?

– Levou na boa. Ou pelo menos eu achei que sim. O pai dele foi nosso treinador na liga juvenil e a gente meio que cresceu juntos. Brayden disse que entendia as razões do irmão para me acolher. Mas eu sabia que ele não estava feliz, preso naquela casa com a mãe.

Markell continua:

– Nos finais de semana, a senhora Burnham bebia muito e depois apagava, ficava tipo morta por, sei lá, umas vinte horas. Foi assim que Brayden se safou com as festas. – Ele suspira fundo e, após um momento, levanta o olhar. – Muito disso nem sequer aconteceu comigo. Mas mesmo assim não gosto de falar a respeito.

Monica se estica, aperta o braço de Markell. Ele olha para ela, depois de volta para mim.

– No verão do nosso último ano, Brayden deu uma megafesta regada a muita bebida. Era uma tradição, servia para iniciar os novos jogadores.

– Cameron estava no segundo ano, certo? – pergunto.

Markell assente.

– Isso. A festa não tinha rolado no ano anterior. Ainda tinha confinamento pesado e ninguém queria perder um jogo por pegar covid no fim de semana.

No outono de 2022, todo mundo estava desesperado para que as coisas voltassem ao normal. Mal posso imaginar um time inteiro de futebol americano na primeira festa da temporada, depois de ser privado dessa liberdade por dois anos.

Não sei se estou gostando de para onde acho que isto está indo.

Markell engole em seco, nervoso.

– Eu estava com medo de que ir àquela festa ia fugir ao controle. No acampamento de treinamento naquela semana, uns caras ficaram falando das meninas da equipe de dança, de como elas estavam loucas para ficar com os jogadores de futebol americano. Eles ficavam chamando as calouras e as alunas do segundo ano de carne fresca.

As orelhas de Markell ficam vermelhas, como se ele fosse o desrespeitoso. Aposto que em toda a sua vida ele nunca deixou de segurar a porta aberta para

uma garota. A expressão me revira o estômago. *Carne fresca.*

– Eu passei lá tarde, porque minha mãe estava na cidade para o aniversário da minha avó. Todo mundo já estava bem zoado quando cheguei, mas tinha uma menina… Ela não estava nada bem.

– Quem era?

Markell olha para baixo, observa as próprias mãos apoiadas na mesa. Ele massageia as articulações, os números romanos tatuados ali.

– Não sei o nome dela.

Ele está mentindo. Antes que eu possa tentar descobrir o porquê, ele olha para cima e diz:

– Um bando de caras estava zombando dela, de como estava desgrenhada. Eles a carregaram para cima e a deitaram na cama de Brayden, e eu ouvi Brayden gritar que tinha visto os seios quando tirou a camisa vomitada dela.

Algo no tom de voz de Markell sugere que Brayden não usou a palavra seios.

– Então a garota alcoolizada estava lá em cima, sozinha, com um bando de jogadores de futebol americano? – pergunto.

– Eles eram quatro. Disseram que estavam só arranjando roupas limpas para ela. Só que, depois de um tempo, eles ainda não tinham descido, e eu não me senti confortável com aquilo. – Markell tem uma expressão culpada. – Eu subi. Um quarto estava com a porta fechada; escutei uma menina gemer, engasgada. E os caras rindo.

Permito-me olhar para Monica. Ela está encarando Markell, totalmente absorta.

– Eu estava prestes a abrir a porta quando um cara do segundo ano abriu. Ele parecia muito bravo e, quando perguntei se ele estava bem, não conseguiu nem falar – Markell diz. – Tudo aconteceu muito rápido depois disso. Tentei olhar dentro do quarto para ver se a menina estava bem, mas dei de cara com Brayden me perguntando que porra eu estava fazendo e me dizendo para cuidar da porra da minha própria vida. Perdoe o linguajar, estou reproduzindo o que ele falou. Brayden bateu a porta na minha cara. Então eu desci e liguei para Dylan.

– Você contou a ele que uma menina estava sendo agredida?

– Contei que Brayden estava dando uma festança em casa e que a coisa estava saindo do controle. Quando ele chegou, muita gente tinha ouvido que DB estava a caminho e deu no pé.

– O que aconteceu com a garota?

– Não sei. Eu fiquei esperando, achando que ela talvez se apresentasse, abrisse uma queixa junto à escola ou algo assim. Mas uma semana depois da festa ninguém mais falava a respeito. Meio que me fez sentir que eu estava ficando louco, como se eu tivesse imaginado tudo.

"Vi a menina na escola umas semanas depois. Perguntei se ela estava bem. Ela não tinha a menor ideia do que eu estava falando. Percebi que ela não denunciou o que aconteceu porque nem sabia o que tinha acontecido.

"Fui falar com Dylan. Contei tudo para ele. Ele se mostrou realmente abalado. Falou que ia conversar com a menina, tentar chegar ao fundo das coisas."

Penso em perguntar o que saiu da conversa de Dylan com a menina, mas já sei a resposta.

– Não conheço os detalhes do que rolou – Markell diz. – Quando fui falar com ele algumas semanas depois, ele disse que ele e o treinador Murray tinham conversado com todos os caras que estavam no quarto, assim como com a menina.

Não preciso perguntar se algum dos jogadores teve algum problema. Eu já sei que Brayden Burnham jogou no campeonato daquele ano.

Não importa quantas histórias eu conheça que acabaram do mesmo jeito, ainda é impossível aceitar isso.

Markell solta um suspiro fundo.

– Não sei o que todos eles disseram que aconteceu naquele quarto. Mas a menina não quis apresentar queixa, então Dylan falou que não havia nada a se fazer. A menina nunca passou por um exame de estupro nem nada assim.

A expressão faz minha pele se arrepiar e meus pensamentos girar.

– Isso foi o que deu início à briga entre você e Brayden no vestiário?

– Nós nunca conversamos sobre a festa. Eu estava muito puto com tudo e não queria dizer nada de que me arrependesse depois. Eu ainda tinha um ano escolar inteiro à frente e estava morando na casa do irmão dele. Mas depois que Dylan me falou que eles não iam investigar o que eu tinha contado… – Markell abana a cabeça. – Alguns dias depois de conversar com Dylan, ouvi Gavin dar risada no vestiário. Aparentemente, ele tinha tirado fotos da menina enquanto ela estava nua e estava mostrando para uns caras mais velhos.

– Gavin foi um dos caras que entraram no quarto?

Markell confirma.

– Eu falei para ele apagar aquela merda. Ele me respondeu para cair fora e Brayden veio ver o que estava acontecendo. Eu perguntei se ele ia deixar Gavin se safar com aquela merda e ele disse: "Você é doido de não ter aproveitado dela, mano?"

Markell balança a cabeça.

– Admito que bati nele depois que ele falou isso. Sinceramente, acho que ele sabia que eu ia bater, e foi justo por isso que ele falou.

Nenhum de nós diz nada enquanto Markell pega o café e dá um gole.

– O treinador Murray me chamou para conversar depois da briga. Ele foi o único que se deu ao trabalho de perguntar por que bati em Brayden. Eu contei a verdade toda para ele, o que Gavin fez e o que Brayden falou para mim. A única coisa que Murray disse foi que se tratava de um *episódio infeliz*, que todo mundo queria deixar para trás.

– Mesmo Gavin tendo prova do estupro no celular dele? – Peter diz de repente.

Markell dá de ombros.

– Murray ficava repetindo que a menina não queria que ninguém soubesse o que tinha acontecido. Ele me disse que poderia apagar a suspensão do meu registro, mas só se eu concordasse em parar de contar às pessoas o que vi na festa. Eu sei que é tenso que eu tenha concordado – Markell diz –, mas o esporte era meu único bilhete de saída daquele lugar. Se eu soubesse que Brayden ia continuar me ferrando de qualquer forma, não teria aceitado o acordo com Murray.

– Por que Brayden diz a todo mundo que Murray ajudou com seu depoimento? – Peter pergunta. – Se eles já tinham conseguido que você parasse de falar?

Markell parece resignado, como se essa fosse uma pergunta à qual ele já tivesse tentado responder cem vezes.

– Acho que, naquele momento, ele simplesmente me odiava. Eu vi quem Brayden era de verdade e ele não conseguiu lidar com isso, então tentou destruir minha reputação. – Markell dá de ombros. – Eu já tinha ido além do futebol americano do Ensino Médio, àquela altura. Um bando de treinadores já tinha me abordado. Mas, quando o treinador recrutador telefonou para a minha mãe e contou que meus antigos depoimentos estavam sendo auditados… Aquilo foi um momento de baixa para mim.

A voz de Markell diminui até sumir.

Peter suga o frapê ruidosamente antes de dizer:

– Por que as pessoas pensam que você ameaçou matar Gavin?

Markell fica vermelho, passa a mão sobre a careca.

– Eu não me orgulho disso… Mas realmente falei umas merdas para Gavin, e me arrependo delas.

– Quando? – pergunto. – No vestiário?

– Não, foi no fim do ano. Eu estava na festa de formatura de um dos caras do time. Escutei Gavin falar alguma coisa sobre Ayana… – Markell se interrompe, sacode a cabeça. – Eu falei que, se ele encostasse um dedo na minha prima, eu voltaria para Sunnybrook e o mataria.

Monica pigarreia e levanta o telefone.

– Precisamos ir. Para o caso de haver trânsito.

Quando todos nos levantamos, encaro Markell.

– Quem eram os outros caras no quarto? – pergunto, apreensiva. – Logan Philbrick estava com eles?

O rosto de Markell cai.

– Hora de ir – Monica interrompe. A expressão dela está absurdamente séria e eu sei que está pensando na prima de Gavin, Rachel, melhor amiga dela, e no luto da família Steiger. Quanto mais eles iriam sofrer se soubessem que Gavin estava envolvido em um estupro?

Monica e Markell se abraçam, e vejo os lábios dela se moverem perto da orelha dele, depois ele assentindo brevemente em resposta.

Nenhum de nós fala, na caminhada de volta ao carro, o silêncio preenchido pelo barulho de Peter sugando o fim do frappuccino.

– Esperem.

A voz de Monica me assusta, meus dedos se fecham na maçaneta da porta traseira do carro. Peter para também, baixa o copo.

Com o olhar, Monica nos gruda na lateral do carro.

– Vocês sabem que não podem sair por aí falando sobre isso para todo mundo.

– Por quê? – Peter pergunta. – É uma coisa muito importante, é literalmente um motivo para alguém matar Gavin…

O olhar que Monica lhe lança faz Peter se calar. Meu estômago afunda, porque sei o que ela está pensando. Mesmo que as pessoas acreditem no relato de Markell sobre a agressão…

– Não cabe a nós contar a história – digo, atraindo a atenção de Peter.

– Mas os treinadores de futebol americano e a administração encobriram um estupro coletivo – ele diz. – E você sabe que Gavin era um dos estupradores. E um daqueles caras no quarto, ou os bostas que protegem esses caras, poderia ter matado Gavin por não confiar que ele ficaria de bico fechado quando ele começou a sair dos trilhos.

O maxilar de Monica se enrijece quando ela olha para Peter.

– É, e isso não é problema seu.

– Mas como você pode dizer uma coisa dessas? – Peter diz.

– Porque eu vivi isso – Monica rebate. – O que você acha que vai acontecer se vocês acusarem de estupro um jogador morto? Vocês vão retraumatizar a vítima, vocês vão envolver a garota de novo, sem o consentimento dela.

Nenhum de nós diz nada, o que leva Monica a cruzar os braços na frente do peito.

– Vocês ainda não entenderam. Vocês não podem se envolver nisso. Não importa o que venha à tona, as pessoas vão pintar vocês dois como os vilões, e eles, como um bando de meninos inocentes.

A mandíbula de Monica treme e sei que ela está pensando no que o time de futebol americano (no que Frank Murray e seus apoiadores) fez com ela.

Quando recupero a voz, digo:

– Ginny Cordero está envolvida em seja lá o que for que está rolando, quer você queira acreditar ou não.

Monica olha para mim.

– Eu a vi conversar com Logan poucos dias antes de ele ser envenenado – digo. – Ela falou que era importante.

– Ela não é professora dele? Eles poderiam estar falando sobre qualquer coisa – Monica diz.

– É, talvez. Mas era decididamente o carro dela naquele vídeo. Ela esteve na festa de Tyler na noite em que Logan foi envenenado.

Monica abraça o próprio tronco por cima do moletom.

– A menina no vídeo, a que desmaiou no gramado de Tyler. Você sabe quem é?

– Não – digo.

Percebo pela expressão de Monica que ela está pensando a mesma coisa. Uma caloura embriagada e vulnerável, exatamente como a vítima na história de Markell. Será que Ginny Cordero foi lá para ajudar a garota? Será que chegou tarde demais?

Quando Gavin a viu, ele não ficou bravo, e sim em pânico, porque aquela garota era mais uma das vítimas do time?

– Vamos – Monica diz, por fim. – Ainda precisamos parar para abastecer.

Nenhum de nós diz nada durante todo o retorno a Sunnybrook.

Ignoro a música que vem do rádio e luto contra a náusea que cresce em mim.

Pelo retrovisor, percebo Monica olhando para mim. E me pergunto se ela estará pensando no que eu estou: que, mesmo que a vítima tivesse se lembrado do que aconteceu durante o estupro, mesmo que tivesse agido e identificado os caras que a violentaram, a história teria terminado da mesma forma. Brayden Burnham ainda teria jogado o campeonato e entrado na Wake Forest University. Os caras no quarto teriam conseguido continuar jogando futebol, porque teria sido a palavra deles contra a da garota.

Porque ela bebeu demais, porque de toda forma meninas da equipe de dança saem com jogadores de futebol americano, porque talvez ela tenha dito sim e depois mudado de ideia, e por que isso seria culpa dos meninos?

O sangue foge dos meus lábios quando visualizo Gavin e Logan seguindo a garota desacordada para dentro do quarto. Quem eram os outros caras?

O que você falou pra ela?

A voz de Peter me arranca do meu estupor.

– Hadley – Peter diz de novo, e percebo que o carro não está mais em movimento. Viro o pescoço e vejo Monica perto de uma bomba de gasolina ao lado do carro.

Peter se vira para me encarar, os cantos da boca tortos para baixo.

– Acho que você precisa mostrar a Mike os e-mails de SportsFan.

Ele não precisa me explicar por quê.

– Você acha que SportsFan é a menina que foi estuprada – digo.

– Tudo se encaixa – Peter fala baixo. – Poderia ser a razão para ela ter alertado você a não ir à festa de Tyler. Talvez ela tenha pensado…

Que aquilo aconteceria a mim também? Talvez não de um jeito tão brutal e humilhante, mas ela pensou que eu acabaria sozinha em algum canto com Logan e algo pudesse acontecer? Que eu iria dizer não e que isso não faria a menor diferença?

Se Peter está certo e SportsFan é a menina que foi estuprada… um dos agressores está morto e outro está em coma. Markell praticamente confirmou que Logan era um dos caras no quarto.

Sinto pressão atrás dos olhos. Não quero acreditar que Logan pode ter estado lá.

– Não estou dizendo que ela tentou matar Logan nem que ela matou Gavin – Peter diz. – Só estou dizendo que há razão suficiente para contar a Mike sobre ela.

– Mas, se *foi* mesmo ela, por que esperar até agora para começar o acerto de contas? – pergunto. – O estupro aconteceu dois anos atrás.

Peter abre a boca, torna a fechar. Por fim, diz:

– Nem todo mundo que tenta cometer um assassinato segue um plano lógico.

– Mas por que ela iria se expor, mandando e-mails para mim?

– Talvez porque você esteja agindo exatamente conforme ela esperava.

– Do que você está falando?

– Você não contou a Mike sobre os e-mails. Mas fez tudo que ela queria que você fizesse. Você encontrou o gabarito no armário de Gavin, você criou a pesquisa…

– Ela não queria que eu criasse a pesquisa. Até me disse que era uma ideia péssima.

– Ela sabia que você faria alguma coisa quando contou que o time estava colando. Durante todo esse tempo, ela fez você de boba, quando, na real, é a única pessoa com motivo para matar tanto Logan quanto Gavin.

– Nós nem sabemos se SportsFan é uma menina – digo, pensando no que Peter contou sobre colírios: a maior parte das pessoas que tentam matar alguém envenenado é mulher.

– Hadley – ele diz, e odeio o tom sério em sua voz. – Se você não contar a Mike sobre os e-mails… eu mesmo precisarei fazer isso.

A porta do motorista se abre. Monica entra, dá a partida no carro. Evito o olhar de Peter pelo resto do caminho para casa.



Capítulo Dezessete

Não tenho notícias de Peter no domingo. Sei que ele está trabalhando, mas a ideia de que talvez não estejamos conversando de novo, graças à minha passivo-agressividade, me incomoda.

Mas eu não quero mostrar ao sargento Mejia os e-mails de SportsFan. Se nós temos razão, e ela foi a vítima do estupro, deve ter suas razões para não agir. Talvez ela já tenha feito alguma coisa e não deu resultado, porque vivemos em um mundo de merda, em que as pessoas esperam que um bando de jogadores bêbados aja daquela forma com uma menina inconsciente.

Chego à escola cedo na segunda de manhã, preparando mentalmente o que direi a Peter. Envolverei Monica, se precisar, para convencê-lo de que não podemos contar a Mike sobre SportsFan e expô-la.

O primeiro sinal nem bateu ainda e já tem briga no corredor.

Observo a comoção. Uma caloura empurra a outra, grita na cara dela.

– Fica longe de mim, Leah, porra!

Olho e olho de novo quando a menina (miúda, morena) passa a mil por mim. Ela está na minha turma de ginástica, foi quem Erica chamou de vadia dramática. E está usando um moletom de tie-dye pastel.

Meu coração acelera quando ela desaparece numa curva. Na outra ponta do corredor, ninguém está vendo se a menina que ela empurrou, uma garota de cabelos pretos e moletom da equipe de dança, está bem. A menina voa para dentro do banheiro do lado oposto do corredor.

Tranco o armário e vou atrás dela.

Ela já sumiu dentro de uma cabine. O barulho de acionamento da descarga

em outra cabine abafa o choro dela. E, na sequência:

– Por favor, vem logo me pegar.

Hesito antes de bater à porta da cabine.

– Você está bem?

Ouço fungadas e a menina sai. Ela enruga o rosto, balança a cabeça. Pego uma toalha de papel do suporte, umedeço para ela. Ela passa sob os olhos, inspira devagar enquanto fico ali, parada, meio sem jeito.

– Todo mundo *me* odeia – ela anuncia, por fim.

– Junte-se ao clube – digo.

– É, eu sei quem você é. – A menina assoa o nariz, descarta a toalha de papel. Talvez esteja imaginando quanto as coisas vão piorar se ela for pega conversando com a Garota Pesquisa no banheiro.

Ela não se move para sair, porém, o que me leva a oferecer:

– Quer que eu chame alguém? A enfermeira, talvez?

Isso a faz chorar mais forte. Penso que faltam poucos minutos para que o sinal toque, para que esta menina suma na onda humana no corredor e eu perca a chance de conversar com ela. Umedeço outra toalha de papel e entrego a ela.

– Você é Leah, certo?

Ela funga e aceita a toalha.

– Por que todo mundo *odeia* você?

Leah não enxuga o rosto, concentrando toda a sua energia para verbalizar um nome:

– Ca-Caaaassie.

– É a menina de moletom de tie-dye? Aquela com quem você estava tentando conversar agora há pouco?

A menina chora, confirma com a cabeça.

– Ela é a minha melhor amiga. Era.

– Vocês estavam na festa do Tyler, não estavam? – pergunto. – Eu vi o Snapchat de Cassie no gramado.

– Eu falei para Jordan apagar – a menina diz, secando os olhos com a toalha de papel. – Ela estava, tipo, dando risada de a Cassie ter sido expulsa.

– Por que Cassie foi expulsa? Por ficar bêbada demais?

A menina assente, corando.

– Ela apagou totalmente. Eu fiquei com muito medo e não sabia o que fazer, então mandei uma mensagem para a senhorita Cordero.

– Vocês estão na equipe de dança, certo? – pergunto.

O medo em meu estômago aumenta quando penso no que Markell falou. *Eles ficavam chamando as calouras e as alunas do segundo ano de carne fresca*.

– Isso. – A menina soluça. – Ela nos levou embora, ajudou a levar Cassie para dentro de casa discretamente e a colocá-la na cama. Eu não dormi nada, fiquei a noite toda observando para ter certeza de que ela continuava respirando.

Meu coração se aperta diante da dor na voz da menina, do tamanho do amor que ela tem pela melhor amiga.

– Por que Cassie está brava com você?

– Porque eu contei para os pais dela sobre Gavin – Leah diz.

Meu coração cai até os pés quando me lembro do corpo imóvel de Cassie no gramado. Gavin descendo em pânico a entrada para carros quando viu o carro da senhorita Cordero.

– Contou o que sobre Gavin? – pergunto.

– Nós fomos a uma festa na escarpa, no verão, e Gavin pegou o número de Cassie. Ela não era nem um pouco a fim dele, mas ele não desistia. – Leah funga. – Mas ela ainda conversava com ele e tals.

Porque ele era Gavin Steiger. Porque ninguém diz "não" para os campeões.

Leah inspira ruidosamente, abana os olhos com as mãos.

– Depois do jogo contra o Newton East, Gavin começou a entupir o telefone dela. Cassie me mostrou as mensagens porque estava em pânico.

– O que as mensagens diziam?

– Gavin foi expulso do time por causa do jeito como se comportou no jogo – Leah diz.

Se Leah pensa que é estranho os treinadores terem dispensado um dos melhores jogadores do time por ter um faniquito em campo, ela não demonstra. Mas meus pensamentos estão acelerados: Dylan Burnham e Frank Murray jamais cortariam um jogador apenas por receber um pênalti por atitude antiesportiva.

Eles devem ter pensado que expulsar Gavin do time bastaria para calar os rumores. Distrair todo mundo da doença de fundo, extirpando um membro podre.

– O que mais Gavin disse para Cassie depois de ser expulso do time? – pergunto.

Leah assoa o nariz com a toalha de papel.

– Ele falou um monte de coisa horrível sobre DB e Cameron, falou que não ia deixar os dois se safarem por ferrar a vida dele.

– Por que Gavin disse tudo isso para Cassie? – pergunto.

– Ele queria que ela fizesse uma coisa por ele. – O rosto de Leah se contrai e sinto que ela está à beira de outro pico de choro. – Ela falou que ninguém sabia, exceto eu, mas Gavin obviamente sabia…

– Sabia o quê?

– Cassie e Cameron – Leah diz. – Eles ficaram naquela festa na escarpa. Eu falei pra ela que ela era uma idiota, ele está no último ano e a namorada dele é literalmente a capitã da equipe de dança…

– Cameron traiu Alix? – pergunto.

– Tipo, quilos de vezes – Leah diz. – Ela jurou que Cameron não contou a ninguém, mas Gavin falou para ela que ele sabia. Gavin pediu que ela fosse à polícia, porque Cameron tem dezessete anos e Cassie, só quatorze.

Leah soluça de novo.

– Cassie não quis ir, e Gavin falou que, se ela não fosse, ele publicaria todas as trocas de mensagens dele no Snapchat. Cassie tinha contado coisas pessoais e falado umas merdas sobre Alix.

– E o que Cassie fez? – pergunto, com a cabeça a mil.

Gavin foi morto uma semana atrás. Há quanto tempo Cassie tem guardadas mensagens que poderiam indicar que Cameron Burnham teria um motivo para matá-lo?

– Nada! – Leah geme. – Daí Gavin morreu, e eu falei que ela precisava contar para alguém. Ela não quis, então contei para a mãe dela, e os pais dela foram à polícia.

Entrego-lhe outra toalha de papel do dispensador na parede. Ela amassa, enxuga o rosto. Quando levanta a cabeça para mim, respira fundo.

– Os policiais conversaram com Cassie ontem à noite. Eles a obrigaram a mostrar as mensagens, e agora acham que DB matou Gavin, e todo mundo me odeia.

– Calma – digo. – Eles acham que Dylan matou Gavin?

– É o que eu acho – Leah funga. – Levaram o carro dele, apreenderam na frente de todos os vizinhos. E todo mundo está pondo a culpa em mim.

O sinal toca e Leah se endireita como se arrancada de um transe. Pisca para mim, o medo paralisando sua expressão, antes de se virar e sair depressa pela porta do banheiro.

* * *

Chego atrasada à primeira aula, porém, felizmente, minha professora de Biologia não está nem aí. Quero escrever para Peter contando o que acaba de acontecer no banheiro, mas temos prova, o que significa que, se qualquer um de nós for pego com o celular, recebe zero automaticamente.

Tenho certeza de que vou tirar nota baixa de qualquer jeito. Depois da aula, a senhorita Bourne me chama para entregar, corrigido e com nota, o trabalho de laboratório que ela já deveria ter devolvido. Todo mundo recebeu na sexta, quando eu estava suspensa.

Quando saio para o corredor, não encontro Peter em lugar nenhum. Estou em alerta máximo enquanto me movo pela multidão, atenta a qualquer menção a Dylan Burnham se tornar o principal suspeito do assassinato de Gavin, mas sinto que todas as conversas ao meu redor são interrompidas assim que minha presença é notada.

Não posso ir para a sala do jornal na hora do almoço, porque a senhorita Martinelli insiste em que eu compense a prova de fluência conversacional na sala dela, durante o quinto horário.

A senhorita Martinelli seria capaz de contar a própria vida até para uma batata assada, mas sequer me cumprimenta quando chego, nem faz contato visual quando me pergunta, em espanhol, se eu gostaria de ir ao cinema ou ao shopping.

Estou tão envolvida na explicação de Leah para o fato de todo mundo a odiar que esqueci que todo mundo neste lugar desgraçado me odeia.

Depois do último período, atravesso a escola inteira até o lado oposto, onde fica o estacionamento dos alunos, e alguém me derruba. Literalmente.

Não vi o rosto de seja lá quem foi que me derrubou; não que faça alguma diferença. A palma da minha mão está sangrando onde me apoiei ao cair, meus olhos estão turvos de lágrimas, e parte de mim quer ficar aqui mesmo, deixar que as pessoas pisoteiem meu corpo sem vida.

Eu me imagino gritando as palavras que me sobem aos lábios: *Vocês querem me culpar por mais alguma coisa?*

Aparece uma mão na frente do meu rosto. Levanto a cabeça e vejo Tyler Curtin. Aceito a mão e ele me ajuda a levantar.

Examino o estrago na minha mão, o sangue que escorre para o punho. Tyler diz:

– Você deveria ir até a enfermaria.

Meu joelho está latejando e a sala da enfermaria é do outro lado da escola. Pisco para afastar a ameaça das lágrimas, minha voz pateticamente fina:

– Eu só quero ir para casa.

Tyler parece estar se sentindo realmente mal por mim, o que me faz sentir dez mil vezes pior.

– Vem – ele diz. – Tenho band-aid no carro.

Lembro a mim mesma que é Tyler, não TJ Blake nem Erica. O pior que Tyler me fez, desde o Caso da Pesquisa, foi me ignorar.

Sigo Tyler pelo portão que leva ao estacionamento dos alunos e dali para seu carro. Ao redor da placa, tem uma moldura roxa e amarela dos EAST CAROLINA PIRATES.

Tyler abre a porta do passageiro para mim e eu entro. Examino o corte na mão, menos profundo do que parecia, enquanto Tyler pega alguma coisa no banco de trás e entra pelo lado do motorista.

Ele me entrega uma garrafa de água e um guardanapo antes de vasculhar o console central. Abro a água, umedeço o guardanapo, observo meu sangue manchá-lo de cor-de-rosa quando o pressiono contra a palma da mão.

– Você está bem? – Tyler pergunta, entregando o band-aid que pegou no console.

– Vou sobreviver.

Quero recolher minhas palavras assim que as pronuncio. A expressão de Tyler se fecha. Ele suspira, coça a parte de trás da cabeça.

– Sinto muito pelo modo como agi no outro dia. E por toda a merda que está te acontecendo.

– Eu mereço, acho. – Afasto o guardanapo da mão. O sangue parou de correr.

– Não, na verdade, não merece. Ninguém merece isso. – Tyler se interrompe, como se mesmo aquela pequena admissão já fosse demais.

Abro a embalagem do band-aid, aplico na mão.

– Você quer carona para casa? – ele pergunta.

– Está tudo bem – digo. – Eu vim de bicicleta.

Melhor não deixar a bike passar a noite na escola e encontrar os pneus rasgados amanhã de manhã.

– Posso colocar no bagageiro. – Tyler dá de ombros. – De toda forma, estou indo para casa. O treino foi cancelado.

Eu me permito olhar para ele. Há um apelo em seus olhos, um que sugere outro motivo para ter me atraído para o carro, além de pura gentileza. Tyler quer conversar comigo. Ele queria que eu soubesse que o treino de futebol americano foi cancelado.

Observo a mão, aliso a borda do band-aid.

– É verdade que a polícia levou o carro de Dylan Burnham?

– Não sei. – A voz de Tyler é sombria. – Cam não está respondendo a nenhum de nós. E eles nunca cancelam os treinos.

– Tem uma caloura na equipe de dança, Leah. Ela me contou uma coisa sobre Cameron.

A base do pescoço de Tyler lateja.

– Era sobre Cassie Dillon?

– Era.

– Merda. – Tyler suspira. – O que ela disse?

– Que Cameron vem traindo Alix com Cassie e que, antes de ser morto, Gavin estava forçando Cassie a contar isso para as pessoas.

Tyler estala um dedo.

– Eu não sabia que Gavin fez isso com Cassie.

– Mas sabia que Cameron estava ficando com Cassie?

Tyler suspira, desliza o dedo pelo queixo.

– Eu não sabia, até poucas semanas atrás. Cam nos disse que ela estava sempre no pé dele porque ela é obcecada por ele. Mas daí, depois do esquenta, Logan viu Cam mandando mensagem para ela…

O que você falou pra ela?

Alix. O "ela" com o qual Gavin confrontou Logan não era eu, nem a senhorita Cordero, nem a menina que eles violentaram na festa, dois anos atrás…

– Eu escutei vocês discutindo – digo, meu coração se acelerando com a confissão. – Em frente ao ginásio, no dia do esquenta. Gavin estava com medo de que Logan fosse contar para Alix sobre Cameron e Cassie, não é?

– Logan estava puto. Quer dizer, todos nós gostamos de Alix, e ela não merece essa merda – Tyler diz. – Mas Cam e Alix estavam brigando durante toda aquela semana, e isso fazia com que ele jogasse pessimamente nos treinos. Todos ficamos aliviados quando eles reataram antes do jogo contra o North

Hills… Logan contar para Alix que Cam a estava traindo teria sido jogar gasolina no incêndio.

Tudo é da nossa conta, babaca.

Penso em como Logan olhou para Alix quando estávamos no patamar. Eu pensei que era o olhar de um cara se sentindo culpado por ter atração pela namorada do melhor amigo, mas e se fosse culpa por ter escolhido não contar a ela sobre Cassie?

– Você acha que Gavin envenenou Logan por pensar que ele contaria tudo a Alix depois do jogo? – pergunto.

– Não. Quer dizer, não tem como. Gav era um idiota, mas não era burro.

Tento decifrar o que Tyler está insinuando: envenenar Logan para mantê-lo de boca fechada quanto à traição de Cameron causou muito mais problema para o time do que contar a verdade para Alix teria causado.

Mas, se Dylan Burnham matou Gavin porque ele estava ameaçando expor Cameron, então quem diabos tentou matar Logan? A menos que as mensagens de texto de Gavin para Cassie não tenham nada a ver com o motivo de ele ter sido morto e tudo a ver com o que aconteceu dois anos atrás.

– Tyler – digo. – Gavin e Logan, eles fizeram uma coisa, numa festa, há dois anos. Uma coisa muito ruim.

A cara de Tyler cai. Ele deixa a cabeça tombar para trás e se apoiar no encosto.

– Quem te contou?

– Markell Davis.

Tyler não diz nada. Ele irradia pânico, mas tem outra coisa em sua expressão. Resignação.

– Por favor, diga-me que você não estava envolvido – eu peço.

– Não estava, juro. – Tyler esfrega os olhos. – Mas Wes estava.

Sinto náuseas.

– Sério?

– Eu tentei impedi-lo – Tyler diz. – Falei que era uma má ideia, que Chloe estava muito zoada. O irmão de Cam, Brayden, ficava provocando a turma, falou que montaria guarda do lado de fora da porta para garantir que ninguém iria *interromper*.

– Chloe Vitelli?

As faces de Tyler ficam vermelhas.

– Pensei que Markell tinha contado.

– Não o nome. – Engulo o nó que se forma na minha garganta. – Então, Brayden não entrou no quarto – digo. – Quem era o quarto cara? Markell disse que foram quatro.

Tyler suspira.

– Era Cameron.

– Wes te contou o que eles fizeram com ela?

– Ele jura que não tocou na menina.

– E você acredita nele?

– Ele não mentiria para mim sobre uma coisa dessas. Ele disse que Cam fez sexo com ela primeiro, depois Gavin. Logan estava nervoso demais. Ela vomitou nele e, quando ele desceu coberto de vômito, Markell subiu para ver o que estava acontecendo. Ele e Brayden começaram a discutir.

– Alguém pediu ajuda para Chloe?

– Não sei – Tyler diz. – Ouvi alguém dizer que uma das meninas da dança, do último ano, ia dar carona para ela até em casa. Eu não quis ficar por perto, caso as coisas ficassem feias entre Markell e Brayden, então falei para Wes que precisávamos ir embora, e voltamos andando para a casa dele.

– Markell contou ao treinador Burnham o que ele viu – digo. – Wes alguma vez falou com algum dos treinadores sobre o que aconteceu?

Tyler estala os dedos.

– DB conversou com Cam primeiro, depois com Logan e Gavin. Quando foi falar com Wes, Dylan ficou repetindo que os outros tinham dito que só a levaram para deitar lá em cima porque ela estava bêbada e que ninguém tinha feito sexo com ninguém.

– Então, mesmo não tendo estuprado Chloe, Wes confirmou a história de que ninguém a estuprou?

– Wes era o único menino negro do dormitório. – Tyler me encara. – O que você acha que aconteceria se ele dissesse que os outros estupraram a menina e ele só olhou?

Penso no preço que Markell pagou por abrir a boca. E ele nem estava no quarto. Na minha cabeça, não resta dúvida de que, se Wes tivesse implicado Gavin e Cameron, ambos teriam se voltado contra ele, alegado que ele foi o único que estuprou Chloe.

Não sei o que dizer, mas Tyler parece estar refletindo. Por fim, ele solta a respiração.

– Olha, todo mundo estava muito zoado naquela noite. Os jogadores, as

meninas da dança. É exatamente por isso que eu não bebo. Dá merda.

Meu coração dá um pulo.

– O que quer dizer?

– Bom, obviamente o que os caras fizeram foi errado. Mas todo mundo ficou dizendo para a Chloe parar de beber, que ela estava ficando bêbada. Tentaram fazer com que fosse para casa, e ela respondeu para eles largarem do pé dela.

Algo em mim murcha. Tyler pensa que o estupro foi em parte culpa de Chloe. Ele não teve nada a ver com o que aconteceu a ela, até tentou impedir o melhor amigo de participar, e mesmo assim. Eu só quero sair deste carro e ficar bem longe de Tyler.

Talvez Tyler não seja um cara mau, mas ele é a prova de que você pode fazer a coisa certa e ainda assim estar errado.

Sei que deveria pressionar, perguntar-lhe como, exatamente, ele acha que Chloe é responsável por ser estuprada por seus colegas de time. Mas reconheço como deve ter sido difícil para Tyler me contar tudo isso. Sei a facilidade com que ele poderia se voltar contra mim, como todas as outras pessoas.

– Preciso ir – digo.

– Espera – Tyler diz, levando-me a tirar a mão da maçaneta. – Você vai contar alguma coisa?

Eu o encaro, a raiva fervendo em mim e ameaçando transbordar. Porque, tipo, a quem eu contaria? Quem acreditaria em mim?

– Obrigada – digo, mostrando a mão – por isto.

– Hadley…

Fecho a porta do passageiro, interrompendo-o. Talvez ele não tenha feito nada de errado e talvez sempre tenha sido decente comigo, mas não devo a Tyler Curtin nenhuma garantia no momento.

Caminhando na lateral da escola, meu telefone começa a vibrar enlouquecido no bolso. Quando chego ao suporte de bicicletas, tenho três mensagens de Peter.

Onde vc está?

Vem pra minha casa JÁ

Alerta vermelho, situação com Monica



Capítulo Dezoito

Aperto o guidão, minha mão lateja sob o band-aid. Meu joelho ainda dói onde ralou no degrau, e isso me deixa mais lenta.

Quando chego à casa de Peter, o carro de Monica está na frente, ao lado de um sedã azul-marinho. Meu estômago se contrai enquanto empurro a bike até a garagem, passando pelo carro parado ao lado do dela.

Eu paro e analiso o carro, o para-choque dianteiro amassado. À luz do dia, identifico outros detalhes: o adesivo da cidade de Oneonta no vidro de trás, um Pusheen felpudo no painel.

A senhorita Cordero está aqui. Penso no modo como ela me avisou para não tomar o ônibus no outro dia. Como pareceu que ela queria me dizer mais coisas.

O som da garagem se abrindo chama minha atenção. Peter me espera do outro lado. Quando apoio a bicicleta na parede, ele diz:

– Elas estavam aqui quando cheguei em casa.

Sigo Peter até a sala de jantar. Monica está sentada de um lado da mesa. A seu lado, senhorita Cordero, com as mãos brancas apoiadas sobre Zelda, que está aninhada em seu colo.

Zelda levanta a cabeça, começa a latir para mim. Monica voa até a senhorita Cordero, pega a cachorra.

– Cuidado, ela vai mijar…

– O que é isto? – pergunto quando Monica passa rápido por mim, carregando Zelda sob o braço.

– Elas me armaram uma emboscada – Peter diz.

– Nós não emboscamos você – a senhorita Cordero diz com voz suave. – Simplesmente esta não era uma conversa apropriada para termos na escola.

Uma porta bate, seguida de latidos abafados. Monica volta para a sala de jantar, tira mechas de cabelo da frente dos olhos.

– Você deveria se sentar – ela diz sem olhar para mim, enquanto ocupa a cadeira de onde saiu.

Lentamente, como se tivesse uma granada presa ao traseiro, eu me abaixo e sento na cadeira ao lado de Peter.

Olho para Monica, que faz um sinal para a senhorita Cordero.

– Continue.

A senhorita Cordero tira as mãos da mesa e as leva ao colo.

– É o meu carro no Snapchat que Jordan postou.

– Eu sei – digo. – Leah me contou que te mandou uma mensagem, pedindo que ajudasse a levar Cassie para casa.

A senhorita Cordero franze o rosto.

– O que mais Leah te disse?

Relato minha conversa de hoje de manhã com Leah no banheiro. O jeito como os três estão sentados aqui, absolutamente absortos, me faz sentir que estou testemunhando diante do congresso.

Quando termino, Monica vira a cabeça para a senhorita Cordero.

– Você sabia que Gavin estava assediando Cassie?

– Não. Eu nem sabia sobre Cassie e Cameron Burnham, até chegarmos ao carro – a senhorita Cordero diz. – Leah estava realmente brava, e bastante alcoolizada também. Disse que elas foram expulsas porque Cassie estava tão chapada que alguns dos meninos pensaram que ela acabaria contando alguma coisa para Alix.

– O que Gavin lhe disse? – pergunto. – Depois que o vídeo parou, quando você foi buscar Cassie e Leah?

– Ele ficou perguntando o que eu estava fazendo lá, e eu falei que estava só me certificando de que Cassie chegasse em casa em segurança. Por fim, mandei que ele saísse da minha frente, coloquei Leah e Cassie no carro e fui embora.

Fico calada, digerindo o que a senhorita Cordero está dizendo. Até a noite da festa, ela não sabia que Cameron estava traindo Alix com Cassie. E, se Tyler está dizendo a verdade, nem os amigos de Cameron sabiam até a véspera, após o esquenta para o evento.

Do lado de fora, os latidos de Zelda se tornam febris. Monica sai da mesa;

momentos depois, ruídos de unhas miúdas de cachorro arranhando o piso, e água sendo bebida freneticamente da tigela.

Quando Monica retorna, pergunto para a senhorita Cordero:

– No dia anterior ao esquenta, você disse a Logan que precisava conversar com ele sobre uma coisa importante…

A senhorita Cordero morde o lábio antes de olhar de esguelha para Monica, que lhe dá um sinal encorajador.

– Era sobre as manchas no braço de Alix – a senhorita Cordero diz.

Penso no vídeo que ainda tenho no celular. O jeito como Cameron torceu o braço de Alix para trás.

– Deve ter sido Cameron quem fez isso – digo, por fim. – Eu os vi brigando, ele a agarrou e a empurrou contra o carro dele. A câmera da minha campainha gravou.

– Espera, por que você perguntou a Logan sobre as manchas, e não a Alix? – Peter intervém.

– Eu perguntei a ela – a senhorita Cordero diz. – Ela disse que eram de quando ela estava bêbada em uma festa no fim de semana.

– E como você sabe que não foi assim? – Peter pergunta.

A senhorita Cordero dá de ombros.

– Eu não sei com certeza. Mas ela faltou à escola, então perguntei a Logan se ele sabia se ela estava bem. Ele disse que Alix estava em casa com cólica, mas para mim ela falou que tinha machucado as costas no treino, no dia anterior. Eu não me lembro de Alix alguma vez ter se machucado, então perguntei ao zelador se poderia ver a gravação do interior do ginásio. Ela estava perfeitamente bem quando saiu.

– Você contou alguma coisa disso tudo para a polícia? – pergunto. – Depois que Logan foi envenenado?

– Contei para Mike tudo que eu sabia – a senhorita Cordero diz. – Sobre as manchas de Alix, o que Leah me contou sobre Cassie. Obviamente, eu não sabia que Logan e Gavin estavam envolvidos no estupro também.

Olho para Monica, que diz:

– Contei a ela sobre nossa ida até a Marist e tudo que Markell nos disse. Eu queria saber se a menina no vídeo… Eu estava preocupada que algo semelhante tivesse acontecido com ela.

– Não, Leah teria me contado. – A senhorita Cordero abana a cabeça. – Não acho que Cassie tenha sido assediada na casa de Tyler.

– Ela tem quatorze anos – Peter diz, a voz grossa de repulsa. – Tecnicamente, Cameron a assediou, sim, mesmo que ela pense que está apaixonada por ele.

Sobre a mesa, um dos dedos lindamente cuidados de Monica está tremendo.

– E é por isso que a polícia acha que Dylan matou Gavin. Para calar Gavin.

– Mas, se Cassie denunciou Cameron, Cameron não iria acusar Gavin de volta e dizer a todo mundo que ele era um estuprador também? – pergunto. – Gavin já tinha sido expulso do time; por que ele iria tornar as coisas ainda piores para si mesmo?

– Ele provavelmente pensou que não poderiam ficar piores – Monica diz pausadamente. – Ou é isso ou…

– Ou o quê? – Peter pergunta.

– Gavin não achou que algum deles teria problemas pelo que fizeram na festa – Monica diz. – Porque eles nem se dão conta de que foi um estupro.

Penso no que Tyler me disse. É exatamente por isso que eu não bebo.

É Peter quem quebra o silêncio.

– Desculpem se é uma pergunta idiota, mas por que acham que Dylan, e não Cameron, matou Gavin?

– Para proteger o irmão – digo.

– Ou o time – Peter murmura.

– Nenhuma das duas – Monica diz. – Rachel contou que Cameron tem um álibi.

– Ah, é? E quem é o álibi dele? – Peter pergunta. – Alix?

Quando Monica não responde, Peter bufa com desprezo.

– Sério mesmo?

– Ela afirma que Cameron esteve com ela durante a noite toda – Monica diz.

– Então ele está traindo Alix, ele abusa de Alix e ele pode ter assassinado o amigo… e ela ainda dá a ele um álibi que pode ser falso. – Peter balança a cabeça.

A voz da senhorita Cordero é gentil.

– Pessoas em situação como a dela… Alix provavelmente foi condicionada a querer proteger Cameron, independentemente de como ele a trata.

Ela consulta o Apple Watch que traz no punho. Monica franze o rosto, como se visse algo inquietante, quando a senhorita Cordero se levanta e diz:

– Preciso voltar à escola antes do início do treino.

Monica acompanha a senhorita Cordero até a cozinha, Zelda em seus calcanhares. Olho de soslaio para Peter, mas não tenho oportunidade de conversar com ele antes de Monica voltar à sala de jantar.

Ela olha de Peter para mim e suspira como uma professora do Fundamental I totalmente exausta.

Antes que alguém diga qualquer coisa, um trovão fortíssimo estrondeia, e Zelda foge apavorada para a sala de jantar.

– Posso te dar uma carona – Monica me diz.

Quando chegamos ao carro de Monica, o céu escureceu até um tom ameaçador de cinza.

Ela destranca o carro e sento no banco do passageiro. Informo meu endereço, e em silêncio ela se afasta da garagem. Vejo Peter na janela saliente, observando-nos. Ele levanta o telefone, faz mímica de escrever mensagem.

Meu celular avisa a chegada de uma mensagem de Peter.

> A câmera da sua campainha. Se Alix está mentindo sobre ter estado com Cameron, você pode ter uma gravação que prove.

A voz de Monica me traz de volta.

– Você pode confiar nela, sabe? – Seus dedos se curvam ao redor do volante. – Em Ginny. Se as coisas piorarem na escola e você precisar de alguém…

Não digo nada. Monica parece diferente depois daquele encontro bizarro na sala de jantar. Os contornos indefinidos e algo como uma expressão culpada, quando ela olha para o caminho.

Após um período de silêncio, não consigo deixar de perguntar:

– Por que você e Ginny não são mais amigas?

Monica franze o rosto.

– Nunca foi isso.

– É o quê, então?

– Não era pessoal contra Ginny nem nada assim. – Monica reflete um instante. – É difícil estar perto de pessoas que me lembram da pior coisa que já me aconteceu.

– Ethan não te lembra de… tudo? – pergunto.

Monica cora à menção do nome do namorado.

– Com ele é diferente.

Eu não pedi nenhuma explicação, mas Monica parece estar à procura de uma. Ela diz:

– Ethan perdeu tanto… Ele compreende perfeitamente como foi perder Jen também.

– Então, vocês dois estão unidos por um trauma? – pergunto.

– Jesus, você e Peter são iguaizinhos – Monica murmura. Ela para de tamborilar os dedos no volante. – Mas sim. Acho.

O estalido da seta do carro de Monica preenche o silêncio por um instante, antes de eu dizer:

– Não sei como correram as coisas entre você e Ginny, mas, depois de tudo que aconteceu nas últimas semanas, eu não consigo nem imaginar nunca mais conversar com Peter.

– Ela e eu conversamos – Monica diz, ao virar a esquina. Seu maxilar se tensiona quando ela desacelera, evitando o buraco na minha entrada para carros. Seus lábios se abrem e penso que ela vai dizer mais alguma coisa sobre Ginny. Mas ela franze as sobrancelhas: algo do lado de fora da minha casa chamou sua atenção.

– Aquela é Gabby Santiago? – ela pergunta.

Desvio o olhar de Monica para a casa. Gabby Santiago está sentada nos degraus da varanda, abraçando os joelhos junto ao peito.

– Não faço ideia do que ela está fazendo aqui – digo.

– Eu era muito amiga da irmã dela. – Monica franze o rosto. – Quer que eu vá conversar com ela?

Analiso a imagem da varanda. Gabby está observando Monica e a mim, mordendo o lábio inferior. Ela não parece brava, como estava quando me mandou embora do vestiário no outro dia.

Ela parece ansiosa.

– Não precisa – digo para Monica. – Mas obrigada.

Saio do carro e recuo quando Monica manobra e sai da garagem de casa. Gabby levanta a cabeça, os olhos se arregalando quando vê quem me deu carona.

Quando vou a seu encontro na varanda, ela está mexendo na pulseira com as letras *GABS*. Eu me espanto com a coragem que sinto, com a dureza em minha voz, quando disparo:

– O que você quer?

– Podemos conversar?

– Você não deveria estar no treino?

– Estou suspensa por dois dias.

– Oi? Como assim?

Bate uma brisa, que revolve as folhas secas na varanda. Gabby estremece.

– Podemos entrar?

Insiro o código da fechadura.

Gabby me segue. Enquanto pego um copo no armário, ela se joga em uma cadeira da mesa da cozinha.

Cruzo o cômodo e estendo o copo de água que enchi para ela. Ela aceita com um soluço, toma um gole grande.

– Desculpe. Está tudo tão confuso.

– O que você fez, para ser suspensa? – Conheço Gabby há apenas um ano, mas a pior coisa que a vi fazer foi conversar demais durante a aula e ser mandada para fora da classe.

Gabby enxuga a boca com as costas da mão.

– Empurrei Alix, depois do último período. Não foi nada de tanto assim, eu estava tão p da vida, mas a senhora Coughlin viu e fez parecer que eu a tinha atacado.

– Calma: por que você a empurrou? – pergunto.

– Porque ela estava sendo uma escrota – Gabby diz. – Eu perguntei para ela sobre o que você me falou no vestiário no outro dia. Caramba, eu sou tão idiota. Simplesmente acreditei em tudo que ela me contou…

– Gabby, desacelera – digo. – O que você perguntou para Alix?

Gabby dá outro gole na água.

– O que eles fizeram com Chloe.

O nome de Chloe bate em mim como um chute na barriga.

– Há quanto tempo você sabe o que eles fizeram? – pergunto.

– Só desde ontem à noite, juro – Gabby diz. – Eu telefonei para ela, depois do que você me contou no vestiário. Não sei, acho que no fundo eu sempre soube que eles a tinham machucado, mas Alix continuava insistindo que nada tinha acontecido. Mas, assim que você me contou, eu simplesmente soube.

Gabby soluça.

– Eu nem *fui*. Eu estava nas Montanhas Poconos e estava tão irada com meus pais, tipo, um grau depois do muito enfurecida, por precisar estar de férias com a minha família, e não entornando umas brejas e sendo estuprada.

Gabby pousa o copo na mesa. Parece perplexa com a própria admissão, de um modo que me faz pensar que ela nunca parou para pensar de fato no assunto: Chloe foi estuprada em uma festa na casa de Cameron Burnham dois anos atrás.

Sento na cadeira em frente a Gabby.

– Chloe nunca te contou o que aconteceu, até ontem à noite?

– Bom, eu sabia que alguma coisa tinha acontecido. – Gabby balança a cabeça. – Alix me disse que estava furiosa com Chloe por desmaiar e envergonhá-la. Elas pararam de conversar por, tipo, uma semana, e eu falei para as duas que ia ficar fora daquilo.

– Você nem perguntou para Chloe o que aconteceu?

– Você não conhece quem Alix é, de verdade. Se ela acha que você foi injusta com ela, você está acabada – Gabby diz. – Fui eu que a convenci a parar de tratar Chloe mal por causa de uma festa idiota.

Ela solta um suspiro profundo, abana o rosto com as mãos e continua:

– Ela e Alix fizeram as pazes e nenhuma das duas mencionou o assunto de novo. Era só uma coisa da qual elas não falavam, sabe? Eu não queria que Alix me acusasse de jogar merda no ventilador ao forçar Chloe a falar sobre uma coisa que ela claramente não queria falar.

Gabby fecha os olhos.

– Deus meu, acho que vou vomitar.

– Por favor, não. – Olho ao redor, buscando algo onde ela possa golfar, porque Gabby parece mesmo estar passando mal. Ela inspira, depois abre os olhos e me encara.

– Chloe me contou tudo de que se lembra. Ela ainda está tão zangada com tudo, e ainda está zangada comigo por nunca ter perguntado o que houve. Nós choramos e eu falei pra ela que lamentava pra cacete, mas ainda me sinto uma merda. A pior parte é que ela sente que não pode fazer nada, porque todo mundo vai chamá-la de mentirosa e dizer que está acusando Gavin e Logan de estupro quando eles nem podem se defender.

– Mas Cameron a estuprou também – digo. – Tyler disse que ele estava no quarto, e Wes disse…

– Nada vai acontecer com Cam, nunca! – Gabby grita. – Todo mundo venera o cretino do irmão dele e o pai dele, e todo mundo se recusa a enxergar quem ele realmente é…

Ela se interrompe, como se tivesse falado demais. Apoia os cotovelos na

mesa, enterra o rosto nas mãos.

– Você sabe – digo – como ele trata Alix?

Gabby levanta a cabeça. Assente, de olhos vidrados.

– Não sou burra. Eles estão sempre brigando e, no dia seguinte, ela ou falta à escola ou tem alguma desculpa para as marcas que ele deixa.

– Como você pode não contar a ninguém? – pergunto.

– Ela literalmente me implora para não contar – Gabby diz. – Ela fala que é só o jeito como eles brigam. Que os dois são muito ciumentos, e ela me contou que já bateu em Cam. Ela diz que é tão péssima quanto ele.

– Eu os vi – digo suavemente. – Tem um vídeo da câmera da minha campainha… Eles estavam discutindo, ele a agarrou…

Minha voz falha quando uma lágrima escapa dos cílios de Gabby. Ela a enxuga e cochicha:

– Eu me sinto tão idiota. Não tem a menor chance de que Alix não soubesse que levaram Chloe para o quarto de Cam, e ela continuou negando quando perguntei hoje. Estou cansada de ela mentir para proteger os caras, perdi a cabeça e dei um empurrão nela.

Algo que Markell falou me volta à mente. *Eles a carregaram para cima e a deitaram na cama de Brayden*.

– Você está querendo dizer no quarto de Brayden? Pensei que foi lá que tudo aconteceu.

Gabby sacode a cabeça.

– Não, Chloe se lembra claramente de ser o quarto de Cam. Essa foi a única coisa de que ela se lembrou, porque, ao acordar, estava usando uma das camisetas de Cam.

A festa foi há dois anos; Markell poderia ter-se enganado quanto ao detalhe do quarto, na época, ou talvez sua lembrança estivesse errada quando ele nos contou que os caras foram ao quarto de Brayden. Não sei se isso é importante, mas o grito que Gabby dá rompe minha linha de raciocínio.

– Eu não sei o que fazer. – Ela se inclina para a frente, cotovelos nos joelhos. Afasta os cachos dos olhos. – Alix anda mentindo sobre tudo, e agora eu estou, tipo, será que ela está mentindo também quando diz que não tem a menor ideia de quem tentou matar Logan?

– Espera, por que está dizendo isso?

Gabby suspira.

– Chris está agindo tão estranho desde a noite da festa de Tyler. Depois que

Gavin morreu, ele desmoronou e me contou que, depois que você levou Logan para o hospital, Cam obrigou Chris a levá-lo para casa no carro de Cameron.

– Mas Chris não estava bebendo? – pergunto.

– Cam falou que Chris era o mais sóbrio dos dois, então ele precisou levar. – Gabby enxuga os olhos. – Cam falou para Chris que ele seria expulso do time por beber se não o levasse.

"Cam fez Chris esperar por ele no carro enquanto tomava banho, acho que para tentar ficar sóbrio. Daí, fez Chris levá-lo ao hospital e esperar por ele do lado de fora." – Sua voz baixa até um sussurro. – "Ele diz que Alix saiu para o estacionamento e falou para ele que Cam tinha mandado dizer que Chris precisava voltar para a casa de Tyler e se livrar de todos os copos da festa."

– E Chris fez isso?

– Fez. – Gabby enxuga os olhos. – Tyler ajudou Chris a colocar tudo no carro, depois despejou em uma caçamba de lixo. Eu perdi a cabeça com ele quando ele me contou isso.

Porque o copo que poderia conter a bebida envenenada de Logan provavelmente estava ali.

– Alix disse a Chris para se livrar da evidência – digo.

– Chris não tinha ideia do que estava fazendo. Ele só soube bem depois que o envenenamento de Logan não tinha sido por álcool – Gabby diz. – Mas aquele time idiota significa tudo para ele, e, se Cam manda Chris fazer alguma coisa, ele faz sem questionar.

– Você acha que Cameron matou Gavin? – pergunto.

– Eu já nem sei mais o que achar. – Gabby pressiona o alto do nariz. – Quer dizer, sim, tanto Dylan quanto Cameron tinham uma razão para matar Gavin, mas que diabos Logan fez contra qualquer um deles?

– Você acha que Logan ia contar para Alix sobre Cassie e Cameron? – pergunto.

Gabby pisca, confusa.

– Como *você* sabe de Cassie Dillon?

– No dia anterior à festa, eu ouvi Gavin dizer a Logan para ficar de boca fechada sobre alguma coisa, e Tyler me contou que, antes do esquenta para o evento, Logan viu Cameron mandar mensagem para Cassie e supôs que ele estava dormindo com ela.

– Não sei nada sobre isso – Gabby diz. – Mas, se Cam envenenou Logan para impedi-lo de contar a Alix sobre Cassie, isso seria realmente trágico,

porque Alix já sabia.

– Ela sabia que Cameron a estava traindo? – pergunto. Não consigo impedir a incredulidade que se infiltra na minha voz, porque a ideia é absolutamente estapafúrdia: Cameron pode quase ter matado o melhor amigo para impedi-lo de contar à namorada dele algo que ela já sabia.

– Alix suspeitava desde o verão, quando Cassie começou a seguir Cameron no Insta depois daquela festa na escarpa – Gabby diz. – Cam ficava negando, mas, na semana do jogo contra o North Hills, Chloe e eu ouvimos Cassie no vestiário depois da ginástica. Uma das amigas dela brincou que ela deveria depilar as pernas para o *quebê* dela.

– *Quebê* – eu repito. – QB? *Quarterback*?

Gabby assente.

– Contei por alto para ela. Naquela noite, enquanto Cam estava tomando banho na casa de Alix, ela pegou o celular dele e viu todas as mensagens trocadas com Cassie.

– E o que ela fez? – pergunto.

– Ela disse que não ia fazer nada até depois da partida com o North Hills – Gabby diz. – Ela não queria terminar com ele e ser culpada caso o time perdesse.

– Ela sabia que Cameron a estava traindo com uma caloura e o deixou escapar impune porque ele tinha *uma partida de futebol americano*? – Tenho certeza de que entendi mal o que Gabby falou, mas ela confirma com a cabeça.

– Você não entende. Alix tentou terminar com ele antes, e ele ameaça se matar ou contar coisas horríveis dela para todo mundo – Gabby diz. – É como se ela estivesse em uma armadilha e se recusando a fazer a única coisa que poderia tirá-la dessa bagunça: contar a porra da *verdade*.

* * *

Faço com que Gabby fique até estar calma o bastante para dirigir para casa. Ponho-me à janela saliente e a observo partir, lançando vários olhares furtivos para a casa de Alix, embora a entrada de carros dos Maroneys ainda esteja vazia, embora Alix não vá voltar para casa, depois do treino de dança, até as cinco horas.

Tudo que Gabby contou fervilha na minha cabeça, enquanto acesso a conta no site da empresa de segurança e descarrego o vídeo do último domingo, a noite em que Gavin foi morto.

De acordo com os jornais, Gavin foi encontrado por volta das onze horas. Começo a ver as imagens capturadas a partir das nove. Há poucos movimentos gravados: um ou dois carros passando, um homem passeando com um lulu-da-pomerânia, mamãe colocando nossas latas de lixo na calçada.

Às 21h40, faróis inundam a imagem da câmera. O jipe de Cameron encosta exatamente ao lado da placa VAGA DO CAM.

Um cara desembarca pelo lado do motorista, o rosto e a cabeça escondidos pelo capuz do moletom. Porém, em vez de contornar a casa pela lateral, como o vi fazer inúmeras vezes para encontrar Alix na porta dos fundos, Cameron Burnham se vira e sai correndo pela rua abaixo, sumindo da minha câmera.

Meus batimentos se aceleram. Avanço para a sequência seguinte de imagens capturadas. Quase duas horas depois, a câmera gravou Cameron emergindo da escuridão. Ele entra no jipe e vai embora.

Cameron esteve ausente por duas horas na noite em que Gavin foi morto. Mas ele deixou o jipe estacionado em frente à casa de Alix exatamente no intervalo de tempo que Alix disse à polícia que Cameron estava com ela. Ele provavelmente imaginou que a mãe de Alix veria o jipe parado ali e pensaria que a filha o tinha levado para o quarto às escondidas.

Mal consigo concatenar as coisas. Cameron trata Alix feito merda e ela ainda assim mentiu para a polícia sobre onde ele estava na noite do assassinato de Gavin.

Descarrego a gravação no celular e procuro o telefone da polícia para denúncias relacionadas à investigação da morte de Gavin.

A mulher que atende me ouve explicar sobre o vídeo que tenho. Pede que eu o mande por e-mail para Maria Nunziata, depois anota meu nome e meu número, para eles poderem entrar em contato comigo.

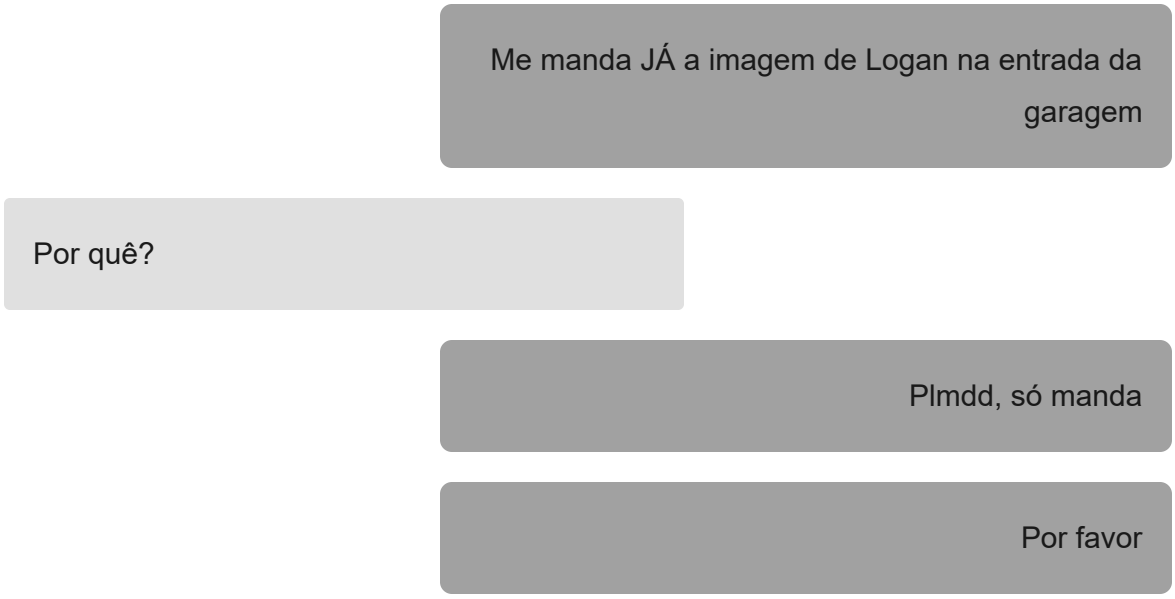
Eu não esperava que a mulher dissesse que estavam expedindo um mandado para prender Cameron Burnham imediatamente, mas ainda assim fico inquieta, insatisfeita. Cameron não tem um álibi para a noite do assassinato de Gavin. Ele tinha todas as razões para querer Gavin morto, e a polícia deve ter alguma evidência indicando a presença do carro de Dylan Burnham na cena do crime, se obtiveram autorização para apreender o veículo.

Quem quer que estivesse dirigindo aquele carro quando ele atingiu Gavin…

matar alguém desse modo é um impulso alimentado pela raiva. É o exato oposto de como Logan foi atacado. O assassino em potencial esperou para agir em uma festa lotada, onde qualquer pessoa poderia ser um suspeito.

Mas a pessoa errou ao não levar em conta como seria fácil, em meio ao caos, que alguém pegasse o copo errado.

Finalmente, escrevo de volta para Peter:



Alguns minutos depois, Peter encaminha a foto. Logan de pé ao lado de Cameron. Olho com atenção, desta vez, e observo como a imagem é mais curta do que seria se tivesse sido tirada em modo retrato.

Amplio e reparo que tanto Logan quanto Cameron estão com um braço para baixo, como se cada um estivesse segurando alguma coisa… como se o recorte cuidadoso desta foto fosse para garantir que ninguém visse dois campeões de futebol americano tomando algo em copos vermelhos descartáveis.

As palavras de Gabby ecoam em meus ouvidos. *Alix já sabia*.

É como se ela estivesse em uma armadilha.

E se ela pensou que um frasco de colírio era sua rota de fuga?



Capítulo Dezenove

Percorro a lista de contatos com dedos trêmulos e ligo para Peter. Nem tenho chance de dizer nada antes que ele diga:

– Você conferiu as imagens da câmera?

– Conferi. Ela decididamente mentiu. – Conto a Peter o que vi nas imagens e que mandei o vídeo para a detetive responsável pelo caso de Gavin.

– Puta merda – ele diz.

– E tem mais. – Espio pela janela, como se para lembrar a mim mesma que o jipe de Cameron Burnham não está em frente à casa de Alix agora, que não estou sozinha em casa com o assassino de Gavin Steiger perambulando do lado de lá da rua. – Gabby acabou de sair daqui de casa.

– Gabby Santiago? Por quê?

– Ela foi suspensa por brigar com Alix. Ela a confrontou sobre o que aconteceu naquela festa de dois anos atrás.

– Eu sei que foi Chloe Vitelli – Peter diz serenamente.

– Como? – pergunto.

– Ela almoça na biblioteca todos os dias, apesar de as amigas irem para o pátio. Eu chequei os registros de entrada. É como se ela estivesse evitando se sentar à mesma mesa que os jogadores de futebol americano – Peter diz. – E ela está na equipe de dança e estava no segundo ano quando o estupro aconteceu.

O carro de Alix entra na garagem. Ela sai, bate a porta. Ainda falta um pouco para as quatro horas, e ela está com a roupa que vestia na escola mais cedo.

Ela não foi ao ensaio de dança. Ela sobe os degraus, destranca a porta. Está

chorando.

– Preciso ir – digo.

– Espera…

– Alix acabou de chegar em casa. Quero conversar com ela.

– E dizer o quê? Que sabe que ela mentiu para fornecer um álibi ao namorado assassino? – Peter dispara.

Ela sabia. Alix sabia que Cameron a estava traindo.

– Hadley – Peter diz. – Não tente conversar com ela. Você já mandou o vídeo para a polícia.

– E o que você acha que ela vai fazer quando for confrontada pelas imagens? Vai só mentir mais – digo. – Preciso ir.

Encerro a chamada com dedos trêmulos. Talvez, se ela soubesse que tenho um vídeo daquela briga, de Cameron torcendo o braço dela atrás das costas, enquanto ela tenta se soltar… Talvez, se Alix souber que as pessoas terão de enxergar Cameron como ele realmente é, ela vá finalmente parar de mentir para protegê-lo.

Atravesso a rua, o coração batendo nos ouvidos. Sei que Alix não vai me machucar; ela não tem razão para querer machucar ninguém, além do namorado abusivo e traidor.

Bato duas vezes e não obtenho resposta. Por fim, chamo-a pelo nome.

A porta se abre um pouco. Os olhos de Alix estão vermelhos.

– O que você está fazendo aqui?

– Quis ver se você está bem.

– Por que não estaria?

Antes, eu invejava Alix Maroney, mas agora só sinto pena dela. Porque, mesmo quando está assim, assustada demais para abrir a porta, ela ainda não consegue parar de mentir.

Seus olhos se arregalam quando ela olha por cima do meu ombro. Viro-me a tempo de ver o jipe de Cameron Burnham encostando, e meu estômago afunda.

– Entra – Alix dispara. – Agora.

Quando não me mexo, ela me puxa pelo braço. Tropeço para dentro da casa dela, e ela me tira do caminho com um empurrão quando bate a porta. Em segundos, ouvimos pancadas do outro lado e a voz de Cameron.

– Alix. Abre a porta.

Estou paralisada quando Alix se vira para me encarar. Seu rosto está

totalmente sem cor quando ela acompanha meu olhar até a arma que segura com a mão trêmula.

Não consigo falar. Não consigo respirar. A pessoa parada à minha frente não é a Alix Maroney que eu conheço.

– Eu estava lá em cima quando você começou a bater na porta – ela diz em voz baixa. – Pensei que era ele.

Do lado de fora, Cameron começa a gritar.

– Sei que você está aí. E que porra Hadley está fazendo aí?

Alix me olha.

– Você não deveria ter vindo.

– O que está acontecendo? – pergunto. – Por que ele está aqui?

– Ele provavelmente soube que passei na casa dele hoje à tarde, enquanto ele estava na casa do irmão. A mãe dele me viu entrar no quarto dele. Eu sabia que ela ia contar, mas eu precisava saber.

– Saber o quê?

– Se a pulseira de Chloe estava debaixo da cama dele – Alix diz. – Ela disse que a perdeu na noite da festa. Eu nunca procurei, porque não queria acreditar nela. Mas não faz mais sentido continuar fingindo.

Do lado de fora, Cameron se cala. Engulo em seco.

– Ele está indo embora?

Alix espia pela janela.

– Não. Merda.

– O que foi?

– A porta da adega – Alix diz, ao mesmo tempo que a porta de acesso ao porão se abre.

Cameron Burnham estanca ao ver Alix de arma em punho.

– Mas que *porra*?

Alix aponta a arma para ele.

– Não chegue mais perto.

Cameron ri, mas seu queixo treme.

– Ah, para, você nem sabe usar isso.

– Hadley, vai pra casa – Alix diz.

– Não, Hadley, fica – Cameron diz. – Fique, assim Alix pode te contar o que ela fez com Logan. Porque eu acabei de passar duas horas de merda conversando com um bando de investigadores, tentando explicar por que minha namorada aparece na câmera de segurança do estacionamento do

hospital, descartando não sei o quê em uma caçamba, na noite da festa de Tyler.

O pânico incendeia os olhos de Alix. Estaria ela jogando fora o frasco de colírio, para garantir que ele não fosse vinculado à festa? As sobrancelhas de Cameron se levantam quando ele desvia o olhar de Alix para mim.

– Ela não te contou que eles já a interrogaram sobre o vídeo? E que a melhor desculpa que ela conseguiu arranjar foi que *ela se perdeu e saiu pela porta errada*?

O pânico cresce em mim conforme vou entendendo o que está realmente se passando: Alix não pegou a arma para se defender de Cameron.

Ela sabia que ele não estava na casa do irmão hoje à tarde, sabia que ele estava sendo interrogado sobre o envenenamento e que Mejia acabaria descobrindo ter sido Alix quem disse a Chris para se livrar dos copos da festa.

Esta é a última chance que ela tem de fazer o que pretendia ter feito ao pingar colírio na bebida de Cameron na casa de Tyler.

– Vai em frente, Alix – Cameron diz, e ele está sorrindo. – Conta para ela o que você fez com Logan.

Ouvir o nome de Logan desperta alguma coisa em Alix. A mão que não está segurando a arma entra no bolso do moletom. Ela atira algo contra Cameron, um objeto que o atinge no peito e cai no chão.

– Conta para ela o que você fez, seu merda! – Alix grita. – Explique isto.

Ela aponta para a pulseira aos pés de Cameron. Miçangas multicoloridas e letras em preto e branco, exatamente como a que Gabby Santiago sempre usa. Não consigo distinguir as letras, mas sei que devem formar *CHLOE*.

– Eu acreditei de verdade em você – Alix berra. – Você falou que nem estava lá, que os caras a levaram para o quarto de Brayden. Então, por que a pulseira dela ficou presa atrás da sua cama?

Cameron não responde, o que parece enfurecer Alix ainda mais. Ela dá um passo na direção dele e grita:

– Você jurou pra mim que não tocou em Chloe. Você falou que ela era uma vadia nojenta e que você *nunca* faria isso.

– Porque eu não fiz – Cameron começa.

– Ah, cala a boca! – Alix grita tão alto que a voz sai esganiçada.

Dou um passo para trás e me encosto à parede da sala, apavorada. Por cima do ombro de Alix, Cameron sustenta meu olhar, implorando que eu faça alguma coisa, qualquer coisa. Baixo a mão para pegar o celular no bolso,

porém, como que sentindo meu movimento, Alix se vira.

Quando vê minha mão no bolso, seu rosto é tomado pela sensação de ter sido traída. Ela não diz nada, mas a mão que segura a arma começa a tremer.

– Alix – digo. – Não destrua sua vida por causa dele.

– Já está destruída. Eu menti por ele quando ele me pediu para dizer que estava aqui, na noite em que Gavin morreu.

– Cacete, cala a boca – Cameron diz.

Alix se aproxima dele e dispara contra o chão, a centímetros dos pés de Cameron. Um grito escapa da minha garganta quando Cameron cambaleia para trás e tropeça na mesinha de centro.

Eu desabo no chão, pressiono a mão no peito, incapaz de olhar para qualquer coisa que não seja o buraco que Alix acaba de fazer no piso da sala de jantar.

Quando Alix fala outra vez, está encarando Cameron. Sua voz é de uma tranquilidade apavorante.

– Diz mais uma vez para eu calar a boca, e não vou errar.

Cameron encara a namorada com tanto ódio nos olhos que é um milagre que Alix não vire pedra.

– Você é um bosta – Alix diz, a arma ainda apontada para Cameron. – Você falou de Gavin como se ele fosse um porco nojento, mas você é pior. E Gavin ia garantir que todo mundo soubesse disso, porque seu irmão o expulsou do time.

Cameron entreabre os lábios. Ele parece lembrar-se do aviso de Alix sobre mandá-la calar a boca de novo, porque prontamente fecha a boca.

– Foi por isso que você pegou o carro de Dylan para ir encontrar Gavin naquela noite? Porque você culpava seu irmão por expulsar Gavin do time? Foi por isso que ele protegeu você e levou o carro para ser consertado, em vez de te denunciar?

– Eu não sei do que você está falando – Cameron diz. Pela primeira vez, há mesmo medo em sua voz.

– Você nunca recebe o que merece – Alix diz. – E estou cansada disso.

– Alix – digo. – Por favor, não faça isso.

– Você não sabe como ele é – ela diz sem se virar.

– Sei, sim. Eu sei que ele merece, pelo que fez a você, a Chloe, a Cassie e a Gavin. – Estou sem fôlego. – Mas ele não vai se safar desta vez.

Quando Alix inclina a cabeça, permitindo que eu veja metade de seu rosto,

percebo que está chorando.

– Eu não acredito em você.

– Você precisa acreditar em mim – suplico. – A polícia estadual está investigando o assassinato de Gavin. Policiais e promotores não vão dar a mínima para qual é o sobrenome de Cameron. O mundo é maior do que esta cidade e um time idiota.

Os ombros de Alix relaxam um pouquinho, mas meu alívio é eclipsado por duas batidas à porta da frente.

Alix se vira. Ela e eu nos encaramos, e o que vejo me aterroriza.

Nós não vamos sair desta casa.

Alix assente. Uma vez, duas, antes que eu me levante e comece lentamente a recuar. Na porta da frente, mais batidas, seguidas de:

– Alix? É o sargento Mejia.

Eu não hesito. Viro e fujo. Corro para a porta da frente e dou de cara com Mike Mejia.

Meu tornozelo vira, e ele me segura pelos ombros antes que eu caia. Ele me olha fundo nos olhos e diz:

– Mas que diabos você está fazendo aqui?

Não tenho nem chance de explicar antes que um tiro estoure dentro da casa.



Capítulo Vinte

Estou no interior de uma ambulância, presa a um medidor de pressão, quando o sargento Mejia finalmente para de conversar com um dos policiais, dentro do perímetro que eles cercaram ao redor da casa dos Maroneys, e vem até mim. Foi ele quem insistiu que os socorristas medissem meus sinais vitais, graças à minha hiperventilação, mas isso foi há quase quinze minutos, de acordo com o horário no meu celular. Estou desesperada para falar com ele, perguntar o que aconteceu depois que fugi da casa.

– Você está bem para responder a umas perguntas?

Responder. Não *perguntar*. Espio o leitor do medidor de pressão. Os números não significam nada para mim. Uma calma estranha me domina. Olho para Mike e assinto.

– Sim, estou bem.

Ele quer saber como acabei indo para a casa de Alix, por quanto tempo estive lá antes que Cameron aparecesse. As perguntas parecem pensadas para me revelar o mínimo possível sobre quem levou um tiro. Estou estrategicamente posicionada sem ângulo de visão da casa dos Maroneys, para não poder ver quem eles levaram para a ambulância, que partiu de sirene ligada e a toda velocidade.

– O que Cameron estava fazendo quando você fugiu da casa? – Mike pergunta.

Ele estava encolhido no chão. Lembro-me da pulseira de Chloe em seu peito, o modo como nem mesmo negou o estupro.

– Eu não… não tenho certeza – murmuro.

– Preciso saber o que você viu, Hadley.

Eu não sei o que eu vi. Cameron poderia ter avançado contra Alix, pegado a arma e atirado nela; ou ele poderia ter estado no chão, imóvel, quando *ela* atirou *nele*.

– Eu não sei – digo. – Eu estava de costas para os dois quando ouvi o tiro.

Mike assente.

– Compreendo.

– Quem…

– Cameron foi alvejado.

A voz do detetive é contida; ele está evitando dizer o óbvio: Alix atirou nele. Isso provavelmente virá depois que ela for acusada; por enquanto, esta é a cena de um crime recém-cometido, e eu sou a única que pode dar um relato honesto do que aconteceu naquela casa.

– Ele está vivo? – pergunto.

– Ainda não tenho informações sobre o estado dele – Mejia diz. – Hadley, em algum momento durante tudo isso, Alix ou Cameron disseram alguma coisa sobre Logan Philbrick?

Preciso lembrar a mim mesma que não tenho nenhuma razão para proteger Alix. Que Logan está em coma por causa dela; que ela é tão perigosa e abusiva quanto o namorado do qual estava tentando se livrar.

– Cameron disse para ela algo tipo *conte para ela o que você fez com Logan* – digo. – Ele mencionou o vídeo de segurança de Alix no hospital, onde ela aparece ao lado da caçamba.

Mike hesita.

– Você vai acabar ouvindo as coisas… É melhor que seja de mim. Logan Philbrick acordou ontem à noite.

– O quê?

Mike confirma em silêncio.

– Ele ainda está entubado e não pode falar. Mas vem se comunicando com os médicos. Tentamos manter em segredo a notícia de que ele despertou, para preservar a investigação.

Dentro da cena do crime protegida com fita, um agente chama Mike. Ele se afasta de mim e ruma na direção que o policial está apontando: uma pequena multidão se reuniu atrás do bloqueio que a polícia montou na rua.

Uma mulher está discutindo com um agente, gesticulando enlouquecida na minha direção.

Minha garganta se aperta quando Mike põe a mão no ombro de mamãe e a acompanha na direção da ambulância, contornando o bloqueio.

Desembarco e colapso em cima dela.

– Sinto muito – digo.

– Não, eu sinto muito – ela diz, e percebo que está chorando, o que me faz chorar também.

– Eu só quero ir para casa – digo. – Por favor, podemos ir para casa?

Foi Peter quem mandou Mike para a casa de Alix. Aparentemente, depois de encerrar o interrogatório de Cameron, Mike foi solicitar um mandado judicial para prender Alix Maroney. Quando não respondi a nenhuma das quatorze mensagens que Peter me mandou após a nossa conversa, ele ligou para Mejia e pediu que fosse até lá certificar-se de que eu estava bem.

Mamãe queria que eu ficasse em casa pelo resto da semana, porém na terça à tarde eu estava enlouquecendo. Ela concordou em me deixar voltar esta manhã, fazendo-me prometer que entraria em contato imediatamente se as coisas ficassem feias.

Eu não estou muito preocupada. Quer dizer, a maioria das pessoas que quis me fazer mal está ou morta ou em licença remunerada no momento.

Cameron sobreviveu à cirurgia, mas ninguém sabe nada além disso. Dylan Burnham e Frank Murray ainda estão fora da escola, na cabeceira de Cameron, e, com Gavin morto e os treinadores fora de combate, os maiores apoiadores dos Tigers parecem inofensivos.

Apesar disso, estou aliviada que Erica Stanbury esteja ausente hoje, porque tenho aula de ginástica. Troco de roupa e espero na arquibancada, observando quanta gente está faltando: Gabby, que provavelmente está passando maus bocados pelo fato de sua melhor amiga ter sido presa e acusada de tentativa de assassinato três dias atrás; Cassie Dillon, porque todo mundo está falando que ela transou com Cameron Burnham e fez Alix Maroney perder a cabeça.

A amiga de Cassie, Leah, está sentada sozinha na arquibancada mais alta. Estou pensando em ir até ela quando Chloe Vitelli cruza a porta do vestiário.

Congelo quando ela vem em minha direção e se senta ao meu lado na arquibancada. Ela não diz nada quando se inclina e amarra os cadarços.

– Quer ser minha dupla? – ela pergunta. – No vôlei – ela diz, quando não

respondo. Ainda não consigo ativar minha voz, então confirmo com a cabeça.

A senhorita Rosales sopra o apito, faz a chamada e nos diz para pegar um parceiro e uma bola e treinar toque. Chloe é paciente, apesar de minha mira ser tão ruim que ela não consegue devolver uma jogada. Depois de quinze minutos, a senhorita Rosales sopra o apito de novo e nos agrupa em times para uma partida.

Quando o sinal toca, Chloe emparelha comigo na porta de entrada do vestiário.

– Você pode ir se encontrar comigo depois da escola? No Happy Bean?

– Claro – digo.

Ela assente e depois some em uma das várias fileiras de armários.

Chloe chega ao Happy Bean antes de mim. Enquanto estou prendendo a bicicleta, vejo-a em uma mesa no terraço lateral, sob um ombrelone verde-escuro, lembrança de quando este lugar era uma Starbucks. Ela deve estar indo à escola dirigindo um carro agora.

Soube que Alix foi solta sob fiança e está obrigada a ficar em casa, de tornozeleira eletrônica, até o julgamento. Ao menos uma vez por dia, vejo uma van da imprensa passar, mas Alix e os pais dela não estão em casa desde o tiro em Cameron. Não sei onde se enfiaram nem se algum dia vão voltar.

O nervosismo me domina quando Chloe levanta a cabeça e me vê prendendo a bike. Vou até ela e me sento na cadeira à sua frente. Sobre a mesa repousam o celular de Chloe e um café gelado.

Ela tamborila uma unha bem-feita na tampa do café.

– Você está bem?

Não sei o que eu esperava que ela dissesse, mas não era isso.

– Eu?

– É. Bom, você estava lá…

Há dúzias de perguntas em seus olhos. Não posso responder a nenhuma. Mike Mejia me fez assinar uma declaração juramentada, após nossa conversa, de que não vou falar sobre o que vi, caso eu precise depor no julgamento de Alix.

– Estou bem – digo, e isso parece contentar Chloe.

– Ótimo – ela diz, dando um gole na bebida.

– E você? – pergunto. – Está bem?

Ela pousa o café e dá de ombros.

– É chato que as pessoas fiquem falando sobre mim. Mas pelo menos desta vez é sobre o que realmente aconteceu… e não sobre o que elas pensam que aconteceu.

– Como é que você não me contou? – pergunto. – Por que ficou me avisando para ficar longe daqueles caras?

Chloe reflete por bastante tempo.

– Eu os escutei conversando, depois do treino que você foi assistir. Gavin estava provocando Logan por ele ser a fim de você. Gavin falou um negócio horroroso, que realmente não vem ao caso.

Meu estômago se contrai, e Chloe dá outro golinho no café.

– Eu queria avisar você para ficar longe de Gavin. Mas fiquei preocupada que você ia perguntar a Alix sobre isso, e que ela ia descobrir que fui eu e me acusar de começar mais um drama.

– Se ela não gosta de drama, provavelmente não deveria ter tentado matar o namorado – digo. – Duas vezes.

Chloe pousa o café.

– Eu fico pensando que é tudo culpa minha. Que, se eu não tivesse mandado um e-mail pra você… Não sei.

– Alix ainda assim teria tentado envenenar Cameron – digo. – Isso não teve nada a ver com você.

– Eu sei. Mas Gavin. Se eu não tivesse te contado sobre o gabarito no armário dele, você não teria feito a pesquisa e ele não teria surtado e sido expulso do time… – A voz de Chloe se perde quando algo na calçada chama sua atenção: uma borboleta-monarca levantando voo de um canteiro de amores-perfeitos.

Ela baixa o olhar para o café.

– Eu não lamento o que aconteceu com eles.

Não digo nada. Chloe levanta a cabeça e sustenta meu olhar. É como se ela estivesse esperando, me desafiando a dizer que discordo, que os castigos de Cameron, Gavin e Logan não se equiparavam ao crime.

Engulo para limpar a garganta. Chloe me encara, pisca e diz:

– Você sabia que a razão pela qual tudo acabou foi que Logan não conseguia ficar duro? Ouvi uma pessoa dizer que vomitei nele quando os outros caras tentaram colocar minha cabeça no colo dele. – Ela fecha os olhos. – Ele é o

único que se desculpou comigo. E, mesmo assim, não admitiu o que fez. Ele só falou que lamentava pelo *ocorrido*.

O *ocorrido*. Como se alguém ralasse seu carro ou perdesse seus fones de ouvido.

– O que Dylan Burnham disse quando conversou com você sobre a festa? – pergunto.

– Ele disse *Você não está encrencada, Chloe*. Foi exatamente assim que ele começou a conversa. Eu fui estuprada por caras que eu considerava meus amigos, e ele me disse que *eu* não estava encrencada.

"Ele disse que andava ouvindo boatos, mas que quis esclarecer as coisas comigo antes. Falou que sabia que eu tinha farreado e bebido, porque alguém tinha me filmado caindo da escada. Ele francamente me interrogou. Quando por fim me perguntou se alguma coisa inadequada tinha acontecido, só falei que não conseguia me lembrar. E era verdade."

Chloe enxuga um fio de rímel escorrido.

– É tão idiota. Eles me humilharam, me feriram, e eu ainda queria que eles *gostassem* de mim.

– Não é idiota – digo.

Chloe levanta a cabeça, seu olhar se suaviza.

– Desculpe pelo modo como reagi quando você criou a pesquisa. Eu estava paranoica que você contaria às pessoas como conseguiu o código para abrir o armário de Gavin e que alguém ia perceber que sou a única menina na equipe de dança que o odeia tanto a ponto de fazer algo do tipo.

– Por que você me contou, afinal? – pergunto. – Se não queria que eu fizesse nada a respeito?

– Porque eu estava cansada disso, acho – ela diz. – De como as meninas se jogavam em cima dele, de como ele se gabava de não precisar estudar. De como não posso nem passar por aquelas malditas portas todas as manhãs sem ver uma faixa em honra aos caras que me estupraram.

Chloe agita o telefone, a tela se ilumina e exibe as horas.

– Eu preciso ir. Obrigada por me ouvir, acho.

– Lamento muito, de verdade – digo.

Chloe se levanta, entorta a cabeça. Talvez não saiba ao certo pelo que estou lamentando.

– Eu não quero que você lamente – ela diz. – Eu quero que você termine o que começou.



Capítulo Vinte e Um

DOIS MESES DEPOIS

Uma semana depois de Cameron ser baleado, o conselho da escola aprovou uma moção para cancelar o resto da temporada de futebol americano. Pais e patrocinadores protestaram um pouco, mas todo mundo pareceu entender que os jogadores que sobraram não teriam como enfrentar as partidas restantes depois de tudo que tinha acontecido.

Eu me sinto mal por Tyler Curtin. Ele não colou nem estuprou Chloe Vitelli e, mesmo assim, não vai conseguir concluir sua carreira no Ensino Médio. Talvez seja melhor não jogar do que estar em campo e ter de fingir que seu time não está no centro de um escândalo nacional. E melhor do que perder com o país todo assistindo: os Tigers não teriam chance de chegar às eliminatórias sem Cameron, Logan e Gavin.

Na mesma reunião do conselho em que cancelaram a temporada, minha mãe leu em voz alta a carta de demissão de Dylan Burnham. Até onde eu sei, Dylan não admitiu as acusações de cola nem o envolvimento do irmão na morte de Gavin: ele simplesmente disse que estava deixando o time para se concentrar na família e na recuperação do irmão.

O senhor Sebastian se segurou por mais um tempo. Ele dobrou a aposta e insistiu em afirmar que não tinha conhecimento das colas e, por orientação dos advogados da escola, evitou pronunciar-se sobre o estupro de Chloe. O conselho o afastou sem remuneração até a investigação.

Frank Murray aceitou a proposta de aposentadoria que o conselho lhe fez, e

dizem que o valor alcançava seis dígitos. Mamãe ficou muito contrariada com isso, mas pagar para que ele se afastasse custaria menos do que o processo arrastado com o qual Murray os ameaçou, caso fosse demitido. Em suas últimas palavras perante o conselho, Murray insistiu ter cumprido o protocolo quando o suposto estupro foi relatado a ele e culpou exclusivamente o sobrinho-neto Dylan Burnham pela má conduta diante da queixa de Chloe.

Em tese, o Sunnybrook Football era uma família. Mas, no fim, três quartos de um milhão de dólares valeram bem mais do que o sangue.

Na noite anterior ao Dia de Ação de Graças, papai mandou uma mensagem para mamãe: ele lamentava muito, mas, afinal, não ia conseguir comparecer; ele esperava poder ver Cole e a mim no Natal.

Mamãe está disfarçando na nossa frente, mas, pela manhã, eu a flagrei curvada sobre a pia, de olhos fechados, a água fria escorrendo sobre o peru ainda congelado. Eu paro atrás dela, ponho os braços ao seu redor, apoio o rosto em suas costas e a ouço chorar baixinho.

Meu irmão injeta vivacidade no jantar, com histórias sobre uma das pessoas com quem divide o sobrado: um homem de sessenta anos que vem trabalhando em seu doutorado desde os anos 1990, e, quando recolhemos os pratos para servir a sobremesa, mamãe está sorrindo e pegando no nosso pé pelo modo como distribuímos a louça na lavadora.

Ninguém sugere ligar a TV para ver futebol americano.

Nós três jogamos duas rodadas de um jogo de tabuleiro e, então, recebo uma mensagem de Peter.

O que vc está fazendo?

Vou levar Zelda passear

Ao longo das últimas semanas, isso se tornou nosso código. Passeios noturnos são nosso pretexto para nos encontrar e conversar, discutir a reportagem na qual venho trabalhando: “Os trapaceiros”.

Não falta gente escrevendo histórias obscenas sobre Sunnybrook Football.

Como Cameron ainda não foi formalmente acusado da morte por atropelamento e fuga de Gavin, a imprensa está obcecada por Alix. Ela está sendo julgada como adulta por atirar em Cameron, e uma foto específica de ambos viralizou. Foi tirada no campo após a conquista do campeonato, no ano passado. Cameron está levantando Alix no ar pela cintura. Ela está usando o uniforme de dança preto reluzente e ele, o uniforme de futebol americano, o capacete a seus pés.

Eles são lindos e felizes, e o mundo está morrendo de vontade de saber por que implodiram.

Peter e eu não estamos escrevendo sobre por que Alix puxou o gatilho nem por que tentou envenenar Cameron. Temos nossas teorias, óbvio, mas Kirk sempre diz para procurarmos um novo ângulo.

E Peter e eu temos uma coisa que ninguém mais tem. O escândalo das colas e os anos de abuso de poder pelos treinadores de futebol americano caíram das manchetes em favor da rainha do *homecoming* que atirou no *quarterback*. Mas Peter e eu queremos contar a verdadeira história do Sunnybrook Football.

Combinamos que não tentaremos que seja publicada até nos formarmos. Essa promessa foi a única razão pela qual Chloe concordou em participar. Estamos fazendo tudo ao nosso alcance para corroborar a história dela sobre a noite em que foi estuprada, assim como o relato dos pais dela sobre a reunião em que Dylan Burnham os convenceu a não prestar queixa.

Não podemos nomear nenhum dos jogadores que estiveram no quarto, mas, felizmente, Monica está estudando para ingressar em Direito e teve tempo para mergulhar fundo nas leis sobre injúria, calúnia e difamação. Ela nos contou que podemos dizer que um dos agressores de Chloe não está mais vivo e que Brayden Burnham foi o jogador que deu a festa. Markell Davis concordou em dar uma entrevista gravada, enquanto está em Sunnybrook neste final de semana para o Dia de Ação de Graças.

Nosso plano é esperar até termos nossas outras testemunhas gravadas antes de abordar Logan e Wes para que comentem. Peter acha que tem gente suficiente, a esta altura, que sabe que eram eles que estavam no quarto com Cameron e Gavin e que, por isso, eles talvez queiram esclarecer (pelo menos anonimamente) que não estupraram Chloe.

Eu acho que eles provavelmente vão nos mandar para o inferno. Acho que eles sabem que, mesmo que não tenham tocado em Chloe, é suficientemente ruim que tenham entrado no quarto, que tenham deixado as coisas chegarem

tão longe. Que tenham assistido.

Não estou fazendo isso porque quero destruir a vida de Wes ou de Logan. Não quero que mamãe perca o emprego. O mais provável é que ela fique bem, dado que o estupro e o encobrimento ocorreram antes que ela fosse nomeada superintendente, e demiti-la no meio de uma crise tornaria tudo muito pior para o distrito escolar.

Mas não é certo que Dylan Burnham tenha conseguido ficar escondido pelos últimos dois meses e usado o que aconteceu ao irmão para pintar a si mesmo e à família como vítimas na tragédia do Sunnybrook Football. Como Cameron ainda não foi publicamente citado como pessoa envolvida no assassinato de Gavin, os Burnhams têm feito, nos bastidores, um trabalho constante de convencer todo mundo de que o caçula da família é um corajoso sobrevivente de violência em relacionamento afetivo. Uma vaquinha eletrônica que alguém criou para cobrir os custos hospitalares e fisioterapêuticos dele já levantou cem mil dólares.

No fundo, acho que foi por isso que Alix puxou o gatilho: por saber que, fosse como fosse que ela terminasse as coisas com Cameron, ela seria a vilã.

Talvez ela realmente tivesse medo de que Cameron a machucasse ou a si mesmo se ela terminasse com ele. Mas acho que ela tinha mais medo do julgamento de uma comunidade que já havia decidido que a família Burnham não agia mal. Quero acreditar que ela poderia ter rompido com Cameron e mesmo assim ser amada e apoiada, independentemente de como ele reagisse. Mas depois penso nos comentários que vi na internet algumas semanas atrás, de desconhecidos que disseram que, apesar de Cameron Burnham ser o principal suspeito no assassinato do próprio colega de time, a verdadeira tragédia é que ele nunca mais vai jogar futebol americano.

Eu decidi, na maioria das vezes, parar de ler os comentários.

Estou suando por baixo do gorro quando encontro Peter e Zelda na rua dele, perto do nosso poste de luz habitual. Tiro o gorro e o guardo no bolso da jaqueta, quando Peter e eu sincronizamos os passos. Zelda está aos meus pés, farejando meus tênis.

– Como correu? – pergunto a Peter.

Ele dá de ombros.

– Meu pai não teve grandes reações. Minha mãe está no terceiro copo de vinho.

Quando passamos pela casa de Peter, lanço um olhar comprido para dentro.

Através da janela saliente enorme, vejo uma TV de tela plana instalada na parede, exibindo um comercial de uma rede varejista.

No início desta semana, Peter me contou que Monica estava planejando contar aos pais sobre o novo namorado.

– Ele vai chegar para a sobremesa – Peter diz. – Então, se pudermos continuar andando até eu cair no mar, vai ser ótimo.

– No fim, você vai precisar aceitar o cara – digo. – E se eles se casarem?

Peter para tão abruptamente que penso que deve ser por causa do que falei, mas Zelda está enlouquecendo aos pés dele, puxando-o na direção oposta. Peter afrouxa a guia; ela corre e volta com um graveto na boca.

Zelda se deita e começa a mastigar o graveto, que segura entre as patas. Peter a contempla por um momento antes de puxá-la para que se levante.

– Não sei. Monica, na verdade, tem sido um pouco menos desagradável de uns tempos para cá. Talvez ele faça bem a ela.

– E quanto a Ginny? – Fecho o zíper da jaqueta até o queixo. – Elas conversaram desde… que tudo aconteceu?

Peter aponta de volta para a própria casa. Viro a cabeça, observo os carros estacionados na entrada. Não reconheço o Ford Escape, que suponho pertencer ao pai de Peter. Parado atrás do carro de Monica está o Nissan da senhorita Cordero.

– Eu acho que ela era o seguro de Monica – Peter diz. – Na frente de Ginny, meus pais não poderiam matá-la por causa de Ethan.

Observo a casa por um momento enquanto ficamos parados ali, Peter segurando Zelda, que não desiste do graveto e continua andando. Não consigo ver ninguém dentro da casa, mas os imagino: Ginny na pia, insistindo em ajudar com a louça; os pais de Peter, secretamente em pânico no corredor por causa da vinda do novo namorado de Monica.

Sinto uma pontada no peito ao pensar neles todos reunidos, nas coisas que são capazes de se perdoar mutuamente.

Peter pigarreia, e sei que vai me fazer a pergunta que vem evitando desde que cheguei aqui.

– Seu pai apareceu?

– Não – digo.

– Você está bem? – ele pergunta.

Não tenho que pensar antes de responder. Pela primeira vez, não estou pensando em como estou desapontada com papai. Não estou pensando na

nossa reportagem, no fato de que uma decisão de Columbia vai chegar à minha caixa de entrada nas próximas semanas. A única coisa em que consigo pensar é como é bom ter um amigo com quem caminhar, no que talvez seja a última noite de tempo ameno do ano.

– Estou – digo. – Eu estou bem.



Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a ajuda de cada leitor que comprou, emprestou, leu e recomendou *As líderes de torcida* ao longo dos anos. Tantos de vocês entraram em contato comigo para perguntar se havia mais naquela história… Vocês são a razão pela qual escrevi este livro, e espero não os ter desapontado.

Um grande obrigada a todo mundo que tornou este livro possível:

Krista Marino, por ter acreditado neste livro em todos os momentos em que eu não acreditava em mim mesma. (E houve muitos desses momentos!) Obrigada por nunca permitir que eu publique um livro do qual não tenha orgulho. Sou tão grata por todas as histórias que criamos juntas.

Sarah Landis, por sua orientação, paciência e grandiosidade constantes.

Lydia Gregovic, Beverly Horowitz, Barbara Marcus, Madison Furr, Stephania Villar, Erica Stone, Angela Carlino e a equipe da Delacorte Press, por todo o apoio ao longo dos anos.

Szilvia Molnar e Will Watkins, por fazerem coisas incríveis pelos meus livros acontecerem nos bastidores!

Courtney Summers, a quem eu precisaria de mais trezentas páginas para agradecer devidamente. Sou deslumbrada por seu talento e incrivelmente sortuda por tê-la como amiga.

Elle Cosimano, Kit Frick e Cauldron, por todo o encorajamento e tantas contribuições.

Kevin e James, por cada fim de semana que precisei passar longe de vocês, enfurnada no escritório, para fazer este livro acontecer. Amo vocês

incrivelmente demais.